REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

SUMÁRIO DO NÚMERO DE ABRIL-JUNHO DE 1942

DISCURSO DO RIO AMAZONAS,
pelo Presidente GETÚLIO VARGAS 259

ARTIGOS

DEVASSAMENTO E OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA BRASILEIRA,
pelo Eng. VIRGÍLIO CORREIA FILHO, Assistente Técnico do Conselho Nacional de Geografia 263

O SOLO DA AMAZÔNIA,
pelo Prof. S. FRÓIS ABREU, da Comissão de Redação da REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA 299

A FLORA AMAZÔNICA,
pelo Prof. A. J. SAMPAIO, Consultor Técnico do Conselho Nacional de Geografia 313

O RIO AMAZONAS E SUA BACIA,
pelo Prof. DELGADO DE CARVALHO, da Comissão de Redação da REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA 333

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL

BARBOSA RODRIGUES 353
LA CONDAMINE 354

COMENTÁRIOS

ALGUNS ANIMAIS CURIOSOS DA AMAZÔNIA,
pelo Eng. MOACIR F. S. SILVA 357
SOLENIDADES COMEMORATIVAS DO IV CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO RIO AMAZONAS,
pela Carteira de Intercâmbio e Publicidade do C.N.G. 370

TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

SERINGUEIROS 383
GAIOLAS E VATICANOS 385

NOTICIÁRIO

PRIMEIRO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE BARBOSA RODRIGUES 287
RELATÓRIO DA PRESIDÊNCIA DO I.B.G.E., REFERENTE AO ANO DE 1941, APRESENTADO AO CHEFE DO GOVÊRNO 390
SEXTO ANIVERSÁRIO DO I.B.G.E. — COMEMORADO PELA PRIMEIRA VEZ O "DIA DO ESTATÍSTICO" 402
3.º ANIVERSÁRIO DO SERVIÇO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA FISIOGRÁFICA 410
CARTA GEOGRÁFICA DO BRASIL AO MILIONÉSIMO 413
EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ÀS REGIÕES LIMÍTROFES DE VÁRIOS ESTADOS 416
MEDIÇÃO DA BASE GEODÉSICA DA CIDADE GOVERNADOR VALADARES, NO ESTADO DE MINAS GERAIS 419
NOVA DIRETORIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO 422
OFICIAIS DO CURSO DE ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO EM VISITA AO I.B.G.E. 423
CURSO DE INVERNO DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL 424
A IDENTIFICAÇÃO DO LIVREIRO FRANCISCO ALVES COMO AUTOR DE LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA 425
PADRE DR. JOÃO AUGUSTO DA FROTA 426
ALFREDO FERREIRA RODRIGUES 427
PROFESSOR PERCY ALVIN MARTIN 427

ATIVIDADES GEOGRÁFICAS

COORDENADAS LEVANTADAS PELO C.N.G. 429

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA AMAZÔNICA EXISTENTE NA SECÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO DO S.G.E.F., DO CONSELHO NACIONAL DE GEOFRAFIA:
a) Biblioteca 434
b) Hemeroteca 441
c) Arquivo corográfico 451

QUARTO CENTENÁRIO
DO DESCOBRIMENTO DO RIO AMAZONAS

Conforme aviso propagado em número anterior, a REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA dedica o presente ao estudo da Amazônia, em comemoração ao descobrimento do rio portentoso, que a fecunda e foi há quatro séculos sulcado pela primeira vez, ao som da correnteza, por ousados europeus.

Como indica o sumário, o exame abrange múltiplos aspectos, que lhe espelham as peculiaridades características.

Todavia, ainda sobejaram assuntos, que serão precisamente explanados no volume seguinte, pelo qual se prolonga a especial homenagem, de intuitos culturais, promovida pela respectiva Comissão de Redação.

DISCURSO DO RIO AMAZONAS *

Presidente GETÚLIO VARGAS

Senhores:

Ver a Amazônia é um desejo de coração na mocidade de todos os brasileiros.

Com os primeiros conhecimentos da Pátria maior, êste vale maravilhoso aparece ao espírito jovem, simbolizando a grandeza territorial, a feracidade inegualável, os fenômenos peculiares à vida primitiva e à luta pela existência em tôda a sua pitoresca e perigosa extensão. É natural que uma imagem tão forte e dramática da natureza brasileira seduza e povoe as imaginações moças, prolongando-se em duradouras ressonâncias pela existência em fora, através dos estudos dos sábios, das impressões dos viajantes e dos artistas, igualmente presos aos seus múltiplos e indizíveis encantamentos.

As lendas da Amazônia mergulham raízes profundas na alma da raça e a sua história, feita de heroísmo e viril audácia, reflete a majestade trágica dos prélios travados contra o destino. Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta, foram as nossas tarefas. E, nessa luta, que já se estende por séculos, vamos obtendo vitória sôbre vitória. A cidade de Manaus não é a menor delas. Outras muitas nos reserva a constância do esfôrço e a persistente coragem de realizar.

Do mesmo modo que a imagem do rio-mar é para os brasileiros a medida da grandeza do Brasil, os vossos problemas são, em síntese, os de todo o país. Necessitais adensar o povoamento, acrescer o rendimento das culturas, aparelhar os transportes.

Até agora o clima caluniado impediu que de outras regiões com excesso demográfico viessem os contingentes humanos de que carece a Amazônia. Vulgarizou-se a noção, hoje desautorizada, de que as terras equatoriais são impróprias à civilização. Os fatos e as conquistas da técnica provam o contrário e mostram, com o nosso próprio exemplo, como é possível, às margens do grande rio, implantar uma civilização única e peculiar, rica de elementos vitais e apta a crescer e prosperar.

Apenas — é necessário dizê-lo corajosamente — tudo quanto se tem feito, seja agricultura ou indústria extrativa, constitue reali-

---

* Oração proferida em Manaus, no dia 10-10-40.

A nova política do Brasil — Volume VIII — Pág. 77.

zação empírica e precisa transformar-se em exploração racional. O que a Natureza oferece é uma dádiva magnífica a exigir o trato e o cultivo da mão do homem.

Da colonização esparsa, ao sabor de interêsses eventuais, consumidora de energias com escasso aproveitamento, devemos passar à concentração e fixação do potencial humano. A coragem empreendedora e a resistência do homem brasileiro já se revelaram admiravelmente, nas "entradas e bandeiras do ouro negro e da castanha", que consumiram tantas vidas preciosas. Com elementos de tamanha valia, não mais perdidos na floresta, mas concentrados e metodicamente localizados, será possível, por certo, retomar a cruzada desbravadora e vencer, pouco a pouco, o grande inimigo do progresso amazonense, que é o espaço imenso e despovoado.

É tempo de cuidarmos, com sentido permanente, do povoamento amazônico. Nos aspectos atuais o seu quadro ainda é o da dispersão. O nordestino, com o seu instinto de pioneiro, embrenhou-se pela floresta, abrindo trilhas de penetração e talhando a seringueira silvestre para deslocar-se logo, segundo as exigências da própria atividade nômade. E ao seu lado, em contacto apenas superficial com êsse gênero de vida, permaneceram os naturais à margem dos rios, com a sua atividade limitada à caça, à pesca e à lavoura de vazante para consumo doméstico. Já não podem constituir por si sós êsses homens de resistência indobrável e de indomável coragem, como nos tempos heróicos da nossa integração territorial, sob o comando de PLÁCIDO DE CASTRO *e a proteção diplomática de* RIO BRANCO, *os elementos capitais do progresso da terra, numa hora em que o esfôrço humano, para ser socialmente útil, precisa concentrar-se técnica e disciplinadamente. O nomadismo do seringueiro e a instabilidade econômica dos povoadores ribeirinhos devem dar lugar a núcleos de cultura agrária, onde o colono nacional, recebendo gratuitamente a terra, desbravada, saneada e loteada, se fixe e estabeleça a família com saúde e confôrto.*

O empolgante movimento de reconstrução nacional consubstanciado no advento do regime de 10 de Novembro não podia esquecer-vos, porque sois a terra do futuro, o vale da promissão na vida do Brasil de amanhã. O vosso ingresso definitivo no corpo econômico da Nação, como fator de prosperidade e de energia criadora, vai ser feito sem demora.

Vim para ver e observar, de perto, as condições de realização do plano de reerguimento da Amazônia. Todo o Brasil tem os olhos voltados para o Norte, com o desejo patriótico de auxiliar o surto do seu desenvolvimento. E não somente os brasileiros; também estrangeiros, técnicos

e homens de negócio, virão colaborar nessa obra, aplicando-lhe a sua experiência e os seus capitais, com o objetivo de aumentar o comércio e as indústrias e não, como acontecia antes, visando formar latifúndios e absorver a posse da terra, que legitimamente pertence ao caboclo brasileiro.

O vosso govêrno, tendo à frente o interventor ÁLVARO MAIA, *homem de lúcida inteligência e devotado amor à terra natal, há de aproveitar a oportunidade para reerguer o Estado e preparar os alicerces da sua prosperidade.*

O período conturbado que o mundo atravessa exige de todos os brasileiros grandes sacrifícios. Sei que estais prontos a concorrer com o vosso quinhão de esfôrço, com a vossa admirável audácia de desbravadores, para a obra de reconstrução iniciada. Não vos faltará o apoio do Govêrno Central para qualquer empreendimento que beneficie a coletividade.

Nada nos deterá nesta arrancada que é, no século XX, a mais alta tarefa do homem civilizado: conquistar e dominar os vales das grandes torrentes equatoriais, transformando a sua fôrça cega e a sua fertilidade extraordinária em energia disciplinada. O Amazonas, sob o impulso fecundo da nossa vontade e do nosso trabalho, deixará de ser, afinal, um simples capítulo da história da terra e, equiparado aos outros grandes rios, tornar-se-á um capítulo da história da civilização.

As águas do Amazonas são continentais. Antes de chegarem ao oceano, arrastam no seu leito degelos dos Andes, águas quentes da planície central e correntes encachoeiradas das serranias do Norte. É, portanto, um rio tipicamente americano, pela extensão da sua bacia hidrográfica e pela origem das suas nascentes e caudatários, provindos de várias nações vizinhas. E, assim, obedecendo ao seu próprio signo de confraternização, aquí poderemos reunir essas nações irmãs para deliberar e assentar as bases de um convênio em que se ajustem os interêsses comuns e se mostre, mais uma vez como dignificante exemplo, o espírito de solidariedade que preside as relações dos povos americanos, sempre prontos à cooperação e ao entendimento pacífico.

Senhores:

O acolhimento afetuoso que tenho encontrado entre vós não só me toca o coração, porque já vos sabia leais e hospitaleiros, como fortalece, ainda mais, o meu sentimento de brasilidade.

Passou a época em que substituíamos pelo fácil deslumbramento, repleto de imagens ricas e metáforas preciosas, o estudo objetivo da

realidade. Ao homem moderno, está interdita a contemplação, o esfôrço sem finalidade. E a nós, povo jovem, impõe-se a enorme responsabilidade de civilizar e povoar milhões de quilômetros quadrados. Aquí, na extremidade setentrional do território pátrio, sentindo essa riqueza potencial imensa, que atrai cobiças e desperta apetites de absorvição, cresce a impressão dessa responsabilidade a que não é possível fugir nem iludir.

Sois brasileiros e aos brasileiros cumpre ter conciência dos seus deveres nesta hora que vai definir os nossos destinos de Nação. E, por isso, concito-vos a ter fé e a trabalhar confiantes e resolutos pelo engrandecimento da Pátria.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano IV | ABRIL - JUNHO, 1942 | N.º 2

DEVASSAMENTO E OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Eng. Virgílio Correia Filho
Assistente Técnico do Conselho Nacional de Geografia.

Apenas lobrigado em sua embocadura por VICENTE IANEZ PINSON, que, maravilhado pela imensa largura, o apelidou de "Mar Dulce", [1] no mesmo ano do descobrimento do Brasil, o rio portentoso ainda continuava envolto em mistério, quando o ímpeto aventureiro impeliu FRANCISCO DE ORELLANA a sulcar-lhe as águas, ao som da correnteza.

Rabiscavam-lhe os cartógrafos o estuário sem fim, crismado de "Rio Grande", por uns, de "Maranhão", por outros, como ANGHIERA, em suas *Décadas*, de 1516, mas do seu curso dilatado somente poderiam indicar as particularidades as inúmeras e não raro belicosas tribus indígenas, que lhe povoavam as margens.

Na própria faixa litorânea, cedo manifestariam a sua resolução de lutar, quando provocadas.

PINSON, de surprêsa, aprisionou alguns índios, que andavam, incautos, pela praia, mas DIEGO DE LEPE, que lhe navegava na esteira, ao tentar captura análoga, experimentou a decepção de encontrar resistência capaz de rechassar-lhe as investidas malogradas.

Quando, porém, já do meio se aproximava o primeiro século americano, novos episódios assinalariam o drama da conquista da América do Sul.

Desafiado por ALMAGRO, à frente de hostil dissidência, logra GONÇALO PIZARRO derrotá-lo no combate de las Salinas, a 26 de Abril de 1538.

E aos partidários, que o auxiliaram a aniquilar a facção adversa, distribuiu o govêrno de terras distantes.

Coube a ORELLANA, cujo concurso na peleja recente lhe merecera gabos, a Província de la Cubata, onde fundaria a cidade de Santiago de Guaiaquil.

Aí se achava, quando PIZARRO, após tomar posse do cargo de governador de Quito, ao raiar Dezembro de 40, resolve devassar o fabuloso país do ouro e da canela.

---

[1] Ver RIO BRANCO — *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française.*
Aliás, DUARTE LEITE, à frente dos pesquisadores lusitanos, que trataram do assunto, na *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, contraria a interpretação generalizada, ao concluir que o Mar Dulce, a que se refere PINSON, é o Orenoco, em vez de Amazonas, descoberto, em sua opinião, depois da viagem de CABRAL. (DUARTE LEITE — *Descobridores do Brasil*).

Convida-o para companheiro de peregrinação.

ORELLANA, farejando glórias e opulência, deixa Guaiaquil em Fevereiro de 41.

Na escalada morosa da cordilheira, retarda-se-lhe a marcha afoita.

Em Quito, verifica ter o governador tomado o rumo do desconhecido, sem lhe aguardar a companhia.

Não obstante, segue-lhe a batida, que o leva ao acampamento, onde PIZARRO delineava ousado plano de exploração dos seus domínios sem fim.

Semana após semana, saem escoltas em diligências, e retornam sem vantagens apreciáveis.

As reservas alimentícias diminuíam de contínuo. Previsões realistas já vislumbram indícios de próxima carência de víveres.

A fome na floresta, em meio da indiada vingativa, preocupava os dirigentes.

Resolvem construir um bergantim em rio próximo, que fôsse angariar comestíveis onde os houvesse.

A ORELLANA cabe a incumbência de comandá-lo.

Na pujança dos seus trinta anos, era homem para as mais penosas eventualidades, que exigissem tino e destemor diante do perigo.

Por experiente capelão, escolhe GASPAR DE CARVAJAL, cuja coragem e resistência já lhe tinham granjeado prestígio, apesar da mocidade. Mais sessenta e poucos expedicionários aceitaram acompanhá-lo na audaz entrepresa.

Aonde iriam? Ninguém saberia responder ao certo.

Viagem aventureira

Ao despedir-se de PIZARRO, declarou ORELLANA que voltaria em curto prazo com os mantimentos, que buscava, ou então, se não os encontrasse, excusado seria aguardarem-lhe o regresso.

Que atuasse, como lhe parecesse melhor, seria a resposta do governador, que, aliás, também não depositava demasiada confiança no êxito da providência imposta pelas circunstâncias.

Parte a expedição pesquisadora. Acomodada no bôjo do bergantim recém-construído, deixa-se levar, rio abaixo, vagarosa-

FRANCISCO DE ORELLANA, *chefe aventureiro da primeira expedição exploradora do Amazonas, até a sua foz.*

mente, para meticuloso exame das paragens ribeirinhas. Nada se lhe depara propício ao reabastecimento de víveres, cuja míngua já impunha jejum.

Na arraiada festiva de 1.º de Janeiro, cuidam os expedicionários ouvir música selvagem, que se fez distinguir cada vez mais claramente. Eram os Apariás, que pretendiam guerreá-los.

ORELLANA dispôs militarmente a sua tropa faminta com a qual logrou apavorar os assaltantes, em cujo celeiro encontrou com que se fartar.

Não bastariam, porém, os sobejos para atalhar as dificuldades em que se encontrava PIZARRO com a sua gente, embora de momento suavizasse a crise alimentar de bordo.

Urgia prosseguir a exploração. Rodaram cautelosos.

E a 11 de Fevereiro, ou 12, como resulta do cotejo de referências secundárias, sulcaram águas do Maranhão.

Para apoiar a sua decisão, ORELLANA convocou os condutícios em conselho, diante do dilema que se lhes deparava. Regressariam, com escassas esperanças de rever PIZARRO, uma vez que os sofrimentos recentes tresdobrariam, rio acima, ou, prosseguindo a viagem exploradora, deixar-se-iam conduzir pelo caudal misterioso até lhe alcançar a foz?

A flama aventureira incendiava as imaginações daqueles peninsulares, que afoitamente se deixavam arrebatar pelas miragens estonteantes do desconhecido, quer fulgurassem sôbre as ondas oceânicas, quer os atraíssem para o recesso das florestas sombrias.

A perecer na contramarcha em que iriam enfrentar sabidos obstáculos, agravados pela mudança de rumo, ao arrepio da correnteza, preferiram ir de bobuia, embora ignorassem os perigos a que se expunham.

Como encontrassem, na ocasião, selvícolas de boa índole, que lhes franqueassem os seus paióis, e oferecessem obreiros prestimosos, estanciaram por dois meses, em trabalhos de construção de bergantim de maior tamanho, capaz de navegar pelo Atlântico, a que esperavam ir ter.

Mas, adiante, quando saltaram no aldeamento dos Machiporas, de princípio acolhidos com tolerância, sentiram fulminante hostilidade, que os impediu de continuar o saqueio dos armazéns indígenas.

Pareciam famintos, que pretendiam abarrotar a despensa flutuante com os produtos da lavoura nativa, cujos donos tomaram de repente das armas e os acometeram ruidosamente.

A retirada para bordo livrou-os do aniquilamento coletivo, mas a perseguição ainda continuaria por mais de dois dias, sem descanso noturno.

Enxame de canoas ligeiras ameaçava de abordagem a embarcação maior, que as afastava com os arcabuzes, cuja eficiência mortífera pela

primeira vez rareava as fileiras dos aguerridos defensores de seus aldeamentos.

Já se avizinhavam do Tapajoz, quando, ainda uma vez, os expedicionários experimentaram a coragem impetuosa dos naturais, cuja aparência lhes traria à mente recordações clássicas.

Jamais suspeitariam encontrar, à beira do rio imenso, avatares das famosas amazonas, cuja existência a Grécia imortalizou.[2]

Viram, por entre o arvoredo, flecheiros de compleição robusta, que se lhes afigurou feminina, com as fartas cabeleiras a cobrirem-lhes a cabeça, alvoroçados na peleja, em que davam o exemplo de bravura, à testa dos seus lutadores, cuja deserção puniam com certeiros golpes mortais.

A fantasia, aguçada pelo que teriam ouvido dos informantes acobreados, com quem palestraram, antes do rompimento de hostilidades, e pelas reminiscências de leituras inesquecíveis, incumbir-se-ia de povoar aquelas paragens brutas de mulheres que viviam sôbre si, normalmente separadas da convivência varonil.

E sabiam lutar bravamente, como experimentou o próprio cronista da expedição, frei CARVAJAL, que saiu da peleja com um dos olhos vazado.

Embora caolho, viu o suficiente para descrever as guerreiras selvagens, que pela sua pena ingressariam na história e na geografia.[3]

A lenda tomaria a narrativa do frade assombrado, transmitida a OVIEDO, antes de impressa, para lhe completar o enredo, por maneira que se constituísse o Reino das Amazonas, com a sua constituição original, o regime condenatório da colaboração masculina, só tolerado passageiramente.[4]

---

[2] A propósito da fama das Amazonas, GONÇALVES DIAS compôs erudita monografia, que a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* estampou em seu tomo XXVIII.

Buscou-lhe a fonte na imaginativa criadora de APOLÔNIO, de VIRGÍLIO, de TASSO, que as apresentaram em seus trajes guerreiros. Entretanto, no poeta grego as Amazonas compunham uma cidade, no latim, uma ala do exército, no italiano não passavam da unidade".

Coube ao historiador JUSTINO completar a fantasia dos poetas ao descrever o singular regime instituído em Termodonte, nos confins da Capadócia, onde só viviam mulheres, que periodicamente recebiam a visita de seus aliados vizinhos. Do efêmero himeneu, os filhos eram eliminados, ao passo que as filhas, submetidas a educação marcial, sofriam, em pequenas, para facilitar o manejo futuro de arco e flexas, a amputação do seio direito, "donde lhes veio o nome de Amazonas". A lenda, inconcientemente esboçada pelos próprios europeus, no interpretar a seu modo o depoimento dos naturais, encontrou condições propícias na mente abrasada dos descobridores.

"COLOMBO teve notícias nas Antilhas da existência das Amazonas, RALEIGH a espalhou na Inglaterra, ORELLANA na Espanha". HERNANDO RIVERA ouviu-a no Paraguai, por volta de 1545, conforme depôs sob juramento.

[3] "Estas mulheres pareceram-lhe muito altas, corpulentas e brancas com o cabelo trançado e enrolado na cabeça, em pêlo, mas com um ligeiro sendal, com arcos e flexas nas mãos".

Tanto se expunham, ao animar os seus comandados, que não tardaram a baquear 7 a 8 delas, cuja morte arrefeceu o ardor combativo dos atacantes, que desistiram de continuar a luta com armas desiguais.

[4] Tecida e aperfeiçoada pelos cronistas, a lenda maravilhosa das Amazonas cresceu com a narrativa de OVIEDO, cuja versão não lhes atribuia o atroflamento do seio direito, nem o infanticídio, pois que os filhos masculinos eram entregues aos respectivos pais.

RALEIGH localizou-lhes no Tapajoz o reino, em que *viviam*, decididas à luta, "e ricas de baixelas de ouro, que adquiriam em troca das famosas *pedras verdes*".

ACUNÃ, em variante mais acomodada ao mistério, por dificultar curiosas investigações, traça-lhes os domínios pelo vale do Cunuris, com a sede em distante morro escalvado — *Ycamiaba*, a que iam ter, em prazo certo, os índios *guacarás*, acolhidos festivamente, depois de vencida a

Não obstante imaginárias, as Amazonas sobreviveriam aos seus descobridores, para emprestar o próprio nome ao rio, que êles iam progressivamente devassando.

A 25 de Agôsto, pelo canal do norte, atingem a imensidade sem fim. A vista não encontra obstáculos à frente.

Abeiravam-se do Atlântico, e sem maiores impecilhos a derrota continuou em busca da ilha de São Domingos, onde GONÇALO FERNANDES DE OVIEDO ouviu as primícias do feito memorável de que se fez propagandista.

Com a pena de cronista das Índias, endereçou ao cardeal BEMBO carta circunstanciada, que RAMÚSIO divulgaria, por volta de 1555, na coleção *Delle navigationi e viaggi.*

Tentativas colonizadoras Pôsto acremente hostilizado por PIZARRO, que lhe arguiu de traição a deserção do País da Canela, tangido pela ambição, conseguiu ORELLANA justificar-se perante o rei de Espanha, que lhe concedeu o título e as honras de *Adelantado* das regiões que descobrira, mediante cláusulas contratuais.[5]

Para cumprí-las, cruzou de novo o Atlântico, à frente da armada, que organizara a propósito, mas em curto prazo baquearia, antes de encetar alguma obra duradoura, na província que tomaria o nome de "Nova Andalucia".

Tornou-se inoperante a sua concessão, como antes ocorrera com a de VICENTE IANEZ (1501), DIEGO DE ORDAES (1530), e, mais tarde, com a de DIEGO DE VARGAS (1559), DIEGO HERNANDEZ (1568).

NABUCO, ao citar-lhes os nomes,[6] de povoadores fracassados, envolve-os no mesmo rol dos que traziam títulos de outras procedências.

Enquanto Portugal englobava as terras sem dono ao norte, nas doações a JOÃO DE BARROS (1532), a LUIZ DE MELO, (1553), a Inglaterra para lá dirigiu a avidez de ROBERT HARCOURT (1613), de Sir THOMAS CHALLONER e JOHN ROVENSON (1619), e a Holanda esporeava a cobiça de mais de um concessionário, cujos direitos a Companhia das Índias Ocidentais, fundada em 1621, empolgaria sem demora.

As simples datas referidas evidenciam que a anexação do reino lusitano à coroa dos FILIPES aguçou contra o Brasil o apetite dos ini-

---

desconfiança dos primeiros momentos, quando os recebiam em guarda, como se fôssem possíveis inimigos.

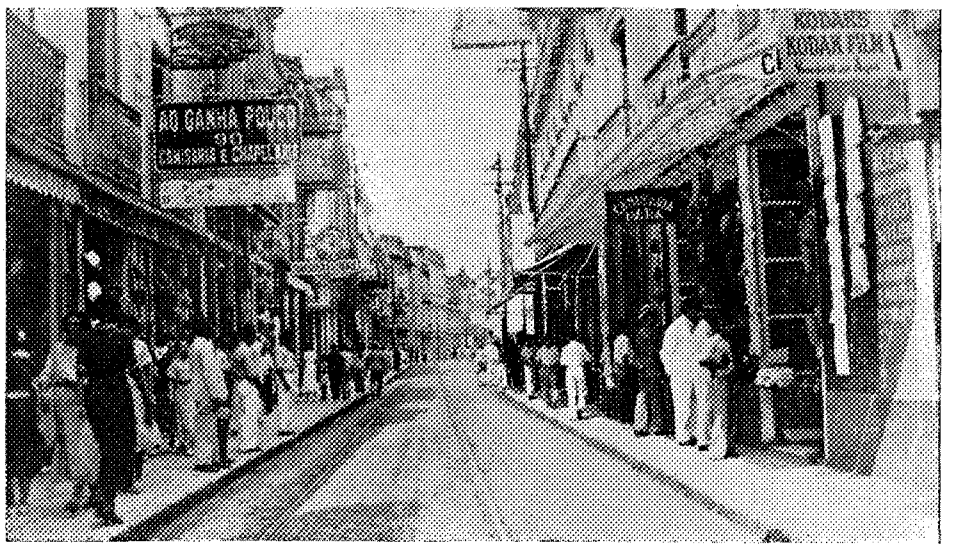
Realizadas as bodas, regressavam os visitantes para as suas aldeias, do mesmo passo que retomavam as suas espôsas de um dia a faina habitual, mantenedora da sua organização sem par.

É de RAIMUNDO MORAIS, *Na Planície Amazônica,* a seguinte intepretação: "Residiam no lago romântico chamado "Espêlho da Lua", à margem do formoso Nhamundá, sem maridos, tradução da palavra Icamiabas, nome por que eram conhecidas, enjeitavam os filhos varões".

[5] TORÍBIO MEDINA, condoído da pecha de traidor, que denegria o nome de ORELLANA, tomou a si o encargo de justificar-lhe o proceder, em exhaustiva memória, que proporcionou os melhores informes a êste resumo, acompanhada da narrativa de CARVAJAL e documentos referentes à viagem aventureira, que se lêem em

JOSÉ TORÍBIO MEDINA — *The Discovery of the Amazon,* translatid by BERTRAM T. LEE. American Geographical Society — Special Publication n.º 17. 1934.

[6] J. NABUCO — *Première Memoire.*



Belém — Rua João Alfredo.

migos da Espanha, mas, em compensação, ir-lhe-ia, ao diante, contribuir para o aumento dos domínios.

Naquele turbulento primeiro quartel do século XVII, porém, graves ameaças contrariavam a expansão dos domínios luso-brasileiros até o estuário do rio de Orellana, como foi algum tempo nomeado, ou Rio Grande das Amazonas, ou, pela fala indígena: Paraná-Guassú.

Estabelecidos em São Luiz do Maranhão, os condutícios de La Ravardière barravam o caminho dos colonizadores do Nordeste, por aquelas bandas. Daí poderiam alongar os seus domínios para oeste, mais fácil de conquistar de que em rumo de Pernambuco.

Belém — Avenida Castilhos França.

Foi mister expulsá-los e tomar-lhes a cidade incipiente, donde seguiria para a frente, a 15 de Dezembro de 1615, escolhida vanguarda, sob a chefia de FRANCISCO CALDEIRA CASTELO BRANCO.

A 12 de Janeiro seguinte, escolhida a baía do Guajará, para em sua margem assinalar a posse portuguesa, principia a construção do fortim do Presépio, sob cuja proteção Belém, a cidade mais avançada a noroeste, pompearia, sem tardança, as suas galas de capital.

Defesa da posse Ao tempo em que LA RAVARDIÈRE, apoiado em excelente base de operações, pretendia assenhorear-se das regiões circunjacentes, já andavam inglêses e holandeses pela planura cobiçada, em tráfico mercantil com os naturais.

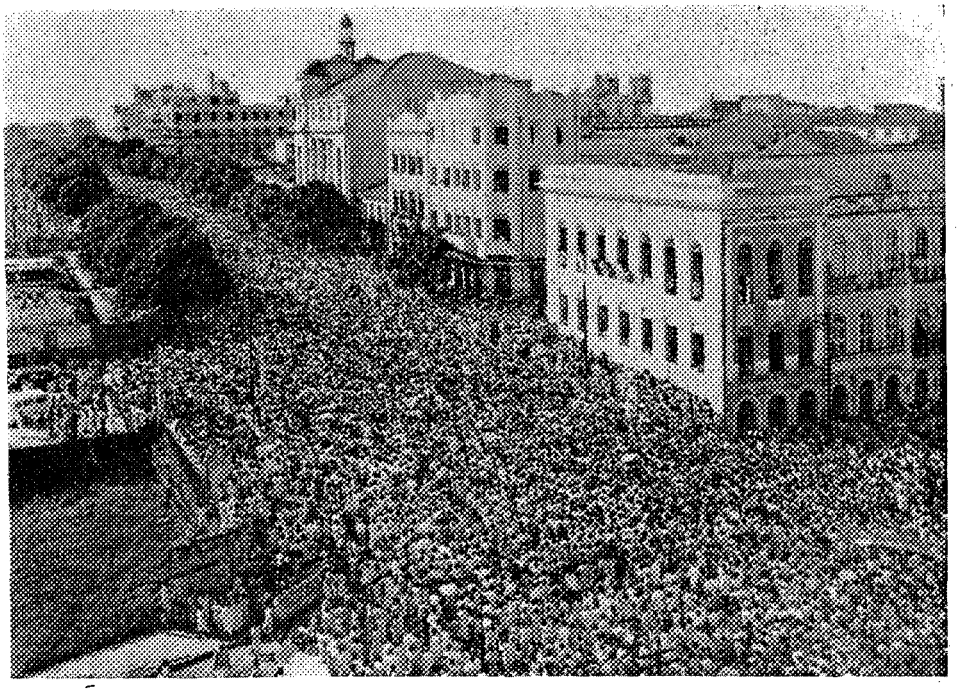
Começou o rio majestoso a debruar-se de fortins, que se entendiam às maravilhas no ódio ao comum inimigo.

Urgia emudecê-los quanto antes. Para tamanha missão, mobilizam-se experientes lutadores, entre os quais se extremam os veteranos da vitoriosa campanha recente.

Em 1623, os lusitanos derrotam os holandeses de Orange e Nassau, à margem do Xingú, e de Mariocai, onde surge o forte de Santo Antônio de Gurupá.

Decorridos dois anos, é tomada a posição a que se acolheram em Mandiotuba, bem como o reduto inglês dos Tucujús.

De 29 a 31, perdem ainda os forasteiros a fortificação de Torrego, de Filipe, em que se erguiam as bandeiras da Holanda e Inglaterra.



Belém — Procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré — Fotografia tirada do edifício da Companhia Port of Pará, em Outubro de 1938.

Por fim, já em 1632, entrega-se o último forte, de Camaú, na Ponta de Macapá, que ROGER FRAY comandava.[7]

Início de povoamento Varridos os flibusteiros, que se tinham assenhoreado de pontos estratégicos, à beira do rio acolhedor, fazia-se mister substituí-los no comércio com os desconfiados indígenas, muitas de cujas tribus tomaram partido a favor dos seus primeiros fregueses.

E, mais ainda, tornar efetiva a ocupação do território desconhecido, mediante núcleos povoadores.

Onde, porém encontrar colonos, que fôssem de bom grado desbravar as paragens, cujas imaginárias riquezas dependiam ainda de confirmação ?

Recorreram à própria nativa população, que, de mais a mais, seria impelida a proporcionar trabalhadores para os estabelecimentos agro-industriais do Pará.

A quanto montaria o seu número total ?

Estimaram-no em 3 000 000 de selvícolas os calculistas por ventura exagerados.

Certo é, porém, que abundavam ao longo, tanto do Amazonas, como de seus afluentes de maior calibre pelos quais penetrou a ganância dos preadores de índios, precedidos ou seguidos pelos missionários, que diligenciavam trazê-los suavemente ao convívio civilizador.

Por três maneiras diversas atuariam os novos senhores do vale imenso, mediante as tropas de guerra, contra as tribus declaradamente insubmissas ao jugo estranho, ou pelas de resgate, que salvariam da morte os prisioneiros, para os jungir ao cativeiro, ou, ainda, por meio das missões catequistas.

Quando as tropas de guerra embocavam por algum rio, com a mira em determinada tribu, não lhe tardaria o aniquilamento.

Contra os Tupinambás, que se mantinham indomáveis desde Tapuitapera, investem PEDRO TEIXEIRA em 1916, ao regressar da viagem, ao Maranhão, a que fôra levar as primícias da fundação de Belém,

---

[7] Assim resumiu JOAQUIM CAETANO DA SILVA, em *L'Oyapoc et l'Amazone*, os episódios principais da luta no Amazonas contra os inimigos da Espanha.
Em Julho de 1623, BENTO MACIEL PARENTE expulsa os holandeses de Gurupá.
Em Maio de 1625, PEDRO TEIXEIRA toma-lhes os fortins de Xingú.
A 24 de Outubro de 1627, PEDRO TEIXEIRA derrota os inglêses em Torrego.
A 1 de Março de 1631, JACOMO RAIMUNDO DE NORONHA expulsa-os do forte Filipe.
A 9 de Julho de 1632, FELICIANO COELHO DE CARVALHO completa a vitória, com o assalto a Cumaú, última posição, em que se refugiaram os derrotados em anteriores combates.
Síntese mais recente, elaborada por ARTUR REIS em *A Política de Portugal no Vale Amazônico*, diverge algum tanto das informações anteriores, ao minudenciar episódios dos triunfos luso-brasileiros, alongados por belicosa década.
"Em Maio de 1623, ante os progressos que se observavam nos negócios dêsses estrangeiros, LUIZ ARANHA DE VASCONCELOS, vindo em missão especial, atacou e tomou os fortins de Orange e Nassau, montados à margem do Xingú. Caiu também a feitoria de Cajarí, onde BENTO MACIEL PARENTE principiou uma casa, logo destruída pelos holandeses. Ocorreu, ainda, a essa altura, a tomada do forte levantado entre os Mariocais. Aí, BENTO MACIEL erigiu o forte de Santo Antônio de Gurupá".
"Em 1625 foi a vez de PEDRO TEIXEIRA, JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE, COSTA FAVELA e BAIÃO DE ABREU apoderarem-se do fortim holandês de Madiotuba, e dos que os inglêses mantinham entre os Tucujus, no Cajarí".

JERÔNIMO FRAGOSO e JERÔNIMO DE ALBUQUERQUE, em 1619, BENTO MACIEL PARENTE decorrido apenas um ano.

Por volta de 1627, PEDRO DA COSTA FAVELA alcança os domínios indígenas de Pacajás, afluente do Tocantins.

FELICIANO COELHO, empenhado em abater a resistência dos inglêses, vê-se obrigado a refrear, pelas armas, o auxílio que lhes prestavam os Ingaíbas da região marajoara.

Mais tarde, JOÃO DE BITTENCOURT MUNIZ renova análogos assaltos, até o Jarí, que devassa, aliado aos Aroaquaís, para combater os Anibas.

Já em 1663, ou no ano imediato, FAVELA e ANTÔNIO DA COSTA seguem pelo Urubú, onde, a pretêsto de vingar a morte de ANTÔNIO VILELA, que os precedera, arrasam as malocas ribeirinhas.[8]

Longa, a série dos preadores, igualmente referidos por ARTUR REIS, que assaltam, com os seus comandados, os aldeamentos dos selvícolas, destinados a perecer, impotentes diante das armas de fogo, ou a aumentar, subjugados, o número dos prisioneiros, conduzidos para as propriedades rurais, como escravos.

Igual resultado lograram as tropas de Resgate, bem que amantadas por justificativas menos deshumanas.

Os vários agrupamentos indígenas viviam, em geral, a guerrear-se entre si, levados pelo ímpeto vingativo, que jamais se extinguiria, ou insuflados pela solércia da freguesia insaciável. Os prisioneiros, para não serem sacrificados, em cerimônia festiva, viam-se, mal a seu grado, resgatados pelos tendenciosos salvadores que os jungiam ao cativeiro.

Com tais intuitos, PEDRO TEIXEIRA sobe o Tapajoz, em 1626, o Amazonas, dois anos depois, e, imitando-lhe o exemplo, partem dezenas de sertanistas pelos seus afluentes de uma e de outra banda, que se tornam permeáveis à penetração luso-brasileira.

A pouco e pouco, vão se tornando conhecidos os rios próximos, graças às viagens incessantes dos caçadores de índios, que, sem o pretender, revelavam-se informantes verídicos a respeito da geografia regional.

Maiores consequências, porém, resultariam do reconhecimento de vasta envergadura, confiado a PEDRO TEIXEIRA, que já era um dos mais esclarecidos desbravadores da planície amazônica, além de ter provado a sua bravura nas investidas contra os fortins inimigos.

O govêrno de Castela, às vésperas da arrancada emancipadora de Portugal, em vez de suspeitar da audácia lusitana, decidida a romper jugo humilhante, lobrigava o perigo nas investidas das potências européias, a quem atribuía intuitos de arrebatar-lhe a Amazônia.

Para conjurá-lo, FILIPE IV criou, em 1637, a capitania de Cabo do Norte, réplica imediata à homônima, ideada pela política de RICHELIEU.

[8] No rio Urubú, assegura LÚCIO DE AZEVEDO, "foram mortos 700 índios, aprisionados 400, e queimadas 300 aldeias".

E doou-a, sem cogitar em possíveis embaraços futuros, a BENTO MACIEL PARENTE, que então se achava no fastígio de sua fama de lutador bafejado pela vitória.

E, mais ainda, ordenou às autoridades regionais que providenciassem a respeito do reconhecimento minucioso da formidável artéria fluvial, da sua embocadura até Quito, para facilidades de tráfego interno, distante das ameaças de correrias adversas.

Contemporaneamente, inesperada ocorrência apressou a execução da ordem filipina, à primeira vista difícil de realizar-se, dada a penúria de recursos disponíveis.

J. PALÁCIOS, à testa de uma diligência militar, penetra nos domínios dos "Encabelados", onde baqueia, com parte de sua gente.

Frei DOMINGOS DE BRIOA e seu irmão de hábito, ANDRÉ DE TOLEDO, possuídos de curiosidade, aceitam a idéia aventada por anônimo soldado português, e, para não perecerem ingloriamente, rodam, em canoa, ao som da correnteza, até aportarem em Gurupá, famintos e semi-nus.

Remetidos à presença do governador do Maranhão, narraram-lhe o que lhes sucedera, na descida aventureira.

A Expedição de Pedro Teixeira

Não pretenderia por ventura JÁCOME RAIMUNDO DE NORONHA tão cedo cumprir as recomendações da Metrópole distante.

Mas o relato dos dois religiosos, que saíram de Quito, vararam os domínios dos "Encabelados", a cujas mãos perecera o capitão PALÁCIOS, e conseguiram repetir o roteiro de ORELLANA, aguçou-lhe a atividade governativa, que se apressurou no empenho dos maiores esforços para levar a têrmo ousada entrepresa.

De arrepio, a viagem afigurava-se realmente difícil, e fadada ao fracasso desmoralizador, caso não fôssem tomadas providências adequadas, que a justa previsão aconselhasse.

Bem considerados, porém, os possíveis embaraços, largou a flotilha do Pará, a 28 de Outubro de 1637, constituída por 47 canoas, em que se acomodaram cêrca de 2 000 pessoas, entre as

PEDRO TEIXEIRA — *"Descobridor, Explorador e Conquistador do Alto Amazonas".*

quais se incluíam 70 soldados luso-brasileiros, e 1 200 índios de guerra e de remo.

Enquanto sulcavam águas conhecidas, tudo andaria a contento, bem que escassamente o favorecessem ventos de feição.

As embarcações avançavam, a fôrça de remos ou vogas, pois que a profundidade não permitia a ação de zingueiros.

Quando já se encontravam em região desconhecida, abrolhou a impaciência entre os remeiros, que ensaiavam a deserção, por julgarem infindável a viagem.

Jeitosamente, PEDRO TEIXEIRA espalhou a esperança de próxima terminação, pois que já se avizinhavam das paragens, onde repousariam de suas incomparáveis fadigas.

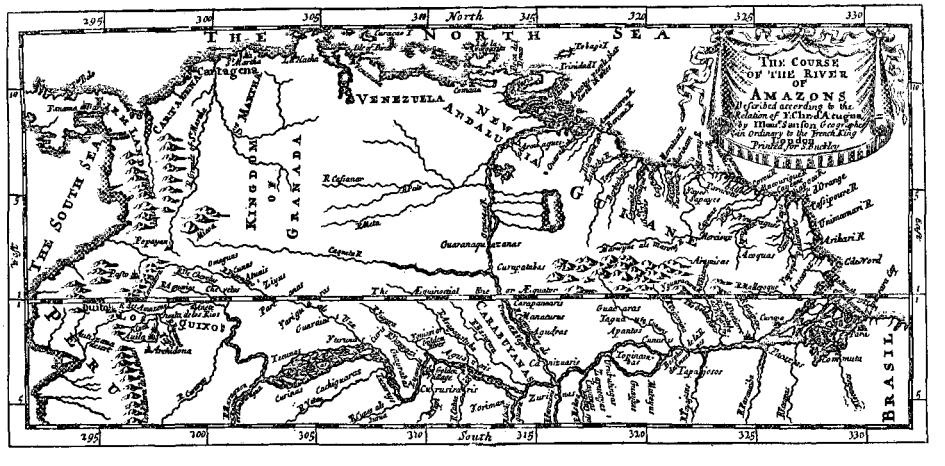
E para confirmação da propaganda astuciosa, confiou a BENTO RODRIGUES DE OLIVEIRA — sertanista experiente, que se abrasava de anseios por bem devassar os segredos de sua terra natal — o comando de escolhida vanguarda, que iria facilitar a marcha dos expedicionários.

Hábil no trato com os selvícolas, amansava os agrupamentos ribeirinhos, que se dispunham a acolher de boa cara os forasteiros, a quem proporcionavam produtos de suas lavouras.

Assinalava os sítios convenientes de pouso, e sempre à frente comemorou o dia de São João de 38 no pôrto de Paiamina, onde se lhe deparou a primeira povoação castelhana.

Ao menos a vanguarda lograra completar o extenso reconhecimento, que afinal penetrava em zona desbravada.

PEDRO TEIXEIRA, porém, não tardaria a seguir-lhe a esteira, uma vez acampada a maior parte de seus condutícios na província dos "Encabelados", onde os comandariam PEDRO DA COSTA FAVELA e PEDRO BAIÃO.



"Êste mapa é tirado da Voyages and Discoveries, *publicada em Londres em 1698, tendo sido desenhado segundo as indicações fornecidas pelo Padre* ACUNA *que acompanhou* PEDRO TEIXEIRA *na sua audaciosa exploração pelo grande rio" — (Do magnífico artigo do Comandante* DÍDIO DA COSTA, *estampado no* Boletim *da União Pan-Americana — Janeiro de 1942).*

Quis conhecer a cidade de Quito, cujas autoridades lhe festejaram o grandioso feito geográfico, referido no mapa desenhado pelo pilôto BENTO DA COSTA.

E como o vice rei do Perú, conde de CHINCHON, ciente dos sucessos, recomendasse que, ao regressar, levasse em sua companhia pessoa idônea para atestar perante o govêrno de Castela os resultados colhidos durante a peregrinação fluvial, PEDRO TEIXEIRA, na descida, conduziria os padres CRISTÓVÃO D'ACUNÃ e ANDRÉ D'ARTIEGA, ao primeiro dos quais tocaria a incumbência de redigir o *Nuevo Descubrimiento del grande Rio de las Amazonas*.

Conta-se que o Relatório informativo do jesuíta maravilhado, depois de impresso com licença real, sofreu confisco rigoroso, que praticamente suprimiu a edição.

Alguns exemplares, todavia, escapariam à apreensão, inclusive o que, reeditado mais tarde, serviu de original para a tradução brasileira.[9]

E, assim, ainda uma vez o rio grandioso, perlustrado por observador arguto, seria descrito em suas peculiaridades reais, a que se ajuntavam as criações da fantasia, especialmente quanto à população regional.

Se o rio Negro figura com a sinonímia herdada dos naturais, que o apelidaram de "Curiguacunã", ou "Uruna", consoante a interpretação dos "Tupinambás", e o Madeira ainda trazia o nome indígena de "Caiarí", os demais afluentes também ingressariam, com rótulos novos ou tomados à primitiva toponímia, na crônica do jesuíta, que atribuiu a sagaz informante avermelhado impressionantes referências às tribus afastadas das margens.

Eram os "Guaiazís" "anões tão pequenos como meninos de mui pouco tempo", ao passo que os "Mutaiús" se distinguiam pela colocação dos pés, de maneira oposta à habitual, para que o seu rasto não favorecesse o inimigo, que os procurasse.

Virados para trás, quem lhes seguisse a marca no solo, iria cada vez mais se distanciando, quando cuidasse que se aproximava dos fugitivos monstruosos.

Maior esmero, porém, lhe mereceu a notícia relativa às "Amazonas", dominadoras do vale do "Cunurís", que estabeleceram a sede do seu matriarcado no morro escalvado, de nome "Iacamiaba", de que não se aproximava guerreiro algum, além dos "Guacarás", seus aliados, a quem periodicamente distinguiam com as suas concessões costumeiras.

A afirmativa de frei CARVAJAL, em vez de contestação, recebia maior refôrço, embora não se exibissem aos navegantes os famosos guerreiros, que lhe acertaram perigosa flechada no rosto.

---

[9] A tradução veio a lume no Tomo XXVIII da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Mais tarde o Instituto adquiriu um dos raros exemplares da 1.ª edição escapos ao confisco e fogo, que o Dr. MAX FLEIUSS, dedicado 1.º Secretário Perpétuo zelosamente guarda, por bem lhe estimar a alta valia.

Era-lhes definido o domínio, bem como interessantes particularidades do seu viver inteiramente à distância de convívio varonil.

Por isso, o rio que, à chegada de PEDRO TEIXEIRA ao seu alto curso, tomou o nome de São Francisco do Quito, em honra à Ordem franciscana, cujos representantes lhe serviram de guia, e à sede governativa da região, donde fluíam os manadeiros mais altos, seria individualizado por ACUNÃ como rio das "Amazonas", denominação que jamais mudaria, da confluência do rio Negro para jusante.

Acima, porém, tomaria aos índios Sorimões o seu nome, ligeiramente abrandado em Solimões, com que é designado até a barra do Javarí, a montante da qual conserva o título primitivo de Maranhão.

Não se limitou ACUNÃ a observar os aspectos da terra percorrida e da sua gente, cuja fantasia criadora lhe rechearia a narrativa de assuntos, que inspirariam futuros poetas.

Não lhe escapou o processo até hoje usado, de colhêr tartarugas na praia, pela rápida viração, que as imobiliza, antes que, em fuga, logrem mergulhar nas águas salvadoras.

Cuidou igualmente de apontar-lhe as possibilidades econômicas, que, em sua opinião, garantiriam o enriquecimento de "um e muitos reinos", desde que se orientassem as atividades industriais para a exploração das madeiras, do cacau, do tabaco e do açúcar. Bastariam êsses quatro artigos para lhes esteiar as economias.

E, por fim, ufana-se de ter impedido a captura da bugrada, pretendida por alguns dos viajantes, que não se conformavam com o desfecho pacífico da expedição, alongada por mais de ano, sem a compensação de nenhum lucro.

Aos primeiros preparativos de assalto ao próximo aldeamento, requereu a PEDRO TEIXEIRA, com a sua autoridade de emissário do Vice-Rei, que o proibisse, pois que as ordens régias se opunham à escravização dos ameríndios.

Fôsse pela intervenção dos jesuítas, ou pelos espontâneos propósitos do comandante, o certo é que se ultimou a expedição a 16 de Fevereiro de 1639, no pôrto de Belém, sem que os naturais sofressem agravo algum, opostamente ao que sucedera por ocasião da viagem de ORELLANA.

Os dois exemplos contrários, legados aos pósteros pelos descobridores do Amazonas, em relação aos selvícolas, orientariam diversamente a ação dos povoadores futuros, que iriam atuar simultânea ou sucessivamente, por meio das tropas de Guerra e de Resgate, ou pela catequese confiada a missionários de várias procedências.

Missões catequistas A viagem memorável de PEDRO TEIXEIRA, ultimada com êxito cabal, evidenciou a imensidão do território devassado, que reclamava ocupação efetiva por quem tencionasse anexá-lo aos seus domínios.

Ainda considerado apenas o trecho da embocadura do Napo, onde o sagaz capitão teria cravado marco indicativo da posse portuguesa, para jusante, sobrava terreno para a escassa população, que se desenvolvera em tôrno de Belém.

Urgia mobilizar a bugralhada, por modo que se transformasse em elemento povoador, de acôrdo com os intuitos dos civilizados.

Evidenciava-se inoperante, além de cruelmente deshumana, a transferência forçada dos prisioneiros resgatados, cujo número se reduzia de maneira assombrosa.

"Quando as expedições eram bem sucedidas, conclue J. Lúcio Azevedo ao examinar o problema da escravidão vermelha, chegava ao Pará somente a metade: imagine-se o que seria nas outras".

E acrescenta, em refôrço da afirmativa dolorosa, o que dissera Vieira à Câmara de Belém: "por mais que sejam os escravos que se fazem, mais são sempre os que morrem".

Assim é que não contribuíram os transplantados para o aumento demográfico, em proporção apreciável e mister se fazia experimentar outro processo, que melhormente lhes aproveitasse o concurso.

Recorreu a Metrópole aos religiosos, que se propunham a promover a adaptação do índio à vida civilizada, como praticavam os jesuítas na faixa litorânea e adjacências.

Aos mesmos legionários de Loiola tocaria a região dilatada pela margem meridional do rio, com todos os afluentes, sem isentar alguns do lado oposto, inclusive a ilha de Marajó.

Eram os paladinos do evangelho, que escoltaram o primeiro governador geral, e desde então captaram a simpatia régia.

Com análogos propósitos, aportam em Olinda, por volta de 1580, os Carmelitas, seguidos, cinco anos após, pelos Franciscanos. No intervalo, Baía acolhe os Beneditinos.

E arrojam-se às arrancadas mais árduas, sertões a dentro, em busca de selvícolas desconfiados.[10]

Intensifica-se, com o concurso prestimoso dos religiosos, o desbravamento da planura sombria, rendilhada de cursos dágua, que lhes proporcionam vias naturais de penetração.

Entre os pioneiros, o padre Luiz Figueira remonta, em 1636, a correnteza até o Xingú, onde planeia principiar a sua cruzada, que o martírio interrompeu, sombriamente encerrando o empreendimento catequista.

---

[10] "Religiosos de Santo Antônio, Jesuítas, Carmelitas, Mercedários, Capuchos da Piedade, Frades da Conceição da Beira e Minho, vieram então para a grande tarefa avangelizadora", lembra Artur Reis em *A Política de Portugal no Vale Amazônico*. Os Franciscanos atuariam mais intensamente para as bandas do Cabo Norte, enquanto os Carmelitas se internariam pelo rio Negro.

Tornava da Europa, acompanhado de quatorze auxiliares, quando, nas proximidades de Marajó, ocorreu fatal naufrágio, de que escaparam, para serem aprisionados pelos temíveis Aruãs, a cujos golpes pereceram.

Mais tarde, JOÃO DE SOUTO MAIOR e GASPAR CARDOSO ampliam-lhe os planos, que recebem eficaz incremento depois que, por Outubro de 1653, o padre ANTÔNIO VIEIRA entra em contacto com a Amazônia, ao saltar em Belém, onde iria comandar memorável campanha em prol da libertação dos índios, [11] que os sertanistas continuavam a escravizar, não obstante as garantias emancipadoras outorgadas por longa série de leis metropolitanas.

A peleja alongar-se-ia, sem descanso, por mais de um século, em cujo decurso ora os missionários conseguiam apoio decidido e eficaz das autoridades metropolitanas, ora os suplantavam as exigências econômicas dos colonos, cujas indústrias reclamavam trabalhadores às centenas.

A pouco e pouco, todavia, foram se pontilhando as ribanceiras amazônicas de povoações, que se reuniam à sombra de escolhido protetor, sem desprezar a denominação dos seus moradores.

Já em 1660, o carmelita frei TEODORICO navega até o rio Negro, para catequizar os Tucumaus. E chegariam os seus irmãos de credo ao Solimões, em cujo vale os precedera o arrôjo de SAMUEL FRITZ, a serviço da Espanha.

Natural da Boêmia, contaria 32 anos de idade, quando, em Quito, aceitou, por volta de 1686, a incumbência de evangelizar os Mainas.

Achacado de sezões, rodou, em busca de assistência médica, e foi parar em Belém, onde saltou a 11 de Setembro de 1689.

Suspeito pela procedência, o governador SÁ DE MENESES ordenou-lhe a detenção no próprio colégio, em que se hospedara.

E terminada a convalescença, seria recambiado à sua missão, a montante do Solimões, em cujas águas a escolta, que o acompanhava, não lhe consentiu permanecesse, por se acharem compreendidas nos domínios lusitanos.

Não se conformou o esforçado missionário, que teimava em sustentar a vigência da divisória tordesilhana, consoante a qual pertenceriam, sem dúvida, aquelas paragens ao imperialismo castelhano.

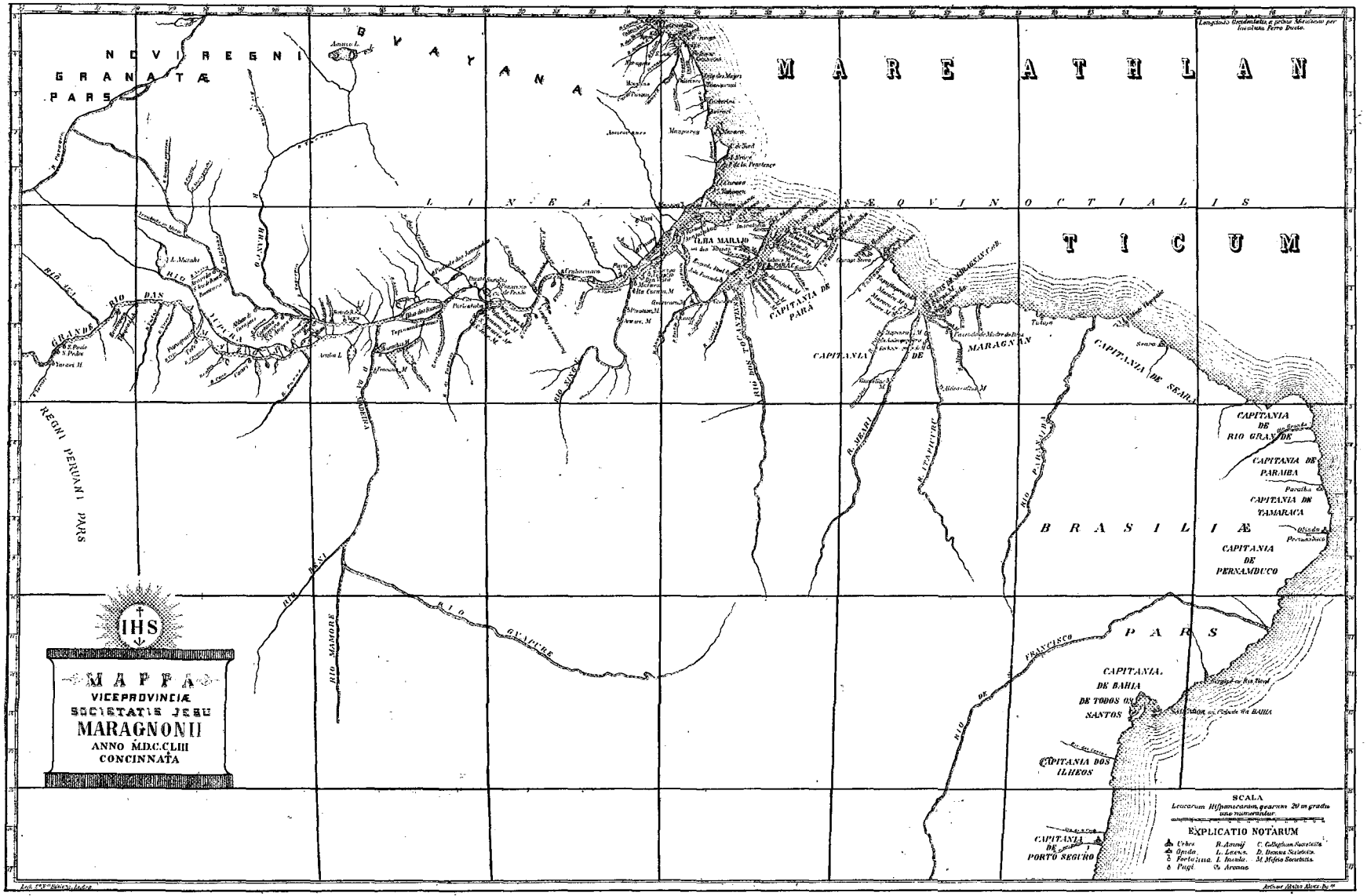
Daí se causou prolongada série de conflitos raianos, rematados, já no século seguinte, com a prisão do padre SANA, que lhe seguia o programa de marchas para o nascente.

---

[11] A propósito da atuação do padre VIEIRA na Amazônia, informa J. LÚCIO DE AZEVEDO que lhe investigou os feitos.

Saiu de Lisboa a 22 de Novembro de 1652 e chegou a Belém a 5 de Outubro de 1653. — De outra feita, apenas empregou 31 dias na travessia, iniciada em Abril de 1655 — Decorridos cinco anos, palmilha a estrada distendida de Belém ao Maranhão, donde volta para reorganizar as missões amazônicas.

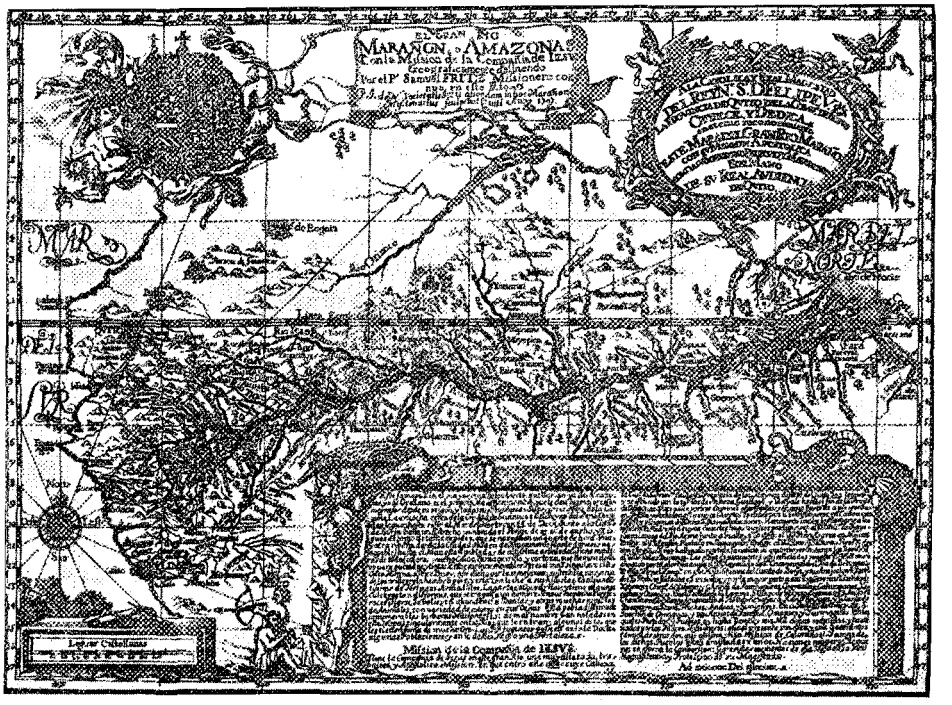
Mais tarde, ao regressar de Roma, propõe ao govêrno lusitano: "introdução de escravos de Angola por conta da Coroa, proibição absoluta de resgates, desenvolvimento das missões e entrega das aldeias aos religiosos da Companhia".



Missões da Companhia de Jesus no Grão-Pará e Maranhão

Copia reduzida do mappa existente na Bibliotheca Eborense

Não obstante adversário teimoso de Portugal, o nome do padre SAMUEL FRITZ não se apagou dos fastos da Amazônia, mercê da sua atuação de geógrafo ativo, cujos esforços se patentearam em um dos primeiros mapas divulgados do rio majestoso.



Mapa do rio Amazonas delineado em 1707 pelo Padre SAMUEL FRITZ.

Contida a expansão com que sonhava o missionário boêmio, nem por isso ficariam os ribeirinhos do Solimões privados da assistência religiosa, de que se incumbiram os carmelitas.

Até lá se dilatavam os aldeamentos dirigidos pelos catequistas, que souberam coordenar em tôrno das suas tôscas igrejas as multidões indígenas, não raro diferenciadas pela diversidade do linguajar.

Nem sempre, todavia, se processava pacificamente a transplantação de tribus, de um para outro sítio, à escolha do missionário.

A repulsa dos naturais manifestava-se frequentes vêzes por ousadas hostilidades, causadoras de represálias impiedosas.

A mais famosa atalhou por algum tempo a ocupação permanente do vale do rio Negro, onde imperava a chefia de indomável cacique.

Ajuricaba O episódio, mercê do qual o amotinador de broncos guerrilheiros ingressou na história, merece ser lembrado em particular, como símbolo de resoluta resistência ao jugo estranho.

Por lhe bem avaliar o prestígio entre os seus condutícios, que se assenhoreavam de longo trecho do rio Negro, tentou o missionário José

DE SOUSA captar-lhe a simpatia, para que aceitasse viver em paz com os portugueses.

Não perdurou o armistício ajustado pelo jesuíta, que se viu constrangido a solicitar providências belicosas contra o caudilho rebelde.

Ordem régia determinou a organização de coluna punitiva, munida de artilharia, que estrondou nas paragens dominadas pelos Manaus, cujos redutos defensivos foram um a um cedendo, diante da desproporcionada desigualdade de armas.

Aldeia após aldeia rendia-se aos assaltantes, que suplantavam, com o fogo das suas armas, a destreza dos flecheiros fulminados por tiros certeiros.

Sempre na estacada, animava AJURICABA os seus comandados, que foram baqueando espantosamente, dificultando a continuação das retiradas estratégicas.

Por fim, aprisionados para mais de 2 000 dos seus legionários, além dos que, pela fusilaria, cessavam de combater, foi-lhe impossível evitar a derrota, e prisão.

Ainda assim, porém, acorrentado, empenhou-se em revoltar a tripulação da canoa, que o transportava a Belém, e descoberta a conspiração, preferiu libertar-se pela fuga fatal, a humilhar-se no cativeiro.

Em gesto repentino, atirou-se ao rio e com o pêso das algemas, que lhe tolhiam o movimento, mergulhou rapidamente, sem que os seus perseguidores tivessem tempo de evitar-lhe a ação irremediável, com que praticamente se encerrou a série das maiores hostilidades indígenas.[12]

Legalização da posse Dominavam, sem contraste, os vencedores de AJURICABA, com o auxílio de missionários operosos, quando a Metrópole, orientada, neste particular, pela clarividência patriótica de ALEXANDRE DE GUSMÃO, empreendeu dar feição legal à expansão lusitana pela planície amazônica.

Negociaram os plenipotenciários, e o Tratado de Limites de 1750, ao considerar o avanço da onda povoadora, impelida de Belém para oeste, ao longo de majestosa artéria fluvial e seus galhos mais calibrosos, firmou raias, que espantariam o irredutível missionário dos Mainas, padre SAMUEL FRITZ, último defensor da linha ajustada em

---

[12] LUCIANO PEREIRA DA SILVA mencionaria outros castigos devastadores, que sofreram várias tribus rebeldes.

Assim, contra os índios do rio Urubú, que exterminaram a escolta protetora do frei RAIMUNDO, da Ordem das Mercês, seguiu PEDRO DA COSTA FAVELA, à testa de uma expedição, que, em Janeiro de 1665, extinguiu os Caboquenas e Guanavenas.

Mais tarde, o martírio do frei MATIAS DINIZ no Solimões, do carmelita ANTÔNIO DE ANDRADE, que os Jumas assassinaram no lago Cupacá, bem como os assaltos dos Turás, do Madeira, foram implacavelmente vingados. (*Dicionário Histórico e Etnográfico do Brasil* — vol. 2) fl. 70.

Tordesilhas, antes que o Brasil aflorasse à vista de europeus deslumbrados.

A audácia anônima dos sertanistas, acrescida pelo esfôrço perseverante dos reinóis, investidos de alguma parcela de autoridade, coroava-se de êxito incontestável, que lhes reconhecia o direito de permanecer na posse do território imenso, cujos segredos devassaram, em viagens incessantes, pelos rios e igarapés, pelos paranás e lagos, que formam intrincado labirinto fluvial.

Já poderiam, a salvo de qualquer litígio, desenvolver as suas atividades, cuja importância não tardaria a causar a criação de uma capitania, especialmente dedicada aos problemas da Amazônia.

São José do Rio Negro A FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO, capitão general do Estado do Grão-Pará, que deveria superintender os trabalhos demarcatórios das raias delineadas em Madrí, caberia, por ventura, a sugestão de emancipar administrativamente a alta Amazônia do govêrno de Belém.

Em primeira viagem de reconhecimento do território que lhe estava sob a jurisdição, transmontou o rio Negro, até aonde lhe foi possível, e assombrado pelas dificuldades resultantes das distâncias, que percorrera, lembrou ao irmão, SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO e MELO, que já ingressara no valimento do rei D. JOSÉ, de quem lograria o título de Conde de Oeiras e Marquês de Pombal, indicativos de poderio incontrastável, a conveniência da divisão imposta pelos imperativos geográficos.

Assim, da carta régia de 3 de Março de 1755 gerou-se a capitania de São José do Javarí, cuja sede iria fixar-se na faixa fronteiriça, semelhante ao que sucedeu na vizinha capitania de Mato Grosso, cujo primeiro capitão general, D. ANTÔNIO ROLIM DE MOURA, orientado por análogas recomendações, estabeleceu a capital à beira do vaciano Guaporé.

Ao cuidar, porém, da execução da ordem que lhe enviara a Metrópole, FRANCISCO XAVIER preferiu deter-se na aldeia de Mariuá que frei MATIAS DE SÃO BOA VENTURA fundara à margem do rio Negro, por volta de 1728, sob a protecção de N. S. da Conceição.[13]

Aí aportou a 4 de Maio de 1757, e decorridos apenas dois dias, a localidade alcançava as insígnias de vila, trocada a sua denominação indígena pela de Barcelos, do mesmo passo que o Rio Negro substituía o Javarí no título da capitania.

---

[13] Ao tratar da fundação de Barcelos, que visitou, meio século após, informou ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA que frei MATIAS, ameaçado de morte pelo "principal" Baçuriana, da nação Manoa, na aldeia de Jupurá, fugiu para a de Camandarí, que o acolheu de boa cara.

Decorridos três anos de cordial convívio, conseguiu com a sua gente fundar a aldeia de Santo Eliseu de Maruá.

"Eram Manaus da nação os que foram descidos pelo primeiro missionário", acrescenta o naturalista baiano.

O segundo lhes ajuntou os Barés e os Banibas.

Mudanças de rótulos A substituição de topônimos, mediante os quais FRANCISCO XAVIER começaria a lusitanizar os núcleos de povoamentos dispersos pelas margens do Amazonas, do rio Negro, e seus principais tributários, não se restringiria à capital, que o governador julgaria destoante de seu cargo, enquanto perdurasse o nome primitivo.

Para outros centros de condensação humana, cuja denominação conservava a lembrança dos selvícolas que a povoaram, transplantou-se a terminologia usual em Portugal, destinada a apagar-lhes da fachada a origem indisfarçável.[14]

Eram, em maioria, constituídos pelos aborígenes, cujo predomínio racial se espelhava na linguagem herdada dos seus ancestrais, nos costumes e sentimentos, nas indústrias, que ensinaram aos invasores de suas terras.

Viviam à sombra das "Missões", contra cujos religiosos POMBAL desencadeou violenta ofensiva, rematada pela expulsão.

Adstrito à orientação do ministro poderoso, o irmão, responsável pelo govêrno da Amazônia, a pouco e pouco foi afastando os missionários, à medida que se ultimava a adaptação do "Diretório" às peculiaridades regionais.

Composição racial Pelo novo regulamento, tocaria a chefia das localidades às pessoas devidamente escolhidas, em geral de procedência lusitana, sob cujo mando não melhoraria o triste fadário dos naturais, como testemunhou ALEXANDRE RODRIGES FERREIRA [15] na penúltima década do século XVIII, consoante cuja opinião "será mais conveniente formar menos e mais populosas, do que incultas e insignificantes, porque desta qualidade só servem de fazer despesas, e de ocupar mais párocos e diretores, sem o menor proveito".

Todavia, continuou o regime instituído por MENDONÇA FURTADO, ao tempo em que desmedravam os povoados ribeirinhos.

---

[14] Lembrem-se, a propósito, algumas localidades conhecidas por nomes indígenas que foram substituídos.

Missão de	Trocano	transfigurou-se em	Vila Borda a Nova,	desde 1.º de	Janeiro de 1756
»	» Curuçá	em	Vila Nova d'El Rei.		
»	» Araticú	»	Vila de Oeiras, a	20 de	Janeiro de 1758.
»	» Guaricurú	em	Melgaço	23 »	» » »
»	» Arucara	»	Portel	24 »	» » »
»	» Guarimucú	»	Arraioles	20 »	Fever. » »
»	» Tuaré	»	Esposende	21 »	» » »
»	» Parú	»	Almerim	22 »	» » »
»	» Gurupatuba	»	Monte Alegre	28 »	» » »
»	» Borarí	»	Alter do Chão	6 »	Março » »
»	» Tapajoz	»	Santarém	14 »	» » »
»	» Cumarú	»	Franca	17 »	» » »
»	» Pauxis	»	Óbidos	25 »	» » »

[15] Se estão bons para trabalharem, escreveu o douto viajante, trabalham mais do que comem, porque sempre viverão a jejuar, não de pão, mas de farinha e água, que é o que por aquí chamam caribé, "sim, êles não morrem à míngua, de repente; mas o trabalho e o jejum quotidiano insensivelmente lhes faz beber a morte em diversos tragos; chega a doença, que há muito está forjada e neste caso o diretor não os trata como os tratava o seu Padre; porque nem há botica, nem povoação provida, ao menos dos remédios mais domésticos".

Decorrido século e meio, outro observador sagaz, ARAÚJO LIMA, atribuiu à mesma causa — alimentação deficiente — a aparente apatia do caboclo amazonense.

Pela estimativa de BAENA a população da capitania, distribuída por 29 568 fogos em 1788, alcançava apenas o número de 37 322 habitantes em 1825, e não excederia de 18 843, oito anos depois.[16]

A contestar-lhe o resultado, LOURENÇO AMAZONAS apresentou, em 1852, cálculo mais vantajoso, de que rompe a indicação da preponderância da componente racial indígena, com 57,5 %, além de 26,8 % atribuídos aos mamelucos, em cujo sangue predominava a contribuição aborígene, ao passo que os brancos apenas alcançavam 8,5 %, os mestiços, 4,9 % e os escravos não passavam de 2,3 %.

A supremacia indígena, denunciada pela inflexível eloquência das cifras referidas, atenuar-se-ia em consequência de trágico flagelo em paragens distantes.

Êxodo nordestino Exposto às calamidades cíclicas das sêcas angustiantes, contra cujas fatais consequências não se empreendera ainda campanha alguma de defesa sistemática, o povo do Nordeste abrasado viu-se impelido, desde 1877, a refugiar-se na planície amazônica a êsse tempo esperançosa de prosperar com os resultados da indústria seringueira.

Encetada em meio do século, a sua produção começou a figurar nos quadros de exportação[17] desde 1853, modestamente pela quantidade de 1 575 kg para só ultrapassar o primeiro milhão, ao abrir-se a década de 70, depois de franqueado o Amazonas à navegação.

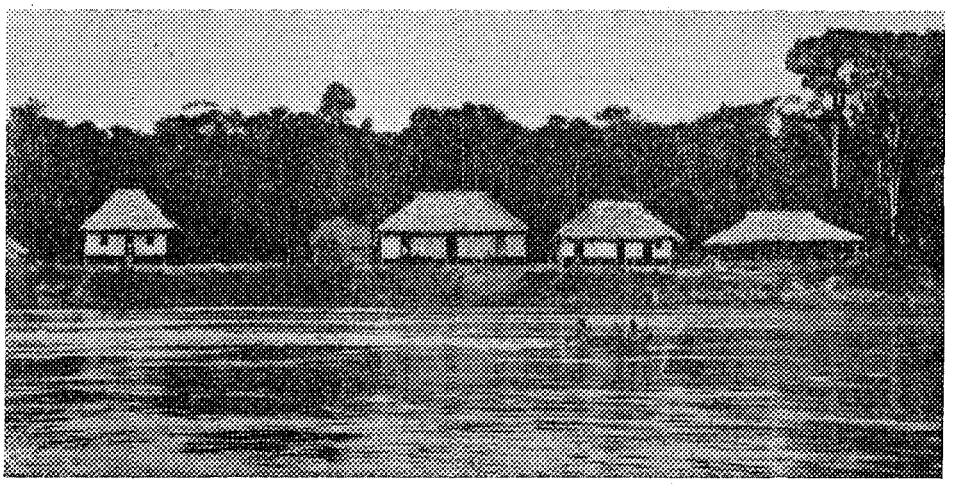
---

[16] A distribuição feita por BAENA define o rumo seguido pelos povoadores.

RIOS	Povoações	Fogos	Habitantes livres
Negro	26	552	8 031
Branco	3	47	697
Uaupés	1	11	122
Xié	1	6	40
Amazonas (até Tabatinga)	13	876	5 265
Madeira	2	36	601
Canumá	1	180	366
Maué-Assú	1	282	1 689
Furo Uarirá	1	17	253
Uatúnia	1	18	332
Jatapú	1	22	485
	51	**2 047**	**17 881**
Escravos	—	—	962
			18 843

Não se incluíram neste cômputo os índios ainda bravios.
Mas, "em 1840, informa o major FREDERICO RONDON em seu magnífico ensaio — *Pelo Brasil Central* — a então Comarca do Alto Amazonas possuía 40 584 habitantes, sendo 23 239 indígenas domesticados pertencentes a várias tribus, entre outras:
— Manaus, Borés, Passés, Baniuas, no rio Negro;
— Catauixis, Macuxis, Jumas, Paravianas, no rio Branco;
— Campebas, Ticunas, Maranás, Jurimas e Juris, no Solimões;
— Ipurinás, Jamandis, Muras, Paumaris e Mauateneris, no Purús;
— Miranhas, no Japurá e no Içá;
— Mundurucús, Maués, Torás e Parintintins, no Madeira.

[17] Tal indicação, fornecida pela estatística, é apenas aparente, e referida à província do Amazonas, que perdeu a autonomia em 1822, para somente a recuperar por lei de 1850.
Por isso, incluia-se-lhe a exportação na do Pará, a que se anexara.
Na realidade, a produção extrativa da borracha na Amazônia principiou, embora modestamente, algumas décadas antes, como evidenciam os dados abaixo.



Amazonas — Tipos de habitação dos seringueiros.

Já tinha dobrado de pêso e de valor, quando a grande sêca indicou aos retirantes a Terra da Promissão, onde havia demasia de aguadas e de trabalho remunerador.

Encaminharam-se para a Amazônia, cujos povoadores, de origem indígena, em grande parte, quando não se mantinham extremes de fusão sanguínea com outras raças, preferiam estanciar nas proximidades do coletor grandioso com o qual se achavam hereditariamente familiarizados.

Livres de maiores caminhadas, encontravam, ao alcance de suas machadinhas, as árvores de "látex" incomparável, cuja sangria, facilitada muitas vêzes pelo "arrôcho", lhes permitiu iniciar a indústria seringueira que daria fama àquelas paragens.

Quando começaram a chegar os emigrantes do Nordeste, já não encontrariam a mesma facilidade para escolha de glebas no Baixo Amazonas, ou por ventura o próprio impulso emigratório os empurraria para as terras distantes, cujo devassamento contribuiriam a ultimar.

Exploraram o Purús, o Juruá e seus afluentes, que os levariam a desbravar o território do Acre, derradeira expansão do povoamento bra-

---

Exportação da borracha:

Em 1827 — 31 365 kg no valor de	9:361$000
» 1837 — 289 920 » » » »	114:747$000
» 1847 — 624 690 » » » »	272:448$000

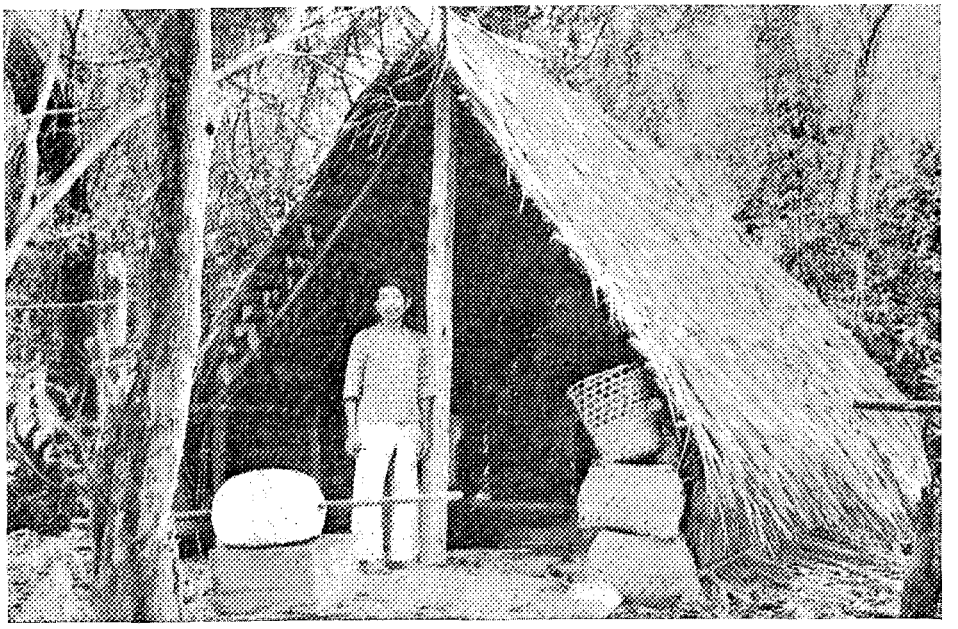
A partir de 1857, Pará e Amazonas, com os seus respectivos portos, anotam o seguinte movimento, registado no primeiro volume de *"O Brasil — suas riquezas naturais — Suas indústrias"*.

AMAZONAS		PARÁ	
ANOS	Kg	ANOS	Kg
1853	1 575	1853	2 365 285
1860	208 965	1860	2 463 525
1870	1 360 575	1870	5 241 051
1880	3 362 396	1880	5 317 009
1890	10 710 813	1890	4 644 687
1901	15 694 041	1901	13 467 403
1905	15 253 029	1905	16 221 766

sileiro por aquelas bandas, cujos limites o Tratado de Petrópolis, de 17 de Novembro de 1903, definitivamente fixou.[18]

Em cada seringueiro incubou-se valioso auxiliar dos geógrafos, como os que serviram de guia atilado a CHANDLESS e a J. M. DA SILVA COUTINHO.

Não se carteavam com as estrêlas, mas sabiam esquadrinhar os segredos da terra dadivosa, onde se aclimaram, seduzidos por excitantes promessas de enriquecimento fácil.



Seringueiro à porta do seu rancho, onde se vêem utensílios vários e látex coagulado na forma usual, aproximadamente esférica.

E quando se fizesse mister, prontamente se transfigurariam em fronteiros resolutos, para a defesa da soberania brasileira naqueles rincões remotos, que a sua audácia povoara, à custa de sacrifícios inenarráveis.

---

[18] "Na primeira metade do século, ensina RAMIZ GALVÃO, ao traduzir a clássica obra de E. RECLUS, um certo João CAMETÁ, e depois em 1852 um pernambucano chamado SERAFIM, exploraram o Purús em nome do govêrno brasileiro, um até 1 200, outro até 2 100 km da foz; mas a primeira expedição verdadeiramente seria em 1860, foi dirigida pelo mulato MANUEL URBANO, e êste viajante foi também o principal informante de WILLIAM CHANDLESS que em 1864 e 1865 explorou o rio e seu afluente Aquirí, determinando-lhe os pontos astronômicos e levantando a carta".

Ao comentar a afirmativa transcrita, A REIS data de 1852 a primeira entrada de João RODRIGUES CAMETÁ, por ordem do Presidente do Amazonas, TENREIRO ARANHA, que também incumbiu, no mesmo ano, o prático ROMÃO JOSÉ DE OLIVEIRA de explorar o rio Juruá.

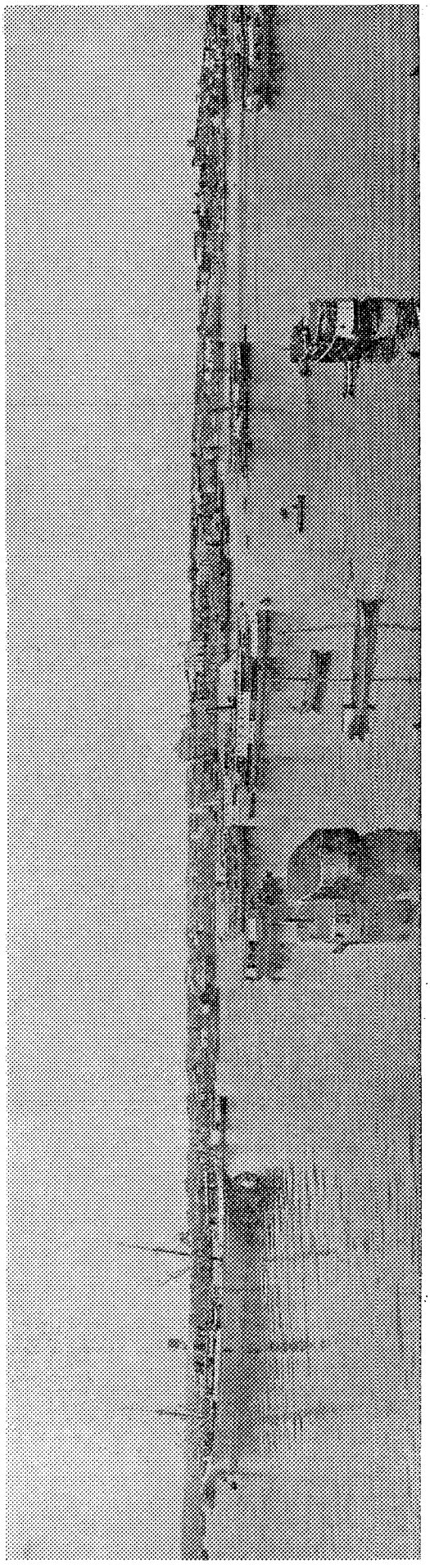
O povoamento dar-se-ia contemporaneamente, mercê do entusiasmo comunicatvo de URBANO, que se tornou "o mediador entre as gentes novas que buscavam aquele rio e as tribus bravias, que lhe ocupavam as margens".

"Principiou, por essa época, a localização dos brancos. Até então, apenas no médio Purús, habitava um preto, de nome HIGINO".

"Os povoadores encontravam para os seus negócios, esclareceu ainda A. REIS, seringa, salsa, castanha, óleo de copaíba, manteiga de tartaruga e outros gêneros, que comerciantes de Manaus, Anamã e Manacapurú iam extrair no Mucuim e no Tapauá. Em 1857 o imigrante cearense João GABRIEL DE CARVALHO E MELO, com quarenta famílias do Maranhão e do Ceará, estas tangidas para aquela Província pela sêca de 1845, estabeleceu-se perto da foz do Purús, no Itapá, de onde se deslocou, em 1862, para o Berurí, e para o Tauariá, entre o igarapé Mapixi e a ilha do Purupuru-Carneira, onde iniciou o cultivo da salsa".

Foi ainda CARVALHO E MELO que, auxiliado pelos retirantes de 1877, iniciaria o devassamento do Acre. E assim "segundo LABRE, em 1879, já havia no Purús e seus afluentes 25 000 habitantes".

Ao findar o século, contaria o Acre cêrca de 60 000, conforme avaliou RIO BRANCO.



Manaus — Panorama geral da cidade e pôrto, em 1902.

O cearense, nome pelo qual mais geralmente se tornou conhecido o nordestino,[19] pela afluência maior dos filhos do Ceará no trágico êxodo, ao trocar o ambiente ressequido e sobremaneira aclarado, pelo sombrio, em que sobeja a umidade, preferiu mudar inteiramente de profissão, para se dedicar à produção da borracha, que lhe abrasava o entusiasmo aventureiro, rios a dentro, até às mais remotas cabeceiras.

Seria radical a transformação, por meio do trabalho, diferente do costumeiro, da alimentação, da segregação no seio da floresta.

Lavrador, ou vaqueiro, no torrão natal, onde o olhar se espraia, não raro, por amplos horizontes, acostumou-se à espontânea cooperação nos motirões, em que se reúne a vizinhança para as tarefas superiores ao esfôrço de um só obreiro...

Em tal emergência enfeixam-se as energias individuais, orientadas para a tarefa escolhida, em benefício de quem a promoveu, daí por diante obrigado a retribuir aos parceiros iguais serviços.

Na Amazônia, o sistema, que se desenvolveu, afastava uns dos outros os sertanejos, cuja exis-

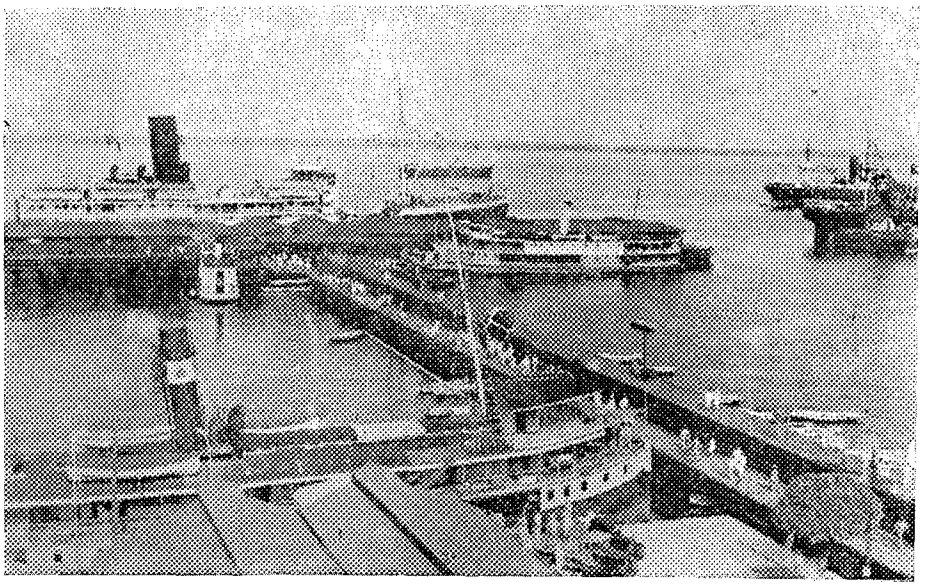
---

[19] O nordestino, transferido para a Amazônia, também recebeu a denominação de *paroara*, embora êste gentílico primitivamente correspondesse apenas à significação que registou ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA em sua *Miscelânia Histórica* de 1874; "paroara — assim se diz pela língua da terra dos naturais do Pará" — (*Brasiliana* — 144).

tência iria desdobrar-se de maneira afeiçoada ao regime espontaneamente estabelecido.

Constituiu-se, a propósito, a cadeia de interêsses, que enlaçavam, das florestas ao alto comércio de exportação, os trabalhadores, denominados "seringueiros", aos patrões, que eram "seringalistas", e seus fornecedores, negociantes atacadistas nas praças de Belém e Manaus, a quem se aplicava o apelido de "aviadores", por aviarem aos seus fregueses, ou "aviados", os pedidos de gêneros, mercadorias, até adiantamento de numerário, por sua vez ligados aos exportadores, a quem recorriam, quando minguados de capital circulante.

No primeiro círculo principalmente, manifestar-se-iam as consequências do isolamento em que viveriam os desarraigados de suas querências.



Manaus — Vista parcial do pôrto.

Contratados pelo possuidor de terras, onde medrassem as héveas, começavam os recenchegados por vender-lhe a futura safra, por conta da qual recebiam o fornecimento do que mais necessitassem.[20]

Munidos de carabinas e munições, que lhes garantissem a carne verde, proporcionada pela caça, de conservas alimentícias, de vestimenta, e artigos imprecindíveis, internavam-se, rio acima, até o sítio, onde construíriam o seu rancho de pachiúba, colmado de palmas.

---

[20] A propósito da aplicação do instituto da posse, à revelia das autoridades governativas, ensina historiador bem informado:

"As terras iam sendo ocupadas sem a intervenção legal. O povoador situava-se onde bem entendia, levantava o seu abarracamento e se atirava, com a ajuda do indígena, à colheita das espécies vegetais que Manaus comprava. Nada de legalizar títulos, nada de aquisição regular das faixas de terra que desbravava. Era o domínio da terra de todos. Quem chegava primeiro era o senhor. Mandava e todos obedeciam. Em 1862, quando SILVA COUTINHO subiu o rio, até Hiutanaã, encontrou quatorze sítios ou barracas, desde a foz (sítio de Canutama), que MANUEL URBANO desbravara com auxílio dos Pamerís". (ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS — *A Conquista do Acre*).

Daí partiriam as "estradas", rótulo pomposo de tôscas "picadas" ziguezagueantes, que lhes competiam abrir, de árvore a árvore, em número suficiente para a colheita habitual.

A caminhada diária limitaria a área entregue a cada um, em que não poderia penetrar o parceiro contíguo, sob pena de prejuízos recíprocos.

A componente agremiadora diluía-se na floresta, com o afastamento dos seus habitantes, cujas ligações apenas se mantinham pela navegação fluvial mais ou menos morosa e espaçada.[21]

Como fôsse desprezada a distribuição de horas de serviço para a lavoura, quando não proibida terminantemente pelo seringalista, os alimentos provinham, fora da caça e da pesca, das conservas algum tanto deterioradas, ou pelo menos destituídas de elementos essenciais à nutrição.

Em consequência, desencadeou-se grave epidemia de morbos fatais, que malignaram a fama da Amazônia.

Ao examinar-lhes as características, ARAÚJO LIMA, conhecedor sagaz das peculiaridades regionais, atribuiu-lhes a causa à carência de vitaminas, causada por defeituosa alimentação.

A contraprova seria proporcionada pelos ensinamentos da crise derreante, quando se viu obrigado cada seringueiro a agricultar a sua gleba, uma vez que o preço da borracha não mais daria para esbanjamentos nos armazéns dos aviadores, também alcançados pela falência generalizada.

Na quadra faustosa, porém, cujo declínio começou logo após o fastígio de 1910, não sobejava atenção para a organização de cardápios racionais.

Todos os esforços convergiam para o "fabrico" promissor, cujos produtos, de pêso próximo a 40 000 toneladas em 1910, valiam 15$000 e até 17$000 por quilo, antes que as plantações do Oriente abarrotassem os mercados consumidores com a sua colheita crescente, ocasionando a

---

[21] Não obstante ser a via fluvial quase a exclusivamente frequentada na Amazônia, a navegação regular só principiou a 1.º de Janeiro de 1853, por esforços de IRINEU EVANGELISTA DE SOUSA.

"Foi, pois, o *Marajó*, escreve um sabedor dos fatos regionais, o primeiro navio mercante de vapor que sulcou as águas do grande rio (de Belém a Manaus), tendo sido precedido, porém, pelos navios de guerra *Guapiassú* e *Tetis*, dos quais o primeiro partira de Belém em 28 de Julho de 1843, conduzindo uma comissão enviada pelo govêrno Imperial para explorar o rio Branco, composta do coronel FREDERICO CARNEIRO DE CAMPOS, do capitão de engenheiros INOCÊNCIO VELOSO PEDERNEIRAS e do engenheiro TOULOIS. Êsse mesmo navio voltou a Manaus para conduzir o primeiro presidente inaugurador da Província do Amazonas, JOÃO BATISTA DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA, que tomou posse em 1.º de Janeiro de 1852". (*Dicionário Histórico-Etnográfico do Brasil* — Vol. II).

A abertura do Amazonas aos "navios mercantes de tôdas as nações" verificou-se a 7 de Setembro de 1867, em virtude do Decreto 3 749 de 7 de Dezembro anterior.

Depois dessa data, organizou-se em Londres a "Amazon Steam Navigation Company Ltd.", à qual IRINEU EVANGELISTA, Barão de Mauá, transferiu o contrato de sua emprêsa.

E outras surgiram, com o propósito de distender linhas de navegação por todos os afluentes que propiciassem desenvolvimento econômico.

Assim, "em 1869 a Companhia Fluvial do Alto Amazonas dava início ao serviço (de navegação do Purús) até Hiutanhaã, com o vapor "Madeira". "A navegação a vapor abriu, então, perspectivas magníficas à colonização do grande vale.

De par com os barcos da "Fluvial" outras emprêsas particulares concorreram.

Cêrca de quarenta regatões, em barcos a vela, partindo de Manaus, Manacapurús, Anamã, Codajaz, corriam o Purús".

(A. REIS — *A Conquista do Acre*).

depreciação progressiva da borracha até cêrca do décimo daquele valor entonteante.[22]

A contribuição asiática, montante apenas a 8 200 toneladas em 1910, já suplantava, decorridos três anos, não só a da Amazônia, como a do Brasil, por atingir a 47 618. Em consequência da desvalorização resultante de tão repentino aumento da produção mundial, ruiu tôda a indefesa estrutura econômica amazônica escorada na borracha.[23]

Os seringueiros, assoberbados pelas dívidas contraídas com os seus patrões, por mais que forcejassem, já não obteriam, no encontro de contas, os saldos de fim de safra, a que se achavam acostumados para as suas prodigalidades nos centros urbanos, em que esqueciam, por meses de divertidas férias, entre safras, a penosa labuta à sombra das florestas imponentes.

Por seu lado, os patrões, com o triplo, embora, da colheita anterior, mal lograriam amortizar pequena parte de dívida contraída com os fornecedores, cujas finanças também se desequilibraram irremediavelmente.

Exportador houve que, mandando o seu carregamento para o mercado londrino, verificou, em má hora, que o resultado da venda mal daria para cobrir as despesas de transporte desde os seringais distantes.

---

[22] A crise, que prostrou a Amazônia, define-se por cifras eloquentes, que dolorosamente contestaram o conceito do Dr. VENCESLAU BELO, quando ao tratar da *Indústria Extrativa*, em *O Brasil — suas riquezas naturais*, comentou: "Dizem alguns escritores que as colônias asiáticas esperam com o cultivo das héveas conquistar ao Brasil a hegemonia na produção do *Pará rubber*, ou seringa.

Vã esperança parece-nos essa, por mais remuneradora que seja atualmente a cultura da seringueira nessas regiões".

Todavia, a realidade não tardaria a contrariar-lhe a previsão otimista, baseada nas cifras anteriores a 1907.

As cotações em Liverpool subiram constantemente de 7$600 em 1903 a 8$400 no ano seguinte, por quilo, para alcançar a média de 14$550 em 1910, com o máximo em algumas transações, de 17$200.

Fomentada por tamanho lucro, a produção amazônica montaria a

39 452 toneladas em 1909
38 000 " " 1910

quando a produção mundial ainda permanecia na casa de 70 000 toneladas.

Já em 1912, a cotação baqueava a pouco mais de 7$000, e escorregava pelo plano inclinado, que iria terminar no convênio restritivo da produção, entre os plantadores de Ceilão, quando a indústria extrativa na Amazônia agonizava em triste colapso.

[23] A contribuição da borracha para a economia nacional, a que devem Manaus e Belém os esplendores de capitais modernas, põe-se de manifesto no resumo estatístico referente a 1905, que lhe estimou a exportação em 226.174:217$000, logo abaixo do café, no valor de 324.681:261$000.

Em seguida ao apogeu de 1910, e à medida que subia o contingente das seringueiras plantadas, baqueava a produção brasileira, como apontam as cifras a seguir:

PRODUÇÃO DO ORIENTE		PRODUÇÃO DO BRASIL	
ANOS	Toneladas	ANOS	Toneladas
1910	8 200	1910	40 800
1915	107 867	1915	37 220
1920	304 816	1920	30 790
1925	481 955	1925	27 380
1930	800 808	1930	17 137
1932	701 360	1932	6 550
1934	999 852	1934	10 540
1935	843 197	1935	13 330
1939	966 761	1939	15 070

E por isso, a borracha, depois de ter figurado com a porcentagem de 39,1 % no valor da exportação brasileira em 1910, (376.972:860$000 em total de 939.413:649$000), restringiu-se a 0,4 % em 1932, para ir ronceiramente subindo até 1,56 % em 1940.

Daí se causou a derrocada na economia regional, que transformou, ainda uma vez, os hábitos dos moradores, por forçá-los a recorrer à agricultura para a própria subsistência.

Os mesmos seringueiros, que desprezavam o amanho do solo, como inadequado aos produtores de borracha, não tiveram dúvida em experimentar-lhe a promissora fertilidade, que os surpreendeu.

Persistiram nas terras ocupadas, cujos proprietários sossobraram financeiramente.

E hoje, dos destroços da organização fracassada, ressurge a Amazônia, robustecida pela sua agricultura nascente, que facilita a manutenção da produção extrativa, a que se acha predestinada, desde a era colonial, quando as "drogas do sertão" proporcionavam preciosos artigos de escambo mercantil.

Depois, o cacau, a castanha, a balata, além de madeiras várias, absorveram, cada qual a seu tempo, ou simultaneamente, até a atualidade, os esforços dos habitantes, fôssem os desambiciosos caboclos amazonenses, fôssem os imigrantes, seduzidos por excitantes promessas de enriquecimento fácil.[24]

A lavoura modernamente entra a corrigir os defeitos das explorações apressadas e destituídas, até então, de base firme de apoio.[25]

[24] Depois do colapso, causado pela desvalorização da borracha, os produtos da indústria extrativa ainda figuraram nos quadros estatísticos da maneira abaixo:

1933

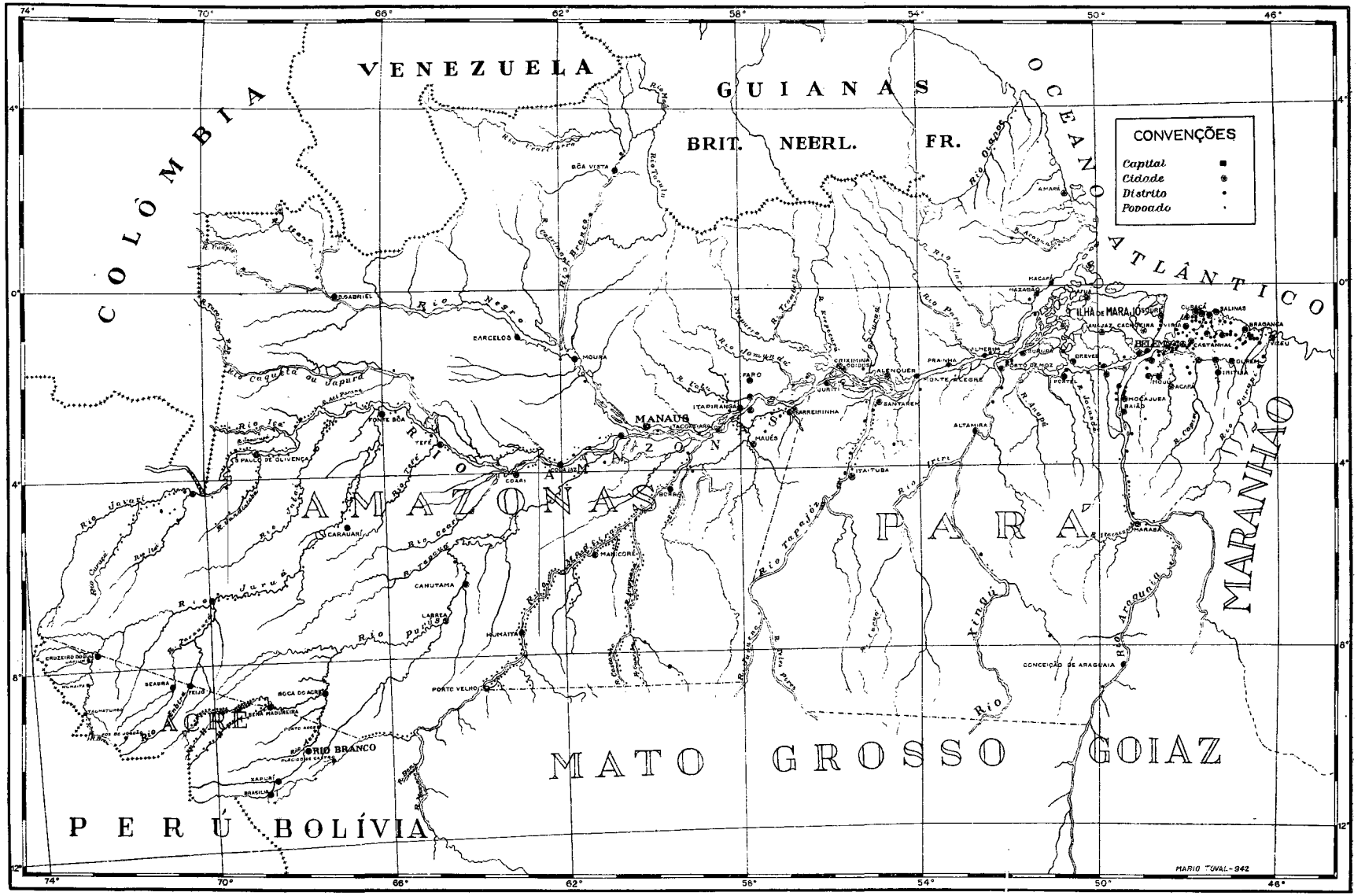
ESTADOS	BORRACHA		CASTANHA	
	Toneladas	Valor em contos de réis	Toneladas	Valor em contos de réis
Pará	2 262	5 189	19 668	19 805
Amazonas	4 511	10 348	14 339	16 298
Acre	2 822	6 474	2 632	2 614
Total	**9 595**	**22 011**	**36 639**	**38 717**

1936

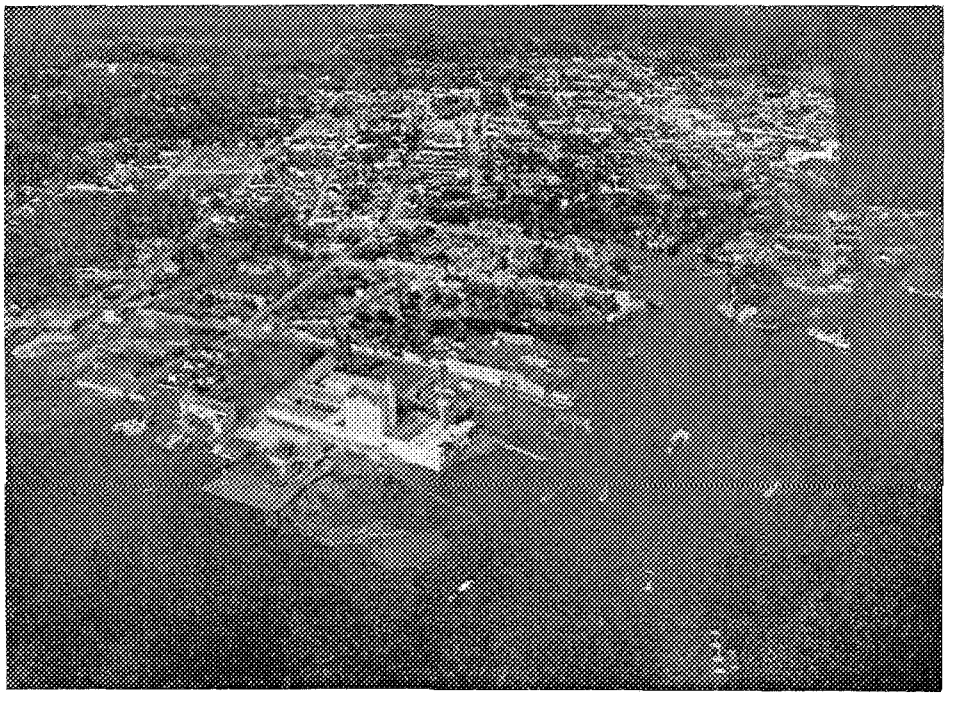
ESTADOS	BORRACHA		CASTANHA	
	Toneladas	Valor em contos de réis	Toneladas	Valor em contos de réis
Pará	4 436	22 774	14 050	26 526
Amazonas	5 813	29 843	19 038	32 288
Acre	5 647	28 990	5 404	10 202
Total	**15 896**	**81 607**	**38 492**	**69 016**

[25] O valor, em contos de réis, das principais culturas agrícolas, em que predomina o arroz, a mandioca, destinada a farinha, o milho, o feijão, cana para açúcar, orçou pelos números seguintes:

ESTADOS	1933	1934	1935	1936
Pará	33 893	28 580	28 579	38 029
Amazonas	5 249	5 815	6 016	6 419
Acre	4 986	5 946	5 910	6 515
Total	**44 128**	**40 341**	**40 505**	**50 963**



Mapa elaborado na 3.ª Secção, de Cartografia, do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica. — Os pontos indicativos de cidades, vilas e povoados ao longo dos rios, em contraste com a carência de análogos símbolos fora das margens que reteem os agrupamentos humanos, assinalam a marcha colonizadora que praticamente desconhece outras estradas de penetração além das fluviais.



Manaus — Vista parcial da cidade.

Tôdas as atividades, porém, continuam à beira dágua.

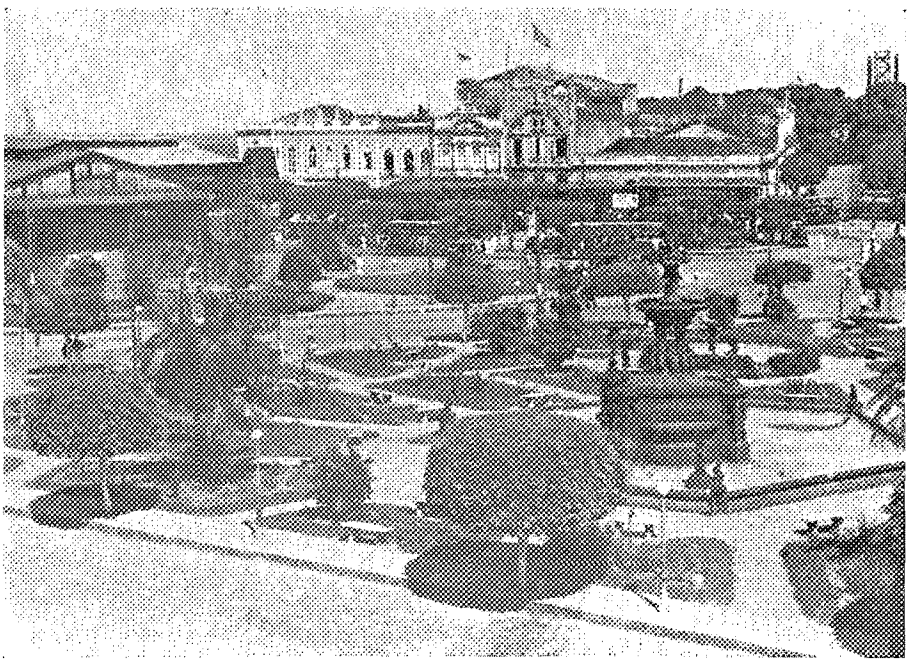
Os rios, que imprimem feição inconfundível à planície amazônica, atraíram de mais a mais a curiosidade investigadora tanto dos pioneiros, que os devassaram, como dos geógrafos e naturalistas, que lhes examinaram a portentosa floresta marginal, a opulência de sua fauna,[26] especialmente ictiológica, as peculiaridades da economia regional, desenvolvida quase exclusivamente em suas proximidades, desde os tempos precabralianos, quando os agrupamentos ribeirinhos flanqueavam-lhe de clareiras habitadas os cursos extensos e plácidos, onde cuidavam da cerâmica, da arte plumária, de artefatos de fibras vegetais e da escassa lavoura, que lhes completava a nutrição baseada na caça, pesca e frutos silvestres.[27]

Apesar das arrasadoras invasões das tropas de guerra, e do tráfico despovoador doutrora, instituído pelos resgates de prisioneiros, a população nativa resistiu ao extermínio, para avultar como elemento predominante na Amazônia, onde a primitiva indústria extrativa não encontrou obreiro mais atilado e prestadio.

---

[26] Lê-se, a propósito, em RAIMUNDO MORAIS — *Na Planície Amazônica*:
"Enquanto SPIX avaliava em 700 as famílias ictiológicas no Brasil, AGASSIZ, quarenta anos depois, só na Amazônia encontrava 2 000, número duplo das existentes no Mediterrâneo e superior a tôdas as conhecidas no Atlântico.
Pobre de beijaflores, porque a flor silvestre quase não existe na mata amazônica, o vale é rico de 14 712 espécies animais, 8 000 completamente novas e discriminadas por BATES nos seus dez anos de peregrinação em Tefé.
Entre os macacos de cauda preensora, contam-se 38 qualidades. WALLACE, o êmulo de DARWIN, colecionou 500 famílias de pássaros.
E no raio de uma hora, nas imediações de Belém, os entomologistas catalogaram 700 variedades de borboletas, quando as Ilhas Britânicas só possuem 66 e a Europa tôda 399".

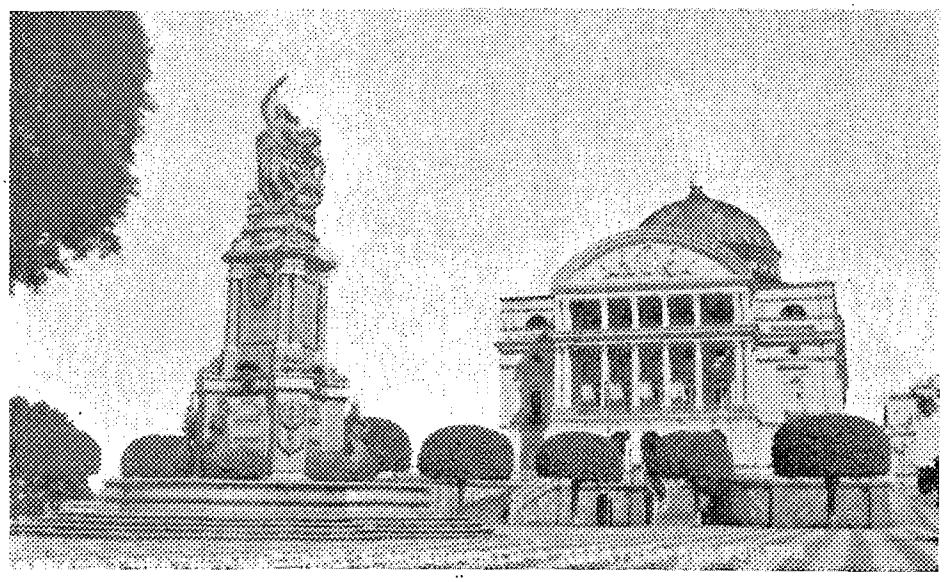
[27] A opulenta bibliografia referente à Amazônia encontra-se em outra secção desta REVISTA.



Manaus — Praça Osvaldo Cruz.

Depois, o cearense, transfigurado à sombra dos seringais, estadeou a sua compleição resistente, apesar do descaso pela conservação da própria higidez orgânica.

E, assim, o devassamento da Amazônia, acompanhado da ocupação, bem que ainda rarefeita, progrediu por fases sucessivas, em que o elemento forasteiro dominou politicamente, de chegada, para ser todavia suplantado, em outras formas da atividade humana, pelos nativos de quem adotou usos e costumes, tradições e processos industriais, idéias



Manaus — Teatro Amazonas e Monumento à Abertura dos Portos.

e sentimentos e até as particularidades do seu linguajar, com que se enriqueceu o vocabulário vernáculo, mercê da atuação perseverante e conservadora das morenas das selvas, em cujos filhos se processou a fusão de duas raças.

Assimilados os costumes indígenas, que derivavam da adaptação da vida humana ao *habitat* amazônico, desdobraram-se os povoados, [28] que opulentam a toponímia de origem ameríndia, sempre às margens dos rios, como a colonial vila da Barra, para onde se transferiu a sede governativa, transfigurada em moderna capital — Manaus —, nome evocativo da tribu outrora dominante na região, que exuberantemente comprova, como igualmente Belém, as aspirações progressistas de suas respectivas populações [29] e eficientes aptidões para realizá-las a primor.

---

[28] A população, declarada pelos recenseamentos, corresponde a

ESTADOS	1872		1890		1920		1940
	Nacionais	Estrangeiros	Nacionais	Estrangeiros	Nacionais	Estrangeiros	Dados do Recenseamento, sujeitos a revisão
Pará	268 708	6 529	324 416	4 039	960 859	22 648	949 808
Amazonas	55 411	2 199	144 638	3 277	346 091	17 075	449 077
Acre	....	....	....	....	88 808	3 571	81 326

[29] Tanto Belém, que se abeira do rio Guamá e da baía guajarina, comunicantes com o estuário do Amazonas, como igualmente Manaus, à margem do rio Negro, de cuja confluência se avizinha, ostentam em suas feições peculiares, em suas iniciativas culturais, nos edifícios e melhoramentos urbanos, apropriada aplicação dos recursos financeiros derivados da produção extrativa que se canalizava para essas capitais na quadra de opulência da Amazônia.
Beneficiaram-se às maravilhas com a alta cotação da borracha, cuja depreciação lhes causou perturbador abalo, que, todavia, lhes despertou adormecidas energias para sobreviverem e prosperar de novo, amparadas em outras atividades econômicas.

*

RESUMÉ

L'étude des explorations principales de l'Amazone et du peuplement de la vallée de ce fleuve majestueux est résumé dans cet article de VIRGÍLIO CORREIA FILHO, assistant technique du C. N. de G. Au début, il raconte le voyage plein d'aventures de FRANCISCO ORELLANA qui fut le compagnon de GONÇALO PIZARRO dans l'oeuvre de défrichement du pays de la cannelle et qui, s'éloignant à la recherche de vivres, arriva, par un de ses tributaires, au fleuve nommé Marañon, le 12 février 1542, poursuivant ensuite son voyage en pays inconnu. FRANCISCO ORELLANA emploie la violence pour forcer les indigènes à lui livrer des réserves de leur récoltes; ceux-ci répondent avec les armes dont ils disposent. L'explorateur navigue, pour ainsi dire, entre deux rangs d'indigènes rougeâtres qui empoignent la flèche sûr les deux rives du fleuve. En arrivant à la confluence du puissant affluent, il est retenu, dans sa marche singulière, par une légion de combattants nus, aux longs cheveux, dont les traits lui semblaient féminins. C'est de là qu'est né le nom de l'Amazone, nom qui se substitua au Marañon des indigènes et au Paraná-Guassú, du cours inférieur, où le fleuve semble un bras de la mer, tellement sont grandes ses proportions !

L'occupation effective de l'Amazone, cependant, a commencé avec les forts hollandais et anglais qui s'établirent de Gurupá au Xingú; ces forts furent attaqués, pendant dix ans, par les luso-brésiliens, jusqu'à 1632, époque où le fort de Camaú fut réduit au silence.

La vallée fut alors fréquentée, et les premiers habitants établirent à Belém la base de leurs opérations. C'est de cet endroit que partit l'expédition de P. TEIXEIRA, laquelle grâce à son organisation, put vaincre les obstacles que lui opposa le courant.

C'est ainsi qu'ORELLANA réussit à atteindre le port de Paiamina, d'o'ù il marcha sur Quito pour se présenter aux autorités péruviennes.

Au retour, il fut accompagné par les jésuites CRISTÓVÃO D'ACUNA e ANDRÉ D'ARTIEGA; CRISTÓVÃO D'ACUNA devait écrire la *"Nouvelle découverte du grand fleuve Amazone"*.

Après l'expédition de PEDRO TEIXEIRA la grande voie fluviale n'eut plus de mystère; elle fut ouverte à la pénétration des habitants du pays. Il restait, cependant, ses affluents à explorer: ce sont les troupes de guerre ou de rachat qui se sont occupées de cette tâche.

Ces mêmes routes fluviales ont servi aussi aux missionnaires de différents ordres réligieux qui, par des moyens pleins de douceur, réussirent à amener les indigènes au commerce avec les blancs leur assurant une excellente collaboration.

Jusqu'au moment de la grande sècheresse de 1877, qui poussa les habitants du Nord-est vers l'industrie du caoutchouc, la population régionale de l'Amazone était constituée d'indigènes. Ao cours de la pénétration accompagnée d'occupation, cette population, quoique bien faible, a eu des alternatives de progrès. Tantôt l'élément étranger domina politiquement à son arrivée; tantôt, il fut supplanté, dans certaines formes de l'activité humaine, par les indigènes, qui lui enseignèrent les usages et les habitudes, les traditions et les procédés industieles, les idées et les sentiments, voir même les particularités de sa langue, enrichissant de cette façon la langue nationale, grâce à l'influence persévérante et conservatrice des *morenas das selvas*, dont les enfants représentaient *la fusion de deux races*.

Les costumes indigènes, nés du besoin d'adaptation de la vie humaine à l'habitat de l'Amazone, furent assimilés; ensuite, les foyers de population se multiplièrent ,portant la toponymie d'origine amérindiènne, se localisant toujours sur les rives des fleuves, comme cette petite ville coloniale de *Barra*, qui abrita le gouvernement primitif et qui se transforma en une capitale moderne, Manáos, dont le nom évoque la tribu autrefois dominante dans la région. Ce fait démontre à la fois l'aspiration au progrès des populations de l'Amazone et son aptitude à le réaliser.

RESUMEN

El estudio de las exploraciones principales del río Amazonas y del poblamiento de su valle majestuoso es resumido en este articulo de VIRGÍLIO CORREIA FILHO, asistente técnico del Consejo Nacional de Geografía.

Comienza por narrar la historia del viaje aventurero de FRANCISCO ORELLANA, compañero de GONZALO PIZARRO, en la exploración del País de la Canela, de donde se alejó, en un bergantín, en busca de provisiones.

Rodando por uno de sus tributarios, alcanzó el rio llamado Marañon el 12 de febrero de 1542, y prosiguió por el desconocido.

Para forzar a los indios a contribuir con la reserva de sus cosechas emplea la violencia, a que los naturales contestan con las armas que disponen.

Navega a bien decir entre alas de flecheros rojizos, de una y otra margen del río.

Al llegar frente a la hoz del voluminoso afluente le detine la marcha una singular legión de guerreros desnudos, de pelos largos, cujas facciones se le afiguran femeninas.

De esto se causó el nombre del río de las Amazonas, con que se haría conocido el Marañon de los índios, o Paraná Guazú, del curso inferior, donde más parece um brazo de mar, tan agigantadas son sus dimensiones.

La ocupación efectiva, con todo, comenzaría por los fuertes holandeses e ingleses, establecidos del Gurupá al Xingú, que los lusobrasileros asaltan, en belicoso decenio, terminado en 1632, cuando emudeció el reducto de Camaú.

El valle fué entonces frecuentado por los pobladores que establecieron en Belém su base de operaciones.

De allá partiría la expedición comandada por PEDRO TEIXEIRA, en condiciones de vencer los obstáculos que se le opondrían a la navegación contra la corriente.

Y así consiguió alcanzar el puerto de Payamina de donde se marcharía hasta Quito, a presentarse a las autoridades peruanas.

Al regreso, lo compañarían los jesuitas CRISTOBAL DE ACUNA y ANDRÉS DE ARTIEGA. Al primero de ellos tocaría la incumbencia de escribir el *"Nuevo Descubrimiento del gran Río de las Amazonas"*.

Después de la expedición de PEDRO TEIXEIRA ningún misterio se ocultaría en la larga via fluvial que se franqueó a la penetración de los exploradores.

Quedaban sin embargo sus afluentes, adonde las tropas de guerra o de rescates se encargarían de penetrar.

Por las mismas vias fluviales seguían también los missionários de varias órdenes religiosas que por medios blandos conseguirían la incorporación de los salvajes a la sociedad de los blancos, de quienes *se hicieron excelentes colaboradores*.

Constituyeron los indígenas la mayoria de la población regional, antes que, en el siglo pasado, la industria de la goma atrayese los nordestinos, desde la gran sequía de 1877.

Y así la penetración de la Amazonia, acompañada de la ocupación aunque poco densa, prosiguió por fases succesivas, en que el elemento extraño dominó politicamente al llegar, para ser todavía vencido en otras formas de actividades humanas por los nativos (criollos), que les enseñaron hábitos, tradiciones y procesos industriales, ideas y sentimientos, hasta las particularidades de su lenguaje que enriqueció el vocabulario vernáculo, merced de la actuación constante y conservadora de las morochas de las selvas, en cuyos hijos se procesó la fusión de las dos razas.

Asimiladas las costumbres indígenas, que provenían de la adaptación de la vida humana al habitat amazonense, se desdoblaron los pueblos, que enriquecen la toponimia de orígen amerindio, siempre a las márgens de los rios, como la colonial villa de la Barra, para donde se transfirió la capital gobernativa, transfigurada en moderna ciudad, Manaus, nombre evocador de la tribu que en otros tiempo dominaba la región, que exuberantemente comproba las aspiraciones progresistas de las poblaciones amazónicas y eficientes aptitudes para realizarlas primorosamente.

RIASSUNTO

VIRGÍLIO CORREIA FILHO, assistente tecnico del Consiglio Nazionale di Geografia, riassume la storia delle principali esplorazioni del Rio delle Amazzoni e del popolamento della sua vasta valle.

Comincia col racconto del viaggio avventuroso di FRANCISCO DE ORELLANA, che fu compagno di GONÇALO PIZARRO nella esplorazione del Paese della Cannella, e che si allontanò da lui, in un brigantino, alla ricerca di viveri. Discendendo uno dei suoi affluenti, raggiunse il 12 febbraio 1542 il fiume chiamato Marañon, e proseguì per il su corso ignoto. Per costringere gli indigeni a fornirgli viveri, attinti alle loro riserve, ricorse alla violenza, cui essi risposero con le armi. Continuò la navigazione fra schiere di Indî che tiravano frecce dalle due rive del fiume. Arrivato allo sbocco del grande affluente, gli si parò dinanzi una strana legione di combattenti nudi. coi capelli lunghi, i cui tratti gli parvero femminili. Questo fatto diede origine al nome di Rio delle Amazzoni, col quale fu conosciuto il Marañon degli Indî, o Paraná Guassú, del corso inferiore, che per la sua colossale ampiezza appare come un braccio di mare.

L'occupazione effettiva però cominciò quando gli Olandesi e gli Inglesi si stabilizono in posizioni fortificate fra il Gurupá e lo Xingú, che poi e Luso-brasiliani attaccarono, in dieci anni di guerra, terminati nel 1682 con la resa del ridotto di Camaú.

La valle cominciò allora ad essere popolata da pionieri, che fissarono la loro base di operazioni in Belém. Da questa città partè la spedizione comandata da PEDRO TEIXEIRA, equipaggiata in modo da poter vincere gli ostacoli che si opponevano alla navigazione contro corrente. Raggiunse il porto di Paiamina, donde si diresse verso Quito, per presentarsi alle autorità peruviane. Nel ritorno fu accompagnata dai gesuiti CRISTÓVÃO D'ACUNA e ANDRÉ D'ARTIEGA, il primo dei quali scrisse poi il "Nuevo Descubrimiento del gran Rio de las Amazonas". Dopo la spedizione di PEDRO TEIXEIRA, non rimase nessun mistero nella lunga via fluviale che si aprì alla penetrazione dei "sertanistas". Restavano gli affluenti, che le missioni militari si incaricarono di esplorare.

Le stesse vie fluviali erano risalite anche dai missionari dei vari ordini religiosi, i quali con la persuasione riuscirono ad adattare gli indigeni alla convinvenza coi bianchi, e a farne degli eccellenti collaboratori.

La maggior parte della popolazione della regione era costituita da indigeni. prima che. nel secolo scorso, l'industria della gomma cominciasse ad attrarvi gli abitanti del Nord-Est, dopo la grande secca del 1877.

Così l'esplorazione dell'Amazzonia, accompagnata dall'occupazione quantunque ancora poco densa, progredì in fasi sucessive, in cui l'elemento forestiero dominò politicamente in principio, superato tuttavia in altre forme di attività umana dagli indigeni, i quali insegnarono ai nuovi venuti usi e costumi, tradizioni e processi industriali, idee e sentimenti, e perfino particolarità del loro linguaggio, che arricchirono il vocabolario proprio del paese, per lo sforzo perseverante e conservatore delle donne indie, nei cui figli si attuò la fusione delle due razze.

Assimilati quegli usi indigeni, che meglio corrisponderano all'adattamento della vita umana all'ambiente dell'Amazzonia, si svilupparono i villagi che arricchiscono la toponomastica di origine amerindia, sempre sulle rive dei fiumi. Sorse anche la città coloniale di Barra, che divenne sede del governo, e che, mutato il nome, si sviluppo formando l'odierna capitale Manaus, il cui nome ricorda la tribù che in altri tempi dominò la regione. Questa città, moderna ed attiva, attesta le aspirazioni al progresso delle popolazioni amazzoniche e la loro capacitá di tradurle in atto.

SUMMARY

The study of the main explorations of the Amazon River and of the settlement of its magestic valley is condensed in this article by VIRGÍLIO CORREIA FILHO, technical assistant to the National Council of Geography.

He starts by narrating the adventurous voyage of FRANCISCO DE ORELLANA, companion of GONÇALO PIZARRO, in opening up the Cinnamon Country, and from whom he separated while looking for provisions in a barquentine. Following one of its tributaries he reached the river called Marañon on the 12th February, 1542 and continued his quest of the unknown.

In order to force the natives to contribute with their reserve crops he resorted to violence, to which they replied with the arms at their disposal. He sailed literally between rows of red-skinned bowmen on both banks of the river. Upon nearing the mouth he was faced with a legion of long-haired, native warriors, whose features seemed very feminine. Hence the reason for the name Amazon, by which would become known the Marañon River of the Indians, or the Paraná-guassú, in the lower course, where it looks more like an arm of the sea, so vast are its dimensions.

Its effective occupation, however, commenced only with the establishment of Dutch and British forts from the Gurupá to the Xingú, which the Portguese and Brazilians attacked during a warlike decade, ending in 1632 with the silencing of the redoubt of Camaú.

The valley then became frequented by the settlers who made their base of operations in Belém, Pará. Thence set out the expedition commanded by PEDRO TEIXEIRA, qualified to overcome the obstacles it might meet in the upstrean navigation of the river. Thus it succeeded in reaching the port of Paiamina, whence it proceeded to Quito and reported to the Peruvian authorities.

On the way back they were joined by the Jesuits CRISTOVAM D'ACUNA and ANDRÉ D'ARTIGA, the former having later written the book "Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas".

After PEDRO TEIXEIRA's expedition no mistery remained in the long river road, which was opened to the penetration of pioneers.

There remained, however, its tributaires, which the War, or Ranson Troops undertook to explore.

Along the same river route followed also the missionaries of various religious orders, who obtained by gentle means the incorporation of the Indians to the community of the whites, of whom they became excellent collaborators.

The natives constituted the majority of the regional population previous to the rubber industry having attracted, during the last century, the Northeasterners, since the great drought of 1877.

Thus the opening up of Amazonia, followed by its occupation, though still sparse, progressed by successive phases in which the newcomers dominated politically at first, to be, however, later supplanted in other forms of human activity by the natives, who taught them their own usages and habits, traditions and industrial processes, ideas and sentiments, and even the peculiarities of their language. In this way the vernacular was enriched thanks to the persevering and conservative action of the dusky beauties of the jungle, in whose offspring the fusion of the two races took place.

Having assimilated the Indian habits, which were a result of the adaptation of human life to the Amazonian habitat, the settlements multiplied and increased the toponimy of Amerindian origin, always on the banks of the river.

Such was the case of the colonial village of Barra, whither the seat of government was transferred, which transformed itself into the modern capital of Manaus — a name which recalls the erstwhile dominating tribe of that region —, thus abundantly proving the progressive aspirations of the Amazonian populations and their efficient ability to carry them out to perfection.

ZUSAMMENFASSUNG

Im vorliegenden Artikel von VIRGÍLIO CORREIA FILHO, dem technischen Assistent im Nationalen Rat fuer Geographie wird eine Studie vorgelegt ueber die hauptsaechlichsten Erkundigungen ueber den Amazonasfluss und ueber die Bevoelkerung seines majestaetischen Tales.

Er beginnt mit der Erzaehlung der abenteuerlichen Reise des FRANZISCUS DE ORELLANA, der bei der Bezaehmung des LANDES CANELA ein Begleiter des GONÇALO PIZARRO war. Von jenem hatte er sich, auf der Suche nach Lebewesen, mit einer Brigg entfernt. Zusammen mit einem seiner Untergebenen gelangte er am 12. Februar 1542 an den sogenannten Fluss Marañon und stiess dann weiter ins Unbekannte Land vor.

Um die Eingeborenen dazu zu zwingen, die Reserven ihrer Ernten abzuliefern, wendet er Gewalt an, worauf diese mit ihren Waffen antworten, die sie besitzen. So faehrt er sozusagen zwischen blutigen Pfeilfedern von einem Ufer des Flusses zum anderen. Beim Erreichen der Muendung des gewaltigen Zuflusses, vertritt ihm den Weg eine einzelne Legion von nakten Kaempfern, mit langen Haaren, die ihnen das Aussehen weiblicher Wesen geben. Daher stammt der Name "Amazonas", unter welchem der Marañon der Indios nunmehr bekant wurde, oder der Paraná Guassú, auf seinem unteren Flusslauf, wo er schon mehr einem Arme des Meeres gleicht, so ungeheuer und gewaltig sind seine Ausmasse.

Die wirkliche Besetzung jedoch beginnt durch die von den Englaendern und Hollaendern errichteten Forts von Gurupá bis Xingú, welche die Luso-Brasilianer waehrend eines ganzen kriegerischen Dezenniums immer wieder bestuermen und das im Jahre 1632 zu Ende beht, als der Hafendamm von Camaú errichtet wurde.

Daraufhin wurde das Tal durch die Ansiedler haeufig besucht, welche sich Belém waehlten als Base fuer ihre Unternehmungen.

Von dort aus brach die Expedition des PEDRO TEIXEIRA auf, um die Widerstaende zu brechen, die sich immer wieder der Schiffahrt oberhalb von Correnteza entgegenstellten.

Auf dem Rueckweg begleiteten ihn die beiden Jesuiten CRISTOVAM D'ACUNA und ANDRÉ D'ARTIGA, auf den ersteren der beiden fiel das Amt die Schrift "Neuentdeckung des grossen Amazonas--Flusses" zu verfassen.

Nach dieser Expedition des PEDRO TEIXEIRA verbarg sich auf dem langen Flusswege keinerlei Geheimnis mehr, der nun fuer weitere Eindringlinge freilag.

Nur noch blieben seine Zufluesse, welche sich die Kriegstruppen oder Schiffsbesatzungen zur Aufgabe machten, auszukundschaften.

Auf den selben Flusswegen folgten auch Missionäre verschiedener religioeser Orden, die mit sanften Mitteln die Einverleibung der wilden Staemme in die Gemeinschaft der Weissen erreichten, denen sie sich als ausgezeichnete Mitarbeiter erwiesen.

Die Eingeborenen stellten die gross Mehrzahl der Bevoelkerung dar, bis im vorigen Jahrhundert seit der grossen Duerre des Jahres 1877 die Gummi-Industrie die Nordstaatler anzog. Und so schritt die Erkundung des Amazonasgebiet, begleitet von der Besetzung desselben in aufeinander folgenden Abschnitten fort, in denn das auslaendische Element immer dominierend war. Tratzdem pflanzten die Eingeborenen ihre andere Lebensweise fort, sie lehrten den Neueinwanderern ihre Sitten und Gebraeuche, ihr Althergebrachtes und Handwerke, Ideen und Gefuehle, und sogar wurde die Landessprache mit Einzelheiten aus ihrem Sprachschatz bereichert, dank dem stetig konservativen Bewahren dieser Braunen des Urwaldes, in deren Soehnen die Mischung zweier Rassen liegt.

An die Eingeborenenbraeuche gewoehnt — durch die stete Lebensverbindung mit den Gewohnheiten des Amazonas — entfaltete sich sie Besiedlung immer an den Ufern des Flusses, wie zum Beispiel die Kolonie Villa da Barra, wohin spaeter der Regierungssitz verlegt wurde, in eine moderne Hauptstadt mit dem Namen Manáus umgewandelt. Ries war der Name des Stammes, der frueher in dieser Gegend geherrscht hatte, und allein schon diese Tatsache beweist ganz ueberfluessig das fortschreitende Ineinandergehen der amazonischen Bevoelkerungen und die tuechtigen Anstrengungen, sie von vorneherein zu realisieren.

RESUMO

La studo pri la ĉefaj esploroj de la riverego Amazonaso kaj pri la lokatiĝo de ties majesta valo estas resumita en tiu ĉi artikolo de VIRGÍLIO CORREIA FILHO, teknika asistanto de la Nacia Konsilantaro de Geografio.

Li komenciĝas historiante la aventureman vivon de FRANCISKO DE ORELLANA, kunulo de GONÇALO PIZARRO, ĉe la malsovaĝigo de la Lando l' Cinamo, de kiu li foriĝis, sur brigeto, serĉe de nutraĵoj. Veturante tra unu el ĝiaj enfluantoj, li atingis la riveron nomatan Marañon, je la 12a de Februaro de 1542, kaj daŭrigis sian vojaĝon tra nekonata regiono.

Por devigi la indiĝenojn kontribui per la rezervaĵo de siaj rikoltoj, li uzas la perforton, kiun la enlanduloj respondas per la armiloj, kiujn ili posedas.

Li veturas kvazaŭe tra inter vicoj da ruĝetaj sagpafistoj, starantaj sur la du riverbordoj. Kiam li estis vidalvide al la buŝo de volumena alfluaĵo, vidiĝas stranga legio da nudaj batalantoj, kun longaj haroj, kies aspektoj ŝajnis al li virinaj. De tio venis la nomo de rivero Amazonaso, per kiu iĝis konata la rivero Marañon de la indiĝenoj, aŭ Paraná Guassú, ĉe la malsupera kurso, kie ĝi pli bone ŝajnas marbraĥo, pro siaj tiel gigantaj mezuroj.

Tamen la efektiva okupado komenciĝus per la konstruado de la nederlandaj kaj anglaj fortikaĵoj, de Gurupá ĝis Xingú, kiujn la portugal-brazilanoj atakis, dum militema jardeko, kaj finiĝus en 1632 post la mutiĝo de la reduto de Camaú.

Tiam la valo iĝis multe vizitata de la loĝatigantoj, kiuj starigis en Belém sian agadan bazon.

De tie ekveturus la ekspedicio komandita de PEDRO TEIXEIRA, kiu sin preparis por venki la barojn, kiuj malhelpus la navigacion por la fortfluaĵo.

Kaj tiel li sukcesis atingi la havenon de Paiamina, de kie li marŝus al Quito por sin prezenti al la peruaj aŭtoritatuloj.

Ĉe lia reveno lin akompanus la jezuitoj KRISTOFORO D'ACUÑA kaj ANDREO D'ARTIEGA, al la unua el kiuj koncernus la tasko redakti la *"Nuevo Descobrimiento del gran Rio de las Amazonas"*.

Post la ekspedicio de PEDRO TEIXEIRA neniu mistero kaŝiĝus ĉe la longa rivervojo, kiu malfermiĝis al la penetrado de l' enlandvizitantoj.

Sed restis iliaj alfluajoj, kiujn la Militaj Trupoj aŭ tiuj de aĉetoj prenus sur sin la taskon esplori.

Tra la samaj rivervojoj sekvis ankaŭ la misiistoj de diversaj religiaj ordenoj, kiuj per miidaj procedoj sukcesis havigi la aliĝon de la sovaĝuloj al la kunvivo de la blankuloj, de kiuj ili fariĝis bonegaj kunlaborantoj.

La indiĝenoj konsistigis la plimulton de la regiona loĝantaro antaŭ kiam, en la jus pasinta jarcento, la kaŭĉuka industrio allogus la nordorientanojn, ekde la granda 1877a senpluveco. Kaj tiel la esplorado de Amazonio, akompanata de okupado, kvankam maldensa, progresis laŭ sinsekvaj fazoj, en kiuj la fremda elemento de la komenco superis politike, sed, ĉe aliaj formoj de homaj aktivecoj, estis superita de la enlandidoj, kiuj instruis al ili siajn uzojn kaj kutimojn, tradiciojn kaj industriajn procedoj, ideojn kaj sentojn, kaj eĉ la specialajojn de sia parolado, per kiu pliriĉiĝis la portugala vortareto, dank' al la konstanta kaj konservema aktiveco de la arbaraj brunulinoj, en kies filoj kunmiksiĝis la du rasoj.

Post la asimilado de la indiĝenaj kutimoj, kiuj devenis de la adapto de l' homa vivo al la amazona *habitat*, multobliĝis la domaroj, kiuj riĉigas la loknomaron el *amerindia* deveno, ĉiam borde de la riveroj, kiel la kolonia urbeto de Barra, kien translokiĝis la registara sidejo, ŝanĝita je moderna ĉefurbo, Manaus, nomo, kiu elvokas la tribon, kiu en la pasinta tempo superregis la regionon. Tio troabunde konfirmas la progresemajn aspirojn de la amazonaj loĝantaroj kaj ties efikajn kapablicojn por ilin perfekte plenumi.

O SOLO DA AMAZÔNIA

Prof. S. Fróis Abreu
Da Comissão de Redação da REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

A planície amazônica constitue uma feição fisiográfica da mais alta expressão na América do Sul. É uma vasta planície situada entre as elevações do Brasil Central e o maciço guianense e limitada a O. pelos enrugamentos andinos. A declividade é insignificante ao longo do rio Amazonas, entre a fronteira do Brasil e a foz. No sentido perpendicular ao eixo do rio, as ascensões se fazem mais rapidamente, sobretudo do rio Madeira e rio Negro para E. onde as chapadas do Brasil Central avançam muito para o N. e a peneplanície arqueana chega mais próximo ao rio.

O rio Amazonas, que em seu curso alto (Solimões) corre apertado entre as terras firmes do terciário, estende-se no curso baixo por uma planície aluvial de largura da ordem de dezenas de quilômetros sem outros relevos além das serras do Ererê, Almeirim e Corurú, reveladoras de sedimentos protegidos da erosão e de dobramentos das camadas do paleozóico.

A planície amazônica pode ser caracterizada por dois planos mergulhando de S. para N. e de N. para S. em cuja intersecção se acha a calha do grande rio. O vale amazônico, muito pouco pronunciado, tem pois a direção geral W. E..

Há vales de grandes rios, como os do Negro, Branco, Purús, Madeira, Tapajoz e Xingú, que ocupam depressões muito pouco acentuadas e resultantes da erosão dos cursos dágua.

A topografia no vale oferece poucos contrastes e não apresenta pontos salientes. Nos limites do Brasil, ao N., a Pedra de Cucuí se eleva como acidente significativo; o maciço guiano apresenta enorme massa de eruptivas, que suportam espêssas camadas de arenitos, chegando a quase 3 000 metros e as serras que separam as águas guianenses se apresentam com cotas inferiores a 800 metros.

No mais são simples colinas argilosas, elevações de arenitos ou chapadinhas arenosas que escaparam à erosão e assinalam divisores de águas ou simples acidentes topográficos de pequena monta. Tal aspecto condiz com a natureza geológica do solo — uma peneplanície arqueana, numa capa terciária horizontal e camadas de rochas sedimentárias antigas inclinando-se suavemente de N. para S. e de S. para N. para a depressão máxima ocupada pelas águas do grande rio.

"A geologia das vizinhanças do Amazonas é monótona como sua paisagem ribeirinha. O solo pouco movimentado apresenta sempre a mesma formação em grandes extensões; de outro lado, rochas de idades diferentes teem o mesmo aspecto, de forma que temos necessidade de fazer grandes percursos para notar diferenças e tirar poucas conclusões.

As correlações são assim difíceis, tanto mais quanto, pela ausência de fósseis, temo-las de fazer sob bases litológicas, o que requer muita prudência e grandes reservas em formular conclusões generalizadas", pondera muito sensatamente ODORICO DE ALBUQUERQUE.

Os estudos geológicos, embora ainda muito pouco desenvolvidos, mostram que estruturalmente o vale amazônico se constitue, pelo menos em certa parte, por um grande sinclinal coberto pelas argilas pliocênicas e pelos aluviões quaternários.

As rochas afloram somente nas cachoeiras dos rios ou nas barrancas, em certos pontos privilegiados que permitem constatar-se a natureza do sub-solo. Somente generalizações de grande arrôjo podem criar uma concepção da estrutura geológica do vale amazônico.

Os grandes observadores, de argúcia acima do comum, como HARTT, DERBY, GONZAGA DE CAMPOS, baseados em afloramentos de significação regional, generalizaram a geologia do vale amazônico, mostrando em seus traços gerais um aspecto que certamente terá muitas particularidades notáveis quando for estudado minuciosamente.

Abrangendo uma área que não está longe de representar a metade do Brasil, a Amazônia está quase completamente recoberta por extensa floresta, sem povoamento, sem acidentes que mostrem claramente o sub-solo. É pois, muito natural que o desconhecimento acêrca da geologia amazônica seja quase absoluto.

Dada sua grandiosidade como região natural de expressão mundial, muitos espíritos brilhantes se atiraram ao seu estudo, porém muito pouco pôde ser observado sôbre o solo amazônico.

HARTT, DERBY e KATZER, principalmente, avançaram muito os conhecimentos sôbre a idade das camadas e mais modernamente GONZAGA DE CAMPOS, ODORICO ALBUQUERQUE, AVELINO OLIVEIRA, PAULINO CARVALHO, GLYCON DE PAIVA e PEDRO DE MOURA realizaram expedições que colheram numerosos dados permitindo criar a concepção atual acêrca do solo da Amazônia.

Um reconhecimento dirigido pelos professores americanos MARRUTT e MANIFOLD, como elementos duma investigação levada a efeito pelo Govêrno dos Estados Unidos para conhecimento das condições de produção de borracha na Amazônia, focalizou especialmente o solo agrícola.

Em muitos trechos a planície está coberta por aluviões modernos que as enchentes depositam em grandes áreas e que vão formando camadas sucessivas, dum solo mais rico em humus, pouco consistente, e ainda sujeito às transformações microbianas resultantes da alteração da matéria orgânica que nele entra em grande proporção.

Êsse tipo de solo — solo das várzeas — que cobre tôda a parte baixa, durante certa parte do ano fica submerso e constitue o fundo dos igapós, dos campos alagados, e dos lagos temporários. A matéria depositada é um material composto de colóides argilosos, de partículas

de areia fina e argila, transportadas pelas águas em movimento, de àcidos húmicos em solução e de matéria orgânica vegetal em suspensão. Todo êsse complexo argilo-arenoso-húmico sedimentado periodicamente, desde tempos imemoriais, forma o solo amazônico em grande extensão e cresce de espessura de ano para ano, de acôrdo com o regime de enchentes.

Bem se apercebeu do fenômeno EUCLIDES DA CUNHA quando definiu a Amazônia como terra ainda em formação.

O solo dos grandes seringais é constituído por camadas de terra escura superficial, areias finas, onde o humus já não entra em grande proporção, e as argilas vermelhas e mosqueadas da formação terciária.

AVELINO DE OLIVEIRA que acompanhou a Missão Marbut referindo-se ao solo no vale do rio Madeira, assim se expressa:

"O rio Madeira, da atual geração de geólogos brasileiros, foi visitado pelos Drs. GONZAGA DE CAMPOS e EUSÉBIO DE OLIVEIRA.

"De sua foz às proximidades da cidade de Pôrto Velho, as terras firmes são de formações terciárias e as várzeas recentes.

Em todos os portos em que a Missão tocou, procuramos com maior ou menor rapidez, ver os afloramentos das camadas nas barrancas.

Entre essas, damos aquí o perfil das terras firmes de Capanã:

De 0, a 0,30 m de profundidade — solo castanho
" 0,30 a 2,10 m — sub-solo amarelo
" 2,10 a 2,15 m — leito de argila vermelha
" 2,15 a 3,95 m — argila mosqueada
" 3,95 a 4,95 m — areia vermelha
" 4,95 a 5,60 m — areia amarela
" 5,60 a 14,60 m — areia branca
" 14,60 a 15,60 m — argila branca.

O traço predominante dêsses perfís em tôda a bacia terciária do rio Amazonas é a universal existência da argila mosqueada nos horizontes logo abaixo do solo e a predominância do material *silt* nas formações, isto é, material intermediário entre a argila e a areia, cujas partículas minerais medem 0,05 a 0,005 mm de tamanho.

Em geral, abaixo do solo superficial aparece um horizonte amarelo, cuja espessura depende da maior ou menor percentagem de areia.

Onde o solo superficial é arenoso, diz o Dr. MARBUT, desenvolve-se abaixo, um horizonte amarelo espêsso, habitualmente com 0,30 m de espessura, se bem não haja uniformidade a êsse respeito nos horizontes logo abaixo do solo e a predominância do material dá porosidade ao solo.

Abaixo do horizonte amarelo, onde existe, ou em seu lugar se não existe, tem-se um horizonte avermelhado variando do vermelho vivo para o alaranjado. Êste horizonte é uniformemente mais compacto que

a superfície, podendo ter muitos metros de espessura. É por baixo dêsse horizonte avermelhado que jazem as argilas mosqueadas..."

Êsse aspecto local colhido na barranca do rio Madeira, com pequenas variações se repete por tôda a zona terciária.

Chegamos aquí ao detalhe dum perfil para pôr em evidência que a maior parte do solo do vale amazônico não é formada por uma grande espessura de humus como geralmente se imagina.

A matéria vegetal arrancada às margens, nas enchentes, dilue-se de tal modo no imenso volume dágua em movimento que não dá para formar acumulações que possam traduzir, mesmo em pequena escala, os fenômenos que noutras épocas geológicas criaram as grandes jazidas de carvão de pedra.

São os aluviões que predominam numa larga faixa que acompanha o baixo Amazonas e que no alto Amazonas se acha mais restringido, porque o terreno terciário foi menos erodido e aparece logo junto às margens dos rios formando barrancas altas.

Diretamente abaixo das camadas argilo-arenosas de formação muito recente, assentam as argilas vermelhas e amarelas do plioceno, que constituem as elevações de alguns metros acima do nível superior das águas e ocupam uma área muito grande, penetrando pelo vale amazônico até fora dos limites do Brasil.

São argilas variegadas da formação das barreiras, e encerram leitos arenosos e às vêzes seixos rolados. Geralmente não apresentam fósseis, porém, no alto Solimões, encerram camadas com fósseis de água salobra; sua assemelhação às argilas da formação das barreiras do litoral se faz apenas por caracteres litológicos.

Essa formação é descrita por todos os observadores da bacia amazônica.

GLYCON referindo-se ao que viu no vale do rio Negro assim descreve, "côres vivas, natureza mais argilosa que silicosa, presença de vagos leitos endurecidos por concentrações ferruginosas, fornecendo quando erodidas placas corrugadas à semelhança de montes de ferro velho; por cima dêste sistema, vamos dizer estratificado, existe uma barreira de terra vermelha, porosa, cuja camada superior é vegetal".

Conquanto tenha aspectos diferentes e variações sensíveis na composição mineralógica, quer no sentido vertical quer horizontal, como bem acentua PEDRO DE MOURA, os sedimentos das barreiras na bacia amazônica, pelas côres vivas das argilas, se distinguem pela presença de quantidades sensíveis de ferro nos arenitos e pelas concreções devidas à laterização.

ODORICO DE ALBUQUERQUE, em suas minuciosas descrições, frequentemente se refere às argilas da formação terciária a cuja idade êle se refere mais pela norma já estabelecida, que por absoluta convicção própria, conforme se depreende de suas palavras.

"As formações tidas pelos geólogos como terciárias são bem visíveis do barranco do Amazonas até a segunda cachoeira Iracema, formando um manto, que aquí repousa sôbre as formações paleozóicas, ligeiramente inclinadas para o S.. Essas formações terciárias não apresentam fósseis e aquí nenhum fundamento foi encontrado para atribuir-lhes essa idade. São construídas geralmente de argilas brancas ou coradas, apresentando quase sempre manchas ferrugíneas, dando-lhes um aspecto mosqueado".

A formação das barreiras é de origem francamente continental, demonstrando sedimentação eólea ou sub-aérea, em condições de aridez um tanto acentuadas.

Essa formação outrora ocupou muito maior extensão na bacia amazônica. A erosão destruiu grande parte dêsse manto terciário, deixando, contudo, testemunhos sob a forma de pequenas elevações que, na monotonia da planície, assumem as proporções de serras.

Assim, no centro da bacia amazônica o solo é constituído principalmente pelas argilas do terciário das barreiras, que recebe um manto de limos (*silt*) e argilas arenosas nas partes sujeitas às enchentes periódicas.

Partindo do rio Amazonas quer para o N. quer para o S. através dos vales dos grandes afluentes, vai-se gradativamente encontrando terrenos mais antigos que formam como que faixas paralelas ao grande rio. Êsse aspecto é típico entre Almeirim e Manaus.

De acôrdo com os estudos efetuados por HARTT, DERBY, KATZER e os geólogos brasileiros, no trecho mencionado quando se afasta do rio Amazonas, depois das formações terciárias aparece logo o terreno carbonífero, faltando por completo as formações indiscutivelmente mesozóicas.

Em seguida à faixa carbonífera vem a formação devoniana e, a seguir, o complexo cristalino. Nalguns pontos antes dêsse, aparecem formações algonquianas como mostra GLYCON DE PAIVA na região do Rio Branco.

Esta sequência foi estudada e cartografada por PEDRO DE MOURA, no Rio Tapajoz, que assinala terciário, de Santarém até Aveiro; carbonífero, de Aveiro até pouco além de Itaituba; devoniano, dalí até Vila Braga; e acima aparece o arqueano.

Para o N. ao longo do Erepecurú, AVELINO DE OLIVEIRA reconheceu aluviões recentes na confluência do Trombetas, a seguir uma faixa do carbonífero até pouco acima do igarapé Jurunas, depois o devoniano até a cachoeira do Tronco, entrando logo no arqueano que se prolonga até os limites com as Guianas, sem acidentes topográficos de grande relêvo.

O mapa geológico mostra a distribuição do embasamento arqueano ao N. e ao S. do rio Amazonas, constituindo uma peneplanície supor-

tando as camadas paleozóicas que, mais para o centro da bacia, são cobertas pelas argilas terciárias e pelos aluviões modernos. A proporção das áreas de afloramento das rochas paleozóicas é relativamente pequena. Predominam os solos dos aluviões numa faixa de muitos quilômetros ao lado do rio Amazonas, seguindo-se uma faixa mais extensa de camadas terciárias, que se estende para o sul, tomando um notável desenvolvimento entre os rios Madeira e Javarí.

O cristalino ocupa grande área ao N. e ao S. da calha amazônica, como se vê no mapa. Como sofreu um intenso processo de peneplanização, já se apresenta sem relêvo sensível, apenas ligeiramente ondulado e recoberto por camadas pouco profundas de materiais argilosos e arenosos.

Os estudos do Prof. ODORICO DE ALBUQUERQUE em 1918 e 1919 nos afluentes da margem esquerda do Amazonas (Urubú, Uatumã, Jatapú, afluentes do Uatumã, e Trombetas), visando o melhor conhecimento dos terrenos carboníferos, mostraram que afora os terrenos de aluvião recente e do terciário que cobrem as grandes extensões, encontram-se faixas do paleozóico representado pelo carbonífero e devoniano, à medida que se afasta do rio Amazonas. Êsses terrenos constituídos por camadas de arenitos, folhelhos e ardósias acham-se ligeiramente inclinados para o S. e nalguns pontos foram perturbados por falhas de pequena amplitude que demonstram fraturas *grosso modo* paralelas à calha amazônica.

O carbonífero da bacia amazônica já fora mencionado pelos geólogos do século passado e muitas observações já havia, devidas a SILVA COUTINHO, HARTT, DERBY e KATZER. Graças aos fósseis colhidos nos calcáreos pôde-se atribuir, com segurança, a idade carbonífera àqueles sedimentos que são bem expostos no Tapajoz, estendendo-se para o rumo de O. até o rio Maueassú e para L. até o Xingú. Na margem N. do Amazonas são conhecidas exposições do carbonífero desde a região de Alenquer e no Urubú, estando noutros trechos encoberto pelas capas terciárias. As rochas carboníferas na bacia amazônica são constituídas por camadas moles, muito desnudadas e de pequena inclinação, de arenitos, folhelhos calcíferos e calcáreos altamente fossilíferos. Os fósseis indicam formação marinha e os caracteres litológicos denunciam deposição em águas rasas, enquanto se precisava um movimento gradual de submersão. Os estudos de ORVILLE DERBY sôbre o carbonífero do Amazonas foram a base dos conhecimentos sôbre êsse terreno e constituem ainda hoje subsídio de relevante importância para o conhecimento da geologia amazônica.

O devoniano se apresenta numa faixa ao N. e ao S. do rio Amazonas, em seguida à faixa carbonífera. Geralmente as rochas dêsse sistema acham-se também muito erodidas e perturbadas por falhas e intrusões de rochas eruptivas, que se apresentam, com frequência, formando pequenas saliências nas cachoeiras. As rochas formadoras são arenitos micáceos, ardósias e folhelhos escuros contendo matéria orgânica. Geral-

mente a inclinação das camadas é pequena, como a de todos sedimentos paleozóicos da Amazônia.

A formação devoniana da Amazônia foi magistralmente estudada por CLARKE e DERBY e recentemente os reconhecimentos geológicos de ODORICO ALBUQUERQUE, PEDRO MOURA, AVELINO OLIVEIRA e PAULINO CARVALHO localizaram bem as áreas de afloramentos das camadas dessa idade. Grande parte, contudo, está oculta sob os sedimentos do carbonífero e do terciário.

O siluriano é conhecido formando uma faixa ao N. do rio Amazonas, aflorando além das formações devonianas. Na parte sul do rio, sua existência não está ainda bem determinada. Ao N. segue do Trombetas até a borda do Atlântico e já é conhecido desde as pesquisas de HARTT, DERBY e FERREIRA PENA. São bem visíveis nas primeiras cachoeiras do rio Trombetas, e se constituem de arenitos argilosos, duros, de granulação fina, assentando sôbre felsitos e sienitos. As camadas mergulham suavemente para o S., como os demais sedimentos paleozóicos da parte setentrional do vale amazônico.

Partindo do rio Amazonas para o N., depois de atravessar os terrenos silurianos, entra-se na região arqueana representada pelo solo gnáissico, também aplainado pelo intenso ciclo de erosão que sofreu o solo amazônico em época pré-terciária. Essa região arqueana se estende desnudada no Estado do Pará até os limites setentrionais do Brasil, ao passo que no Estado do Amazonas, muito ao N., cede lugar a um planalto de rocha eruptiva ácida, sôbre que assentam as camadas formadoras do Roroimã.

A região do vale do rio Branco foi bem descrita por GLYCON DE PAIVA que a palmilhou em excursão científica até o cume do Roroimã. Até a região dos campos de São Marcos o terreno passa de aluviões e argilas terciárias a afloramentos gnáissicos, e a altitude da planície vai se elevando gradativamente até cotas da ordem de 250 a 300 m, onde se dá a transição brusca para a zona planáltica. Enquanto a altitude passava de 25 a 250 m numa extensão de 400 km, ou seja uma ascensão de meio metro por quilômetro, repentinamente passa de 300 a 1000 m, manifestando uma elevação da ordem de quase 100 metros por quilômetro. Essa rampa forma a lombada do grande planalto rochoso de pórfiro, que se estende para o N. por mais de 120 quilômetros até o pé do Roroimã.

Êsse planalto de pórfiro, cujas feições geológicas e geográficas foram bem descritas por GLYCON DE PAIVA, ocupa uma área de pelo menos cêrca de 8 000 km^2, apresentando-se sob a forma dum solo pedregoso, estéril, que se estende em parte da bacia do rio Cotingo até receber as camadas areníticas do Roroimã.

Vale a pena citar algumas passagens do melhor observador da região. "A serra começa bruscamente onde termina a planície, isto é, na linha duas vêzes referida, correndo 65° SE, da Venezuela à Guiana

Inglêsa. Êsse limite tem uma importância maior: significa também o extremo N. da vastíssima planície amazônica, cujo talvegue indeciso é o do grande rio, que lhe dá o nome. A passagem da planície para a serrania se faz de uma maneira súbita; o viandante partindo do S., depara na sua frente um altíssimo paredão com algumas brechas por onde poderá arriscar uma incursão nas terras altas situadas ao N.. São elas as bocainas por onde descem os raros rios que lá teem suas cabeceiras; entre êles destacam-se o Cotingo, a mais longa corrente da região estudada, e o Maú ou Ireng River, que atualmente nos separa do território inglês.

Ingressando por uma delas, atinge-se depois de poucos quilômetros, a cota de 1 000 m, em contínua progressão daí por diante, quando a poucos quilômetros atrás fica a cota de 250 m referente ao bordo N. da extensa planície gnáissica estudada.

Da serrania, a cota mais alta é a do monte Roroimã, gigantesco monumento paralelepipédico, com 20 quilômetros de comprimento, 4 de largura e que, colocado horizontalmente sôbre um *plateau* de 1 750 m de altitude tem a sua face superior estupendamente esculpida pelo vento, na cota 2 850 m. Irmão gêmeo do Roroimã, aparece, ombreando com êle, o monte Kukenam. Outros menores, com uma altitude semelhante, constituem, em resumo, a saliência mais elevada entre a cuba amazônica e o oceano (Mar das Caraibas)".

No divisor de águas entre rios da bacia do Juruá e do Ucaiali esboçam-se alguns enrugamentos das camadas argilosas areníticas e calcáreas, denunciando a passagem para as zonas profusamente dobradas da cordilheira andina.

Vítor Oppenheim sugeriu essa idéia que teve confirmação nos estudos mais detalhados de Pedro de Moura e seus auxiliares. Êste considerou as rochas do Acre diversificadas nos seguintes tipos: conglomerados com dicotiledôneas fósseis e ossadas de mamíferos (Toxodon) do pleistoceno e recente. Argilas com gasteropódos e fôlhas dicotiledôneas do plioceno; arenitos com intercalação de folhelhos argilosos e calcáreos pertencentes a andar incerto do terciário; arenitos brancos, de grã fina, com leitos de conglomerados e lentes de material argiloso, do cretáceo; quartzitos e arenitos quartzíferos do carbonífero e intrusões de rochas graníticas do tôpo do paleozóico.

No alto Madeira, Tapajoz, Xingú e Tocantins, em rumo para o sul, depois das zonas arqueanas, voltam os terrenos sedimentares representativos dos chapadões do Brasil Central.

Aparecem camadas de arenitos, geralmente horizontais, de pouco relêvo que balizam os limites setentrionais dos chapadões do Norte de Mato Grosso. São as formações do cretáceo, já muito erodidas, que vão continuamente sendo desgastadas e fornecendo areias para a planície.

A descida do planalto central para a planície amazônica faz-se em sucessivos e pequenos degraus, em patamares de muito pequena inclinação, de modo que não há uma brusca separação entre aquela e esta.

*

O solo da Amazônia é ainda um campo quase virgem para estudos, porém as dificuldades que apresenta ao seu devassamento fazem relegar para dias futuros uma pesquisa pormenorizada. Fundado em concepções de ordem científica, o Serviço Geológico empreendeu uma campanha em busca de carvão de pedra.

O conhecimento duma faixa de terreno de idade carbonífera levou o eminente GONZAGA DE CAMPOS a focalizar a questão do carvão na Amazônia. Foram feitos vários reconhecimentos geológicos, detalhados ao longo de alguns rios e executadas algumas sondagens que deram resultados negativos. Tanto quanto se pôde deduzir dos trabalhos e estudos feitos, firmou-se o critério de que as camadas do terreno carbonífero na Amazônia revelam um *facies* marinho e não apresentam as condições propícias à acumulação de detritos que dessem origem a camadas de carvão de pedra.

Entretanto trouxeram muita luz sôbre as possibilidades de petróleo nas camadas abaixo do carbonífero, e as sondagens na zona do Tapajoz revelaram a presença de gás natural.

Os estudos de OPPENHEIM, PEDRO DE MOURA e seus auxiliares na bacia do Moa vieram contribuir muito para fortalecer a tese das possibilidades de petróleo na bacia amazônica, que em território peruano, na região do Pachitéia, já é uma realidade.

Dêsse modo, não obstante o tão pequeno conhecimento da geologia sub superficial da Amazônia, é lícito esperar algum dia daquela região uma valiosa contribuição para a riqueza mineral do Brasil.

Apesar de contrariar a tradição, propriamente na calha amazônica em território brasileiro, ou no curso baixo de seus grandes afluentes, não se tem encontrado ouro. As rochas que os rios cortam e desagregam, via de regra não são portadoras de filões mineralizados.

Na região do Amapá, existe ouro em certa abundância, extraído dos aluviões resultantes da desagregação de rochas que conteem o metal em fraca proporção.

Todos os rios conteem aluviões, mais ou menos ricos, provenientes do ouro disseminado nas rochas cristalinas que formam o *bedrock* das terras que vão se elevando até as encostas do Tumucumaque. Também as "cangas" originárias das rochas lateríticas dão ouro, em vista duma concentração que se processa no fenômeno de lateralização.

O diamante tem sido encontrado só no extremo N., nas zonas já mais elevadas e não longe dos arenitos do Roroimã e das rochas eruptivas básicas, que lá ocorrem e que são consideradas como provável

matriz dessas gemas. Também o ouro tem sido garimpado por essas paragens, onde o trabalho não é regular nem é feito sob as vistas diretas da administração nacional.

Um produto que já foi encontrado e que provavelmente será abundantíssimo na Amazônia é o diatomito (*Kieselguhr*) formado pela acumulação de carapaças de algas diatomáceas de água doce, que vivem nas águas tranquilas dos lagos amazônicos. Foi descoberto há poucos anos um grande depósito na bacia do Rio Branco e certamente muitos outros ocorrerão na planície amazônica.

O cauchí, que provoca moléstias de pele aos que se banham em certas águas dos lagos amazônicos, nada mais é que espículas silicosas de espongiários do plancton límnico. Completado o período de evolução, tais seres caem ao fundo e formam sedimentos de natureza semelhante ao diatomito, de modo que devem ser encontrados depósitos de tal natureza nas zonas de lagos temporários e no fundo dos lagos da Amazônia, de um modo geral. Os depósitos de diatomitos, desconhecidos no Brasil há poucos anos, já são apontados com frequência nas baixadas litorâneas do Nordeste e certamente se revelarão com uma abundância notável na planície amazônica onde há condições favoráveis para o desenvolvimento do micro plancton vegetal.

Sendo o solo da Amazônia em sua maior extensão coberto por formações terciárias, não são contudo tão abundantes os depósitos de lignitos. Conhecem-se camadas em Tabatinga e Quixito na fronteira com o Perú e outros depósitos na região do Amapá.

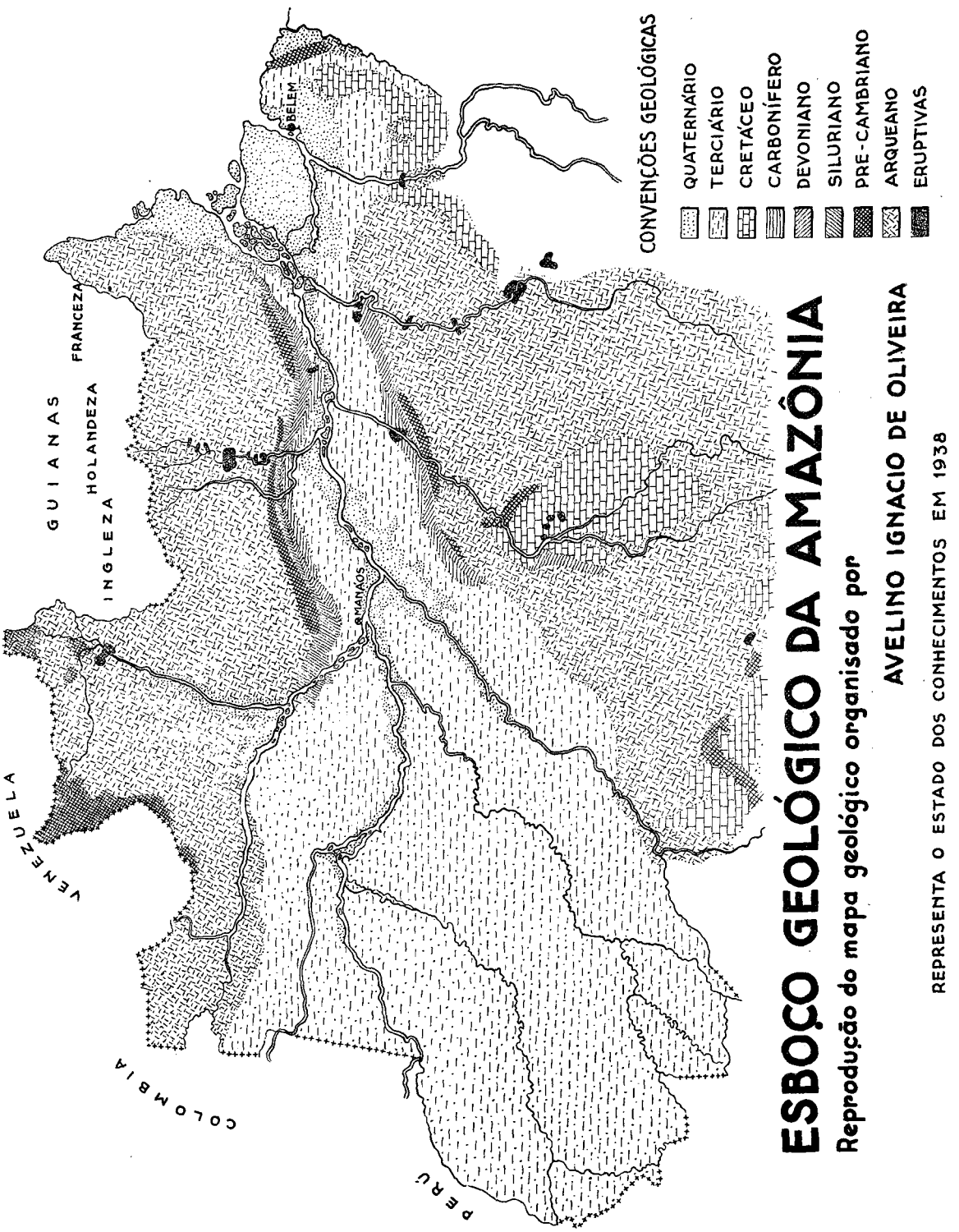
A cobertura dos aluviões e argilas terciárias, a mata que dificulta o trânsito, a ausência dum relêvo que ponha a descoberto as camadas do sub-solo, tornam extremamente difícil qualquer pesquisa geológica na Amazônia.

Contudo, dois problemas por sua importância, nunca devem ser desprezados: — o do petróleo e o do carvão.

Aquele só será possível quando puderem ser aplicados extensivamente os métodos de prospeção geofísica, de jeito a determinar as grandes estruturas mascaradas pelas capas terciárias e quaternárias. Dada a natureza da maior parte da área da Amazônia, a pesquisa geológica, visando as questões estruturais, não poderia ser feita antes da geofísica; com o auxílio desta, agora já se poderá perscrutar as camadas profundas que encerram talvez grandes surprêsas às futuras gerações.

O problema do carvão há muitos anos preocupou os espíritos arrojados, e notícias infundadas, conduziram à Amazônia técnicos de valor que a realidade dos fatos fez regressar desalentados. Os lignitos foram tomados por carvão de pedra, outras vêzes foram os folhelhos negros do terreno devoniano que deram aos leigos a impressão de carvão.

O estudo dos fósseis do carbonífero amazônico indicam a existência dum mar, ao fim do paleozóico, onde se precipitaram as camadas calcáreas sem vestígios de acumulação de matéria vegetal, ao passo que as



sondagens executadas no Piauí revelam camadas do carbonífero, indicadoras duma borda de bacia onde são abundantes os fósseis vegetais indicadores duma flora pujante. A distância entre êsses pontos de referência é da ordem de 1 600 km, porém entre êles, no alto Xingú,

há indicações da presença de xistos carbonosos e de verdadeiro carvão antracitoso. Há portanto um grande programa a desenvolver na Amazônia — o da pesquisa de carvão mineral, problema, entretanto, que ainda não cabe no âmbito dos empreendimentos que se veem executando na pesquisa do solo do Brasil.

Tanto a pesquisa de petróleo, quanto a de carvão, na Amazônia, são questões de alta envergadura que, além de recursos financeiros de grande vulto, necessitam de métodos de pesquisa que só nestes últimos tempos estão sendo desenvolvidos. Não será com profissionais percorrendo os rios em canoas e batelões e varando as cachoeiras em busca de afloramentos, que se poderá levar a efeito tais pesquisas, mas unicamente com equipes empregando métodos geofísicos e geoquímicos abrangendo áreas imensas, dentro daquelas já selecionadas pelos pioneiros da geologia da Amazônia.

RESUMÉ

L'auteur discourt, d'une façon générale, sur le sol de l'Amazonie. Il en montre les aspects les plus caractéristiques, suivant les descriptions de ceux qui ont observé cette région.

Si l'on considère la plaine de l'Amazone comme deux plans doucement inclinés du nord vers le sud et du sud vers le nord, au point d'intersection de ces plans se trouve la vallée du grand fleuve, large de plusieurs kilomètres et bordée d'une suite de lacs. La plaine est limitée, au nord, par une série d'élévations constituées d'un grand plateau de porphire qui supporte les couches d'arénites et des formations granito-gneissiques des "serras" qui séparent le Brésil des Guyanes. Au sud, les limites sont moins précises: les terres s'y élèvent graduellement et presque insensiblement jusqu'aux "chapadas" du nord de Mato Grosso.

C'est dans la zone ouest, de l'Acre, que commencent les premiers plis du système andin, mais la plaine pénètre encore dans le Pérou et dans la Colombie, sans présenter des accidents notables.

Ce qu'il y a de plus caractéristique dans le sol de l'Amazonie, c'est l'existence d'une énorme couverture de roches terciaires et d'alluvions quaternaires qui s'étend sur la plaine. Ce qu'on appelle les "terres fermes", formant un horizon plus haut et pas sujet aux inondations normales, sont constituées généralement par les couches terciaires horizontales et, par des argiles "mosqueados" (bruns), rouges et jaunes, appartenant à la formation bien connue des "barreiras". Les terres plus basses des "várzeas", les zones occupées par les "igapós" et les lacs sont généralement formées par les alluvions quaternaires et récentes, constituées d'argiles sabloneuses et de "silt". Au nord et au sud de l'Amazone, émergent des terrains paléozoique, qui se révèle plus ancien, à mesure qu'il s'éloigne de l'axe du fleuve. Ainsi, on voit d'abord le carbonifère, puis, le dévonien, puis, le silurien; on voit aussi, à certains endroits, des roches qui, possiblement, appartiennent à l'algonkien. Au nord et au sud des terrains paléozoique, émerge l'archéen très érodé et récouvert d'alluvions sur une grande extension. Ce qu'il y a de remarquable, c'est une région au nord de l'Amazone où l'on voit un grand déversement d'éruptives acides, formant le champ de prophire feldspatique, qui couvre des grandes extensions de terre dans la zone du plateau, du côté du nord.

Lorsqu'il se rapporte aux ressources minérales du sol de l'Amazone, l'auteur mentionne l'existence de l'or dans les fleuves qui limitent la Guyane Anglaise, ainsi que celle des diamants et du "diatomito" dans la vallée du Rio Branco. Il aborde rapidement la question de la possibilité d'existence du charbon de pierre et du pétrole. Il fait remarquer que la région de l'Amazone présente de grandes difficultées au point de vue de l'étude du sous sol et il dit que seuls les procédés modernes de la géophysique et de la géochimie peuvent être employés avec succès dans la solution des graves problèmes concernant le sous-sol de l'Amazone.

RESUMEN

El autor discurre en líneas generales acerca del suelo de Amazonia, mostrando las facciones más caracteristicas segun las descripciones de los principales observadores de la región.

Considerando la llanura amazónica constituída por dos planos inclinados suavemente del norte hacia el sur y del sur hacia el norte, en la intersección de ellos se encuentra el valle del gran río, ancho de muchos quilómetros y en gran parte ladeado por una faja de lagos.

La llanura es limitada al norte por una serie de elevaciones constituídas por una gran mesa de pórfido que sostiene estratos de areniscas y por las formaciones granito-gneisicas de las sierras que apartan el Brasil de las Guayanas. Al sur el límite es menos preciso y a los pocos las tierras se van alzando por escalones poco sensibles hasta las mesetas de areniscas de Mato Grosso.

Al oeste, en el Acre, comienzan los primeros pliegues del sistema andino, pero la llanura penetra aun en el Perú y en la Colombia sin accidntes notables.

Lo que hay de más característico en el suelo de Amazonia es la existencia de un enorme manto de rocas terciarias y aluviones cuaternarias cubriendo la llanura. Las llamadas tierras firmes, que formam un horizonte más alto y no sujeto a las inundaciones normales, son en general constituídas por los estratos terciarios, horizontales y por arcillas mosqueadas, rojas y amarillas, pertenecientes a la conocida formación de barreras. Las tierras más bajas, de los llanos, las zonas ocupadas por los "igapós" (bosques sujetos a inundaciones) y lagos, son en general formados por las aluviones cuaternarias y recientes constituídas de arcillas arenosas y "silt".

Al norte y al sur del río Amazonas afloran fajas del terreno paleozoico que se muestran más antiguas a la proporción que se alejan del ele del río. Así aparece primeramente el carbonífero, después el devónico, el siluriano, y rocas posiblemente del algonquino en algunos puntos. Al norte y al sur de la faja paleozoica aflora el arqueano, muy erosionado, con el aspecto de penillanura y recubierto por aluviones en gran extensión. Notable es una área al norte del Amazonas adonde se encuentra un gran manto de eruptivas ácidas formando un campo de pórfido felsítico, que cubre grandes extensiones de tierra en la zona del altiplano que queda al norte.

Estudiando los recursos minerales del suelo amazónico, el autor se refiere a la existencia de oro en los ríos limítrofes con la Guayana Inglesa, diamantes y diatomito, en el valle del río Branco, y discute en pocas líneas la cuestión de la posibilidad de carbón de piedra y petróleo. Explica que la región amazónica presenta grandes dificultades a la pesquisa del suelo y que solo los modernos procesos de geofísica y geoquímica pueden ser usados con eficiencia para la resolución de los grandes problemas del subsuelo de la Amazonia.

RIASSUNTO

L'autore tratta del suolo dell'Amazzonia e ne mostra gli aspetti più caratteristici, secondo le descrizioni dei principali osservatori della regione.

Considera la pianura amazzonica costituita da due piani di dolce inclinazione: uno che scende da Sud a Nord, e uno da Nord a Sud; nell'intersezione di essi corre il fiume in un talweg largo molti chilometri e orlato in gran parte di laghi. La pianura è limitata a Nord da una serie di alture costituite da un grande altopiano di porfido, ricoperto da strati di arenaria e dalle formazioni granitico gneissiche dei monti che separano il Brasile dalle Guiane. A Sud il limite è meno ben definito e il terreno si va inalzando per gradini poco sensibili, fino agli altipiani di arenarie del Nord di Mato Grosso. A Ovest, nell'Acre, s'incontrano le prime elevazioni del sistema andino, ma la pianura penetra anche nel Perú e nella Colombia senza accidenti degni di nota.

La più notevole caratteristica del terreno amazzonico consiste nell'esistenza di un immenso manto di rocce terziarie e di alluvioni quaternarie, che costituiscono un orizzonte più elevato e non sottoposto alle inondazioni normali, formato da strati terziari, orizzontali, e da argille macchiettate, rosse e gialle, che appartengono a formazioni argillose.

I bassopiani, le zone periodicamente inondate, e i laghi, sono costituiti generalmente da alluvioni quaternarie e recenti, di argille arenose e "silt".

A Nord e a Sud del Rio delle Amazzoni affiorano fascie di terreno paleozoico, tanto più antico quanto più lontano dall'asse del fiume. S'incontrano così successivamente il carbonifero, il devoniano, il siluriano, e in alcuni punti rocce che appartengono forse all'algonchiano. A Nord e a Sud della fascia paleozoica affiora l'archeano, molto eroso, ridotto a quasi-pianura, e coperto di alluvioni per grandi tratti. É degna di nota una zona al Nord del Rio delle Amazzoni, dove si osserva un grande versamento di rocce eruttive acide, che forma il campo di porfido felsitico il quale copre grande estensione di terre nell'altopiano settentrionale.

Trattando delle ricchezze minerali dell'Amazzonia, l'autore accenna all'esistenza di oro nei fiumi limitrofi con la Guiana Inglese, di diamanti e diatomito nella valle del Rio Branco, e discute brevemente la possibile esistenza di carbon fossile e petrolio. Egli avverte che la regione amazzonica presenta grandi difficoltà per le ricerche minerarie e che soltanto i moderni processi geofisici e geochimici potranno risolvere gli ardui problemi dell'esplorazione del sottosuolo in quella regione.

SUMMARY

The author discourses in a general manner upon the soil of the Amazon region — Amazonia —, showing its most characteristic features, in accordance with the descriptions of the principal observers of that region.

If we look upon the Amazonian plain as consisting of two gently sloping surfaces, one from the North towards the South and the other from South to North, we shall find at their intersection the valley of the great river, many kilometres wide, and beaded to a large extent by a chain of lakes. The plain is bounded in the North by a series of elevations made up of a plateau of prophiry-bearing sand layres, and by formations of gneissic granite from the mountains which separate Brazil from the Guianas. The Southern boundary is less precise and the ground gradually slopes almost unnoticed up to the sandy flot-topped hills of the North of Mato Grosso.

To the West of the Acre Territory begin the first undulations of the Andine system, though the plains reach into Perú and Colombia without any noticeable elevations.

The most characteristic feature of the Amazon soil is the existence of an enormous covering of tertiary rocks and quaternary alluvial soil over the plains. The so-called firm lands, which form a higher level and are free from the usual floods, are generally formed of tertiary horizontal layers and of red and stained clays belonging to the well-known formation of embankments. The lower lands of the marshes, those occupied by *igapós* (recent alluvials) and lakes, are generally formed of recent and quaternary alluvion, made up of sandy clays and silt.

North and South of the Amazon River appear strips of paleozoic terrain, becoming older as they recede from the axis of the river. Thus, first appears the carno niferous soil, then the Devonian, the Silurean and, finally, rocks, possibly Algonkian, at some points. To the North and South of the Paleozoic strip the Archaean comes to the surface greatly eroded and peneplanated and covered with alluvium to a great extent. There is a remarkable area to the North of the Amazon River where may be noted a vast overflow of acid eruptive soil, forming the field of felsitic porphiry, which covers large tracts of ground in the high table-lands Northwards.

When dealing with the mineral resources of the Amazon soil the author refers to the presence of gold in the rivers of the frontier with British Guiana, diamonds and diatomite in the valley of the Rio Branco. He briefly discurses the question of the possibility of the existence of coal and petroleum and ponders upon the great difficulties which the Amazon Rivers offers to soil-prospecting and that only modern geophysic and geochemical processes can be efficiently used for the solution of the great problems of the Amazonian sub-soil.

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser behandelt in grossen Linien den Boden des Amazonasgebiet, indem er die charakteristischsten Formenbildungen auseinanderlegt im Zusammenklang mit den Hauptbeobachtern dieses Gebietes.

Seiner Ansincht nach ist die amazonische Hochebene aus zwei langsam von Norden nach Sueden, bezw. von Sueden nach Norden abfallenden Hochflaechen gebildet, in deren Einschnitt das Tal des grossen Flusses liege, viele Kilometer breit und in grossen Teilen begleitet von einem Guertel von Seen. Die Hochebene ist im Norden begrenzt durch eine Reihe von Erhebungen, die durch einen gewaltigen Porphyrkamm gebildet werden, der arenitische Lagen in sich verbirgt, und durch die Granitformationen aus der Gnaisszeit der Sierra, die Barsilien von den Guianas trennt. Im Sueden ist die Begrenzung weniger genau und das Land steigt in kaum wahrnehmbarem Gefaelle an bis zu den sandigen Ebene im Norden von Mato Grosso.

Im Western im Acre beginnen die ersten Auslaeufer des Andensystems, aber die Hochebene geht bis nach Columbien und Perú hinein ohne besondeer Merkmale.

Das Charakteristischste Merkmal fuer den amazonischen Boden ist das Vorhandensein einer enormen terzaeren Felsdecke und quaternarische Anschwemmungen, die die Hochebene bedecken. Die sogenannten festen Boeden, die hoeher gelegen sind und nicht den normalen Ueberflutungen ausgesetzt sind, werden im allgemeinen durch horizontal gelegene Terz-Schichten, die von rotem und gelben Ton gebildet werden und zur bekannten Formation der Tongruben (barreiras) gehoeren, formiert. Die niedriger gelegenen Erdstriche der Niederungen, die mit Suempfen und Seen durchsetzten Zonen sind in der Hauptsache durch quarternale Anschwemmungen gebildet und in spaeterer Zeit durch sandige Tonerde und "Silt" gefestigt worden.

Von Norden und Sueden begrenzen den Amazonas Guertel von palaeozoischem Gelaende, welche immer aelter werden, je weiter man vom Flusse fort misst. So erscheint zuerst das kohlenhaltige Gebiet, dann das devonianische, das silurianische und an einigen Stellen Felsen, die wahrscheinlich aus dem Algonquium stammen. Noerdlich und suedlich dieses paleozoischen Guertels grenzt das Arqueanum an, ziemlich abgeflacht und wiederbedeckt von Anschwemmungen in grosser Ausdehnung. Bemerkenswert ist im Norden des Amazonas ein Gelaende von grossen aciden Lavaausbruechen, die ein felsiges Porphyrfeld bilden, das grosse Landstriche der Hochebene bedeckt, die im Norden liegt.

Der Autor behandelt dann die Mineralien-Suche im Boden des Amazonasgebiet und bezieht sich auf das Vorhandensein von Gold in den Grenzfluessen mit englisch Guiana, Diamanten und Diatomiten von Steinkohle und Petroleum. Er legt dar, dass das Amazonasgebiet der Bodendurchforschung gewaltige Schwieritgkeiten bietet und dass nur anhand der mordernen geophysischen und geochemischen Entdeckungen wirklich Wirksames errungen werden koenne fuer die Loesung der Probleme des Unterbodens im Amazonasgebiet.

RESUMO

La aŭtoro parolas en ĝeneralaj trajtoj pri la grundo de Amazonio, montrante la ties plej karakterizajn aspektojn, laŭ la priskriboj de la ĉefaj observintoj de la regiono.

Se ni konsideros, ke la amazonasa platajo konsistas el du ebenoj malkrute klinitaj de Nordo al Sudo kaj de Sudo al Nordo, ĉe ilia interkruciĝo troviĝas la valo de granda rivero, multkilometrojn larĝa kaj grandparte randrefaldita per strio da lagoj. La platajo estas limigita norde per serio da altajoj konsistantaj el granda porfira altebenajo, kiu subtenas grejsajn tavolojn, kaj per la gnejs-granitaj formacioj de la montaroj, kiuj disigas Brazilon de la Gujanoj. Sude la limo estas malpli preciza kaj la teroj laŭgrade plialtiĝadas per malmulte senteblaj ŝtupoj ĝis la grejsaj ebenajoj ĉe la nordo de Ŝtato Mato Grosso.

Okcidente en Teritorio Acre komenciĝas la unuaj altajoj de la anda sistemo, sed la platajoj trapenetras Peruon kaj Kolombion sen notindaj sulkiĝoj.

La plej karakteriza ajo ĉe la grundo de Amazonio estas la ekzisto de grandega kovrajo el terciaraj rokoj kaj kvartenaraj aluvioj, kiuj kovras la platajon. La nomataj firmaj teroj, kiuj formas plej altan horizonton kaj ne submetitan al la normalaj inundoj, estas ĝenerale formitaj per tavoloj terciaraj, horizontaj kaj per argiloj punktmakulitaj, ruĝaj kaj flavaj apartenantaj al la konata formacio de la barajoj. La plej malaltaj teroj, ĉe la ebenaj kamparoj, la zonoj okupitaj de la "igapós" (arboroj in akvo) kaj lagoj estas ĝenerale formitaj per kvartenaraj kaj jusaj aluvioj konsistantaj el sabiaj argiloj kaj "silt".

Norde kaj sude de riverego Amazonaso emerĝas zonoj de la paleozoa tereno, kiuj montriĝas pli antikvaj laŭmezure kiam ĝi malaproksimiĝas de la riverakso. Tiel aperas unue la karbonhava kaj poste la devona kaj la silura terenoj kaj rokoj, eble el la algonkia, en kelkaj punktoj. Norde kaj sude de la paleozoa zono emerĝas la arkea, tre koroda, duonplanigita kaj kovrita per aluvioj, tra longa etendo. Notinda estas areo norde de Amazonaso, kie montriĝas granda etendo de acidaj erupcioj, kiuj formas la kampon de falsa porfiro, kiu kovras grandajn terpecojn ĉe la norde lokita plataja zono.

Traktante la mineralajn naturdotojn de la amazonasa grundo la aŭtoro parolas pri la ekzisto de oro ĉe la riveroj samlimaj kun la Angla Gujano, de diamantoj kaj diatomito ĉe la valo de Rio Branco, kaj sendetale li diskutas la demandon pri la ebleco de ekzisto de ŝtonkarbo kaj petrolo. Li atentigas, ke amazonasa regiono prezentas grandajn malfacilajojn por la serĉesplorado de l' grundo kaj ke nur la modernaj procedoj pri geofiziko kaj geoĥemio povas esti efike uzataj por la solvo de la grandaj problemoj de la subgrundo de Amazonio.

A FLORA AMAZÔNICA

Prof. A J. Sampaio
Consultor Técnico do Conselho Nacional de Geografia

O presente artigo é um ligeiro estudo, mais informativo e prático, do que botânico, traçando em suas linhas gerais o panorama da flora amazônica, a cujo propósito há matéria, não apenas para um simples artigo, mas para uma série de livros especializados.

Tenho por isso de ser muito conciso, no definir a natureza da flora amazônica e sua analogia com a de outras regiões equatoriais (Congo e Insulíndia), a influência do clima, bem como do sistema hidrográfico e solo (relêvo e natureza) sôbre os diversos tipos de vegetação, dizendo também sôbre as principais plantas úteis, seringais, castanhais, balatais, etc., palmeiras mais abundantes e sementes oleaginosas, isto é, tratando apenas dos principais assuntos, de interêsse geral.

O panorama geral da flora amazônica é o de uma imensa floresta, quase contínua, luxuriante e extremamente heteróclita, que se estende desde a vertente oriental dos Andes até quase o Atlântico, de que é separada pela vegetação halófila do litoral, que, por sua vez, faz parte da zona Marítima da Flora Geral ou Extra-Amazônica, como expliquei em minha *Fitogeografia do Brasil.*

Êsse imenso revestimento florestal, cuja gênese tem por ponto de partida a depressão ou sinclinal, isto é, o fenômeno geológico de que resultou o vale do rio-mar, não se limita, porém, a êsse vale que é, de fato, para a fitogeografia, a verdadeira *planície amazônica;* estende-se também pelas vertentes dos dois maciços (Brasilia e Guyanis, seg. HARTT) que delimitam ao norte e ao sul o *anfiteatro amazônico,* na expressão de RAIMUNDO MORAIS.

No maciço matogrossense, a flora amazônica (que HUMBOLDT chamou *Hiléia,* por ser essencialmente uma imensa floresta) começa nas nascentes dos rios que daí afluem para o rio Amazonas e, revestindo trechos do extremo-norte de Mato Grosso e de Goiaz, ultrapassa o Estado do Pará a leste, para constituir no E. do Maranhão o seu noroeste hileano.

Quanto ao maciço venezuelano-guianense, vai além dêsse planalto, descendo, pelas suas vertentes, até as bordas das savanas da Venezuela, das Guianas e da Ilha de Trindad.

E, por motivo de análogo complexo clímato-edáfico e de analogias florísticas, apresenta-se o mesmo tipo hileano em um trecho do Panamá, constituindo aí a "disjunção panamaense" da hiléia americana.

São comuns a tôda essa hiléia e sua disjunção panamaense o complexo clímato-edáfico, a exuberância e o heteroclitismo florestal; mas há diferenças florísticas que levam a distinguir, como indiquei em minha *Fitogeografia do Brasil:*

1 — *Zona hileana oriental andina:* da vertente dos Andes.
2 — *Zona ou região amazono-orenocense* (Hylaea, de HUMBOLDT)
3 — *Hiléia guianense*
4 — *Disjunção central-americana ou panamaense.*

A primeira condicionante da exuberante floresta amazônica, é o clima equatorial, quente e úmido, o qual, aliado à fertilidade do solo e ao amplo sistema hidrográfico, dá lugar a um *complexo clímato-edáfico,* altamente favorável à exuberância da vegetação equatorial, que, segundo WARNING, é o *climax* do desenvolvimento da flora em todo o globo, isto é, o *máximo biológico,* tendo por base a "higrofitia", na classificação de CLEMENTS-WARMING-VILLAR *(Geobotânica),* "localizada nas áreas equatoriais de máxima pluviosidade".

O complexo clímato-edáfico equatorial condiciona êsse máximo biológico, para a flora, na América, na África, na Ásia e Insulíndia.

O têrmo "hiléia", criado por HUMBOLDT para a região amazono-orenocense, estende-se hoje à África equatorial (região do Congo), segundo ENGLER e à Insulíndia e a um trecho do Indostão e à Indochina, pelo que há a distinguir uma hiléia americana, uma hiléia africana e uma hiléia insulíndica asiática.

Essas três hiléias, além do complexo clímato-edáfico análogo, teem ainda similitudes ou analogias florísticas, além da mesma exuberância florestal e do heteroclitismo; mas são diferentes pela grande maioria de endemismos ou exclusividades.

O estudo comparativo minucioso é sobremodo extenso, no que diz respeito à Ecologia e à Florística equatoriais e está ainda em via de desenvolvimento, à mercê da revisão da Sistemática, na grande obra do Prof. ENGLER — *Das Pflanzenreich,* para completa verificação de similitudes e diferenças florísticas, já em parte indicadas nas duas edições de ENGLER — *Die natürlichen Pflanzenfamilien* e bem assim nas obras especiais de Fitogeografia, *verbi gratia,* na parte relativa à Biogeografia, na Geografia Física de EM. DE MARTONNE, e outras obras.

As similitudes florísticas, porém, são em geral casos de *espécies vicariantes* (de gêneros comuns) ou de "gêneros vicariantes" ou que representam as famílias que teem representantes nas três regiões hileanas; ou ainda, de variedades de uma dada espécie, *v. gr.* a sumaúma *(Ceiba pentandra),* da Amazônia, representada na África pela variedade *caribaea* e na Ásia pela var. *índica.*

A respeito de leguminosas, por exemplo, diz A. DUCKE, em seu recente trabalho *As Leguminosas da Amazônia Brasileira,* 1939, pág. 5: "A hiléia americana e, ao que parece, a região correspondente da África ocidental, são ricas dos gêneros que unem as três sub-famílias de leguminosas".

Segundo êsse trabalho do Dr. A. DUCKE, são comuns às três regiões equatoriais, ou pelo menos a duas delas, os seguintes gêneros de leguminosas amazônicas: *Pithecolobium, Acacia, Piptadenia, Parkia, Pen-*

taclethra (1 esp. americana e 2 da África), *Cynometra, Copaifera* (Amér. e Áfr.), *Macrolobium*, (Amér. e Áfr.), *Bauhinia, Dialium* (29 esp. do Velho Mundo e uma única da América), *Cassia, Caesalpinia, Swartizia* (Am. e Áfr.), *Ormosia* (Am. e Ásia.), *Crotalaria, Indigofera* (principalmente da África), *Tephrosia* (Am., Áfr. e Austrália), *Sesbania, Aeschynomene* (Am. e Áfr.), *Stylosanthes, Zornia, Desmodium, Dalbergia, Pterocarpus, Lonchocarpus* (Am. Áfr. e Austrália), *Derris, Andira* (Am. e Áfr.), *Abrus, Clitoria, Peramnus, Erythrina, Mucuna, Galactia, Dioclea, Canavalia, Rhynchosia, Eriosema, Phaseolus e Vigna,* isto é, cêrca de 40 gêneros, entre os 122 gêneros de leguminosas da Amazônia brasileira.

E tenha-se então em conta que, segundo J. HUBER *(Matas e Madeiras Amazôncas),* como indica A. DUCKE, "a família mais importante entre tôdas, na composição das matas amazônicas e também sob o ponto de vista da utilidade das suas madeiras, é a das leguminosas".

Nessa ordem de considerações, seria preciso passar em revista, por exemplo, as 328 famílias de fanerógamas ou sifonógamas, para indicar as representadas em cada uma das três regiões equatoriais e, a propósito de cada uma destas, os gêneros comuns e os exclusivos.

Aquí, porém, tenho de me limitar a algumas ligeiras indicações, recomendando aos interessados no estudo do assunto, o livro de RÜBEL — *Pflanzengeselschaften der Erde,* que traz anexo um mapa florístico mundial de BROCKMANN-JEROSCH, como a mais moderna obra de síntese, sôbre o assunto.

Em geral as famílias e os gêneros de plantas, de grande área geográfica, teem suas espécies americanas, africanas, asiáticas, européias e da Oceania, ou de dois ou mais continentes, isto é, espécies vicariantes ou mesmo gêneros vicariantes (que representam a respectiva família, sub-família ou tribu), nas diversas regiões consideradas.

Assim, por exemplo, as orquídeas, como estudadas por J. COSTANTIN — *Atlas des Orchidées Cultivées:* gêneros americanos, gêneros da Ásia tropical e Oceania; gêneros africanos e gêneros da Europa, fazendo então ver que os gêneros *Cattleya, Laelia, Oncidium, Stanhopea,* etc., caracterizam o Novo Mundo.

E que, dos gêneros americanos, são comuns à Ásia: *Habenaria, Liparis, Spiranthes, Orchis, Pogonia, Cypripedium, Calanthe, Eulophia, Polystachya* (cujas espécies são sobretudo africanas) e *Vanilla* (principalmente da América).

E quanto à África, os gêneros também americanos: *Habenaria, Bulbophyllum, Cyrtopodium, Polystachya, Vanilla* e outros.

Mas de um modo geral são exclusivas das respectivas regiões equatorias as plantas úteis mais importantes, assim na Hiléia americana as seringueiras (gen. *Hevea*), a castanheira do Pará, o caucho, o guaraná, o cumarú, a maioria das palmáceas, etc.

Naturalmente não entram em linha de conta, como similitudes, as chamadas "plantas antropófilas" (amigas do homem), isto é, que acompanham o homem por tôda parte, assim plantas africanas, americanas e asiáticas que passaram de um para outro continente, onde são hoje sub-espontâneas, como também diversas espécies européias.

Em resumo, a analogia é quanto ao complexo clímato-edáfico, onde se verifica pluviosidade máxima, e quanto ao tipo florestal, exuberante e heteróclito, em que se incluem gêneros comuns, mas representados geralmente por espécies vicariantes.

A higrofitia que, segundo HUGUET DEL VILLAR (*Geobotânica* pág. 293) é o atributo essencial das três regiões equatoriais, é peculiar, na América, à região amazônica, Guianas, Colômbia, parte do Equador e América Central; na África, a determinadas regiões da Guiné, do Congo e do Alto Nilo; no Oriente: a parte do Indostão e sobretudo à Indo-China, Malésia e Melanésia.

Aí, cada interessado terá de estudar, família por família de plantas, as similitudes, exclusividades e demais diferenças.

A AMAZÔNIA BRASILEIRA

Na dependência das variantes de cada um dos fatores do complexo clímato-edáfico, as formações florísticas da Amazônia Brasileira, com dominância de grandes florestas, são as seguintes:

I — FORMAÇÕES OU ASSOCIAÇÕES FLORESTAIS, de que se distinguem:

1 — *Matas de terra firme* (não atingível pelas cheias anuais), podendo ser úmidas ou enxutas e ter ou não depressões alagadas ou encharcadas (igapós); são em geral argilosas ou sílico-argilosas, com ou sem trechos arenosos inclusos.

2 — *Matas de várzea* (alagadiça nas cheias anuais), podendo ser de várzea alta ou baixa, que frequentemente apresenta depressões alagadas (igapós inclusos) e margens baixas de rios e igarapés (igapós marginais).

3 — *Matas de igapós* (terrenos baixos permanentemente alagados ou encharcados). Essas matas (caá-igapós, dos índios), podem ser marginais dos rios, igarapés e lagos, ou inclusas nas matas de terra firme ou nas matas de várzea, como ocorrências.

4 — *Pestanas* ou mata-galerias, ao longo das margens de rios e igarapés nos campos.

5 — *Capões de mato* (ou ilhas de mato, na Amazônia), nos campos.

6 — *Caatingas do Rio Negro e do Solimões,* inteiramente diferentes das do Nordeste brasileiro.

7 — *Chavascais* ou charravascais, agrupamentos de arvoretas tortuosas, em terreno duro, compacto, sêco; são ocorrências xerófitas.

II — FORMAÇÕES CAMPESTRES, de que umas são floristicamente amazônicas (campinas e campinaranas), ao passo que outras são revestidas de flora extra- amazônica (do Brasil Central).

III — FLORA LIMNÓFILA, de rios e lagos, de beiradas, remansos, travessões, pedrais, corredeiras, cachoeiras e grandes quedas dágua.

Floresta à margem do rio Negro. (Município de Manaus-Amazonas).

Fototeca do S.G.E.F.

Em separado, tem-se de considerar os chamados *bamburrais,* como simples acúmulos, densos e emaranhados, impenetráveis ou intransponíveis, geralmente cipoais mistos; e bem assim, os vários casos de *gregarismos* (acúmulos de indivíduos da mesma espécie no mesmo local); e, também em separado, a *flora halófila, do litoral* paraense e do noroeste amazônico do Maranhão, por ser parte da Zona Marítima, da flora geral ou extra-amazônica, como expliquei em minha *Fitogeografia do Brasil,* e então por existir no litoral paraense.

Não há aquí espaço para entrar em detalhes, a propósito de cada uma das *formações* indicadas, de que umas são *associações* (matas, pestanas, capões ou ilhas de mato, caatingas e chavascais), ao passo que outras são essencialmente *disposições disseminadas* (as campestres) ou emaranhadas (bamburrais) ou casos de gregarismo(aningais, morizais, jarinais, murumuruzais, etc.).

E cumpre ponderar que os chamados seringais, castanhais, balatais, cacauais e outros não são casos de gregarismo, mas de frequência ou abundância, havendo, porém, uma certa tendência das castanheiras para acúmulo ou gregarismo, nas chamadas "pontas de castanheiras".

Para uma idéia da costumeira frequência ou abundância de seringueiras em um dado seringal, vem a propósito transcrever aquí o seguinte trecho de PEREGRINO JÚNIOR, em *Histórias da Amazônia* (pág. 93): "Era um seringal virgem. A minha estrada de seringa, que começava na barraca e vinha acabar de novo bem na porta dela, era um zig-zag desgraçado dentro da mata: botava ao alcance de minha machadinha 120 seringueiras".

E para abrir uma tal "estrada de seringa", há suas dificuldades, explicadas, por exemplo, por BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA, a propósito de mateiro, piqueiro e toqueiro, em seu *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil.*

Cada formação tem suas variantes e cada variante em geral a sua vegetação própria, mas em geral as castanheiras e o caucho são características das matas de terra firme, os cacauais das de várzea enxuta, as seringueiras das de várzeas úmidas e igapós, e assim por diante.

E' de regra muito variada a composição de cada tipo de vegetação, pelo que só posso aquí indicar o modo de estudar; assim, no que diz respeito a florestas, o estudo da composição foi feito por J. HUBER, em seu trabalho *Matas e Madeiras Amazônicas;* quanto aos campos da Ilha de Marajó, o de VICENTE CHERMONT DE MIRANDA e J. HUBER, no *Boletim do Museu Paraense.*

Quanto ao mais, ainda é trabalho a fazer o estudo especial da composição florística de cada uma das outras formações, mediante compilação de informes esparsos.

E cumpre considerar que, segundo A. DUCKE (1. c.), a flora de vastas regiões do Estado do Amazonas, assim como a da parte amazônica de Mato Grosso, permanecem quase totalmente ignoradas; e a do Território do Acre está apenas no começo de exploração".

A INFLUÊNCIA DO CLIMA, DO SISTEMA HIDROGRÁFICO, DO RELÊVO E DA NATUREZA DO SOLO

Em primeiro lugar, aplica-se à flora amazônica o aforismo de EMBERGER: "A flora é o espêlho do clima".

Mas do clima amazônico, equatorial, o fator essencial é a pluviosidade máxima, dando lugar a um sistema hidrográfico que assegura de modo geral, ao solo, um grande coeficiente de água de embebição.

Se, de um lado se pode afirmar que "a chuva faz a mata", como afirmou RAIMUNDO MORAIS (*Anfiteatro Amazônico,* pág. 223), é mais acertado e sintético dizer, como disse ARAÚJO LIMA (*Amazônia,* pág. 251) que "a flora é função da água", pois essa asserção explica não só os diversos tipos principais de matas amazônicas (de terra firme, de várzea e de igapós), como as ocorrências sub-xerófitas (campos) e as xerófitas (chavascais).

Isso, por serem gerais as chuvas, como afirma RAIMUNDO MORAIS (o. c. p. 223). quando diz: "Nos lugares mais áridos chove tanto como nas zonas florestais", mas não tanto como pode parecer à primeira vista, a julgar pelo que informa A. DUCKE (o. c.), a propósito da esponjeira ou jurema branca *(Pithecolobium acacioides):* "Tipo vegetal único na Amazônia, caducifólio no estio, habita os pontos mais secos ou de verão mais rigoroso: Campos de Macapá, Bragança e Viseu; praias velhas do Ajuruteua, arredores da cachoeira Itaboca, no Tocantins; Almeirim, Montalegre, Santarém (lugares arenosos); campo firme de Circantanduba, perto de Óbidos; e é também do Maranhão, Ceará, norte de Goiaz, Paraíba e Pernambuco".

Gerais as chuvas, sem dúvida, embora com pequenas variantes, o que decide do tipo de vegetação é a água de embebição no solo.

Onde excessiva, a água de embebição do solo, dá lugar ao igapó e sua vegetação florestal, nitidamente hidrófila.

Onde abundante e periodicamente renovada (várzeas inundáveis), condiciona a mata de várzea, em que há relativa tropofilia, mas não extrema.

Onde moderado o coeficiente hídrico edáfico, mantido pelas chuvas frequentes em tôda a Amazônia, tem-se as matas de terra firme, algo mesófilas, isto é, amigas do meio têrmo, quanto à unidade edáfica.

Nos campos de Marajó, a flora de mondongos ou brejos é tropófila, a dos tesos ou elevações é diferente.

No interior das florestas, na orla arenosa de cachoeiras a vegetação é psamófila, de ananaí (abacaxí selvagem) que aí forma, por vêzes, extenso ananaizal, segundo PAUL LE COINTE (*A Amazônia Brasileira* III).

Nos campos altos, a vegetação é geralmente sub-xerófila, exceção feita dos campos úmidos; onde haja, porém, um trecho de solo duro, compacto, impenetrável às águas de chuvas e mesmo às de infiltração, de rios e igarapés próximos, a vegetação é xerófita, de chavascal.

Tôdas as intercorrências, psamófilas, sub-xerófilas e xerófilas teem como primeira explicação o coeficiente variável de umidade no solo.

Até mesmo a ocorrência de campos na Amazônia parece explicável por não estar ainda fisicamente maduro o terreno, embora velho, isto é, não ter ainda adquirido a porosidade indispensável à circulação da água no solo (correntes intersticias, verticais, horizontais e de difusão), como expliquei em meu trabalho *A Flora do rio Cuminá,* tratando dos campos dessa região amazônica.

E' claro que a composição do solo (argiloso, silicoso, etc) influe muito para o viço da vegetação, mas o estado físico, o humus e a umidade parecem ter maior influência.

O *relêvo* do solo tem por sua vez sua influência e a êle se deve atribuir a distinção de matas de terras firmes (ou altas, em relação às

cheias anuais), matas de várzeas (alagáveis) e matas de igapós (marginais, principalmente).

E' ainda o relêvo que assegura a geral dispersão de terras firmes, várzeas e igapós, não só no vale do Amazonas, mas também nas vertentes dos dois maciços que o delimitam, e até mesmo nesses planaltos.

E' que as vertentes são taludes suaves, como planuras, elevações e degraus (correspondentes às cachoeiras e corredeiras); por sua vez os planaltos, teem várzeas, terras firmes e depressões.

Os morros e serras, inclusos no anfiteatro amazônico, são florestais ou campestres, conforme o local e a natureza do solo; nas zonas de verão mais rigoroso, isto é, onde as chuvas são menos abundantes, há os tabuleiros e mesmo serras sêcas, *v. gr.* as de Parauaquara, Jutaí, Velha Podre e Jaraucú.

São aliás numerosas as serras inclusas no anfiteatro amazônico, em geral colinas, ao norte e sul do rio Amazonas; assim colinas de Óbidos, do Tapajoz, Montealegre, Serra do Almeirim, Serra do Mairarí (600 metros), Serra Pontada, etc.

Essas ligeiras citações orográficas são aquí feitas apenas para uma noção do relêvo e para salientar o fato geral na Amazônia; é que se muitas espécies teem larga dispersão, *v. gr.* as seringueiras, castanheiras, etc., outras são "acantonadas" em determinados lugares, *v. gr.* o guaraná; e de regra, cada local tem suas particularidades florísticas.

Um perfil transversal teórico, da Amazônia, mencionando altitudes da planície, de vertentes dos maciços, matogrossense e guianense, e dêsses planaltos, indicaria diferenças altimétricas que iriam desde alguns metros acima do nível do mar, na planície, até 2 506 m. no Cêrro Masiati (entre o E. do Amazonas e Venezuela) e 2 875 m no Pico do Monte Roraima, na fronteira do Brasil com a Venezuela e a Guiana Inglêsa.

A propósito do maciço matogrossense, transcrevo aquí, do livro do Cel. AMÍLCAR BOTELHO DE MAGALHÃES (*Impressões da Com. Rondon,* 5.ª ed., pág. 416) as seguintes informações, do General RONDON: "Enquanto que para o norte o planalto desce em taludes suaves, que vão morrer na planície amazônica, para o sul e oeste cai abruptamente sob a forma de verdadeiros "talhadões".

Nesse maciço, segundo A. DUCKE (o. c.), só o extremo norte do E. de Mato Grosso é tipicamente hileano, pois já nas terras altas da chamada Serra do Norte a vegetação é mista, de espécies amazônicas e extra-amazônicas, com acentuado endemismo nos campos de Cataquí-iamaín, verificado por J. G. KUHLMANN.

Informa ainda A. DUCKE que o Acre é essencialmente amazônico, mas tem interferência de espécies da flora geral do Brasil; e que o Estado do Pará parece ter, em seu extremo sueste (rio Araguaia), uma faixa de caráter extra-amazônico, a qual, porém, permanece inexplorada quanto à flora.

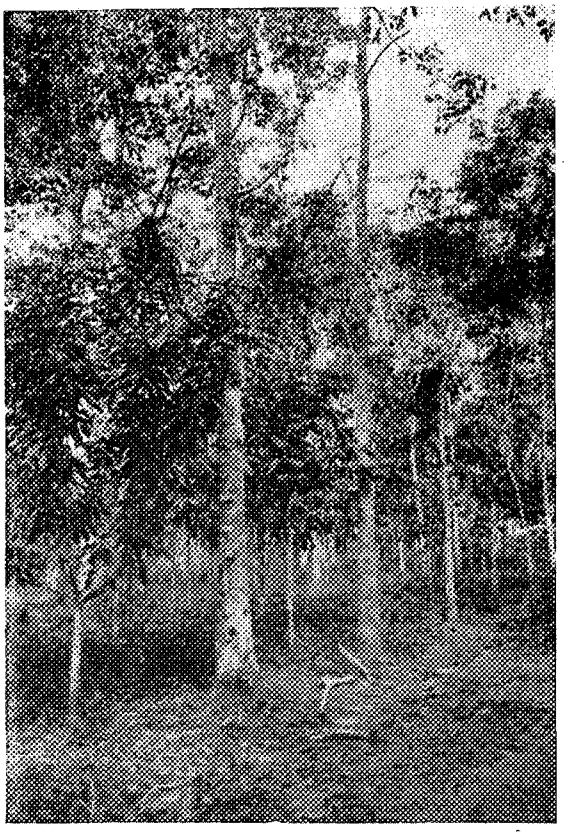
Acresce que tanto do lado sul quanto do lado norte do rio Amazonas há campos com vegetação idêntica aos do Brasil Central; valem por isso como outras ocorrências da flora geral do Brasil na região amazônica.

Se exata a suposição de EHRENREICH (*Viagem nos rios Amazonas e Purús,* no *Bol. do Mus. Paulista,* 1929), referindo-se à Serra do Almeirim, de que esta seja um resto da denudação da planície que ligava outrora as terras alta das Guianas ao grande planalto central do Brasil, é também admissível a suposição de que a flora dêsses campos, idêntica à do Brasil central, fôsse a primitiva, antes do fenômeno geológico de que resultou a depressão amazônica, com as suas consequências hidrográficas e higrofíticas; assim, êsses campos seriam remanescentes da vegetação que precedeu a hiléia atual, com as suas imensas florestas que lhe dão o *fácies* florístico ou fitofisionomia, sendo, de muito menor importância as demais ocorrências.

Na Amazônia, tudo é imenso, tudo é abundante, tudo varia, desde as mais esplêndidas matas de terra firme até as matas medíocres em solo de areia branca, com suas árvores de altura média, *v. gr Parkia pectinata.*

Há plantas que são de matas de várzea e de igapós, assim algumas seringueiras, entre as quais a verdadeira (*Hevea brasiliensis*) que é de matas inundadas mas também de terras altas argilosas, segundo PAUL LE COINTE (*A Amazônia Brasileira,* II).

Mas tanto as várzeas como os igapós teem seus endemismos: nestes são frequentes, o tachizeiro (de igapó: *Triplaris surinamensis*), algumas imbaúbas, a palmeira jauarí, a pachiuba, oeirana e, além de outras, a interessante *Parkia auriculata* que, segundo A. DUCKE, é árvore de tronco curto, quase sempre imerso nágua, de onde só saem os pouco numerosos ramos: comunís-sima é a pracachí (*Penta-*



Seringueiras.
Fototeca do S.G.E.F.

clethra filamentosa) que também se encontra em mata de terra firme, mais baixa, úmida.

Há assaís e imbaúbas só de várzeas e igapós e outras espécies só de terra firme; há também plantas indiferentes a excesso dágua no solo, assim *Inga marginata,* de terrenos argilosos férteis, enxutos ou inundáveis; *Dimorphandra glabriflora* é de terra firme úmida e de igapós.

Há também fatos inexplicáveis; assim, a pracuuba *(Mora paraensis),* uma das árvores grandes mais abundantes, da várzea não demasiadamente inundável, à margem dos Furos de Breves e em Gurupá, é frequente em todo o estuário amazônico, de Macapá e Belém a Gurupá e falta no Baixo Amazonas propriamente dito. Como endemismo restrito, *Inga pulchriflora* só encontrada na terra firme do Seringal Iracema. (Seg. A. DUCKE).

Há rios de água branca (barrentos), rios de água prêta e rios de água verde (com *plancton* à flor dágua); nos de água branca, é constante a erosão das margens e ilhas, e deles é o fenômeno das terras caídas", segundo afirma RAIMUNDO MORAIS, em seus dois livros *Aluvião* e *Anfiteatro Amazônico.*

Ha "rios gêmeos", segundo o mesmo autor, iguais em tudo ou quase tudo, assim os rios Purús e Jurúa, o Trombetas e o Jamundá, o Xingú e o Tapajoz; mas também há "rios solteiros", únicos no aspecto (rios Madeira, Tocantins, Negro e Maecurú).

Não tenho aquí espaço para indicar a composição das florestas amazônicas e de cada uma das ocorrências de campos, campinas, campinaranas, etc.; o interessado deverá consultar, por exemplo, o trabalho especial de J. HUBER *Matas e Madeiras Amazônicas,* juntando-lhe as posteriores verificações constantes dos numerosos trabalhos de A. DUCKE e outros.

Vou passar por isso a algumas informações relativas a plantas úteis, baseadas no livro de PAUL LE COINTE — *A Amazônia Brasileira.*

PLANTAS ÚTEIS DA AMAZÔNIA

A primeira noção geral é que, segundo J. HUBER, a família das leguminosas é a mais importante, na composição das matas amazônicas e também sob o ponto de vista da utilidade de suas madeiras.

Segue-se naturalmente a família das palmáceas, com um grande número de espécies, umas de grande dispersão (jauri, urucurí, assaí, inajá, etc.); outras são acantonadas em certos pontos (*v. gr.* as jarinas).

Numerosas outras famílias teem seus representantes na hiléia e de regra cada uma delas suas espécies úteis, de que não posso dar aquí senão ligeiras indicações, das principais.

O capítulo das plantas úteis amazônicas começa pelas seringueiras e respectivos "seringais", a que se seguem, por ordem de importância

econômica a castanheira e os castanhais, o caucho e os cauchais, o cacau, as madeiras, as oleaginosas, timbó, guaraná, cumarú, etc.

Seringais: São assim chamadas correntemente as matas de várzea, alagáveis e seus igapós, onde há abundância de seringueiras que produzem borracha de boa qualidade, assim *Hevea brasiliensis,* a seringueira verdadeira, com as suas variedade e cujo látex fornece a "borracha fina do Pará".

Hevea brasiliensis, porém, não é só de matas inundadas, mas também de terras altas argilosas, seg. PAUL LE COINTE (o. c.), razão da grande dispersão dos seringais, em exploração e a explorar, na Amazônia, a cujo propósito os mapas agronômicos dão extensas indicações, desde o estuário até o Acre; mas falta na margem esquerda do Amazonas, do rio Parú para cima.

De acôrdo com o citado autor que, por sua vez, se baseia nos mais recentes trabalhos de A. DUCKE, as outras seringueiras que fornecem boa borracha são as seguintes:

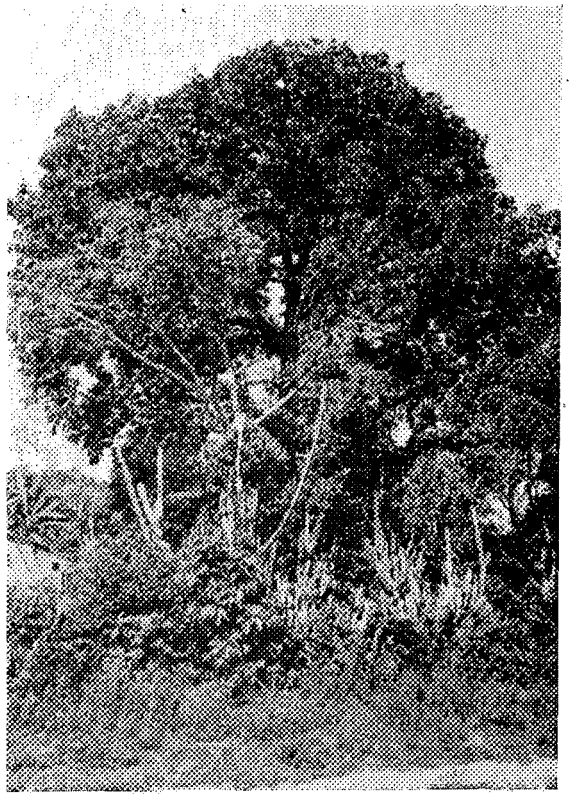
Hevea Benthamiana, do norte do Amazonas, no rio Negro, Trombetas e Solimões; dá borracha de boa qualidade.

Hevea cuneata, das terras não inundáveis dos rios Negro, Solimões, Tapajoz e Madeira; dá borracha regular.

Outras espécies de *Hevea* são de menor importância: *Hevea Spruceana* (não dá borracha); *H. lutea* (borracha fraca); *H. guianensis* (borracha inferior).

Há, porém, ainda a seringarana (*Sapium Marmieri*), também chamada "tapurú", que dá borracha de boa qualidade. O número de seringueiras produtoras de seringa, é calculado em 300 milhões. (VALENTIM BOUÇAS, em artigo.) *

Castanhais: Com tendência a gregarismos que constituem as chamadas



Castanheira.
Fototeca do S.G.E.F.

* VALENTIM BOUÇAS — *O Renascimento da Amazônia,* no *Correio da Manhã,* de 5 de Abril de 1942. Vide também a obra oficial, em inglês, *Brazil 1938.*
Segundo RAIMUNDO MORAIS (*Anfiteatro Amazônico,* pág. 104), a maior seringueira foi encontrada pela Expedição Schurz (1923) no Tocantins, mas aí só se produz borracha inferior (sernambí), por ser mal preparada.

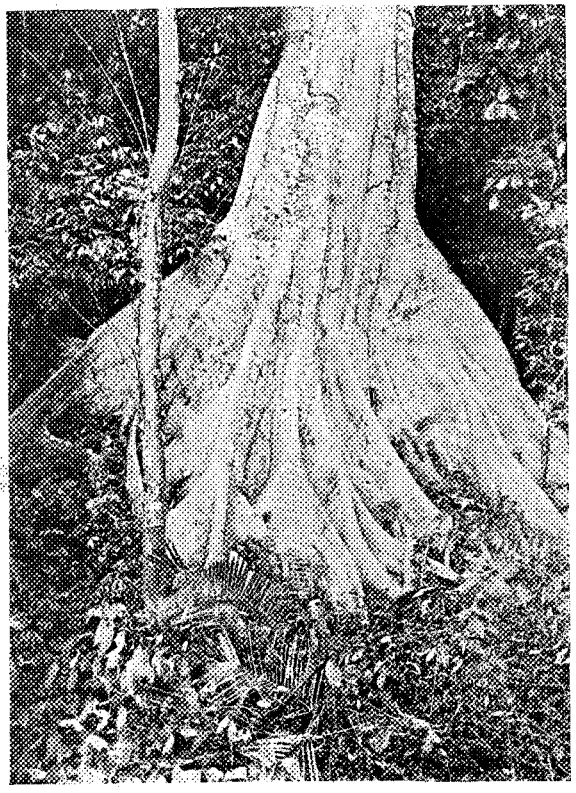
"pontas de castanheiras" ou acúmulos nas matas de terra firme de que é uma das principais características, a castanheira (*Bertholletia excelsa* ou duas espécies, seg. MIERS: *B. excelsa* e *B. nobilis,* (o que resta verificar), estende-se por tôda a Amazônia, nas matas de terra firme alta, argilosa ou argilo-silicosa, chamando-se geralmente "castanhais" aos trechos em que se faz a colheita ou "apanha" de castanha.

Os mapas agronômicos, de castanheira, valem simultaneamente, como um primeiro indicador da larga distribuição de matas de terra firme, alta, na Amazônia; mas, cumpre ter em conta que, de regra, no curso de cada afluente do Amazonas, há um ponto da "última castanheira".

Segundo A. DUCKE, como informo em minha *Fitogeografia do Brasil,* os maiores castanhais são entre o Tocantins e o Xingú, bem como em Santarém, havendo neles muito caucho *(Castilloa Ulei).*

Assim as matas de terra firme são as sedes de castanhais e cauchais, mas a distribuição varia muito; assim, por exemplo, a castanheira é escassa no Juruá e abundante no Purús, não obstante tratár-se de "rios gêmeos", iguais em tudo, segundo RAIMUNDO MORAIS (*Anfiteatro Amazônico,* pág. 58).

Varia também o tamanho da castanha ou semente; a maior é a da região do lago Abufarí, a menor é a do Acre; a indústria de confeitos, segundo informa RAIMUNDO MORAIS, dá preferência a esta para bonbons e àquela para leite, óleo e massa.



Exemplar de caucho.

Cauchais: São assim chamados os casos, como os precedentes, de frequência de caucho verdadeiro (*Castilloa Ulei*) em matas de terra firme, onde não raro é abundante também a castanheira.

Castilloa Ulei dá um látex abundante, com que se prepara a borracha denominada caucho, de grande valor industrial; é árvore grande, peculiar a matas extensas de terra firme, entre os grandes afluentes meridionais da Amazônia, e entre os cursos inferiores do Trombetas e Curuá (Rio Branco de Óbidos e rio Mamiá).

E' árvore a ser replantada, para evitar exhaustão, pois a colheita do látex é feito mediante derrubada da árvore.

Há também o caucho macho (*Brosimum amplicoma,* do Solimões), caucho-rana (*Perebea guianensis,* de Óbidos e Almeirim) e o caucho-rana ou muiratinga de terra firme (*Noyera mollis,* de Óbidos), de menor valor econômico.

Caucauais: O cacau verdadeiro *(Theobroma cacao)* é indígena na Amazônia e também cultivado na região. A distribuição é dada em mapas agronômicos, quanto à exploração.

O nativo é frequente em matas de várzeas, distinguindo-se, por exemplo, uma zona dos cacauais do baixo Amazonas, em que é tipico, segundo A. DUCKE, o "paricá grande da várzea" *(Pithecolobium niopoides).*

Há diversos outros cacaueiros, de que alguns são também explorados, assim o cacau azul (*The. Spruceanum,* também cacau-rana de fruto azul), cacau do Perú *(Th. bicolor),* cacau-rana (*Th. microcarpum,* do Tapajoz e do E. do Amazonas, e *Th. sp.* de Óbidos); e cacau-í *(Th. speciosum)* das matas de terra firme, de tôda a Amazônia e cujas sementes dão excelente chocolate. (PAUL LE COINTE — *A Amazônia Brasileira,* III).

Das espécies indicadas, dão bom chocolate as seguintes:

1 — *Theobroma cacao,* o cacaueiro verdadeiro.

2 — *Theobroma bicolor:* cacau do Perú ou de Caracas, cupuassú, do Solimões e rio Negro, cultivado na região da E. de F. de Bragança.

3 — *Th. microcarpum:* cacau-rana, cacau-í, frequente nas matas de terra firme no médio Tapajoz e no Estado do Amazonas.

4 — *Th. speciosum:* cacau-í ou cacau-rana de fruto amarelo, das matas de terra firme de tôda a Amazônia.

Consequentemente, a distribuição dos cacauais na Amazônia é das mais amplas, por haver cacauais de várzea e cacauais de terra firme.

Jarinais, das palmáceas *Phytelephas macrocarpa* (do Alto Amazonas e Alto Purús) e *Ph. microcarpa,* do rio Javari, chamadas "jarina", cujas amêndoas (brancas e duras como marfim, donde o nome "marfim vegetal"), prestam-se a obras de tôrno (botões), seg. PAUL LE COINTE.

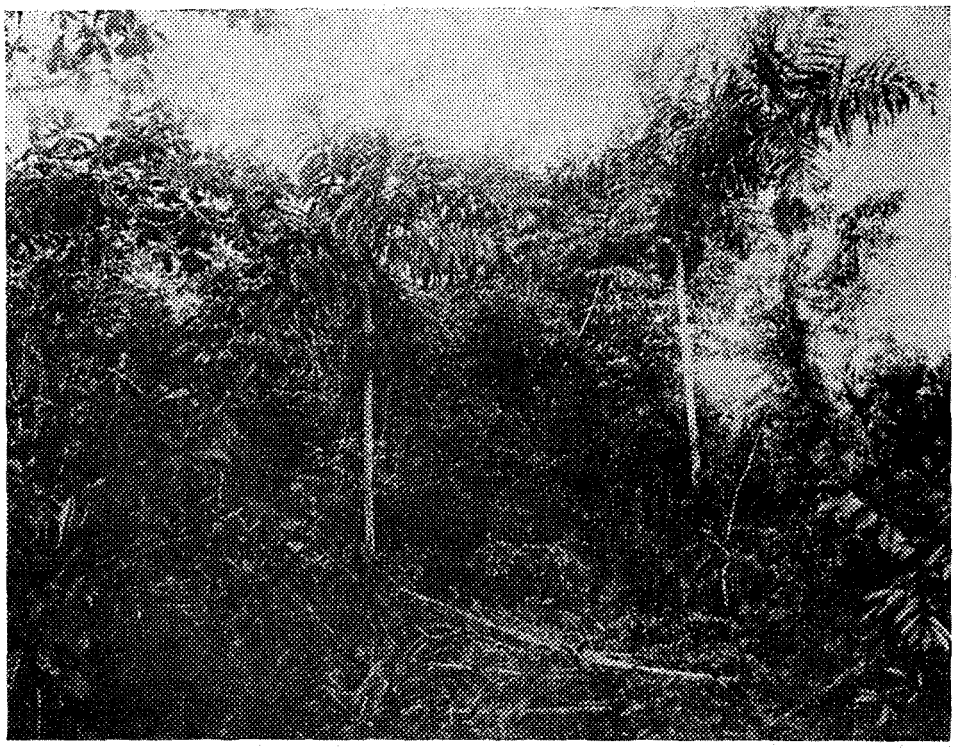
Os jarinais são exemplo de gregarismo (como há outros na flora amazônica), isto é, acúmulos em um dado ponto da mata onde existam. São palmáceas acaules, umbrófilas.

Palmeiras mais abundantes: A extensão dêste parágrafo, por ser grande o número de palmeiras da Amazônia, obriga-me a recomendar, aos interessados em seu catálogo, a consulta do *Sertum Palmarum Brasiliensium,* de BARBOSA RODRIGUES e o vol. III de PAUL LE COINTE — *A Amazônia Brasileira — Matas e Plantas Úteis;* e lembro que a nomenclatura científica das palmáceas está em revisão por M. BURRET (em

ENGLER — *Bot. Jahrb.*), havendo a propósito um índice das novas denominações, publicado por STANDLEY.

Seria preciso indicar aquí a nomenclatura antiga, constante da *Flora* de MARTIUS e do citado livro de PAUL LE COINTE, e os binômios atuais, de acôrdo com os trabalhos de BURRET, STANDLEY e outros autores; o gênero Cocos, por exemplo, é hoje nosso típico *(Cocos nucifera);* as espécies que antes figuravam nesse gênero, passaram a ter outras designações genéricas.

Não há espaço aquí para essa correspondência, de binômios antigos e modernos.



Babacabas no Baixo Javari.

E também por falta de espaço limito-me a mencionar quase somente os nomes vulgares das úteis; assim, seg. PAUL LE COINTE, o. c.:

Assaí do Pará (de igapós e margens de riachos de terra firme), assaí-chumbo ou assaí-catinga (de terra firme, de Manaus); assaí-mirim (do Alto Amazonas), assaí da terra firme (do Tapajoz) e outros.

bacaba de azeite, bacaba-assú, bacaba-í e bacabão.

babaçú ou uá-uassú.

burití (do meio norte e do sul do Brasil *(Mauritia vinifera)* a distinguir de mirití; burití bravo ou caraná; burití-rana; buritizinho.

bussú ou ubussú; *caiaté; caiaué* ou dendê do Pará *(Elaeis melanococca); cacumaná* ou murumurú; *camuá;* caranás diversos; côco de catarro ou mucajá; *curuás* diversos.

inajá e inajá-í *(Maximiliana regia* e *M. inajá-í); jacitaras* diversas *(Desmoncus); jará* ou iará *(Leopoldinea pulchra);* jará-assú; *jauri* (frequente nas matas alagadas e margens lodosas); *jupatí.*

marajá, marajá-assú e outros; *maripá; mirití (Mauritia flexuosa); motacú (Attalea princeps); mumbaca; murumurú.*

patauá ou *batauá; paxiúba* ou *castiçal* (em Mato Grosso) e paxiúba barriguda; paxiubinha; *piassava e* piassaba-rana; *piririma; pupunha (Guilielma speciosa* e outras).

titara; tucumás diversos (também chamados tucumã); *tururí* ou ubussú; *ubim* (diversos), ubim-assú, ubim-mirim e ubim-rana; *urucurí (Attalea excelsa),* muito frequente e característica, seg. HUBER, das matas de várzeas altas.

Há também, cultivadas: carnaúba, cariota, coqueiro da Baía. dendê africano *(Elaeis guineensis),* palmeira real, etc.

Das nativas, são muito frequentes: assaí, bacaba, jauarí, inajá, mirití, urucurí, marajá, bataná, etc.

Riqueza em sementes oleaginosas: Produzem óleo as seguintes plantas: ameixa do Pará *(Ximenia americana),* andiroba, andorinha, assacú, castanha de arara, castanheira do Pará, catauarí, comadre de leite, compadre de azeite, copaíba, copuda, cumaca-í, cumarú, cumarú-rana, cupú-rana, fruta de cotia, jabotí da várzea; jacaré-copaíba, jorro-jorro, louro-inhamuí, macaco-castanha, maúba, mamorana grande, pacapiá- ou nhandiroba, palmeiras diversas (bacaba, caiaué, curúa branco, curúa-piranga, jatá, jaurí, jupatí, mirití, cotacú, mucajá, mumbaca, murumurú patauá, tucumá-assú, ua-auassú ou babaçú, urucurí), pau marfim, pau rosa verdadeiro, paracachí, pião, quinquio, sumauma, tacarazeiro, taquarí. (Seg. PAUL LE COINTE).

Madeiras amazônicas: São também muito numerosas; o maior coeficiente é de leguminosas, a partir do acapú *(Vouacapoua americana),* mas também de outras famílias, *v. gr.* a acariúba (*Minquartia guianensis,* olacácea), as massarandubas (sapotáceas), perobas (apocináceas), freijó (borraginácea), pau amarelo (rutácea), pequiá-marfim, ipês, jacarandás, etc.

Guaraná: Sapindácea indígena da Amazônia, é cultivada nas regiões do rio Maués, Tapajoz, Acará, Belém, Itacoatiara, seg. PAUL LE COINTE; informa, por sua vez RAIMUNDO MORAIS (*Anfiteatro Amazônico,* pág. 174) que a grande ilha de Tupinambarana é a região do guaraná.

Também chamado uaraná (cupana, na Venezuela) e atribuída a Paullinia cupana UBK (*Serjania sorbilis* Mart.), o guaraná procede, segundo DUCKE, de duas variedades de Paullinia cupana, isto é, var. típica (da Venezuela) e var. sorbilis, da Amazônia.

Timbó: Há na Amazônia numerosas plantas chamadas timbó e tingui, usadas para tinguijar ou entorpecer peixes, emprêgo a que se prestam também outras plantas.

Os principais timbós, porém, são os que conteem "rotenona", substância inseticida, a cujo propósito há recente trabalho especial de ADRIÃO CAMINHA FILHO.

Lonchocarpus nicou, do Tapajoz, Gurupá e rio Acará, vulgarmente chamada timbó macaquinho, timbó branco ou timbó legítimo, é o mais rico em rotenona; é também muito ativo o timbó-urucú e talvez também Derris negrensis (timbó-rana), seg. PAUL LE COINTE.

Os outros timbós são de preferência ictiotóxicos.

Cumarú: As espécies mais exploráveis são Coumarouna (ou Dipteryx) odorata (que é a mais comum) e C. trifoliolata (do rio Branco), segundo A. DUCKE.

Muitas outras plantas úteis existem na Amazônia, em especial fibras, estopas, plantas medicinais, frutas, sementes alimentícias, resinas, breu, tuberas, cipós, orquídeas, plantas ornamentais variadas, etc.

O espaço aquí, porém, é limitado a um simples panorama geral.

Abril, 1942.

*

RESUMÉ

L'auteur, qui est un botaniste renommé, consulteur technique de Phytogéographie du C. N. de G., présente dans cet article une étude plutôt d'information et d'ordre pratique que de botanique. Il démontre l'analogie de la nature de la flore de l'Amazone avec celle d'autres régions équatoriales. Il fournit des renseignements sur les principales plantes utiles de la région.

L'immense "Hylæa" est répartie, à cause des différences floristiques qu'elle présente sur 4 zones: zone hylæa orientale andine; zone ou région amazone-orénoco (hylæa de Humboldt); hylæa de la Guyane et disjonction de l'Amérique centrale ou du Panamá. L'auteur se rapporte au moyen de rapprochements, à 3 espèces d'hylæa: américaine, africaine et insulindique-asiatique. Parmi les 122 genres de légumineuses de l'Amazonie brésilienne, 40 sont communs aux deux autres hylæa ou bien seulement à l'une des deux.

Parmi les plantes utiles non comprises dans les hylæa, il faut citer la seringueira, le caucho, le châtaignier du Pará, le guaraná, le cumarú, un grand nombre de palmacées, etc..

Le Dr. SAMPAIO distingue dans l'Amazonie brésilienne, les formations florestales, les formations de champs, la flore limnophyle. Il faut mettre dans un ordre à part les "bamburrais" (denses et impénétrables, généralement avec beaucoup de lianes); et différents cas de "gregarismo" (accumulation de plusieurs individus dans un même endroit). Il explique que chaque formation possède ses variantes et que chaque variante a, en général, sa végétation à elle, mais que, dans la plupart des cas, la caractéristique des forêts de terre ferme sont les châtaigniers et le caucho, celle des "várzeas" sèches, les palmiers et les seringueiras (arbres à caoutchouc) celle des "várzeas" humides et des "igapós". Lorsqu'il aborde les questions de l'influence du climat, du système hydrographique, du relief et de la nature du sol, il applique dès le début, l'aphorisme d'Emberger: la flore est le miroir du climat.

À propos du relief il dit qu'un profil transversal théorique de l'Amazonie, que mentionnerait les altitudes de la plaine, les versants des massifs du Mato Grosso et des Guyanes, les plateaux, indiquerait des différences altimétriques qui iraient de quelques mètres au-dessus du niveau de la mer jusqu'à 2 506 m dans le cerro Masiati (entre l'état de l'Amazone et le Venezuela) et 2 875 m dans le Pic du Mont Roroimã, à la frontière du Brésil avec le Vénézuela et la Guyane Anglaise".

Il dit que, dans le Massif du Mato Grosso, seul l'extrême nord est typiquement hylæa et il ajoute que l'Acre, suivant A. DUCKE, est essentiellement amazonien quoiqu'il s'y produise une interférence de la flore générale du Brésil; il dit, finalement, que l'état du Pará présente dans la région de l'Araguaya, une zone de caractère extra-amazonien. Au sujet des champs qui existent des deux côtés du fleuve Amazone, l'auteur admet l'hypothèse que ce soient des restes de la végétation qui a précédé l'hylæa actuelle, avant le phénomène géologique qui a déterminé la dépression amazonienne.

L'auteur explique que la vraie seringueira "Hevea Brasiliensis" est typique non seulement dans la forêt inondée, mais aussi dans les terres argileuses élevées. En parlant de la coloration des eaux de fleuves, il affirme qu'il en existe aux eaux blanches (boueuses) lesquels sont érosifs, travaillant les rives et les îles et produisant le phénomène des "terras caidas". Il y en a encore aux eaux vertes, avec du plankton à la surface, et ceux aux eaux noires. L'auteur conclut son intéressante étude en parlant des plantes utiles de l'Amazonie, basant ses considérations sur le livre de PAUL LE COINTE, *A Amazônia Brasileira.*

RESUMEN

El autor, botánico de nombradía, consultor técnico de Fitogeografía del Consejo Nacional de Geografía, presenta en este artículo más un estudio de información y práctica que propriamente de botánica.

Muestra la analogía de la naturaleza de la flora amazónica con la de otras regiones ecuatoriales. Da informaciones acerca de las principales plantas útiles de la región.

La inmensa hilea es dividida, segun las diferencias florísticas que presenta, en cuatro partes; zona hileana oriental andina, zona o región amazónico-orinocense (*hylaea, de Humboldt*), hilea guayanense y disyunción centroamericana o panameña.

Habla el autor, haciendo comparaciones, en tres hileas: la americana, la africana y la insulíndica-asiática.

Entre los 122 géneros de leguminosas de la Amazonia Brasilera 40 son comunes a las otras dos hileas, o solamente a una de ellas.

De las plantas útiles exclusivas de la hilea americana citanse la "seringueira", el caucho, el castaño del Pará, el guaraná, el cumarú, gran número de palmeras, y otras más.

En la Amazonia Brasileira el Dr. SAMPAIO ve: formaciones forestales, formaciones de campos y flora lacustre. Considerando aparte los "*bamburrais*" (acumulaciones densas e impenetrables, generalmente de bejucos,) y varios casos de *gregarismo* (acumulación de individuos de la misma especie en el mismo lugar).

Explica que cada formación tiene sus variantes y cada variante en general su vegetación propia, pero en la gran mayoria de las veces los castaños y el caucho son característicos de los bosques de tierra firme, los cacaotales de los de llano enjuto, las seringas de los llanos húmedos e "igapós" (tierras inundables).

Hablando sobre la influencia del clima, del sistema hidrográfico del relieve y de la naturaleza del suelo, comienza aplicano el aforismo de Emberger — la flora es el espejo del clima.

Acerca del relieve del suelo, dice que "un perfil transversal teórico de la Amazonia señalando altitudes de la llanura, de las vertientes de los macizos matogrosense y de eses altiplanos, indicaría diferencias altimétricas que irían de algunos metros arriba del nivel del mar, en la llanura, hasta 2 506 *m* en el cerro Masiati (entre el Estado de Amazonas y Venezuela) y 2 875 m en la cumbre del monte Roraima en la frontera del Brasil con Venezuela y Guayana Inglesa.

Habla que en el macizo matogrosense solo el extremo norte es tipicamente hileano y añade que el Acre, segun A. DUCKE, es esencialmente amazónico, aunque con interferencia de la flora general del Brasil; y que el Estado de Pará en la región del Araguaia presenta una faja de caráter extra amazónico.

A respecto de los campos existentes en los lados del río Amazonas admite el Autor una suposición de que sean ellos remanecientes de la vegetación que precedió a la hilea actual, antes del fenómeno geológico de que resultó la depresión amazónica.

Esclarece el Autor que la verdadera seringa — la *Hevea brasiliensis* es típica no solo del mato inundado como también de las tierras altas arcillosas.

Hablando de la coloración de las aguas de los ríos afirma que existen los de agua blanca (arcillosos), los cuales son erosionantes, trabajando las márgenes y las islas y produciendo el fenómeno de las "tierras caídas". Hay aun los de color verde, con *plankton* a la superficie del agua, y los negros.

Concluye el Autor su precioso trabajo con — *Plantas útiles de Amazonia*, basando sus consideraciones en el libro de PAUL LE COINTE — *A Amazonia Brasileira*.

RIASSUNTO

L'autore, rinomato botanico, Consulente Tecnico per la Fitogeografia del Consiglio Nazionale di Geografia, scrive un articolo informativo e pratico, piuttosto che scientifico, sulla flora della regione amazzonica.

Mostra l'analogia di questa flora con quelle di altre regioni equatoriali; confrontando l'ilea amazzonica con l'americana, con l'africana e con l'insulíndo-asiatica, nota che, dei 122 generi di leguminose dell'Amazzonia brasiliana, soltando 40 sono comuni alle altre due ilee o ad una di esse.

Dà informazioni sulle principali piante utili dell'ilea americana; tra quelle tipiche di essa sono comprese la "seringueira", il "caucho", il castagno del Pará, il "guaraná", il "cumarú", molte palmacee, ecc..

Divide l'ilea amazzonica, secondo le caratteristiche di flora, in quattro zone; orientale andina, amazzonica-orenocense (hylaea di Humboldt), guianense e centro-americana o panamense.

Nell'Amazzonia brasiliana il Dr. SAMPAIO distingue: formazioni forestali, formazioni campestri, e flora linnofila, considerando a parte i "bomburrais" (zone di vegetazione denza e impenetrabile, generalmente di liane) e i casi di gregarismo (accumulo di individui di una stessa specie nello stesso luogo).

Spiega che ogni formazione ha varianti e che ogni variante in generale ha la sua vegetazione tipica; ma in generale il castagno del Pará e il caucho sono caratteristici delle foreste di terra soda, la pianta del cacao delle pianure asciutte, le seringueiras delle pianure acquitrinose e dei terreni soggetti a inondazioni periodiche.

Tratta dell'influenza del clima, del sistema idrografico, del rilievo e della natura del suolo, inspirandosi all'aforisma di EMBERGER: la flora è lo specchio del clima.

Del rilievo dice che "un profilo trasversale teorico dell'Amazzonia, il quale indicasse le altezze della pianura, delle pendici dei massicci del Mato Grosso e delle Guiane, e degli altipiani, segnerebbe differenze altimetrich da pochi metri sul livello del mare nella pianura, fino a 2 506

metri nel Cerro Masiati (tra lo Stato di Amazonas e il Venezuela) e a 2 875 metri nel Monte Roraima (confine del Brasile con la Guiana Inglese e col Venezuela)."

Nel massiccio mattogrossense, soltanto l'estremo settentrionale è tipicamente ileano; l'Acre, secondo A. DUCKE, è essenzialmente amazzonico, sebbene con una certa interferenza della flora generale brasiliana; lo Stato del Pará nella regione dell'Araguaia presenta una fascia di carattere extra-amazzonico.

Trattando dei "campi" che esistono da ambo i lati del Rio delle Amazzoni, esprime l'ipotesi che vi sia raccolto l'ultimo avanzo della flora che precedè l'ilea attuale, anteriormente al fenomeno geologico da cui ebbe origine la depressione amazzonica. Spiga che la vera seringueira, la Hevea Brasiliensis, si trova non solo nella zona soggetta ad allagamento, ma anche nelle terre alte argillose.

Parlando della colorazione delle acque dei fiumi, distingue quelli con acque bianche — fangosi —, che erodono le sponde e le isole e producono il fenomeno delle frane; quelli con acque verdi, che devono la loro colorazione a plancton a fior d'acqua; e quelli con acque nere.

Termina l'articolo con informazioni sulle piante utili dell'Amazzonia, fondate sul libro di PAUL LE COINTE — *A Amazônia Brasileira.*

SUMMARY

The author, a renowned botanist and consulting technician on phytogeography of the National Council of Geography, submits in this article a study which is more informative and practical than botanical.

He shows the analogy of the nature of the Amazon flora with that of other equatorial regions and furnishes information about its principal useful plants.

The immense hylaeais divided by the floristic differences which present four parts, namely: the Eastern Andean hylaean zone; the Amazonian-Orinoco region or zone (Humboldt's hylaea); the Guiana hylaea and the Central American or Panamanian disjunction.

The author speaks about and makes comparison among three hylaeas, the American, African and Insulindian-Asiatic.

Out of the 122 kinds of leguminous plants of Brazilian Amazonia 40 are common to either two or one of the other hylaeas.

Among the useful plants found only in the Brazilian hylaea, we may mention the rubber-tree, the "caucho", the Brazil nut, the "guaraná", the "cumarú", a great number of palms, and others.

In the Brazilian Amazonia Dr. SAMPAIO sees forest formations, field formations and limnophilous flora. He considers separately the "bomburrais" (dense and impenetrable, generally consisting of willows. and several cases of gregariousness (an accumulation of individuals of the same species in the same place).

He explains that each formation has its variations and each variation, in general, its peculiar vegetation. In most cases, however, the Brazil nut and "caucho" trees are characteristic of firm ground, while the cocoa trees belong to the dry marshes, and the rubber trees to the swamps and "igapós" (recent alluvials).

Speaking about the climatic influence, the hydrographic system, the relief and nature of the soil, he begins by applying Emberger's aphorism that "the flora is the reflection of the climate". Concerning the relief of the soil he states that "a cross section of the Amazon region in theory, showing the altitude of the plains, of the watersheds of the Mato Grosso and Guiana blocks and their plateaux, would indicate differences in altitude varying from a few metres above sea level, on the plains, up to 2.506 metres on Cerro Masiati (between Eastern Amazonia and Venezuela) and 2,875 metres at the Roraima Peak on the frontier of Brazil with Venezuela and British Guiana".

He states that in the Mato Grosso block only the extreme North is typically hylaean and adds that Acre, according to A. DUCKE, is essentially Amazonian, though subject to the interference of the general flora of Brazil, and that the State of Pará in the Amazonian region has a strip with extra-Amazonian characteristics.

With respect to the fields existing on both sides of the Amazon River, the author admits a supposition that they may be the remains of vegetation that preceded the present hylaea, previous to the geologic phenomenon which caused the Amazonian depression.

The author makes it clear that the true rubber-tree — Hevea Brasiliensis — is typical not only of the flooded forests but also of the high clay soils.

Dealing with the colouring of the water of the rivers he avers that those with white waters (muddy) are erodent, washing away the banks and islands and producing the phenomenon known as "terra caída" (bank erosion). There are also rivers whose waters are green with plankton on the surface, and those with black waters. The author ends his excellent work with a chapter on "Useful Amazonian Plants", basing his considerations upon PAUL LE COINTE'S book *A Amazonia Brasileira.*

ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser, der als bemerkenswerter botaniker technischer Beirat fuer Fitogeographie im Nationalen Rat fuer Geographie ist, legt uns im vorliegenden Artikel wiederum eine aufklaerende und praktische Studie auf botanischem Gebiete vor.

Er zeigt die Uebereinstimmung des amazonischen Pflanzenwuchs mit dem in anderen equatorialen Gebieten und gibt Auskunft ueber die hauptsaechlichsten Pflanzen dieses Gebietes.

Er teilt das ausserordentlich grosse aequatoriale Tropengebiet nach der Verschiedenheit des Pflanzenwuchses in vier grosse Teile ein: die oestlich der Anden gelegene Zone, die Amazonas-Orenoco-Zone (Hylaea von Humboldt), die guianische Zone und das Zentralamerikanische oder panama'sche Abtrennungsgebiet.

Vergleichenderweise spricht der Verfasser von drei aequatorialen Tropenguerteln: dem amerikanischen, dem afrikanischen und dem insulindisch-asiastischen.

Von den 122 verschiedenen Arten von huelsenfruchtartigen Pflanzen aus dem brasilianischen Amazonasgebiet sind 40 auch in den beiden anderen erwaehnten Guertelgebiet vertreten, oder wenigstens in einem.

Von den Nutzpflanzen, die ausschliesslich im amerikanischen Tropenguertel angetroffen werden, zitiert er den Gummibaum, den Kautschuk, den Kastanienbaum von Pará, den Guaraná, den Cumarú, eine grosse Anzahl verschiedenenartiger Palmengewaechse, und verschiedene andere mehr.

Im Brasilianischen Amazonasgebiet findet, Dr. SAMPAIO folgendes: Pflanzengebiete, Feldgebiete und limnophile Flora. Nebenbei erwaehnt er auch die *Bamburrais* (dichter und unwegsamster Urwald, hauptsaechlich aus der Cipo-Pflanze (eine Lianenart) gebildet; und an einigen Stellen durch Gregarismus gebildet (Ueberhaeufung von vielen Dingen ein und derselben Art an einer Stelle).

Er erklaert, dass jede der Formationen ihre Abaenderungen hat und dass jede dieser Abaenderung gewoehnlich eine eigene Vegetation hat, dass aber in der Hauptzahl der Faelle die Kastanie und der Kautschuk charakteristisch sind fuer die Matos auf festem Boden, der Kakau fuer die trocknen Niederungen, und die Gummibaeume fuer die feuchten und schlammigen Niederungen.

Er beginnt dann ueber den Einfluss des Klimas, das Bewaesserungssystem, die Oberflaeche und natuerliche Beschaffenheit des Bodens zu sprechen und fuehrt den Ausspruch Embergers an — Die Flora ist der Spiegel des Klimas.

Ueber die Bodenoberflaeche sagt er, dass" ein teoretisches Querschnittsprofil durch das Amazonasgebiet, das die Hoehen der Hochebene schneidet und quer durch die Massive von Mato Grosso und Guiana ginge, Unterschiede in der Hoehenmessung anzeigen wuerde, die von einigen Metern ueber der Meeresoberflaeche in der Tiefebene bis zu 2 506 m auf der Hoehe des Masiati (zwischen Amazonas und Venezuela) und 2 875 m auf der Spitze des Monte Roraimã an der Grenze von Brasilien, Venezuela und englisch Guiana messen wuerde."

Der Verfasser stellt fest, dass im Gebiet von Mato Grosso nur der aeusserste Norden typisch hileanische ist und dass das Territorium von Acre ganz besonders "amazonisch" sei (nach A. DUCKE); und dass der Staat von Pará in der Gegend von Araguaia ein Gebiet von besonders amazonischen Charakter darstelle.

Bezueglich der Feldgebiete zu beiden Ufern des Amazonas laesst der Autor eine Annahme zu, dass diese von einer Vegetation herruehren, die der jetzigen vorausgegangen sei, vor dem geologischen Phaenomen, von dem die amazonische Depression herruehrt.

Der Verfasser erklaert, dass der richtige Gummibaum — die Hevea Brasiliensis — nicht nur typisch ist fuer den ueberschwemmten Urwald, sondern auch fuer hochgelegenen Tonboden.

Bezueglich der Farbe des Wassers der Fluesse sagt er, dass die mit weissem Wasser (Tonerde), die nagenden sind, durch die die Ufer und die Inseln gebildet werden und die die Naturerscheinung der "abbrechenden Arde" hervorbringen. Dann gibt es noch die von gruener Farbe, mit Angleichung an die Wasserpflanzen, und die schwarzen. Der Verfasser schliesst seine Arbeit mit nuetzlichen Plaenen vom Amazonasgebiet indem er angibt, dass er seine Erwaegungen auf das Buch von PAUL LE COINTE *Das Brasilianische Amazonasgebiet* basiert hat.

RESUMO

La aŭtoro, distinginda botanikisto, teknika konsilanto pri Fitogeografio de la Nacia Konsilantaro de Geografio, prezentas, en tiu ĉi artikolo, studon pli informan kaj praktikan ol botanikan.

Li montras la analogion de la ecaro de la amazonasa vegetajaro kun tiu de aliaj ekvatoraj regionoj. Li donas informon pri la ĉefaj utilaj plantoj en la regiono.

La grandega *hileo* (ekvatora arbarego) estas dividita, konforme al la floraj diferencoj, kiujn ili prezentas, laŭ kvar partoj: anda orienta *hilea* zono, amazona-orenoka zono aŭ regiono (*hylaea*, de Humbolt), gujana *hileo* kaj disiĝo centr-amerika aŭ panama.

La aŭtoro, farante komparojn, parolas pri tri *hileoj*, nome: la amerika, la afrika kaj la azia-insulhinda.

El la 122 genroj de leguminacoj en la Brazila Amazonio 40 estas komunaj al la du ceteraj *hileoj*, aŭ nur al unu el ili.

El la utilaj plantoj ekskluzive apartenantaj al la amerika *hileo* estas citataj la kaŭĉukarbo, la "caucho", la kaŝtanarbo el Pará, la gvaranao, la *cumarú* (dipterix odorata), granda nombro da palmoj, krom aliaj.

Ĉe la Brazila Amazonio d-ro SAMPAIO vidas: arbarajn formacionj, kamparajn formacionj kaj akvoloĝantan vegetajaron. Li konsideras aparte la *bambuarbarojn*, densajn kaj nepenetreblajn, ĝenerale el lianoj; kaj diversajn kazojn je *gregarismo* (amaso da samspecaj individuoj ĉe la sama loko).

Li klarigas, ke ĉiu formiacio havas siajn variajojn kaj ĉiu variajo ĝenerale sian propran vegetajaron, sed ĉe *plimultego* da *fojoj* la kaŝtanarboj kaj la "caucho" estas propraj al la firmteraj arboroj, la kakaŭrbaroj al tiuj ĉe seka ebenkamparo kaj la kaŭĉukarbaroj al la malsekaj ebenkamparoj aŭ "igapós" (arbaro en akvo).

Parolante pri la influo de la klimato, de la hidrografia sistemo, de la reliefo kaj de la grunda karaktero, li komencas aplikante la aforismon de Emberger — la vegetajaro estas la spegulo de la klimato.

Pri la grunda reliefo li diras, ke "teoria laŭlarĝa profilo de Amazonio, menciante altecojn de la ebenaĵo, de deklivoj de la masivoj, matogrosaj kaj gujanaj, kaj de tiuj altebenaĵoj montrus altmezurajn diferencojn, kiuj irus de kelkaj metroj super la marnivelo, sur la ebenaĵo, ĝis 2 506 metroj sur la monteto Masiati (inter Ŝtato Amazonas kaj Venezuelo) kaj 2 875 metroj sur la pinto de monto Roraima, ĉe la limo de Brazilo kun Venezuelo kaj Angla Gujano".

Li diras, ke ĉe la matogrosa masivo nur la ekstrema nordo estas tipo *hilea* kaj aldiras, ke Teritorio Acre, laŭ A. DUCKE, estas esence amazonasa, kvankam kun interveno de la ĝenerala vegetaĵaro en Brazilo; kaj ke Ŝtato Pará ĉe la regiono de rivero Araguaia prezentas zonon de ekster-amazona karaktero.

Pri la kamparoj ekzistantaj ĉe la ambaŭ flankoj de rivero Amazonaso la aŭtoro akceptas supozon, ke ili estas restaĵoj de la vegetaĵaro, kiu antaŭis la aktualan *hileon*, antaŭ la geologia fenomeno, el kiu rezultis la amazonasa malaltiĝo. La aŭtoro klarigas, ke la vera kaŭĉukarbo — la *Hevea Brasiliensis* estas tipa ne nur en la inundita arbaro, kiel ankaŭ en la argliaj altteroj.

Parolante pri la kolorigo de la riveroj li asertas, ke ekzistas tiuj kun blanka akvo (argilecaj), kiuj estas korodaj, kiuj formordas la bordojn kaj insulojn kaj produktas fenomenon de la "falintaj teroj". Estas ankoraŭ verdkoloraj riveroj, kun *plankton* (aro da mikroskopaj estaĵoj) samnivele kun la akvo, kaj ankaŭ nigraj. La aŭtoro finas sian valoran verkon per capituo pri — Utilaj plantoj de Amazonio", plifirmigante siajn konsiderojn sur la libro de PAUL LE COINTE — *La Brazila Amazonio.*

O RIO AMAZONAS E SUA BACIA

Prof. *Delgado de Carvalho*
Da Comissão de Redação da REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

I — *Questão das fontes*

Embora não constitua uma questão de capital importância para o conhecimento da Amazônia brasileira, o debate relativo às fontes reais do rio Amazonas não deixa de ser assunto de interêsse que a curiosidade científica vem discutindo há vários séculos.

A questão, aliás, não é estritamente relativa ao Amazonas, pois se prende a uma controvérsia de fisiografia, muito mais larga: trata-se de saber qual deve ser o rio considerado como origem verdadeira de um determinado curso de água de importância. Será a simetria do traçado? Será o volume dágua? Será a extensão quilométrica? Será a indicação tradicional das populações das cabeceiras? Será, apenas, uma simples convenção? É, pois, um problema de nomenclatura onomástica que recebeu, no caso do Amazonas, soluções diversas em épocas diferentes.

No século XVI, o descobrimento do *lago Lauricocha* (1535) levou os espanhóis a fixar nele as nascentes do rio, a cêrca de 80 quilômetros do Cêrro de Pasco. Por isso, de AIRES DE CASAL a ELISÉE RECLUS, passando por D'ORBIGNY, SPIX e MARTIUS, CASTELNAU e outros, foi mantida a interpretação. Ainda em 1909, SIEVERS e, em 1922, TEODORO SAMPAIO seguem a mesma linha. O almirante FERREIRA DA SILVA, o professor BERNARDINO DE SOUSA, e o geólogo OTON LEONARDOS discutiram o caso, admitindo outras soluções, entre as quais a do Ucaiale como galho principal. Em 1925, o prof. AGNELO BITENCOURT, baseado nas explorações de cientistas inglêses e americanos, adotou como rio principal o rio Vilcanota, que recebe o Apurimac e o Ucaiale.

Na fôlha S. D. 9 (Puno-Rio Beni) da *American Geographical Soc.*, de New York, está indicada a cota de 4 314 m (cabeceiras do Vilcanota), perto de La Raya; seria, pois, a origem possível do rio, no separador das águas entre a vertente amazônica, a vertente do lago Titicaca e a vertente do Pacífico.

Adotada a solução do Vilcanota, o nosso rio passaria a ser, não mais o terceiro em extensão, mas o segundo do Globo, em igualdade de condições com o Nilo.

No *5.º Congresso Brasileiro de Geografia,* realizado na Baía, em 1916, o professor BERNARDINO DE SOUSA apresentou uma interessante memória, na qual, depois de historiar a questão e de examinar o "caso do Marañon" e o "caso do Ucaiale", conclue que nenhum deles pode reivindicar as *nascentes* do Amazonas, pois êste rio tem sua origem na *confluência,* onde começam a se manifestar os "caracteres individualizadores" que lhe pertencem.

Estas discussões, aliás, não parecem interessar os geógrafos estrangeiros, pois EWALD BANSE (*Lexikon der Geographie*), VON SEYDLITZ (*Handbuch*), de 1927, LE COINTE e outros ainda se referem ao Marañon e ao Lauricocha...

II — *Características fluviais*

a) **Declive. Volume** Nas cabeceiras do Vilcanota, seriam mais remotas, porém, menos elevadas, as origens amazônicas — 4 mil e tantos metros de altitude, em vez de 5 mil e tantos no nevado de São Lourenço.

O grande rio possue três denominações: é *Maranhão* até Tabatinga, *Solimões* entre Tabatinga e a foz do rio Negro, e *Amazonas* da foz do rio Negro em diante. A sua direção geral, em terras do Brasil, é de oeste para leste.

Se, quanto a sua *extensão* quilométrica, o Amazonas não é o primeiro rio do Globo, no que diz respeito à *superfície* de sua bacia, êle ultrapassa consideravelmente os seus concorrentes: Mississipi, Nilo, Congo e outros. Na impossibilidade de atribuir-lhe superfície exata, por falta de dados, os geógrafos são unânimes em conceder-lhe mais de seis milhões de quilômetros quadrados, dos quais 4 800 mil em território brasileiro.

Em muitos pontos de contacto com a bacia do Prata, torna-se difícil determinar o destino definitivo das águas correntes para as respectivas bacias. É irregular a forma da bacia amazônica, estendendo-se sôbre 25 graus de latitude e outros 30 de longitude. Apresenta o aspecto de um "frasco florentino", segundo a expressão de DERBY.

O Amazonas é tipicamente um *rio de planície* com uma calha central que, só teoricamente, pode ser definida como "vale".

O *declive* do rio é fraquíssimo, pois Tabatinga, a mais de 1 700 milhas do Oceano, se acha apenas a cêrca de 65 metros de altitude. Pode ser calculada em 20 m/m por quilômetro a declividade média; a velocidade não passa de 1 ½ milhas por hora, crescendo porém nos períodos de cheia.

O volume das águas e as condições topográficas fazem do Amazonas um rio de considerável *largura*. Em Tabatinga é quase de três quilômetros esta largura, mede de 4 a 6 km o trecho Solimões; em Óbidos, no desfiladeiro, é reduzida a 1 km 900 metros. Quando não há ilhas, parece um braço de mar. "Na época das inundações", diz TEODORO SAMPAIO, "não se lhes fixam limites".

A *profundidade* vai aumentando, do mesmo modo: em Tabatinga o fundo está a 20 metros, em média; no Solimões varia de 50 a 80 m; em Óbidos, desce a mais de 130 m. Em seguida, diminue a profundidade, mas o canal principal conserva-se bastante fundo, permitindo a navegação de grande tonelagem até Manaus.

O *volume* das águas levadas ao mar varia de 60, 90, 120 a 140 mil metros cúbicos por segundo, conforme a época do ano. Representa, pois, de 3 a 4 vêzes mais do que o Congo, ou de 4 a 6 vêzes mais, em média, do que o Mississipi.

"A bacia do Amazonas", diz AGNELO BITTENCOURT, "é em grande parte de formação aluvial ainda muito instável. Nada mais é do que uma grossa camada de areia muito fina, que a corrente arrasta, ora esbarrancando, ora espraiando as margens..."

b) **Canais e coletores** É muito peculiar o aspecto dêste colossal rio de baixada que parece estar constantemente reajustando o seu curso indeciso. Diz a êste propósito, LE COINTE:

> "Em parte entulhado por depósitos aluviais recentes, de superfície quase horizontal, apenas acidentado de ligeiras ondulações, o fundo desta bacia não é atravessado por uma corrente dágua única, com margens bem delineadas, recolhendo a direita e a esquerda águas de seus afluentes. Larga e chata de cada lado do rio, esta parte da bacia parece antes como uma região emergindo apenas de uma grande inundação, cujas depressões ainda se acham repletas de água e ligadas por quantidade de canais, nos quais por vagas bôcas se despejam águas de inúmeros afluentes de curso inferior impreciso. O conjunto forma, de cada lado do grande canal central, um emaranhamento de *lagos, paranás, furos, igarapés* e *rios,* nos quais o sentido da corrente varia e cujo aspecto muda periodicamente, segundo o nível da enchente e a abundância das chuvas" (*L'Amazonie Brésilienne,* v. I, págs. 148-9).

Êste trecho do escritor francês sugere todo um vocabulário de têrmos amazônicos, referentes a formações diversas da hidrografia local. Vários deles, à primeira vista, podem parecer sinônimos.

Os *paranás* são braços menores dos rios, mais ou menos caudalosos e formadores de ilhas. Constituem como que canais laterais que, em longos trechos, permitem entrar o rio principal. A característica do paraná é de voltar sempre "ao leito principal do qual se esgalhou", como cita JOSÉ BERNARDINO DE SOUSA (*Dicionário da Terra e da Gente do Brasil,* pág. 299).

Relativamente pequenos, estes paranás são geralmente denominados paraná-mirins, pois segundo TEODORO SAMPAIO, a palavra significaria "mar que corre" ou "semelhante ao mar". (Vide Cte. EUGÊNIO DE CASTRO — *Ensaio de geografia linguística,* pág. 70).

O *furo* é a comunicação que existe entre dois rios ou entre um rio e uma lagoa. Constituem frequentemente um estreito entre duas ilhas. Na região de Breves, onde o fenômeno se dá com maior frequência, os *furos* ou "arrombados" formam uma rede densa, "labirinto extraordi-

nário de mil fios líquidos", segundo a expressão de RAIMUNDO MORAIS. Os *furos* vão se entulhando aos poucos com os sedimentos trazidos pelos rios formadores de deltas. Os canais são deslocados: o Furo Grande foi secando a ponto de não permitir mais trânsito, o Ituquara também alterando os roteiros.[1]

Lancha navegando num igarapé.

O *igarapé* é trilha de canoa: é riacho, em regra, ou berço de rio que "penetra em direitura", diz BERNARDINO DE SOUSA, "no interior da terra". É feição característica da hidrografia amazônica; em outros Estados seria, talvez, chamado "gamboa". O igarapé, de costume, tem suas ribanceiras em parte orladas por troncos de árvores e raízes, mas o desencalhe é fácil para o canoeiro hábil, que AFONSO ARINOS chamou de "igariteiro".

> "Como o cavalo do árabe", diz RAIMUNDO MORAIS, "a canoa é o veículo da gente das Ilhas. Ninguém se transporta de um sítio a outro do encantado meandro, por mais perto que seja, senão no banco das *montarias* esguias, asseiadas, ligeiras. Rema-se à proa, rema-se à meia-nau, rema-se à ré... A sociedade simples dos seringueiros, na prática natural das rezas, dos enterros, das missas, transporta-se na *piroga*. Os defuntos vão para a cova embarcados, embarcados vão os noivos, os padrinhos, as procissões, os caçadores, os comerciantes, os

[1] Foi à vista da diferença do volume das águas que correm em ambas as direções, diante de Breves, em duas fases sucessivas da maré, que J. HUBER calculou, em 1902, a possível despesa fluvial do rio Amazonas (120 milhões m³).

trabalhadores, os eleitores, os namorados, os músicos. O rio é a rua. Floresta a dentro, mesmo no verão, a terra é úmida e plástica, como se ainda estivesse nos dias moles do Gênesis".

c) **As lagoas** As águas amazônicas, carregadas de massas consideráveis de materiais sólidos, também são construtoras ao depositar sedimentos nas margens, nos pontos em que diminue a velocidade. Formam-se assim os lagos marginais, pântanos e lagoas que, de um período de inundação para outro, podem gradualmente perder profundidade ou mudar mesmo de aspecto. São bacias de decantação laterais sucessivas.

"Os litorais do Amazonas mal lhe definem a calha desmedida", diz EUCLIDES DA CUNHA (*À margem da história*). São margens que evitam o rio. Ficam-lhe normalmente fora das águas, para além das vastas planuras salpintadas de lagos de terra firme, que atenuam, feito compensadores, a violência das caudais, nas cheias. Aí, num cenário mais amplo, se desdobra por vêzes a aparência de uma construção em larga escala, de solo". Quando baixam as águas o terreno cresce. Renova-se o fenômeno com cada cheia, levantam-se assim barreiras que se vão alteando aos poucos, represando águas, formando lagos. Daí o aspecto "ganglionado de lagoas, de Vila-Franca", segundo a expressão de EUCLIDES.

Os *lagos de terra firme* são massas dágua represadas pelas restingas de aluviões. Suas margens são mais elevadas, em regra, matosas e orladas de praias de areia branca; recebem pequenos rios cujas bôcas se alargam consideravelmente. Há vários tipos de lagos de terra firme: alguns são embocaduras afuniladas, outros são desdobrados em duas ou mais bacias, outros são tripartidos.

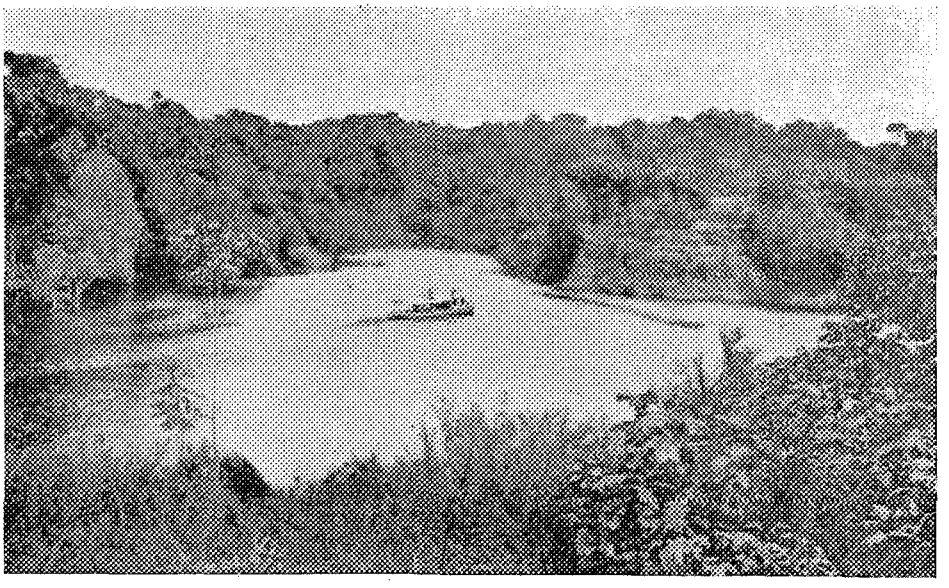
Os *lagos de várzea* constituem outra categoria de lagos amazônicos. São apenas depressões, sem profundidade que, na planície de aluvião, ao longo do rio principal, se enchem de águas de inundação, retendo-as em parte na vazante. Suas margens são baixas, planas e geralmente se prestam a campos e pastagens. São estas as características que LE COINTE atribue a êste tipo lacustre. (*L'Amazonie Brésilienne,* I, pág. 155).

Na época das vazantes muitos dêstes lagos ficam sem comunicação com o rio principal, embora unidos entre si por furos, paranás ou outros coletores.

A quase totalidade dos lagos amazônicos ocupa a depressão fluvial estendendo-se até 100 ou 120 quilômetros de cada lado da artéria central.

Uma classificação morfológica dos lagos amazônicos em lagos de terra firme e lagos de várzea, ainda é difícil em vista da imprecisão dos conhecimentos e dos mapas.[2] Podem ser, entretanto, agrupados regionalmente do seguinte modo:

[2] Entre a carta de 1:1 000 000 de 1922, do *Clube de Engenharia* e a carta de 1:100 000 de 1930, da *American Geographical Society*, as divergências no curso dos rios e sua localização e denominação dos lagos é tão grande que as fôlhas SA-20 (Manaus) mal parecem se referir à mesma área. O mesmo pode-se dizer em relação às fôlhas SA-21 (Santarém).



Lago nas margens do rio Negro.

1) Os lagos do Japurá inferior, entre o curso dêste rio e o médio Rio Negro, são lagos de terra firme comunicando com os grandes rios por meio de extensos furos, como é o caso do lago Aiamá e do Maracaí, o qual tem saída sôbre ambos os rios.

2) Os lagos da região de Codajaz (lagos Amará, Copeá, Mina, Codajaz). São de terra firme, de contornos ainda mal definidos, ligados entre si por vários furos e paranás (furo de Codajaz, rio de Copeá). "Se a bacia do Amazonas foi outrora um vasto mediterrâneo, diz AUGUSTO O. PINTO, o grande e profundo lago de Codajaz, donde parte uma infinidade de canais, é uma prova da existência dêsse mar". O lago de Codajaz mereceria um estudo paleontológico e hidrográfico completo para verificar a afirmação.

3) Os lagos da região manaense (Manacapurú, Capuarí, Silves e, no Madeira-Autaz, o lago Autaz). A maioria dessas massas dágua são alargamentos da corrente fluvial que os alimenta, daí sua forma alongada na direção do rio escoador principal.

4) Os lagos da região paraense de Óbidos, a leste de Parintins e Faro, são lagos de várzea principalmente, ocupam regiões pantanosas, na vizinhança do grande rio, embora enquadradas suas depressões por colinas de 100 a 150 metros de altura. Destacam-se o Lago Grande de Vila-Franca, o Faro, o Sapucuá (ambos de terra firme), o Erepecú, o Javarí (várzea).

5) Os lagos marajoaras, entre os quais se distingue o Ararí, de 60 km de perímetro, variando sua profundidade, segundo a estação, de 0,70 a 4 metros, no inverno. Seu fundo é chato, sua bôca fica em sêco no verão.

6) Os lagos do Amapá são de tipo diferente; entre o Araguarí e o Calçoene, a costa e a ilha Maracá constituem uma área continental em plena formação. As suas águas salobras representam o papel do mar e das marés nesta perpétua remodelação pelos furos e igarapés, pelos sangradouros e canais. Destacam-se o lago Novo, o lago da Jaca e o lago grande do Amapá.

d) **As terras caídas** Uma grande parte das terras amazônicas arrastadas pelas chuvas, pelas enchentes e pelas correntes fluviais, não é levada fora da grande bacia, mas contribue à formação das várzeas, nas depressões do vale. Estes depósitos recentes de sedimentos constituem barreiras, isolam massas dágua, formam ilhas firmes e flutuantes.

Quando as águas solaparam as ribanceiras com certa impetuosidade, as terras argilosas escorregam e facilmente um desmoronamento se produz, de grande escala, arrastando terras e vegetação, com um roncar de trovão. Blocos colossais, de milhas de comprimento e 200 pés de altura são abruptamente arrancados.

É o fenômeno das *terras caídas* que BATES, BRANNER e EUCLIDES DA CUNHA descrevem com detalhes. (Vide: BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA — *Dicionário*, pág. 395).

A propósito do rio Purús, diz A. O. PINTO: "são de fato as *terras caídas* das quais resultam sempre tôda sorte de obstáculos; de um lado o inextricável acervo de galhadas e troncos que entrecruzam à superfície dágua ou irrompem em pontas ameaçadoras, do fundo; e do outro, as massas argilosas, argilo-arenosas que a corrente pouco veloz não dissolve, permitindo-lhes acumularem-se nas minúsculas ilhotas dos *torrões* ou, mais prejudiciais, nos rasos bancos compactos dos *salões*, impedindo a passagem às embarcações dos mais diminutos calados".

A navegação no rio Purús tem sido muito prejudicada por terras caídas.

e) **A interferência** O regime do Amazonas, resultante de três ordens de fatores: natureza geológica e permeabilidade do solo; condições topográficas e declive; alimentação pluvial e nival, o regime do Amazonas "é um flagrante desvio do processo ordinário da evolução das formas geográficas", segundo observa EUCLIDES. Impressionou-o a função destruidora que exerce permanentemente.

Entretanto, conservadas as proporções e os gigantescos efeitos das oscilações do seu nível, o Amazonas é um rio equilibrado.

Nasce das torrentes andinas, formadas e engrossadas pelo derretimento das neves da Cordilheira, na primavera austral. O regulador principal das enchentes é constituído pelos tributários da margem direita, nos quais a parte alta, Alto-Madeira, Alto-Purús, e Alto Juruá, acusa enchentes a partir de Outubro; por isso, sobem as águas do Soli-

mões, em Tabatinga, em Novembro, alcançando a cheia a confluência do Rio Negro no mesmo mês e, em Dezembro, Óbidos. Junho marca as máximas, mantendo-se alguns dias. Daí em diante passam a baixar as águas até 15 de Novembro, quando pequenas marés produzem, por vêzes, *repiquetes,* isto é, rápidos crecimentos das águas, depois de amplas penetrações, produzindo fortes correntezas.

De Fevereiro a Abril caem as chuvas no planalto das Guianas que alimentam os afluentes da margem esquerda do Amazonas. De Abril a Maio enchem estes rios, contribuindo em Junho para a alta das águas amazônicas.

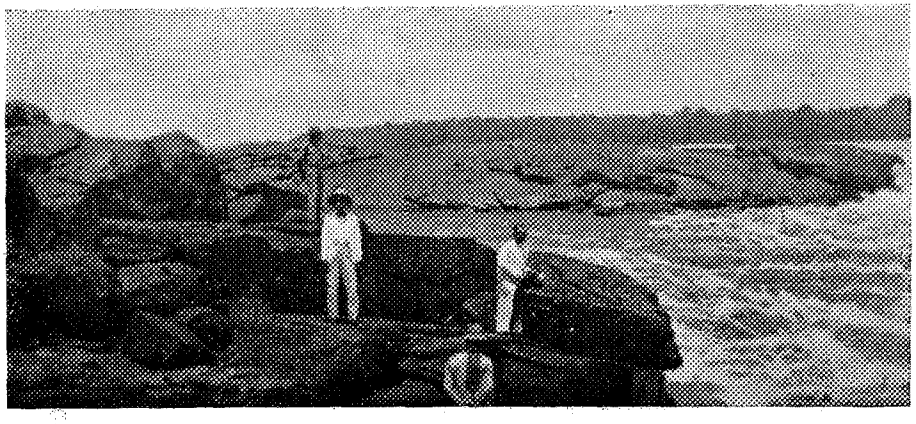
As enchentes duram aproximadamente quatro meses, sendo todos os quatro anos, em regra, observada uma enchente mais pronunciada, devido à acumulação de neve e gêlo em anos consecutivos.

À medida que vai se aproximando de sua foz, o grande rio vai se tornando mais moderado. No alto Juruá registam-se 16 metros de altura; 14 metros regista o Madeira; já em Manaus varia de 7 a 13 metros; na parte inferior é de 6, 7 ou 8 metros a máxima, segundo o ano.

As grandes inundações, todavia, não são raras. A de 1859 foi das primeiras observadas. Outras foram observadas em 1904, 1908, 1917 e em 1918.

A relativa moderação das enchentes amazônicas e a periodicidade de suas máximas resultam do papel preponderante que exercem sôbre o regime do rio os seus afluentes meridionais. Mas, como não coincidem as cheias dêstes rios com as dos da margem setentrional (pelo fato dos primeiros pertencerem ao hemisfério austral e os segundos ao hemisfério boreal), dá-se uma compensação, vulgarmente conhecida sob o nome de *interferência.*

Muito deve também o regime do Amazonas aos lagos de várzea que o ladeam de cada margem. Estes lagos marginais quando sobem as águas, recebem-nas, armazenando o excedente que, na vazante restituem. Desempenhando assim o papel de reguladores impedem que, durante a sêca, caia demasiadamente o nível, prejudicando a navegação.



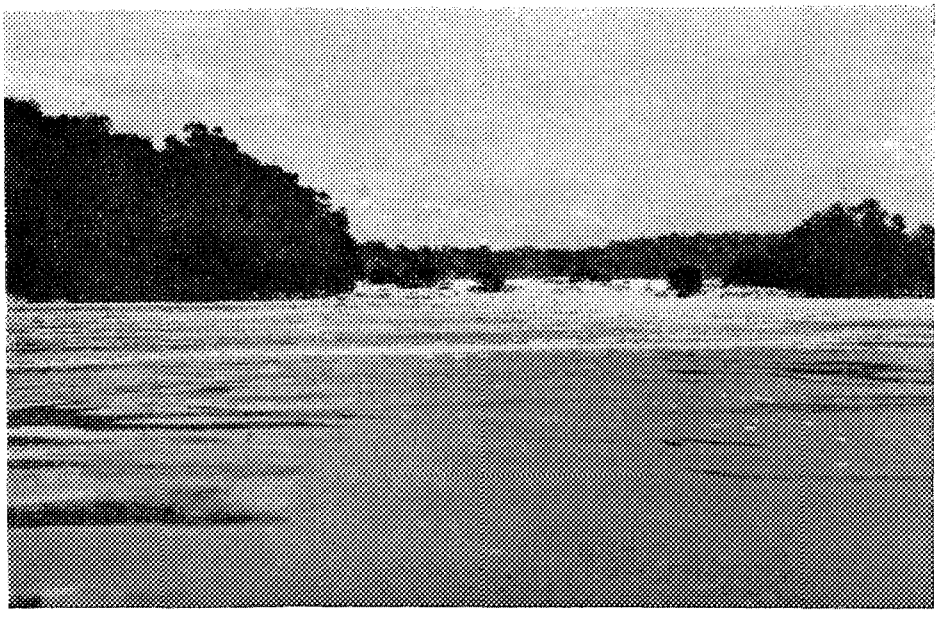
Salto do Teotônio, no rio Madeira.

f) **A energia hidráulica** No que diz respeito à energia hidráulica da bacia amazônica, é notável a sua relativa insignificância, pois não alcança dois milhões de cavalos-vapor (São Francisco: 1 milhão e 538 mil; Paraná, 8 milhões e meio; bacias do leste, 2 milhões e meio).

No rio Madeira, algumas cachoeiras se destacam, como o *Salto do Teotônio* e o *Salto do Girau.*

Nos rios setentrionais, Oiapoque, Jarí, Parú, Erepecú e Trombetas há várias cachoeiras e saltos.

Nos rios meridionais, o Tocantins, o Araguaia e o Xingú, as observações ainda são escassas para um estudo comparativo do seu possível aproveitamento.



Cachoeiras no rio Oiapoque.

III — *Aspectos da foz*

a) **Os arquipélagos amazônicos** A imprecisão das delimitações geográficas na região amazônica é um poderoso incentivo para a imaginação e promove o enriquecimento de uma onomástica *sui generis*: não são apenas rios e canais que perdem seu nome e significação para igarapés, paranás e furos; não são somente lagos, lagoas, pântanos e banhados que mudam de função fisiográfica, são também, bancos de areia, terras arrancadas, ilhotas e ilhas que tomam novo destino e novos aspectos. Há "ilhas" e "ilhas", Bananal no Araguaia, Tupinambarana no Amazonas... amazonense, o Pacoval, a ilha Grande do Serpa e milheiros de outras, são *ilhas,* no sentido frouxo do têrmo de "terras circundadas de águas" sem maior indagação a respeito de distinguir se estas águas são correntes ou não.

Quando se trata, entretanto, de arquipélagos amazônicos, é especialmente aos grupos insulares do golfão que se faz alusão. Foram feitas várias classificações ou agrupamentos de ilhas, entre as quais a divisão de RAJA GABAGLIA (1916) em seis grupos (Bailique, Caviana, Marajó, galho superior do Amazonas, oeste de Marajó, e rio Pará), no seu belo estudo das *Fronteiras do Brasil* (págs. 102 a 138: do cabo Raso do Norte à Ponta Tijoca).

Existe, nesta região dos arquipélagos, uma faixa de transição entre a linha costeira extrema e a "terra firme" no sentido amazônico do têrmo. As ilhas são aluviais e, por conseguinte, de caráter deltaico, embora existam em Marajó, em Mexiana e em Caviana, talvez, pontos de resistência ou núcleos de terra firme mais antigos que sustentavam os depósitos acumulados, embora não constituam, na parte ocidental de Marajó, mais elevada e formada de arenitos vermelhos ferruginosos (Monforte), uma parcela de continente separada da região bragantina, como supôs LE COINTE (*L'Amazonie Brésilienne,* I, pág. 170). Na hipótese dêste sábio autor, o Amazonas teria "rompido" a ligação rochosa que existia entre o maciço das Guianas e o maciço brasileiro. A existência de semelhante ligação não está provada e sua negação encontra mais numerosos argumentos.

As ilhas de Gurupá, Mututú, São Salvador, Jaburú, etc., são tôdas aluviais. A sua formação é historicamente explicada pela observação da marcha da vegetação na formação de outras ilhas mais recentes e oferece, segundo HUBER, as etapas sucessivas seguintes: — formação de um banco de areia em águas mais calmas; acumulação de lôdo e de depósitos orgânicos sôbre êste banco; deposição de sementes flutuantes; aparição de aningais ou de aturiazais, e mais tarde, de mangais que facilitam novas acumulações; crescimento do assaí e do merití com afastamento correspondente dos mangais para a orla da ilha formada que, assim, toma o aspecto de um cúpula verde, baixa e achatada. Entram em ação, então, os canais que se entulham de vegetação e sedimentos. As ilhas se unem, crescem e formam rios centrais com braços para o Amazonas ou, ao contrário, se dividem e multiplicam sob a fôrça das marés.

b) **O delta** Intimamente ligado à formação dos arquipélagos amazônicos se acha o problema debatido do delta do grande rio.

A questão do golfão tem sido adotada desde AGASSIZ e HARTT, até HUBER, ARROJADO LISBOA e LE COINTE, passando por DERBY, BRANNER, WHITE, sem omitir páginas líricas escritas por EUCLIDES DA CUNHA, que acabou exclamando: "o maior dos rios não tem delta!" (*À margem da história,* pág. 11). A dramática história de um rio gigante que vai construir terras na Geórgia e nas Carolinas, com lôdo brasileiro, é empolgante, mas insuficientemente provada. Tudo indica, de fato, um desgastamento incessante das costas orientais corroídas e o arrastamento constante de terras para NO, mas sobram ainda sedimentos terrígenos

para grandes construções. A visão de HEBERT SMITH, relatada por EUCLIDES, tinha fundamento científico.

Muitos cientistas brasileiros e estrangeiros supuseram que a costa do Brasil, depois de levantada no cretáceo e princípio do terciário, passou a afundar e desabar no Oceano. Na foz do Amazonas, o fenômeno se aplicava à costa paraense.

Os estudos geológicos e paleontológicos mais recentes alteraram um tanto a interpretação.

Camadas cretáceas inferiores, com fósseis típicos, afloram desde o sul da Baía, pelo Ceará e pelo Maranhão, até o Pará, onde ocorrem calcáreos fossilíferos até 40 metros de altura acima do nível médio da baía de Guajará. Sôbre esta formação repousam, em concordância, depósitos fluviais quaternários, o que vem provar que, depois de levantadas, estas camadas nunca desceram, embora desabamentos locais possam se ter dado sob a ação de agentes externos.

Mas o estudo da formação de ilhas revela outro processo em andamento: depósitos de sedimentos, entulhamento de canais, terras caídas acumuladas, invasão da vegetação. Nos próprios tempos históricos, as alterações obrigatórias de linhas de navegação traduzem a rapidez relativa do processo.

De outro modo não procede o Amazonas ao construir o seu delta. E o grande golfão que, no período terciário, ainda se abria entre a ponta da Tijoca e a foz do Araguarí, era largamente aberto até a foz do Xingú. A não ser talvez umas ilhotas, vizinhas do continente, que favoreceram a deposição, o golfão era livre e recebeu aluviões quando o vale amazônico deixou de ser um braço de mar ou um alongado lago de águas salobras. No fim do terciário, o golfo estava diminuindo: os fósseis denominados "fauna de Pebas", encontrados nas argilas do Solimões, são de pequenos invertebrados de água salobra. O fundo do golfo ainda era de água salgada. No quaternário, porém, o Amazonas passou a construir seu delta, não mais interno, mas externo, na direção da Caviana.

Marajó nos aparece, assim, não como uma ilha preexistente, mas como o resultado da reunião de várias ilhas, daí a sua diversidade. Dentro de um certo tempo, entulhados os furos de Breves, ela será uma península interna.

c) **A pororoca** O substantivo *pororoca* é, segundo ensina BERNARDINO J. DE SOUSA, de origem tupí, sendo gerúndio de "pororay" — "que arrebenta com estrondo". É onomatopaico e a ilha Pororoca, na região do Cabo Norte, citada pelo Padre BENTO DE FARIA, em vez de ter dado o nome ao fenômeno, dele recebeu o seu . Todos os viajantes teem dado descrição desta extraordinária manifestação dos elementos líquidos que se chocam com retumbante trovão. O caso, aliás, não é exclusivo à foz do Amazonas; reproduz-se, em menor escala, em outros rios brasileiros, no rio Juruá, por exemplo, e também em rios da Europa e da Ásia.

Pode ser definido o fenômeno como o encontro das correntes de maré com as correntes fluviais, ao passar por baixios. Esta última condição parece necessária, como leva a crer a seguinte explicação do geólogo J. C. BRANNER: "Quando as águas vivas ou marés de sizígia, movendo-se do Oceano Atlântico, profundo e vasto, aproximam-se das águas rasas da bôca norte do Amazonas, o movimento livre da onda da maré fica abruptamente perturbado e a onda tropeça sôbre os baixios e é forçada a arrebentar justamente como as ondas fazem quando chegam nas águas rasas perto da costa".

De fato, o fenômeno se produz com maior intensidade entre o Cabo Raso do Norte e Macapá, exatamente porque é neste trecho que a direção do litoral se apresenta normal à direção geral da Corrente Equatorial. Por isso, também, procuram as embarcações refúgio nas "esperas", onde sendo fundas as águas o paredão líquido perde a sua entumescência ou sua altura. A enchente se produz em duas horas, e vaza em cêrca de dez horas (A. O. PINTO). A sua intensidade varia com as pontas em que se produz : alcança 10 ou 12 metros de altura no canal de Maracá, no Araguarí é de 5 metros, no Guajará é de 2 metros e somente de 50 centímetros no Arari.

Concluindo o seu estudo sôbre o rio Amazonas e a pororoca, lembra LE COINTE como a violência dos movimentos das águas salgadas e doces, no estuário amazônico, criaram dificuldades para a navegação, impossibilitando o traçado de cartas definitivas. "Escolhos indicados há uns 15 anos desaparecem, quando, ao contrário, depositam-se os sedimentos em outros pontos; novos baixios surgem repentinamente onde, anos atrás, a sonda indicava grandes profundidades".

IV — *Os afluentes*

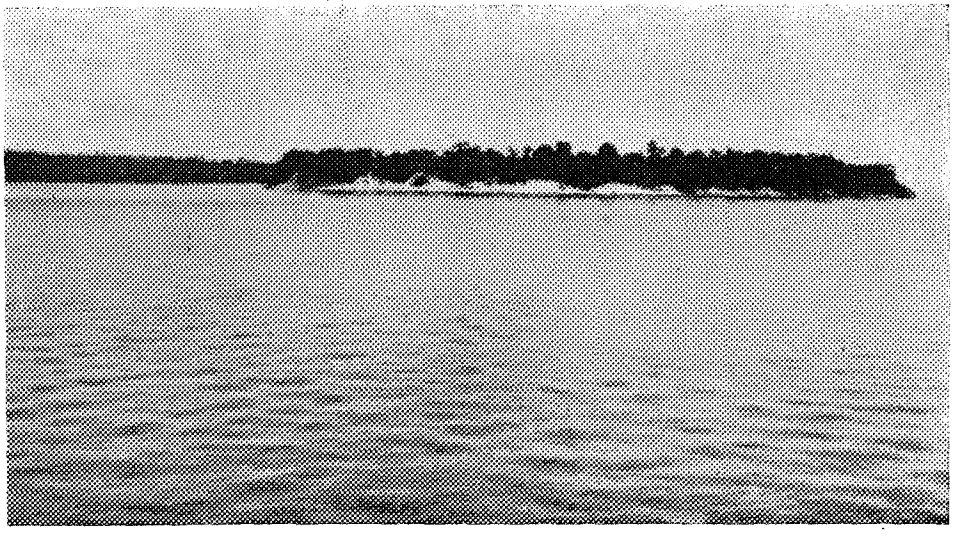
Cada um dos grandes afluentes do Amazonas representa em si, não somente uma vasta bacia de extenso rio, mas possue seu regime próprio, suas características, resultantes de feições topográficas e geológicas peculiares e suas águas mais ou menos claras, amareladas ou escuras.

Na parte superior da bacia, estes rios alcançam a calha amazônica fazendo com o eixo principal ângulos agudos pronunciados; na parte inferior, vão ao seu encontro quase em ângulo reto. A história geológica da formação da grande bacia traz as explicações possíveis destas diretrizes particulares.

O rio *Içá* tem um curso brasileiro relativamente reduzido. "É um dêstes rios que, pelo seu prodigioso trabalho de erosão, desbarataram, em grande parte, o sistema dos Andes e o reduziram, no Equador, a um pedúnculo estreito entre maciços mais vastos da Colômbia e do Perú" (A. OTAVIANO PINTO — *Hidrografia do Amazonas*). O mesmo poderia ser dito, talvez, do Japurá. Êste último ao entrar na planície se divide em braços, sendo um deles o paraná de Codajaz. O rio alcança o Amazonas

na região de Tefé, isto é, trezentos quilômetros depois de ter mandado os seus primeiros braços ao grande rio e trezentos quilômetros antes de mandar os seus últimos braços, na região de Codajaz.

O rio *Negro* e seus afluentes o rio Branco e o Uaupés são oriundos do maciço das Guianas e cavam seus respectivos leitos nos granitos e nos *gneiss* do complexo brasileiro. Descem por cachoeiras e corredeiras para a planície quaternária. Além de suas belezas naturais, são rios de importância econômica como vias de penetração para nosso extremo-norte: O rio Negro é navegável até Santa Isabel, o rio Branco, até Caracaraí. Dêstes pontos para cima, São Gabriel, no Negro e Boa Vista, no Rio Branco, são alcançados por canoas e pequenas lanchas.

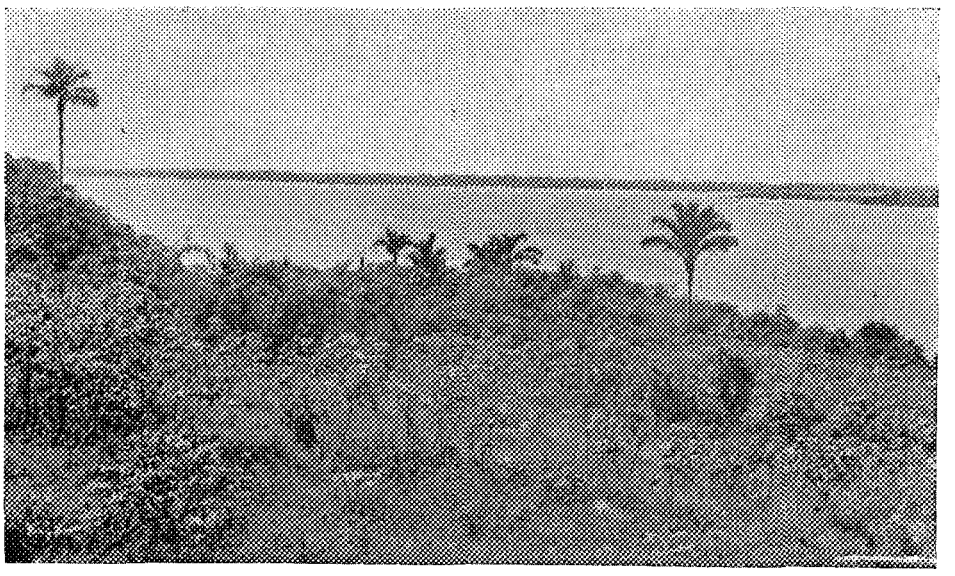


Ilha de Marapatá, no foz do Rio Negro.
Fototeca do S.G.E.F.

São ambos rios famosos que entraram na nossa história no século XVII. O rio Negro, ou Guainiá, é ligado ao Orenoco pelo canal natural do Cassiquiare, em terras venezuelanas. Na parte inferior, banha Barcelos, Moura e Manaus. O rio *Branco,* engrossado dos rios Uraricoera, Cotingo, Maú e Tacutú, reflue por três bôcas no rio Negro; seu curso inferior forma uma sucessão de lagos. Há grandes oscilações de nível no decorrer do ano. No cais de Manaus, foram registadas a mínima de 14,20 m em 1906 e a máxima de 29,35 m em 1922.

Entre os rios da margem sul, destacam-se o *Javarí,* rio fronteira; o *Juruá,* torrentoso e encachoeirado na sua parte superior e sinuoso, na baixada; banha Cruzeiro do Sul e São Filipe.

O *Purús* é o mais típico dos rios de planície do Brasil, talvez do mundo. É exemplo clássico de rio velho, divagante, mas volúvel e incerto, deslocando-se ao menor obstáculo. Das nascentes peruanas à foz, a distância é de menos de 1 500 quilômetros, o seu curso, entretanto, é de mais de 3 000 km. Ao atacar os seus barrancos, o Purús carrega terras caídas e acumula ilhas nos torrões e nos baixios do leito. O Purús tem



Paredão. Foz do rio Negro no Amazonas.

Fototeca do S.G.E.F.

afluentes célebres que ficaram registados nos tratados de limites como o Santa-Rosa, o Iaco, o Acre; um deles, o rio Chandless, recorda o nome do inglês que o explorou em penosa viagem de oito meses, em 1864. O rio apareceu nos mapas em fins do séculos XVIII e os estudos que suscitou, entre outros nomes, lembram as páginas de EUCLIDES DA CUNHA: "precisamos incorporá-lo ao nosso progresso!" exclama o grande escritor.

O último rio andino que recebe o Amazonas, "em ângulo agudo", é o rio *Madeira.* É o mais notável de seus afluentes: sua bacia mede cêrca de 1 250 000 km², igualando a do Niger ou a do Zambeze. Ao despejar suas massas líquidas no salto do Girau, em canal de 44 metros de largura, apenas, o Madeira reúne águas nascidas a mais de mil quilômetros umas das outras: de fato, o leque hidrográfico sub-andino, entre as nascentes do Purús, o lago Titicaca e a serra dos Parecís, que drenam o Guaporé, o Mamoré, o Beni e o Abunã, ocupa o fundo do grande mar terciário de águas salobras que preparou a topografia atual da Amazônia.

Os rios *Beni* e *Mamoré* são bolivianos, oriundos dos Andes de Cochabamba; o *Guaporé* é rio-fronteira nascido nas lombadas da pré-cordilheira. Deles o mais rico é o Beni que leva ao Madeira mais água do que êste traz na confluência; a bacia do Guaporé entretanto, é maior. Ao Mamoré cabe a preeminência na largura (2 km, nas enchentes).

Depois das zonas das cachoeiras, que são cêrca de vinte em trezentos quilômetros, numa descida de 60 metros (Bôca do Beni 122 m; cachoeira de Santo Antônio 61,6 m) — Guajará, Paredão, Girau, Caldeirão do Inferno, Morrinhos, Teotônio, o rio Madeira entra na planície amazônica.

Entre 40 000 metros cúbicos por segundo que representa sua despesa fluvial, na enchente, e 4 000 metros cúbicos na estiagem, a diferença marca bem a feição andina do grande rio. Explorado desde o princípio do século XVIII, serve de caminho de acesso para a Bolívia desde 1749. É célebre pelas suas ilhas flutuantes, seus repiquetes e suas quedas, que contorna a *E. F. Madeira-Mamoré.*

Seus afluentes mato-grossenses, Gi-paraná e Aripuanã, engrossado do rio Castanho, são mal conhecidos. À sua história ficaram ligados os nomes de ROOSEVELT e RONDON.

Os rios *Tapajoz* e *Xingú* são rios de planalto, escoadouros do norte mato-grossense de onde descem por degraus das chapadas do interior. Possuem ambos cursos navegáveis em trecho da baixada e trecho do planalto. Ambos nascem nas vertentes cretáceas do nosso maciço central e percorrem, no complexo, a maior parte do seu curso, tornando-se navegáveis na baixada terciária.

O Tapajoz é formado do Arinos e do Juruena, rios descobertos no século XIX, embora o afluente amazônico seja conhecido desde 1626. Êste rio despeja 12 500 metros cúbicos por segundo no Amazonas e acusa uma oscilação de maré de 40 cm. O seu curso inferior é útil e economicamente explorado pela navegação que une Santarém a Itaituba, por Aveiro e Brasília. Além de Itaituba principia a zona das cachoeiras (Maranhãozinho, Furnas, Mergulhão).

O Xingú foi alcançado no século XVII pelos holandeses, foi visitado pelo príncipe ADALBERTO da Prússia, pelo francês COUDREAU, por VON DEN STEINEN, FERREIRA PENA e outros cientistas. Seu afluente, o Iriri, foi explorado em 1908 por EMÍLIA SNETHLAGE, no intuito de estabelecer conexão com o Tapajoz e o Tocantins, por via do planalto. O Xingú tem baixada navegável até Sousel e Pôrto Vitória, daí para cima, principia a série das quedas sôbre mais de 136 quilômetros (Portão, Canal Grande, Tubarão).

O rio *Tocantins* nunca foi, em período geológico algum, tributário direto do Amazonas: a sua foz é distinta, é o rio Pará. Com o seu grande tributário, o *Araguaia,* formador da ilha do Bananal, êle é o escoadouro das chapadas setentrionais de Goiaz. A bacia do Tocantins apresenta a forma de uma garrafa cujo gargalo principia na confluência do Araguaia. A sua parte baixa é navegável, servindo Cametá, Baião e Alcobaça. Uma estrada de ferro, aí também, evita a zona de quedas. Os trechos do planalto também são navegáveis — Carolina, Pôrto Nacional, Palma.

Por fim, pertencem à bacia do Amazonas os rios do norte, oriundos das Guianas, mais curtos, mais encachoeirados, mais impetuosos ao descerem o maciço cristalino, mais calmos ao penetrar nas faixas sedimentares da calha amazônica, onde se desdobram em rosários de lagos e de paranás. São êles o *Jamundá,* fronteira amazonense-paraense, que deságua na região de Faro; o rio *Trombetas,* que deflue em Óbidos, alimentado por grandes afluentes (Erepecurú), o rio *Parú,* que desemboca em Almeirim e *Jarí.* São rios todos conhecidos e explorados desde o século XVIII.

RESUMÉ

Le Professeur CARLOS MIGUEL DELGADO DE CARVALHO, membre du Directoire Central du Conseil Nacional de Géographie et de la Comission de Rédaction de cette Revue, étudie dans cet article le bassin hydrographique de l'Amazone.

L'auteur commence par examiner le problème de la détermination exacte de l'endroit où l'Amazone prend sa source et mentionne les différentes interprétations qui se présentent: du lac Lauricocha où prend naissance la rivière Marañon, les sources du Ucaiale ou de la Vilcanota (dans ce dernier cas l'Amazone passerait au second rang quant à l'extension), ou encore, la confluence des rivières Marañon et Ucaiale.

L'auteur en analyse ensuite les principales caractéristiques: grandeur de son bassin, qui a plus de 6 millions de km²; son aspect typique de rivière de plaine avec une très petite déclivité; largeur et profondeur considérables et volume d'eau énorme qu'il transporte vers la mer. En faisant des considérations sur les canaux et collecteurs d'eau, l'auteur donne la signification exacte des mots: *paraná, furo* et *igarapé.*

Une importante contribution est fournie par l'auteur, qui présente une classification des lacs des *terres fermes* et des *terrains marécageux,* comprenant six groupements régionaux différents. Un autre aspect intéressant est celui des *"terras caídas",* qui résulte des terres qui tombent du bord de la rivière en conséquence du travail des eaux de la grande rivière.

Quoique les inondations atteignent de grandes hauteurs, le régime de la rivière est assez régulier, en vertu du fait que les périodes d'inondations des affluents de la rive droite ne coincident pas avec celles de la rive gauche, puisque les premiers se trouvent dans l'hémisphère sud et les seconds dans l'hémisphère nord. On donne à cette compensation le nom *d'interférence.* Un autre facteur de régularité est constitué par la présence des lacs latéraux qui fonctionnent comme des réservoirs de compensation.

L'auteur consacre une attention toute spéciale à l'étude des différents aspects qu'offre l'embouchure de l'Amazone. En se raportant à l'archipel qui s'y trouve, l'auteur étudie la manière par laquelle se forment ces îles qui sont d'origine alluviale et qui offrent un caractère de delta. L'existence ou l'inexitence d'un delta constitue encore um problème très discuté, puisque le grand écrivain EUCLIDES DA CUNHA a osé affirmer d'une manière catégorique "que la plus grande des rivières n'a pas de delta". L'auteur étudie cette question en s'appuyant sur les résultats les plus récents apportés par la géologie et la paléontologie. L'auteur discute ensuite la fameuse assertion de ce que les alluvions apportées par la rivière sont transportées par les courants maritimes et forment des dépôts dans les pays étrangers, et déclare que cette affirmation manque encore de preuves suffisantes. L'auteur étudie encore le problème des soulèvements ou rabaissements de la côte en faisant une synthèse de la formation de la plaine amazonique, il conclut que la rivière Amazone a commencé à former son delta pendant le quaternaire, en suivant la direction de l'île Caviana. L'île de Marajó doit être considérée comme étant le résultat de la fusion de plusieurs îles, ayant une tendance à former une presqu'île comme conséquence du remplissage des "furos" qui la séparent du continent. L'auteur présente aussi une étude de la formation de la "pororoca", qui résulte de l'opposition que les courants de la marée, en passant par les terrains bas, offrent aux courants des fleuves".

Dans le dernier chapitre, l'auteur décrit les principaux affluents de l'Amazone, en donnant les principales caractéristiques de chacun d'eux et spécialement de: l'Içá, Japurá, Negro, Purús, Madeira, Xingú et Tocantins. Quanto à ce dernier, l'auteur trouve qu'il n'a jamais été, en aucune époque géologique, un tributaire direct de l'Amazone, étant donné que son embouchure est bien distincte et porte le nom de rivière Pará.

RESUMEN

El Profesor CARLOS MIGUEL DELGADO DE CARVALHO, miembro del Directorio Central del Consejo Nacional de Geografía y de la Comisión de Redacción de esta Revista, trata, en este artículo, de la cuenca del río Amazonas.

Discute, al principio, la cuestión de las nacientes del Amazonas, examinando las diversas interpretaciones presentadas: lago Lauricocha y río Marañon, nacientes del Ucayale, las del Vilcanota (en este caso el Amazonas pasaría a ser el segundo río del Globo, en extensión) y aun la confluencia de los ríos Marañon y Ucayale.

Analisa las características fluviales, como sean: grandeza de su cuenca, de más de 6 millones de km², y su típico carácter de río de llanura con una flaca declividad, su considerable anchura y el enorme volumen de las aguas que lleva al mar. Tratando de los canales y colectores, examina el vocabulario usado en la hidrografía local, distinguiendo los significados de "paraná", de "furo" y de "igarapé".

Importante contribución es la clasificación que presenta de los lagos de *tierra firme* y de *llano,* formando seis agrupaciones regionales diversas. Otro aspecto interesante es el de las *tierras caídas,* que resultan del socavamiento de los taludes por las aguas del gran río.

A pezar de las grandes alturas de las llenas, el régimen del río es de relativa regularidad, debido al hecho de que no coinciden los periodos de llena de los afluentes de la margen derecha y de los de la margen izquierda, pués los primeros pertenecen al hemisferio sur y los segundos al hemisferio norte. Tal compensación es llamada *interferencia.* Otro importante factor de regularidad es la presencia de lagos laterales que funcionan como reservatorios de compensación.

El autor dedica especial atención al estudio de los aspectos de la hoz del Amazonas. Tratando del archipiélago que allá se encuentra, estudia la manera como se forman esas islas, que son aluviales, de carácter deltaico. Com referencia al delta, cuya existencia constituye un problema muy debatido, a punto de EUCLIDES DA CUNHA haber afirmado que "el mayor de los ríos no tiene delta", examina el autor esa cuestión, segun los resultados geológicos y paleontológicos más recientes. Discute la conocida presunción de que las aluviones traídas por el río sean llevadas por las corrientes marítimas, indo depositarse en tierras extrañas, declarándola insuficientemente probada. Estudia la cuestión de los levantamientos y abajamientos de la costa, haciendo una síntesis de la formación de la llanura amazónica, concluyendo que el río Amazonas pasó a construir su delta en el cuaternario, en la dirección de la isla Caviana. Marajó es considerada como el resultado de la reunión de varias islas, tendiendo a tornarse una península, con la obstrucción de los *"furos"* que la apartan del continente. Es hecho aun un estudio del fenómeno de la *"pororoca",* que resulta del "encuentro de las corrientes de marea con las corrientes fluviales, al pasar por bajíos".

En el último capítulo, el autor trata de los principales afluentes del Amazonas, estudiando las características propias de cada uno de ellos, especialmente de los siguientes: Içá, Japurá,

Negro, Purús, Madeira, Tapajoz, Xingú e Tocantins. Cuanto a este, es de opinión que nunca fué, en periodo alguno, tributario directo del Amazonas, siendo distinta su hoz, con el nombre de río Pará.

RIASSUNTO

Il professor CARLOS MIGUEL DELGADO DE CARVALHO, membro del Direttorio Centrale del Consiglio Nazionale di Giografia e della Comissione di Redazione di questa Rivista, tratta del bacino idrografico del Rio delle Amazzoni.

Discute, da principio, la questione delle sorgenti, ed esamina le diverse interpretazioni presentate: Lago Lauricocha e fiume Marañon, sorgenti dell'Ucaiale, sorgenti del Vilvanota (in questo caso il Rio delle Amazzoni diverrebbe il secondo del mondo per lunghezza di corso), confluenza del Marañon coll'Ucaiale.

Analizza le caratteristiche del fiume, cioè: la vastità del suo bacino (più di 6 milioni di chilometri quadrati), il suo carattere tipico di fiume di pianura con lievissima inclinazione, la *sua notevole larghezza e profondità, l'enorme volume di acque porta al mare.* Trattando dei canali e dei collettori, esamina i vocaboli usati nell'idrografia locale, spiegando la distinzione tra "paraná", "furo", e "igarapé".

Un contributo importante consiste nella classificazione dei laghi di terre sode e di terre inondate, con sei aggruppamenti regionali. É interessante anche lo studio delle frane dovute all'erosione delle rive del grande fiume.

Sebbene il livello di piena sia molto alto, il regime lel fiume è abbastanza regolare, perchè il periodo di piena degli affluenti di destra non coincide con quello degli affluneti di sinistra, i primi trovandosi nell'emisfero meridionale e i secondi nell'emisfero settentrionale. Questa compensazione é detta *interferenza.* Un altro importante fattore di regolarità consiste nella presenza *di laghi laterali, che funzionano come serbatoi di compensazione.*

Speciale attenzione l'autore dedica agli aspetti della foce del Rio delle Amazzoni. Tratta dell'arcipelago che vi si trova e studia la maniera di formazione delle isole che lo compongono, le quali sono alluvionali, del tipo caratteristico dei delta. Quanto all'esistenza, o non, di un delta (punto tanto discusso che EUCLIDES DA CUNHA giunse ad affermate:" il maggiore di tutti i fiumi non possiede un delta"), l'autore esamina la questione secondo i più recenti risultati geologici e paleontologici. Discute l'opinione assai diffusa che le alluvioni trasportate dal fiume siano recate ad altre coste dalle correnti marine, e afferma che non è fondata su prove sufficienti.

Studia gli innalzamenti e gli abbassamenti della costa e riassume le vicende di formazione della pianura amazzonica, concludendo che il Rio delle Amazzoni costruì il suo delta nel periodo quaternario, in direzione dell'isola Caviana. Marajó è considerata risultante dalla fusione di varie isole; tende a trasformarsi in penisola per l'interramento dei "furos" che la separano dal continente. Espone anche il fenomeno della *pororoca,* dovuto "all'incontro delle correnti di marea con le correnti fluviali sui bassifondi".

Nell'ultimo capitolo, tratta dei principali affluenti del Rio delle Amazzoni, e ne studia le caratteristiche, riferendosi specialmente ai fiumi: Içá, Japurá, Negro, Purús, Madeira, Tapajoz, Xingú e Tocantins. Quanto a quest'ultimo, l'autore è d'opinione che in nessun periodo geologico sia stato tributario diretto del Rio delle Amazzoni, e che la sua foce sia distinta, e nota col nome di Rio Pará.

SUMMARY

Professor CARLOS MIGUEL DELGADO DE CARVALHO, a member of the Central Directorate of the National Council of Geography and of the Editing Committee of this Review, in this article deals with the hydrographic basin of the Amazon River.

To begin with he takes up the question of the sources of the Amazon and examines the different interpretations submitted, such as those of the Lauricocha Lake and Marañon River, the sources of the Ucayali, of the Vilacanota (in which case the Amazon would become the second longest river in the world), and also the confluence of the Marañon and Ucayali Rivers.

He analyses its fluvial characteristics such as extension of basin, measuring over 6 million square kilometres, its typical feature of a river of the plains with a very slight slope, its considerable width and depth and the enormous volume of water it carries to the sea. While dealing with its channels and feeders, he examines the vocabulary used in local hydrography, distinguishing the meanings of the terms "paraná", "furo" and "igarapé". The classification which he submits of mainland lakes and flood-plain lakes, forming six different regional groups, is an important contribution. Another interesting aspect is that of the "terra caida" (bank erosion), resulting in the undermining of the banks washed away by the waters of the great river.

In spite of the high level of the floods, the flow of the river is comparatively regular, owing to the fact that the flood periods of the tributaries of the right bank do not coincide with those of the left, for the former belong to the Southern hemisphere and the latter to the Northern. This compensation is called "interference". Another important factor of its regularity is the presence of the marginal lakes which act as compensating reservoirs.

The author dedicates special attention to the study of the mouth of the Amazon. While treating of the archipelago to be found there, he studies the manner of the formation of these islands which are of alluvial and deltaic character. With reference to the delta itself, the existence of which constitutes a much debated problem, — to the point of EUCLIDES DA CUNHA (a renowned Brazilian writer) having affirmed that "the greatest river possesses no delta" — the author examines this question in accordance with the most recent geologic and paleontological findings.

He discusses the famous presumption that the alluvial earth brought down by the river is carried away by sea currents and deposited in foreign lands, and states tha same is not sufficiently proven. Next he studies the question of the rise and fall of the coast, makes a summary of the formation of the Amazonian plain, and comes to the conclusion that the Amazon River constructed its delta in the quaternary period in the direction of Caviana Island. The island of Marajó is considered as being a grouping of several others, with a tendecy to become a peninsula with the silting of the "furos", or channels, that separate it from the mainland.

A study is likewise made of the phenomenon known as "pororoca", which is a result of the "clashing of the tidal and fluvial currents over the shallow sand-banks.

In the last chapter the author deals with the main tributaries of the Amazon and delves into the characteristic traits of every one, specially of the following: — Içá, Japurá, Negro, Purús, Madeira, Tapajoz, Xingú and Tocantins. As to the last he is of the opinion that it was never, in any geologic period, a direct tributary of the Amazon, its mouth being distinct, under the name of Pará River.

ZUSAMMENFASSUNG

Prof. CARLOS MIGUEL DELGADO DE CARVALHO, Mitglied des Centraldirektoriums des Nationalen Rates fuer Geographie und des Redaktionsstables dieser Zeitschrift, behandelt im vorliegenden Artikel Flusslauf und — bett des Amazonas vom hidrographischen Standpunkt aus.

Anfaenglich behandelt er die Frage ueber die Ursprungsquellen des Amazonas, indem er die verschiedenen vorliegenden Auslegungen examiniert: der See Lauricocha und der Fluss Marañon, die Quellen von Ucaiale, die von Vilcanota (in diesem Falle waere der Amazonas der zweite Fluss des Erdballes in seiner Ausdehnung) und den Zusammenfluss des Marañon und des Ucaiale.

Er analisiert die Charakteristiken des Flusslaufs: die gewaltige Ausdehnung des Flussbettes mit mehr als 6 Millionen Quadratkilometern, den typischen Charakter eines Flusses der Ebene mit seiner ausserordentlich traegen Stroemung, seiner betraechtlichen Breite und Tiefe und der enormen Menge Wasses, das er dem Meer zufuehrt. Bei der Behandlung der Kanaele und Sammelfluesse examiniert er den ortsueblichen gebraeuchlichen hidrographischen Wortschatz und unterscheidet die Bezeichnungen von *paraná*, furo (durchgang) und igarapé (Tupi--Sprache, unuebersetzbar). Ein wichtiger Beitrag ist seine Klassifizierung die er fuer die Seen der festen Erde und die Ebenen darlegt, durch welche 6 verschiedene regionale Gruppen gebildet werden. Eine andere interessante Darstellung ist die der abfallenden Erdgebiete, die von der Unterhoehlung der Steilufer durch die Wasser des grossen Flusses herruehren.

Trotz der gewaltigen Ausmasse der Fluten, ist der Verlauf des Flusses von verhaeltnismassiger Gleichmaessigkeit. Das ruehrt vor allem daher, dass die Perioden der Flut der Zufluesse vom rechten Ufer nicht mit denen der vom linken Ufer zusammenfallen, da die ersteren auf der noerdlichen und die letzteren auf der suedlichen Halbkugel liegen. Dieser Ausgleich wird *"Einmischung"* genannt. Ein anderer wichtiger Faktor fuer die Gleichmaessigkeit ist das Vorhandensein der seitlich gelegenen Seen, die als Ausgleichsreservatorien dienen.

Besondere Aufmerksamkeit widmet der Autor der Behandlung der Amazonasmuendung. Er beschreibt die Inselgruppen, die sich dort befinden . Er untersucht ihre Bildungsart und stellt fest, dass sie durch im Flussdelta stattgefundene Anschwemmungen gebildet sind. Bezueglich des Deltas, dessen Existenz ein Problem darstellt, das schon genuegend behandelt worden ist, — der Standpunkt EUCLIDES DA CUNHA, der behauptet, der groesste Fluss der Welt habe kein Delta —, behandelt der Verfasser diese Frage nach den Ergebnissen neuerer geographischer und paleontologischer Forschungen. Er diskutiert ueber die beruehmte Annahme, dass die Anschwemmungen des Flusses durch die Meeresstroemungen aufgenommen wuerden und in ferne Laender getragen wuerden, erklart aber, dass diese Annahme nur ungenuegend bewiesen werden koenne. Dann erwaehnt er die Frage des Aufteigens und Abfallens der Kueste und macht somit eine Zusammenstellung der Ebenenbildung des Amazonas. Er folgert, dass der Amazonas sein Delta im Quartenarium gebildet habe in der Gegend der Insel Caviana. Er meint, dass Marajó das Resultat der Vereinigung verschiedener Inseln sei und sich mit der Zeit in eine Halbinsel verwandeln wuerde durch Anschwemmungen in den schmalen Kanaelen, die sie noch vom Festland trennen. Auch wird die Naturerscheinung des *Poroca* behandelt (ungestueme Anschwellung des Flusses), die ihren Ursprung von dem Zusammentreffen der Meeresstroemungen mit der Flussstroemung an den Sandbaenken hat.

Im letzten Kapitel behandelt der Autor die Hauptzufluesse des Amazonas indem er die wesentlichen Eigenschaften eines jeden beschreibt, vor allem von den folgenden: Iça, Japurá, Negro, Purús, Madeira, Tapajoz, Xingú, und Tocantins. Bezueglich des letzteren ist er der Meinung dass dieser niemals, in keiner geologischen Periode, ein direkter Zufluss des Amazonas gewesen sei, seine Muendung unterscheide man mit dem Namen des Rio Pará.

RESUMO

Profesoro CARLOS MIGUEL DELGADO DE CARVALHO, membro de la Centra Direktorio de la Nacia Konsilantaro de Geografio kaj de la Redakcia Komisiono de tiu ĉi Revuo, traktas, en tiu ĉi artikolo, pri la hidrografia baseno de la riverego Amazonaso.

Komence li diskutas pri la demando de la fontoj de Amazonaso, ekzamenante la diversajn interpretojn prezentitajn: Lago Lauricocha kaj rivero Marañon, fontoj de Ucaiale, tiuj de Vilcanota (tiaokaze Amazonaso estus la dua rivero en la Terglobo, laŭ longeco) kaj ankoraŭ la kunfluejo de la riveroj Marañon kaj Ucaiale.

Li faras analizon de la riveraj trajtoj, nome: grandeco de ĝia baseno, kun pli ol ses milionoj da km², ĝia tipa karaktero kiel plataja rivero kun tre malforta deklivo, ĝia grandega larĝo kaj profundeco kaj la volumego de la akvoj, kiujn ĝi alkondukas al la maro. Parolante pri la kanaloj kaj kolektantoj, li ekzamenas la vortareton uzatan ĉe la loka hidrografio, reliefigante la sencon de *paraná* (riverbrako), de *furo* (kanalo) kaj de *igarapé* (kanaleto). Grava kontribuo estas la klasigo, kiun li prezentas, de la lagoj ĉe *firma tero* kaj ĉe *várzea* (ebena kamparo), formante ses diversajn regionajn arojn. Alia interesa aspekto estas tiu de la *falintaj teroj*, kiuj rezultas el la subfosado de la bordkrutajoj fare de la akvoj de tiu riverego.

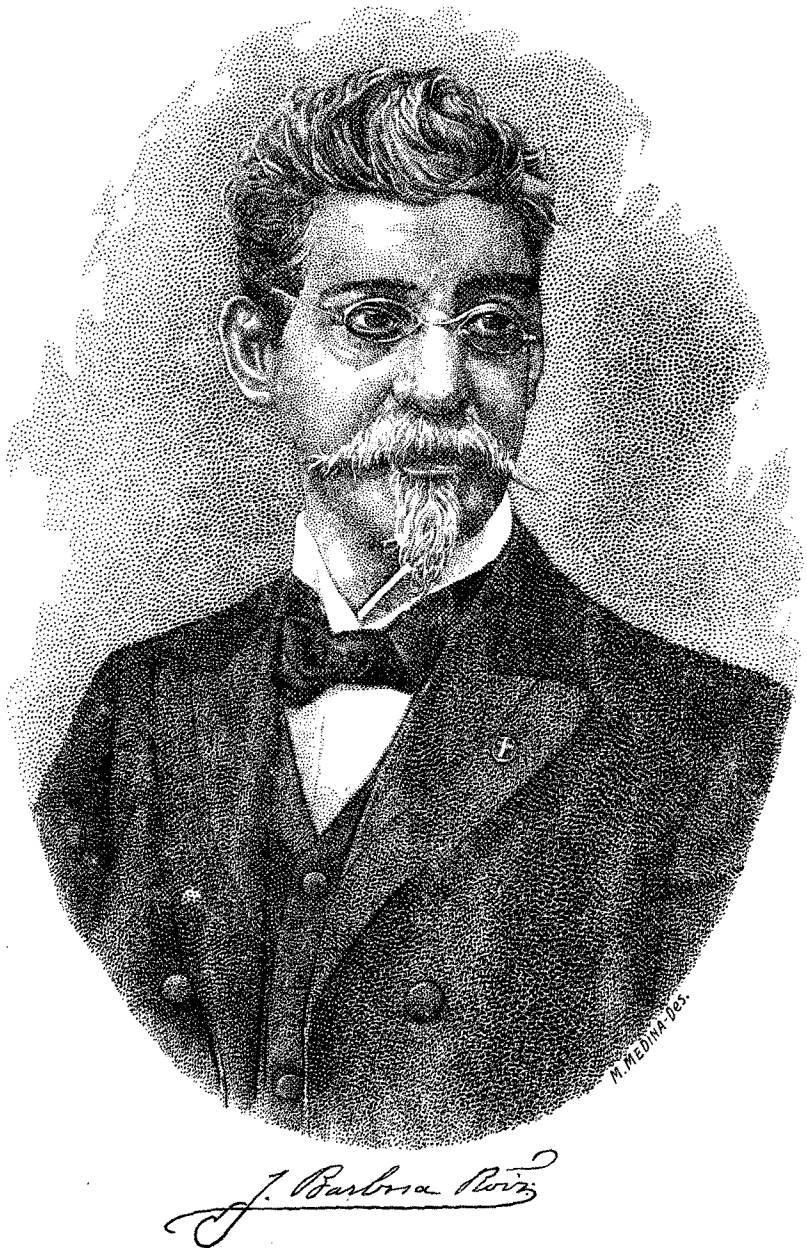
Malgraŭ la grandaj altecoj de la riveraltiĝoj, la rivera reĝimo estas de rilata reguleco, pro la fakto, ke ne koincidas la inundaj periodoj de la alfluajoj ĉe la dekstra bordo kun tiuj ĉe la maldekstra bordo, ĉar la unuaj apartenas al la suda duonsfero kaj la duaj al la norda duonsfero. Tia kompenso estas nomata *interveno*. Alia grava faktoro de reguleco estas la ĉeesto de la flankaj lagoj, kiuj funkcias kiel kompensaj akvujoj.

La aŭtoro dediĉas specialan atenton al la studo de la aspektoj de l' enfluejo de Amazonaso. Traktante pri la arkipelago, tie troviĝanta, li studas la manieron kiel formiĝas ĝiaj insuloj, kiuj estas aluviaj, je delta karaktero. Rilate al la delto, kies ekzisto konsistigas tre debatitan problemon, tiagrade ke EUCLIDES DA CUNHA asertis, ke "la plej granda el la riveroj ne havas delton", la aŭtoro ekzamenas tiun demandon, laŭ la plej ĵusaj geologiaj kaj paleontologiaj rezultatoj. Li diskutas la faman supozon, ke la aluvioj kunportitaj de la rivero estas alportataj de la maraj fluoj, kaj deponotaj en fremdaj landoj, kaj ĝin juĝas nesufiĉe pruvita.

Li studas la demandon pri la altiĝoj kaj malaltiĝoj de la marbordo, faras sintezon de la formacio de la amazonasa platajo, kaj konkludas, ke rivero Amazonaso konstruis sian delton dum la kvartenara periodo, direkte al la insulo Caviana. Marajó estas konsiderata kiel rezultato de la kuniĝo de kelkaj insuloj, kun tendenco fariĝi duoninsulo pro la plenŝtopo de la *furos*, kiuj ĝin apartigas de la kontinento. Li faras ankaŭ studon pri la fonomeno de la *pororoca* (riverimpeto), kiu rezultas el la "renkontiĝo de la tajdaj fluoj kun la riveraj fluoj, kiam ili pasas tra malprofundajoj.

En la lasta ĉapitro la aŭtoro traktas pri la ĉefaj alfluajoj de Amazonaso, studante la proprajn trajtojn de ĉiu el ili, speciale de la jenaj: Iça, Japurá, Negro, Purús, Madeira, Tapajoz, Xingú kaj Tocantins. Rilate al tiu ĉi, li opinias, ke neniam ĝi estis, en iu ajn geologia periodo, rekta enfluanto de Amazonaso, kies enfluejo estas malsama, kun la nomo rivero Pará.

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL



BARBOSA RODRIGUES

(1842-1909)

NÃO são recentes as íntimas relações da geografia com a botânica e a zoologia. A um naturalista, consumado botânico, deve mesmo o aparecimento de um dos seus mais importantes setores de estudo — a fitogeografia.

Foi pela botânica, que HUMBOLDT penetrou na geografia para não mais desligar seu nome do progresso da ciência que ajudara a definir.

Graças à sua Flora Brasiliensis, MARTIUS incorporou-se definitivamente ao conhecimento do Brasil, estudando-o, botânica, etnográfica e até geograficamente, tendo porisso, sua homenagem nesta Revista. E JOÃO BARBOSA RODRIGUES, "a figura mais proeminente entre os naturalistas que nasceram no Brasil", como o classificou VON IHERING, ocupando-se igualmente da botânica, da etnografia e da arqueologia brasileiras, foi, além de tudo isso, investigador minucioso na Região Amazônica, após ter recebido do Govêrno Imperial, em 1871, a honrosa incumbência de explorar os vales de vários rios pertencentes àquela bacia, tarefa de que se saiu galhardamente, durante os três anos em que percorreu grande parte do Amazonas e Pará.

Nascido em 1842, BARBOSA RODRIGUES, foi acima de tudo, biólogo de incontestável merecimento, "comparável ao seu grande colega MARTIUS".

Em 1869, terminado o curso de letras, empregava-se a fundo na realização do seu primeiro trabalho botânico que consistiu na monografia das orquídeas do Brasil, compreendendo 17 volumes, com mais de mil estampas coloridas, concluída em 1871 e intitulada Iconographie des orchidées du Brésil.

Enviado ao Amazonas e Pará, explorou os vales dos rios Tapajoz, Urubú, Jatapú, Uatumá, Trombetas, Iamundá e Capim, publicando cinco relatórios, cujas edições foram esgotadas em poucos meses (1875).

Tendo sido encarregado de completar, corrigir e anotar o Genera palmarum, de MARTIUS, BARBOSA RODRIGUES, prosseguiu nos estudos das palmeiras, escrevendo várias monografias, e o início da obra clássica, com 174 estampas, aquareladas pelo próprio autor, constante de dois volumes — Sertum Palmarum Brasiliensum — publicados pelo Govêrno em 1903.

Sua obra, constante de 85 volumes, é considerável. Podem, entretanto, figurar como das mais expressivas, no domínio da botânica, Mirtáceas do Paraguai, Palmae Mattogrossensis, Enumeratio Palmarum Novarum, Genere et Spc. Orchidearum, e o Sertum Palmarum, naturalmente, onde 382 espécies aparecem estudadas, excluindo as variedades, das quais 166, ou seja a metade, foram descobertas por BARBOSA RODRIGUES. Além disso, no periódico VELÓSIA, deu a público os resultados de suas investigações botânicas no Amazonas, durante o tempo em que foi Diretor do Museu Botânico, daquela unidade do país. (1883).

Nomeado Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 25 de Março de 1890, permaneceu à testa do mesmo, até a sua morte, em 6 de Março de 1909.

Em matéria de etnografia prestou grandes serviços ao país, enriquecendo o conhecimento das línguas indígenas, com numerosas contribuições, sendo a Poranduba significativa a êste respeito.

Colecionando exemplares de Muyrakitans, artefatos de pedra polida zoo e antropomorfos, ou coligindo informações sôbre as tribus selvagens, com as quais entrara em contacto, catequizando e aldeando os Crichanãs, BARBOSA RODRIGUES foi um trabalhador infatigável.

No setor geográfico de sua grande e atormentada atividade, embora não fôsse um especialista, realizou explorações e observações científicas de inegável valor. No estudo do rio Urubú e vila de Silves, ao lado de expressões em que ressalta modestamente o seu "pouco saber", demonstra probidade científica na desincumbência da difícil missão geográfica.

Na exploração e estudos do rio Tapajoz, observa usos e costumes e refuta a fantasia de BATES, em The naturalist on the Amazonas.

No curso inferior do rio, não somente se preocupa com a vegetação: aprofunda as indagações sôbre os extintos índios Tapajoz, explorando a Serra de Piquiatuba, no lugar Taperinha. Em seguida investigou os sernambis das redondezas e abordando a questão do lançamento do Tapajoz, no Amazonas, mediante delta, contesta peremptoriamente o fato, com argumentos baseados na vegetação e na diferença da flora e fauna entre o Tapajoz e o Amazonas.

Nos rios Urubú e Jatapú faz história e etnografia, critica LIAIS, em matéria de etimologia nomenclaturista, dá nomes a localidades e levanta a planta do primeiro citado curso dágua.

Explorando o curso e riquezas naturais do Jatapú, afluente do Uatumá, habitado pelos Pariquís, mostrou-se satisfeito por se tratar de um dos mais desconhecidos rios do Amazonas e por haver encontrado novidades para a ciência, ao desfazer, por exemplo, erros contidos até em publicações oficiais, a propósito da embocadura do rio.

O relatório referente ao rio Trombetas, escrito em Óbidos, em Abril de 1874, encerra farta descrição geográfica, de vez que, com exceção de R. SPRUCE, jámais havia sido aquele rio, até a época, explorado por um naturalista.

Mostrando como era conhecido, descrevendo, segundo a derrota da viagem, resumindo geograficamente o curso, BARBOSA RODRIGUES realizou depois do rio Iamundá, na foz do Caldeirão, importantes investigações, entre as quais sondagens, tomadas de temperatura, exames de correntes e os efeitos das enchentes do Amazonas sôbre o comportamento dos terrenos na área correspondente às embocaduras fluviais

Em Outubro de 1874, explora o Alto Iamundá, deixando para os estudos do rio Capim, a cidade de Óbidos, que funcionara como centro das explorações, durante algum tempo da sua estadia, na Amazônia.

No Rio Capim estudou a geografia, a história e a etnografia da região, tendo ainda observado a pororoca, cuja causa demonstrou, mediante figuras imaginárias, representado um plano vertical — longitudinal e outro vertical — transversal.

Os últimos trabalhos de BARBOSA RODRIGUES, pouco antes de morrer, foram o estudo da diminuição das águas no Brasil e o livro acêrca dos vulcões e tremores de terra no mundo.

LA CONDAMINE
(1701-1774)

A vinda de CHARLES MARIE DE LA CONDAMINE à América do Sul, em 1735, onde encontraria oportunidade para ligar seu nome à geografia do Brasil, é consequência das lutas acesas travadas entre Cassianos e Newtonianos, a propósito do achatamento do elipsóide terrestre, lutas que encheram todo o intervalo de tempo escoado entre o fim do século XVI e os princípios do século XVII.

A controvérsia foi resolvida favoravelmente à teoria newtoniana, em face dos resultados obtidos pelas expedições enviadas pela Academia de Ciências de Paris, à Lapônia (1736-1737) e ao Perú (1735-1744).

Nessa ocasião, CHARLES MARIE DE LA CONDAMINE contava 34 anos de mocidade tormentosa, tendo nascido em Paris, em 1701.

Em todos os seus empreendimentos sempre lhe foi peculiar o espírito aventureiro de que aliás soube se valer mais tarde, na América principalmente, quando resolveu encetar, em 1743, a descida do rio Amazonas, "desde o lugar em que começa a ser navegável até a sua embocadura". Para essa viagem até o Pará escolheu justamente o mais difícil e desconhecido dos três caminhos que na sua opinião davam passagem da Província de Quito para o Maranon, ou seja o caminho pelo Gobierno de Jaen de Bracamoros, onde se encontra o Pongo de Manseriche por êle descrito com pormenores.

Escolhido para integrar a comissão de cientistas enviados ao Perú, ao lado de GODIN e de BOUGUER, LA CONDAMINE na Expedição foi, como escreveu GEORGES PERRIER, o seu verdadeiro animador, seu tesoureiro, seu factotum e seu defensor.

O estudo do seu "Journal du Voyage fait par ordre du Roi a l'Équateur, servant d'Introduction Historique à la mesure des trois premiers degreés du méridien" (1751), revela não só o histórico e a viagem da Expedição, mas também a parte que cada qual desempenhou no trabalho comum.

Tôdas as suas pesquisas tinham sempre em mira, como êle próprio escreveu, o progresso da navegação, da geografia e da história natural.

A contribuição de LA CONDAMINE à geografia do Brasil, pode ser colhida no seu "Extracto del Diario de Observaciones hechas en el viaje de la Provincia de Quito al Pará por el rio de las Amazonas y del Pará a Cayana, Surinam y Amsterdam" (Amsterdam — MDCCLV) e na "Relação abreviada de uma viagem feita no interior da América Meridional", publicada em francês (MDCC.LXXVIII).

Reportando-se à narração do padre ACUNA, companheiro de PEDRO TEIXEIRA, no seu regresso de Quito (1639), frisa LA CONDAMINE, no "Extracto del Diario", a feição meramente histórica do trabalho de ACUNA, não bastando "para fazer com ela um mapa pontual, como de N... SANFON, no ano de 1680".

Mostra conciência geográfica ao verificar que o padre CRISTOBAL ACUNA não conseguira "as precisas observações na metade inferior do rio, que efetivamente é a parte mais defeituosa de sua carta, principalmente perto da bôca, que êle não viu".

Pouco antes de embarcar em 4 de Junho para descer o rio-mar, sua observação se deteve nas areias auríferas de Jaen ao Embarcadero, fixou-se no trabalho dos índios, e no "muito bom cacau", crescido espontaneamente nas margens do rio.

Fazendo medições de tôda sorte no rio que descia, anotou larguras, obteve profundidades, avaliou cheias. Realizou observações barométricas, determinou latitudes e longitudes, tomou nota de variações magnéticas, fez uso do pêndulo para o estudo da intensidade da gravidade, e ainda dispôs de tempo para descrever as canoas e se referir aos "Vergantins" dos missionários portugueses. Empenhado em fazer um mapa do rio, investiga os rumos dos meandros, e com agulha e o relógio na mão, passa a marcar a duração de cada volta, o tamanho das embocaduras dos afluentes, o número e a extensão das ilhas... mede as velocidades e sonda as profundezas. Não esqueceu as cogitações botânicas. Examina as gomas, resinas, preocupa-se com a andiroba e descreve magistralmente a borracha analisando os seus variados empregos pelos indígenas da região.

Em Gurupá não lhe passa desapercebido que "já se faz muito sensível o fluxo e o refluxo do mar, caminhando as canoas daí por diante com as marés".

Desembarcado em Belém, a 19 de Setembro de 1743, mais de quatro meses depois da saída de Cuenca, havia percorrido distância superior a mil léguas de extensão.

No prefácio da "Relação abreviada", preocupa-se com a questão da Carta correspondente ao levantamento do "curso de um rio que atravessa vastos países quase desconhecidos de nossos geógrafos".

Aludindo à geografia, à astronomia ou à física, deteve-se na "Relação", muito mais em instruir do que em agradar. E escreveu: "Não posso evitar a entrada em algumas discussões geográficas"... "Tal é a da comunicação do rio Amazonas com o Orenoco, antigamente estabelecida, negada em seguida, e enfim novamente verificada por testemunhos decisivos. Tais são as pesquisas da Aldeia de Ouro e do Marco plantado por TEIXEIRA, a do lago Parima, a da cidade de Manoa, a do rio de Vicente Pinzon, etc. Cada um dêsses artigos, me pode fornecer o assunto de uma dissertação".

A "Carta do Curso do Maranhão ou do grande rio das Amazonas, em sua parte navegável desde Jaen de Bracamoros até a sua embocadura e que compreende a Província de Quito, e a costa da Guiana desde o cabo Norte até o Essequibo", foi levantada e executada segundo as observações astronômicas de M. DE LA CONDAMINE.

A capacidade de LA CONDAMINE não possuia limites. Descreveu pela primeira vez cientificamente a árvore da quina e propagou, em seguida, o emprêgo da quinquina como febrífugo. Sem ser rigorosamente geógrafo, fez curiosíssimas observações antropogeográficas acêrca dos gêneros de vida e horizontes de trabalho de várias populações marginais, como a dos Omáguas, entre os quais observou inúmeras aplicações da borracha. Na descrição da Província de Maynas, ao chegar a Borja, salientou os contrastes entre as regiões naturais percorridas, revelando certa perícia na interpretação da paisagem.

Pelos estudos realizados na sua descida pelo Amazonas, por suas observações sempre levadas a efeito sob cunho científico, quer as geofísicas, como as astronômicas, as cartográficas como as topográficas, as históricas como as etnográficas, CHARLES MARIE DE LA CONDAMINE bem merece a admiração e o respeito dos estudiosos do Brasil.

Mas é devido principalmente às investigações de caráter geográfico, realizadas no Brasil, que LA CONDAMINE tem hoje estampado nesta Revista, seu retrato, ao lado de ligeira notícia biográfica.

M.MEDINA-DES.

COMENTÁRIOS

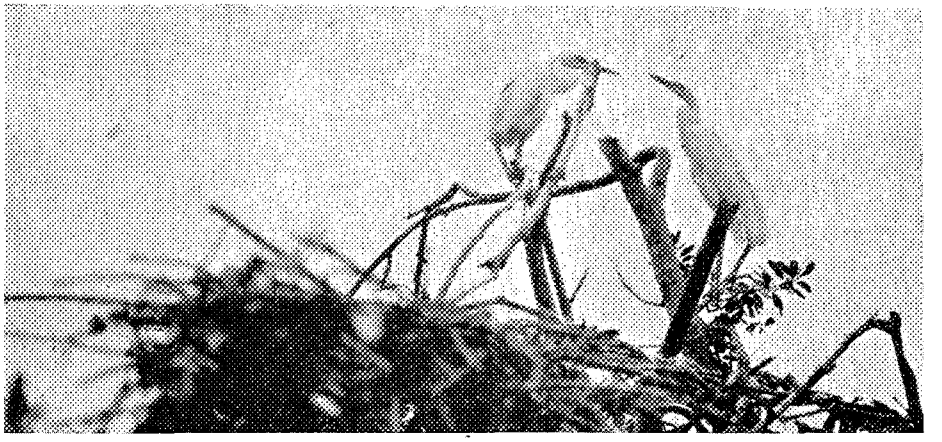
ALGUNS ANIMAIS CURIOSOS DA AMAZÔNIA

Eng. *Moacir Silva*

A riqueza, em quantidade e em variedade, da fauna, assim como da flora amazônica é, para assim dizer, indescritível por uma só criatura humana, pois, por muito longa que fôsse, embora, a existência desta, ainda assim não lhe bastaria para um conhecimento integral de tantos seres vivos que pululam na vastíssima planície.

Nessa opulentíssima região encontraram manancial inesgotável, de observações e pesquisas, inúmeros naturalistas estrangeiros e nacionais, do mais alto renome científico e, por isso, sobejamente conhecidos nos meios cultos de todo o mundo civilizado. Lembremos apenas, de passagem, que só um dêsses sábios, HENRY WALTER BATES, em onze anos que viveu na Amazônia, colecionou 14 712 espécies animais, sendo 8 000 inteiramente novas! Igualmente abundante foi a messe dos demais sábios: AGASSIZ, quanto aos peixes; GOELDI, sôbre aves e mosquitos; HUBER, com as plantas espontâneas e cultivadas; BARBOSA RODRIGUES, nas palmeiras; e tantos e tantos mais...

Não impede isso, entretanto, que um leigo em zoologia, alinhe estas simples notas como legendas a algumas fotografias de *animais curiosos,* obtidas quando de uma viagem à Amazônia, no ano de 1938.

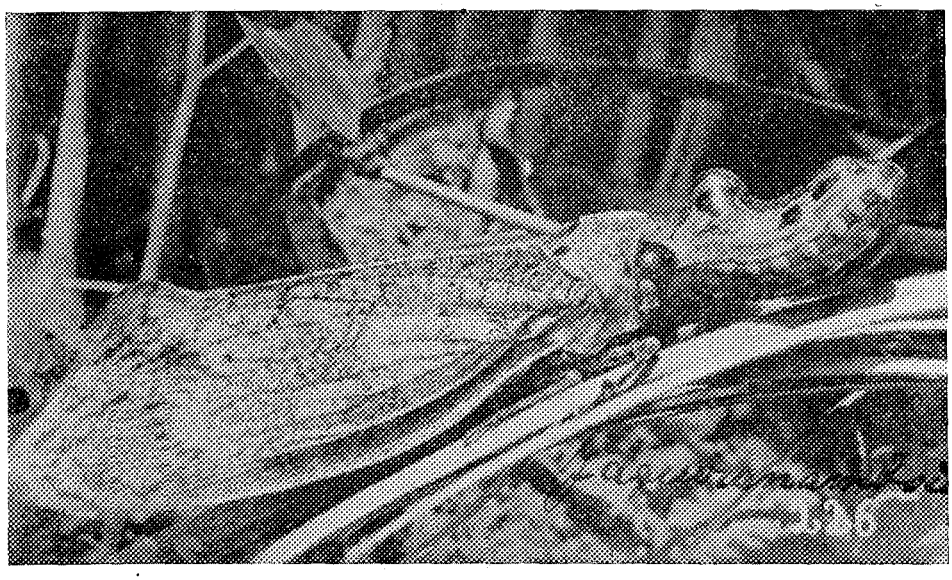


Ninho ou ninhal de garças

Um "ninhal" de garças no tôpo da mata. Estas garças são da variedade denominada *garça branca menor (Leucophyx candidissima)*, alvíssimas, sem uma única pena de côr e, por isso mesmo, muito perseguidas por causa das *aigrettes.* Justamente observou RODOLFO VON IHERING *(Dicionário dos animais do Brasil):* "Com menos crueldade poderiam os caçadores de *aigrettes* procurar as penas caídas, que se encontram, até em certa abundância, nos *ninhais;* tais penas nem sempre, porém, conservam a frescura do ornato da ave viva, nem alcançam, no mercado, o valor das penas intactas".

Pousadas nas árvores, as garças brancas contrastam agradavelmente com o fundo verde-escuro da mata e, à distância, "lembram grandes *bouquets* de noiva", segundo o expressivo dizer de RAIMUNDO MORAIS *(Dic. de Cousas da Amazônia).* Informa êste escritor que os índios a denominam guiratinga e ainda que, "mesmo domesticada é perigosa, fura os olhos das crianças". Corre por sua conta êste pormenor que não encontrámos em outro autor e nem tivemos ensejo de verificar.

A jaquiranabóia *(Fulgora laternaria),* ou jequitiranabóia. OSVALDO ORICO *(Vocabulário de crendices amazônicas)* regista: "Yakirana-m-boia". Da classe das cigarras e, como tôda cigarra, lírica e inofensiva. Seu aspecto complicado,

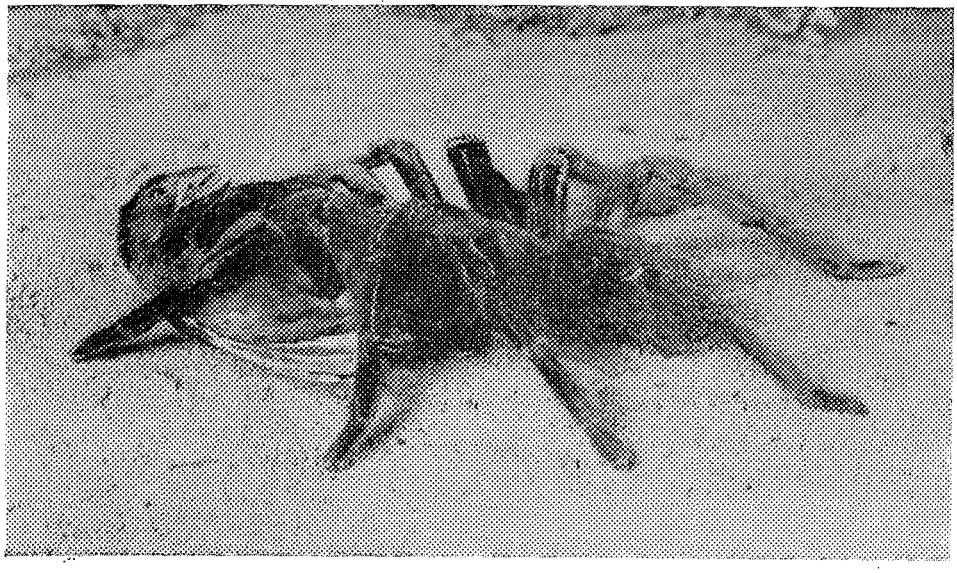


Jaquiranabóia ou jequitiranabóia

misto de gafanhoto e libélula, com decorações esquesitas nas asas, emprestou-lhe uma fama perigosa. Seu ferrão infunde pavor e obriga a todos a se defenderem de suas picadas, tidas como venenosas e mortais. Os observadores mais verazes, entretanto, entendem que a jaquiranabóia é um simples *inseto caluniado* e que só circunstâncias acidentais poderiam explicar a reputação malígna que granjeou".

R. VON IHERING explica: "Quem quer que o veja pela primeira vez, deixa-se impressionar pela esquesita configuração, tão fora dos moldes dos insetos comuns. Ao povo fez tal impressão que, em todo o Brasil, se tornou geral a crença de ser êsse bicho venenosíssimo, que fulmina não só o homem e os animais, como também faz secar árvores, etc. De fato, porém, trata-se de um inseto incapaz de fazer mal a alguém pela razão muito simples de não ter arma alguma com que possa ferir".

O Dr. J. OH ANSTETT *(História Natural popular)*, Rio, 1898, 6.ª ed., vol. II, 41) assim a descreve:

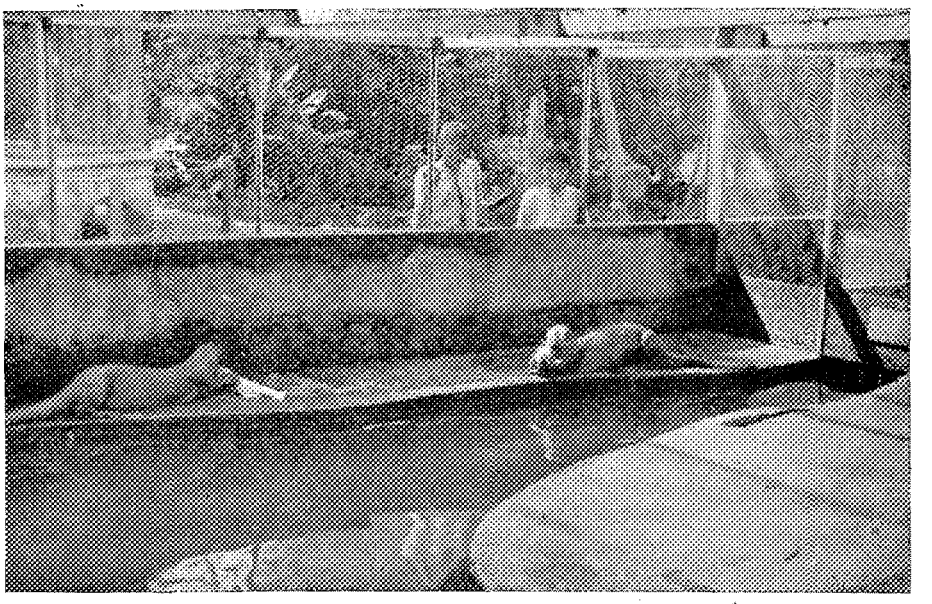


Aranha caranguejeira e sua vítima

"*O porta-lanterna de Surinã (Fulgora laternaria)* é uma cigarra muito bonita e grande, que tem 3 (três) polegadas de comprimento, patas para saltar, e asas semelhantes às de um gafanhoto: uma bexiga membranosa mui grande lhe cobre a parte anterior da testa. Dizem os viajantes que êste coleóptero luz de noite como uma chama, de maneira que dois dêstes *porta-lanternas* emitem luz suficiente para se ler uma carta; outros, porém, contestam êste fato. É verde côr de azeitona, com marcas brancas, e tem nas asas posteriores manchas pardas da forma de um ôlho. A pátria dêste inseto é o Surinã, mas acha-se também no Brasil. Outra *fulgora* da mesma espécie é originária da China".

ÁLVARO A. DA SILVEIRA *(Ciência e superstição)* Belo Horizonte, 1917, diz que: "o próprio nome científico da jaquiranabóia não escapou ao contágio da superstição: *Fulgora laternaria* — isto é, inseto que leva em sua fronte uma lanterna cheia de luz — eis o nome dado por LINNEU, à vista da crendice que ensinava ser a enorme cabeça dêsse hemíptero, à noite, uma verdadeira lanterna resplandescente. Mais razoável é o nome dado pelos selvagens do Brasil: jaquiranabóia, que significa: *cigarra que parece cobra*".

Quanto a ser a jaquiranabóia uma *cigarra fulgente,* R. VON IHERING admite que "a tal fosforescência será puramente acidental e deverá provir de microorganismos vegetais, que às vêzes se desenvolvem sôbre o abdômen".



Ariranhas

PAUL LE COINTE *(La nature,* 1905) afirmou que os índios do Amazonas quando ouvem, à noite, o zumbir da jaquiranabóia que, em miniatura, é semelhante ao apito prolongado de uma locomotiva, atiram depressa, em um braseiro, punhados de farinha de mandioca ou fôlhas verdes para *afastar o animal que lhes apavora.*

Mas, o mesmo autor, em contraposição a essa crendice, refere ter visto no alto rio Beni, na Bolívia, um índio deixar, indiferente, uma jaquiranabóia passear-lhe pelo corpo.

Aranha caranguejeira (em tupí: *nhanduassú).* As caranguejeiras são grandes e muito venenosas; chegam a medir 25 cm de comprido entre as patas opostas distendidas. O veneno provoca na vítima um período de agitação e, depois, alucinação e movimentos desordenados como os da embriaguez.

A aranha caranguejeira não tece fios e nem arma teias, como as aranhas comuns. "Sua vida é a dos salteadores destemidos, que lutam corpo a corpo com a vítima, arriscando a vida..."

Ariranha *(Pteronura brasiliensis).* Semelhante à "lontra", *(Lutra paranaensis),* do sul do país, porém maior, alcançando alguns espécimes 2,40 m, segundo IHERING. RAIMUNDO MORAIS, que a denomina *Lutra brasiliensis,* diz: "Espécie de foca fluvial, vive em bandos nos rios e lagos. Surgem empinadas à flor dágua,

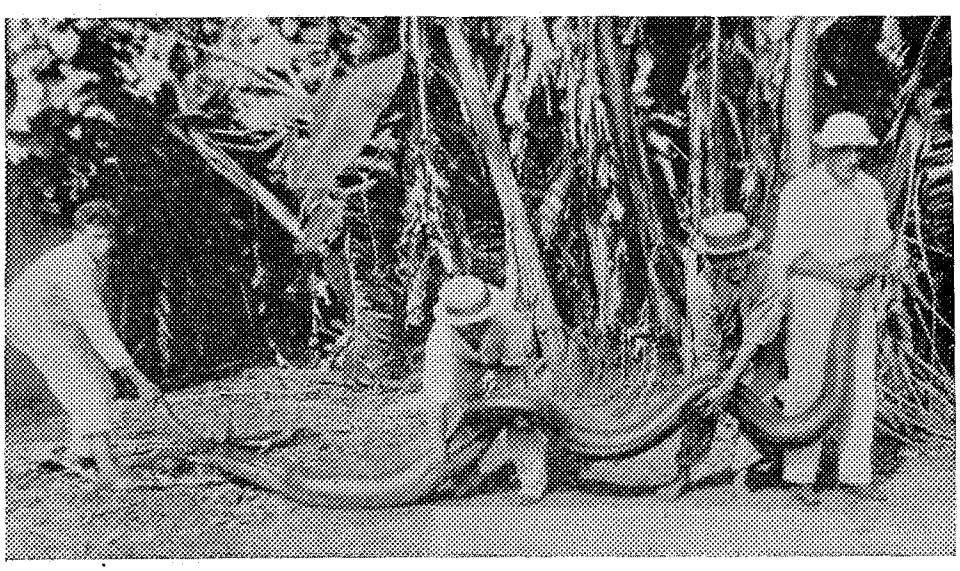
Cobra cipó

Comem peixe e dão gritos que parecem latidos". Sua pele é muito apreciada como tapetes ou agasalhos.

Cobra cipó, confundindo-se com o emaranhado da vegetação. EURICO SANTOS *(Anfíbios e répteis do Brasil)* descreve duas cobras-cipó: a *chironius sexcarinatus,* verde, de um metro e meio de comprimento, que se alimenta de pererecas e pequenas rãs, "inocente, fugidia e medrosa", mas "infernizada e agressiva" quando acuada; e outra, "parente desta, a *chironius carinatus,* de formato semelhante, côr cinzenta com cabeça quase preta, mas de tamanho bem maior.

"É arborícola, mas quase sempre se encontra nas regiões pantanosas. Acha-se espalhada por todo o Brasil. Na Amazônia dão-lhe o nome de sacaíbóia, cutimbóia e acutimbóia, o que significa cobra de cotia, ou comedora de cotia.

DIZ RAIMUNDO MORAIS que na Amazônia vive junto das habitações, comendo ovos e pintos e que, quanto excitada, vibra a cauda como um chicote açoitando o homem, fato êsse já registado por TASTEVIN. Não há quem tenha testemunhado nenhum dêstes fatos e assim êles aquí ficam no rol das histórias ou, quando muito, na lista das coisas a se verificar. (EURICO SANTOS, op. cit.)



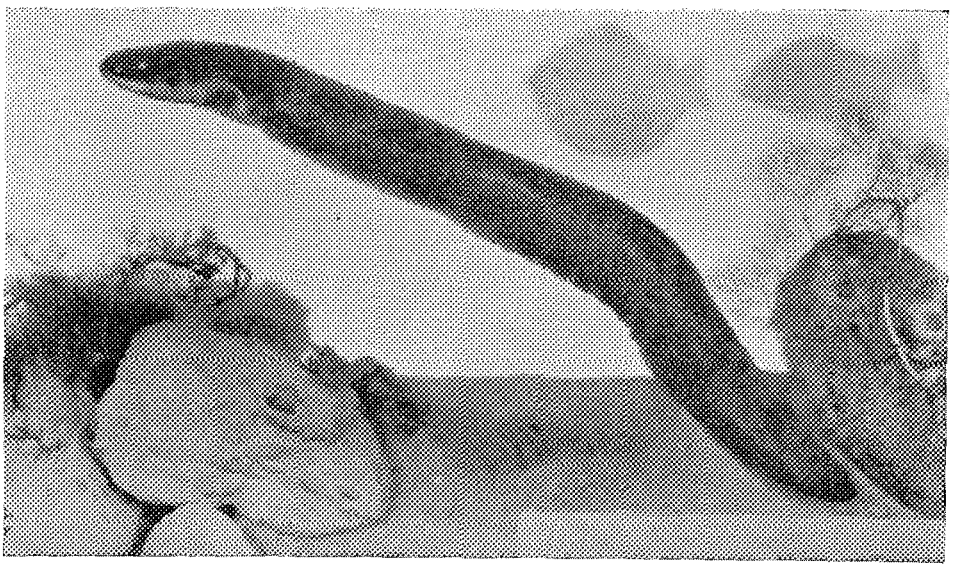
Sucurijú

Sucurijú, sucuriú, sucurí juba, ou simplesmente sucurí *(Eunectes marinus)*. É também denominada, na Amazônia, boiussú (cobra grande). É a maior das serpentes do mundo, afirma IHERING, que cita uma de 11 metros e 28 cm de comprimento. A sucurí não é venenosa, mas, arrochando os laços com que enleia o corpo da vítima, quebra-lhe os ossos e assim, ao mesmo tempo, mata e prepara o bocado para a deglutição. Come peixes, aves aquáticas, capivaras, antas e outros animais que frequentam "as águas onde ela própria passa a maior parte da vida". Uma das fotografias mostra um *camelot* da cidade de Belém (Pará), com uma sucurí mansa, enrolando-se-lhe no corpo.

O poraquê ou peixe elétrico *(Electrophorus electricus)* que, segundo MELO LEITÃO *(Zoogeografia do Brasil)* é o mesmo "tremblador" dos venezuelanos.

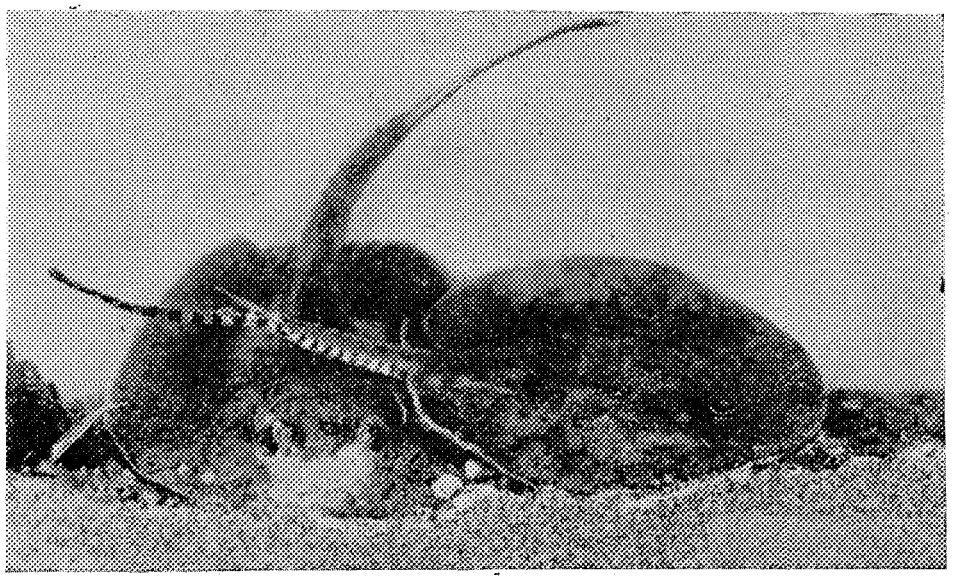
R. VON IHERING afirma que "o poraquê pode produzir 300 *volts*"; e, depois de transcrever a celebrizada página de HUMBOLDT sôbre a pesca daquele peixe, conclue: "Em sua representação gráfica da lenda do tesouro da Iara, segundo o folclore amazônico, o pintor TEODORO BRAGA figura o poraquê como guarda e defensor dêste tesouro. A idéia, baseada

A sucurijú e um camelot



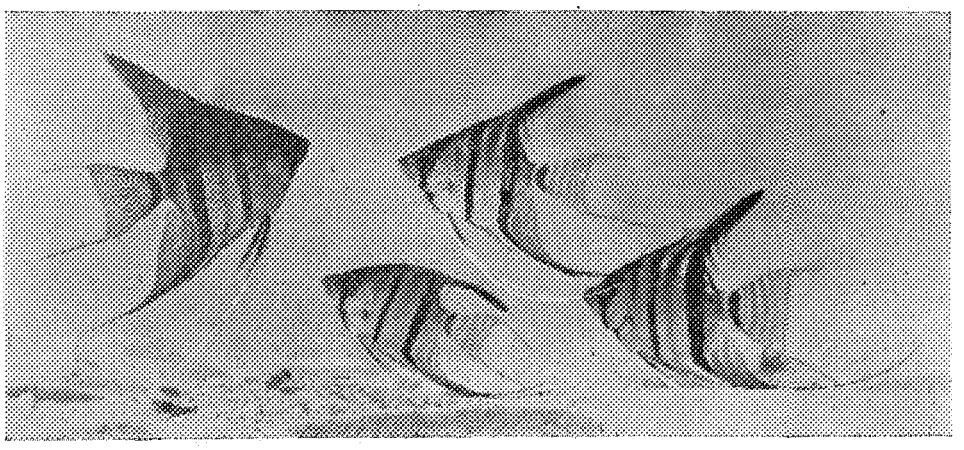
O poraquê ou peixe-elétrico

na lenda tradicional, é verdadeiramente feliz, pois, melhor do que ninguém de tôda a fauna do grande rio, êsse Cérbero, dotado de fôrças misteriosas, montará guarda e defenderá as preciosidades ocultas no fundo do rio-mar".



Arraias ou raias

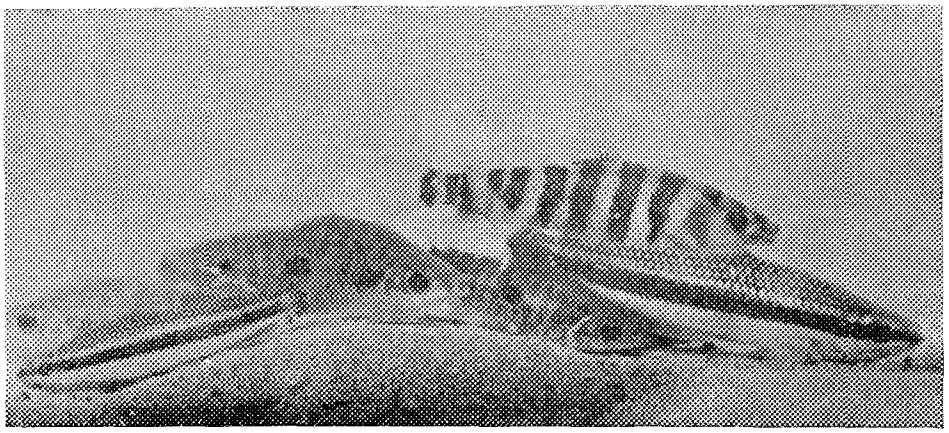
Arraias, ou raias. Originariamente peixes marinhos, "algumas espécies adaptaram-se à água doce dos grandes rios e em nossa fauna foram constatadas cêrca de 30 espécies", segundo IHERING. Ainda êste mestre, baseado em informação do major HENRIQUE SILVA, diz que, em Goiaz, a raia *Ellipesurus orbignyi,* do rio Araguaia, é conhecida pelo nome de *raia-cocal.*



Acará-bandeira

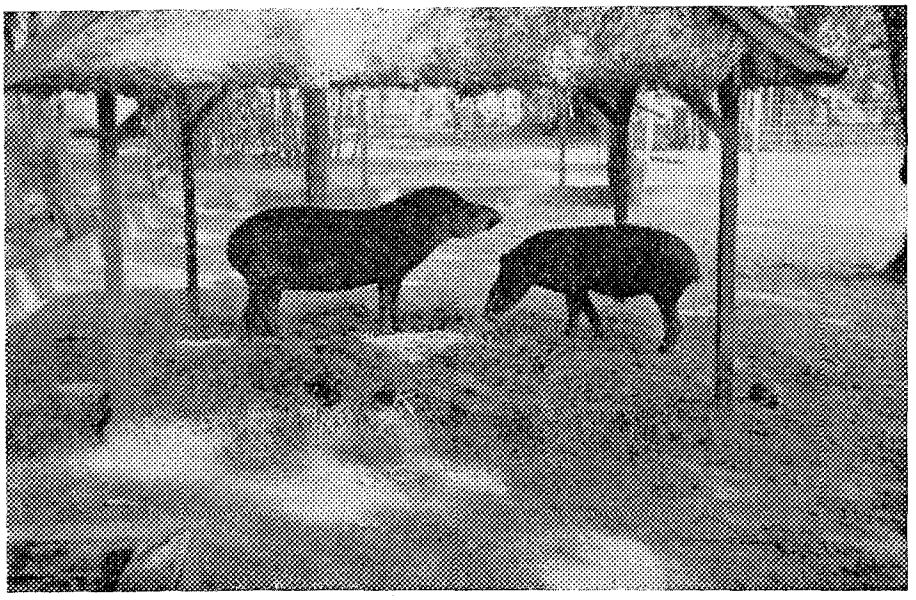
Acará-bandeira. Única espécie do gênero *Pterophylum scalare.* Atinge, no máximo, 15 cm de comprimento. "Nada calmamente, poder-se-ia dizer conciente de sua beleza, sem utilizar outras nadadeiras a não ser as peitorais e como estas são incolores, transparentes, tem-se a impressão de que o peixe se locomove sem o menor esfôrço" (IHERING).

Aracús — Os aracús são peixes de água doce de cêrca de um palmo de comprimento e aproximadamente 300 gramas de pêso; da família dos *Characídeos,* principalmente do gênero *Leporinus* e outros, que correspondem às *piavas,* do Sul. Dos lagos da ilha de Marajó proveem grandes carregamentos dêste peixe. Alimenta-se das raízes adventícias da *canarãna,* muito abundante naqueles lagos. Sua carne, apesar de não ser das melhores, é grande fator no abastecimento do mercado de Belém (Pará).



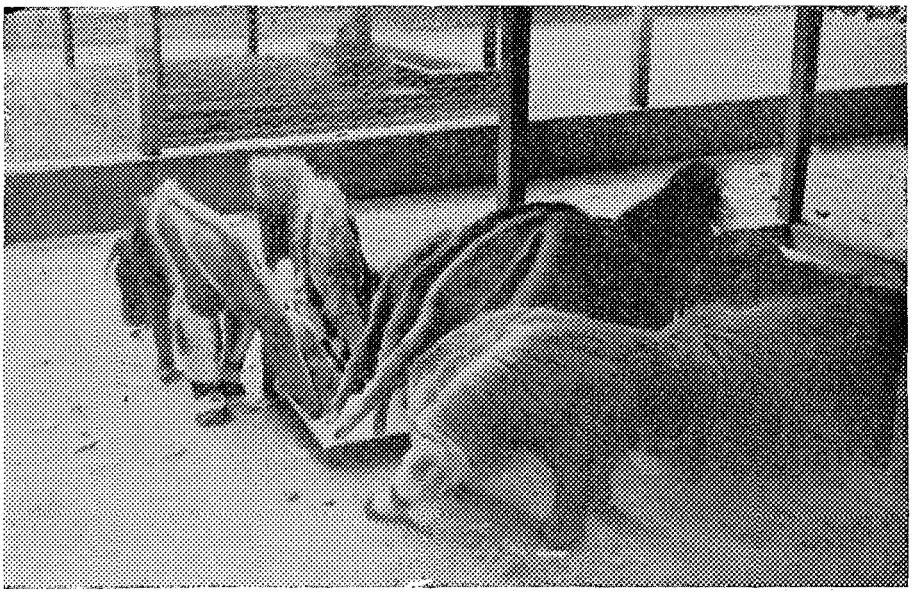
Aracús

Antas *(Tapirus americanus)* — Museu Goeldi — Também chamado Tapir, pode atingir 1,82 m de comprimento e pesar 170 quilos. "Habita as matas cerradas, nas proximidades dos rios, nada e mergulha perfeitamente e é sempre em direção à água que foge, quando acossada. É animal de fôrça extraordinária, podendo, na corrida, atravessar o mato mais trançado" (IHERING). Caça muito apreciada e, por isto mesmo, muito dizimada, alimenta-se de frutas do mato, invadindo também as roças.



Antas

Tamanduás-bandeira *(Myrmecophaga jubata)*, também denominado tamanduá-cavalo, tamanduá-assú e *iurumí* (Museu Goeldi). É um genuino representante da fauna autóctone da América do Sul. De longas garras (4 nas mãos e 5 nos pés), de marcha difícil, alimenta-se de cupins e formigas, para a colheita das quais utiliza sua grande língua.

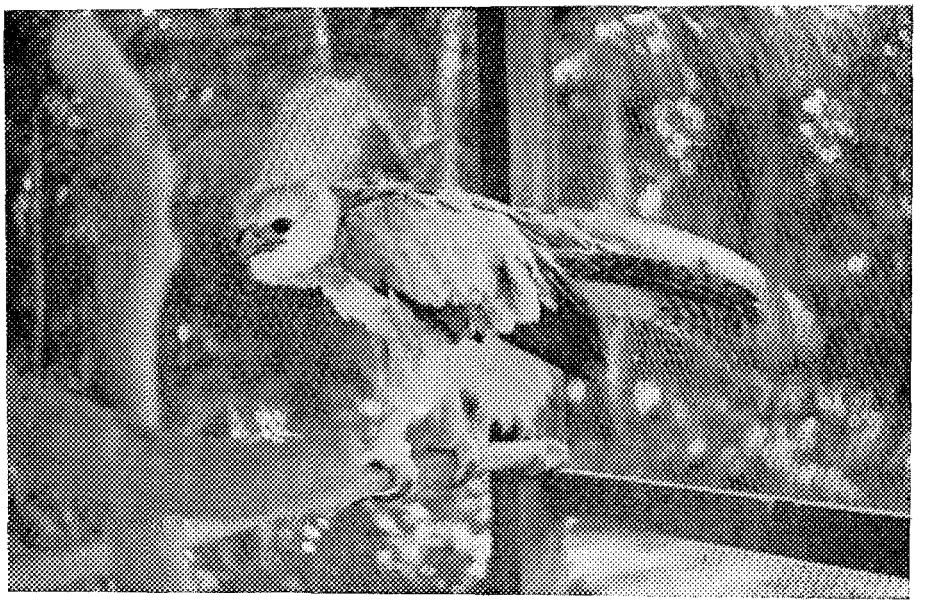


Tamanduás-bandeira

Papagaio branco (albino, *raríssimo*)

Gavião real *(Harpya destructor)* ou *Uirussú (uira-guassú,* isto é ave máxima). Ave belíssima pela plumagem da cabeça em tons cinza. (Ver *Album de*

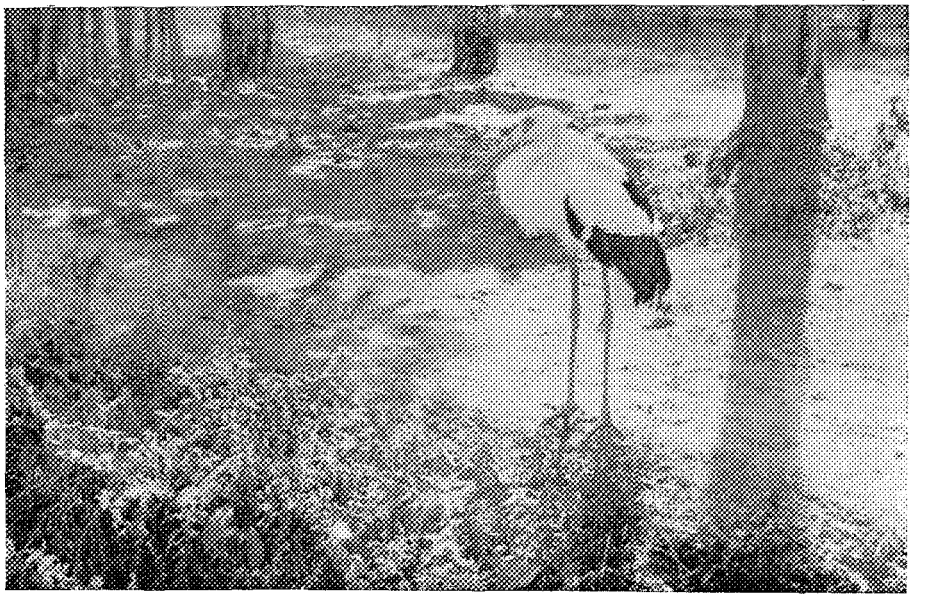
aves amazônicas). IHERING, grande admirador desta nossa belíssima *harpia*, diz que "também os índios, empolgados pela beleza e tamanho desta ave de rapina, tributam-lhe admiração e respeito bem merecidos".



Gavião real

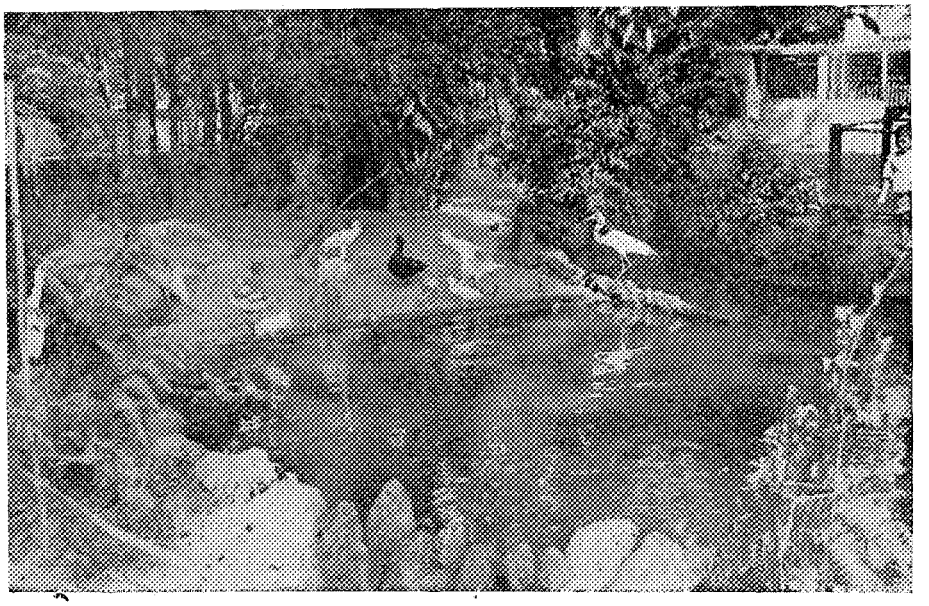
Maguarí *(Ardea socoi)* ou baguarí ou, ainda, jabirú-moleque. "Aproxima-se mais do tipo da cegonha européia do que o verdadeiro "Jabirú e é um pouco menor e menos corpulento do que êste".

No Museu Goeldi: uma garça, alguns guarás *(Eudocimus rubra* ou *Ibis rubra)* e outras aves. O guará, que em liberdade é vermelho, torna-se mais claro

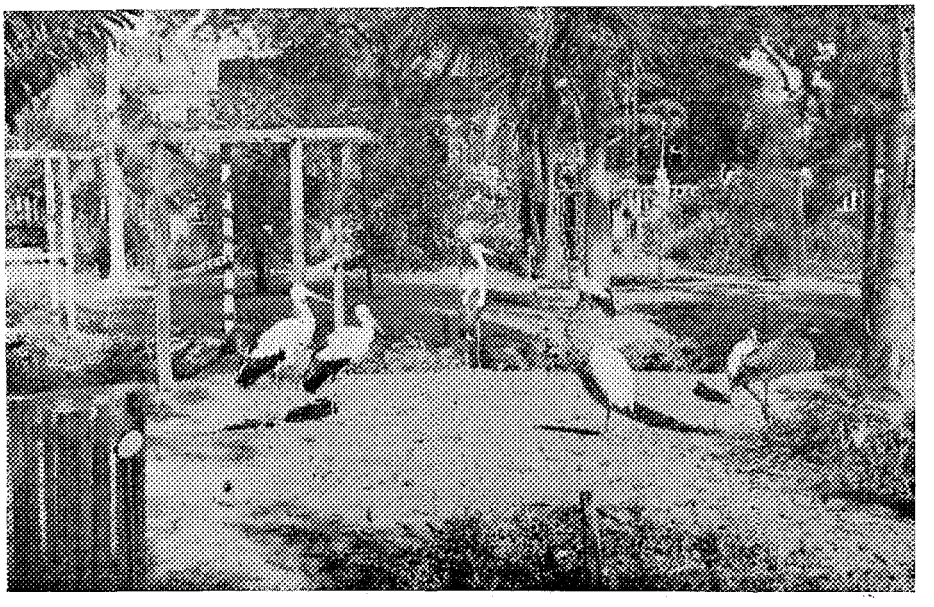


Maguarí ou jabirú-moleque

(róseo) quando se vê assim fora do seu meio de origem. O Dr. CARLOS ESTÊVÃO, diretor do Museu, atribue isso à mudança de alimentação. Quando livres alimentam-se muito de certa espécie de carangueijos, que não encontram quando assim presos.

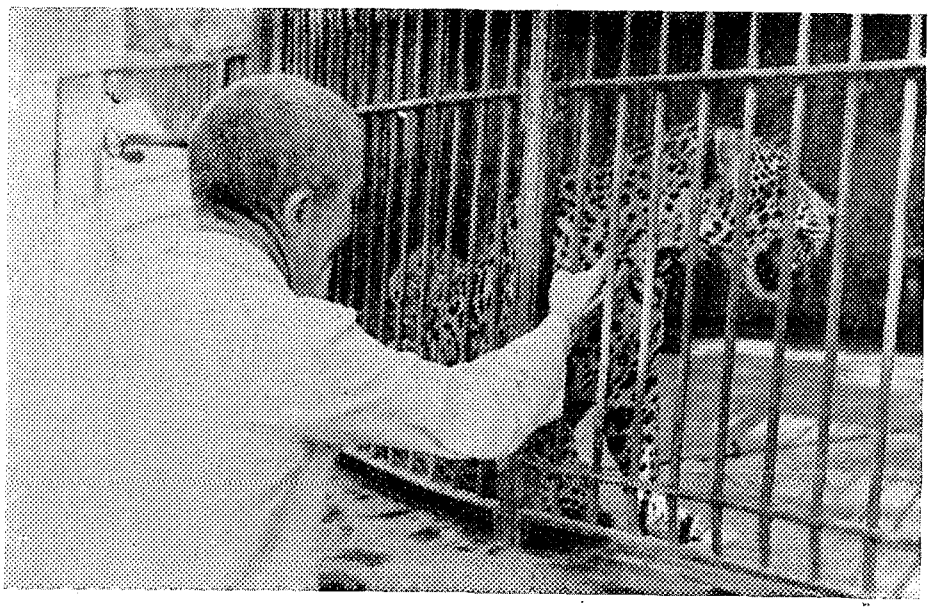


Um lindo recanto do Museu Goeldi

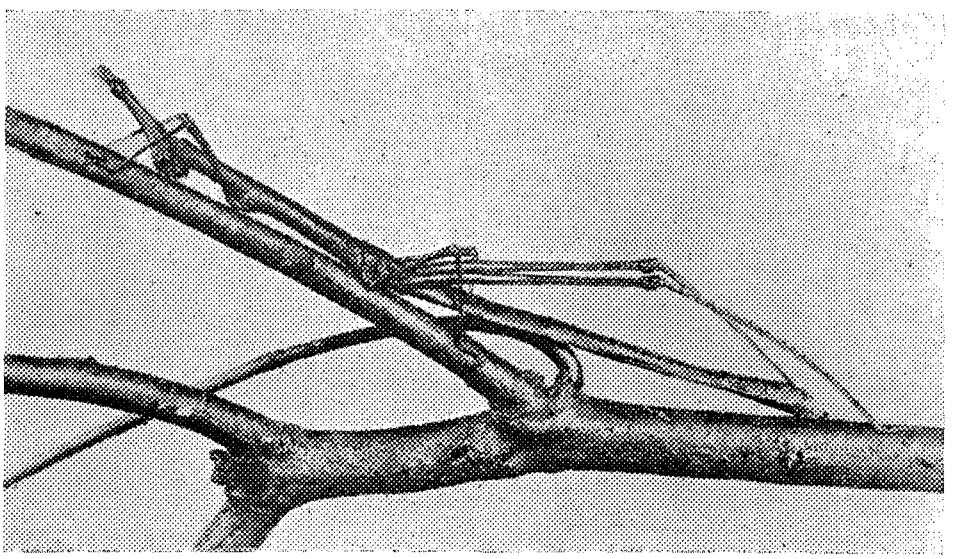


Um grupo de maguaris

No Museu Goeldi um naturalista afaga o jaguar, onça pintada *(Felis onsa)* ou *canguçú,* dos indígenas. Alcança até metro e meio de comprimento por 80 ou 85 cm de altura e 60 cm de cauda. IHERING diz que "a onça tem todos os predicados para dominar". Alimentando-se de porcos do mato, capivaras e veados, ataca também, o gado, respeitando somente o touro, a quem, algumas vêzes, vence. MELO LEITÃO a cognominou: "rival do tigre na América".



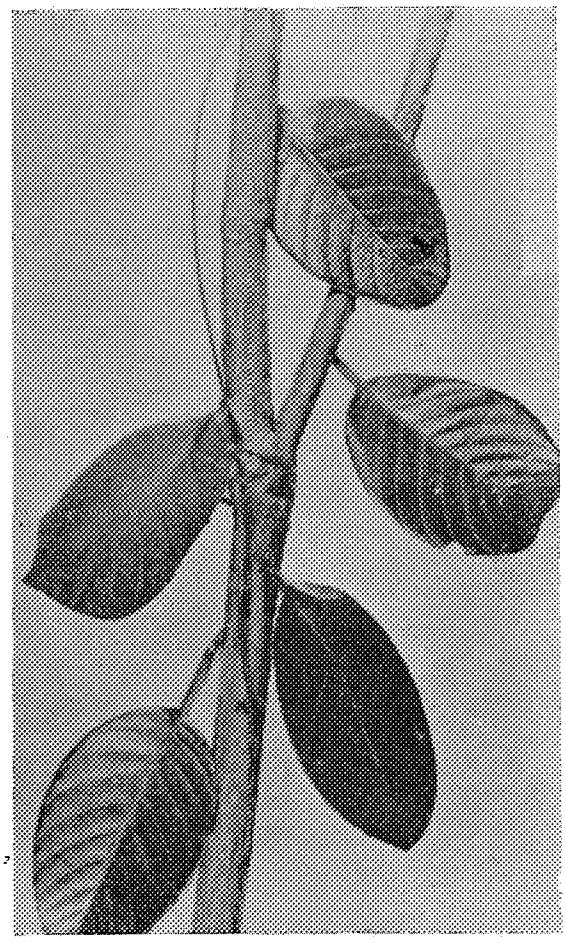
Jaguar ou onça pintada



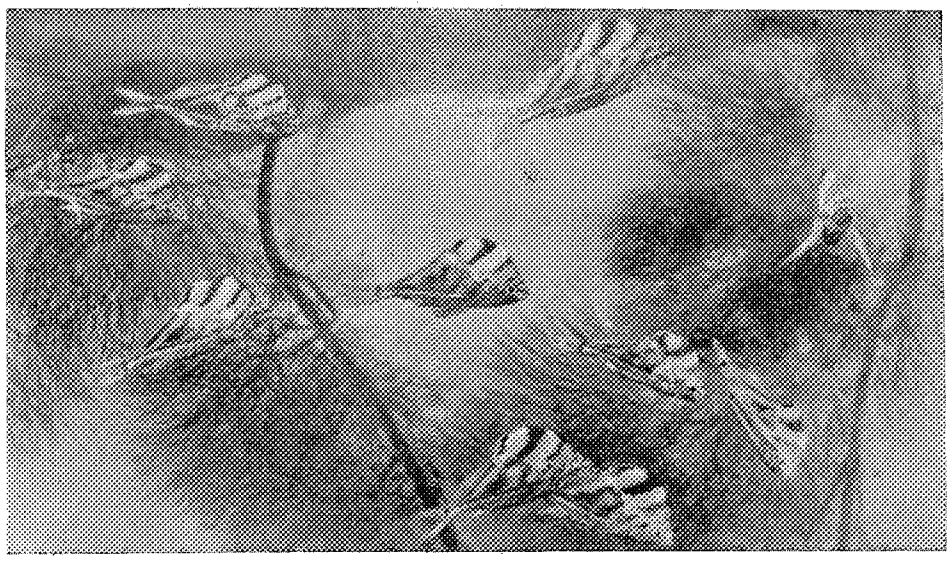
Fasma

Fasma ou bicho — pau. Ortóptero da família dos *Phasmideos*, "cujo corpo se parece com gravetos de taquara; por isto e pela imobilidade em que se manteem durante longo tempo, são exemplos notáveis do mimetismo" (IHERING).

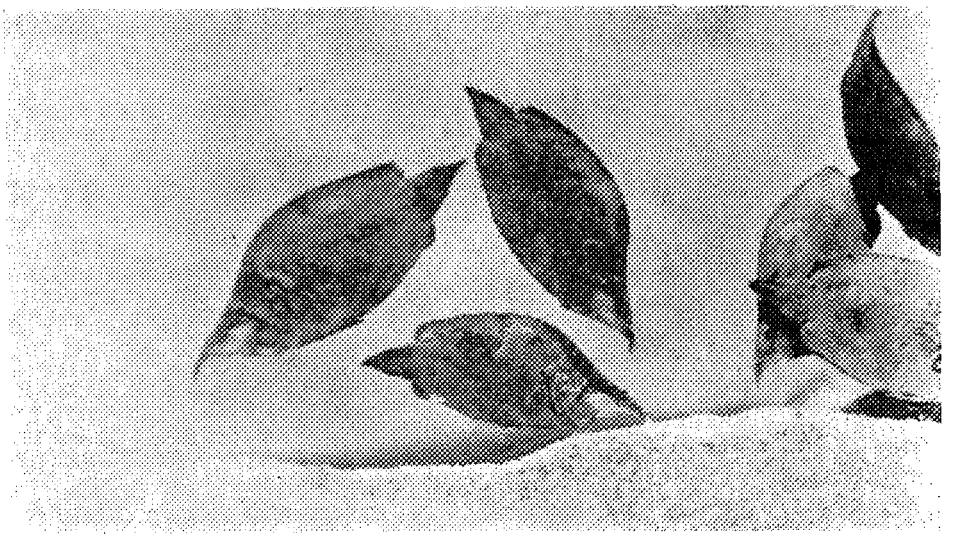
Peixe fôlha, ou na língua indígena Pira-caá". Da família *Polycentrideos*, com uma só espécie amazônica *(Monocirrhus polyacanthus)*. Semelhando-se a uma fôlha de 10 cm de comprimento, imita uma fôlha elítica. Diz IHERING, no seu notável e utilíssimo *Dicionário dos animais do Brasil*, utilíssima edição da Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo que, dêste modo, prestou merecida homenagem àquele saudoso e ilustre naturalista: "conciente de que, pelo mimetismo, pode passar despercebido em meio da vegetação, habituou-se a encostar o focinho (como se fôra o pedúnculo) a uma haste ou ramo submersos, de modo que efetivamente imita bastante bem uma fôlha presa à planta".



Inseto-fôlha



Peixe borboleta



Peixe-fôlha

Outras gravuras representam mais dois animais curiosos, dos quais não conseguimos as respectivas classificações zoológicas e por isso aqui vão com os nomes populares locais: inseto-fôlha e peixe-borboleta, cujo mimetismo pode ser avaliado pelo observador.

As fotografias tiradas no Museu Goeldi são devidas à obsequiosidade de um amigo, Dr. JAIME TÁVORA, nosso colega no Ministério da Viação. As demais são de outra procedência.

SOLENIDADES COMEMORATIVAS DO IV CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO RIO AMAZONAS

Na maioria dos países sulamericanos a data de 12 de Fevereiro do ano em curso, que assinalou a passagem do quarto centenário do descobrimento do rio Amazonas, foi condignamente comemorada.

No Brasil, em vários Estados, principalmente naqueles que se situam na região amazônica, as solenidades efetuadas revestiram-se de excepcional brilhantismo.

Coube ao Instituto de Geografia Militar do Brasil a iniciativa de, no Distrito Federal, comemorar a expressiva efeméride com a realização de uma importante reunião, efetuada naquele dia, da qual foi orador oficial o Cel. FRANCISCO JAGUARIBE DE MATOS, que produziu uma magnífica conferência onde abordou a História do grande rio.

Monumento ao rio Amazonas

Após realizar sua substanciosa conferência o Cel. JAGUARIBE DE MATOS levantou a idéia da construção de um grande e imponente monumento ao rio Amazonas. A proposta foi entusiasticamente acolhida pelos membros daquele sodalício sendo, posteriormente, apoiada por outras entidades culturais.

Propôs ainda o Cel. JAGUARIBE que a pedra fundamental do monumento seja colocada por ocasião da reunião do X Congresso Brasileiro de Geografia a efetuar-se, em Setembro de 1943, na capital do Pará.

O idealizador do monumento amazônico, em declarações que prestou à imprensa desta capital, teve oportunidade de assim se manifestar sôbre o assunto:

"O monumento simbolizaria, em forma estética e condigna, a opulência majestática do rio, sua contingência excepcional no mundo e glorificaria os homens notáveis, brasileiros e estrangeiros, que, estudando-o, legaram-nos os frutos do seu talento e esfôrço, em páginas da ciência, nas expansões de arte ou no labor econômico para aumento da messe material necessária ao confôrto humano.

O rio é uma das maravilhas naturais do mundo. Se o considerarmos logicamente prolongado pelo Ucaiale até o módulo de Vilcanota, compete em extensão com o Mississipi-Missurí. Contém o maior volume dágua, e é a maior bacia potamográfica, banhando, com seus tentáculos, 6 países diferentes: Venezuela, Colômbia, Equador, Perú, Bolívia e Brasil.

Geologicamente é o maior construtor do Continente Sulamericano. Existia antes do aparecimento dos Andes, colaborando com os maciços arqueanos do Brasil e da Guiana, para a formação das imensas planícies, muitas vêzes alteradas no decorrer de milênios.

Sociologicamente, o Amazonas é verdadeira revelação para o Brasil e revelação em amplo sentido: os brasileiros colaboraram de maneira sensível para o desenvolvimento dos conhecimentos sôbre o rio, desde sua descoberta, para a interpretação científica da respectiva região e para sua evidenciação econômica. Basta lembrar a penetração nordestina, à semelhança do ciclo bandeirante que tornou famosos os paulistas, no centro e sul do país.

Além disso, o Amazonas atraiu vultos da mais alta hierarquia científica alienígena, trazendo-nos ricas páginas nas conquistas brilhantes dos anais da ciência da natureza.

Disso são testemunhas a *Flora Brasiliensis* de MARTIUS, os trabalhos de POHL, de NATTERSI DE BATTES, de WALLACE, etc.

À geografia amazônica

Nos domínios da geologia, temos o capitão de engenharia JOÃO MARTINS DA SILVA COUTINHO que serviu de cicerone ao grande AGASSIZ, depois de haver explorado o Madeira, o Purús e outras regiões da bacia Amazônica. Foi apoiado em SILVA COUTINHO que AGASSIZ lançou as primeiras idéias gerais da geognosia amazônica. HARTT refundiu e completou êsse trabalho, porém, ORVILLE DERBY, seu discípulo, formulou e deu vigor às páginas descritivas dessa gigantesca evolução. Êsse trabalho foi modernamente completado e ampliado pelo saudoso EUSÉBIO DE OLIVEIRA, discípulo de DERBY. Eis aí uma cadeia ininterrupta desde 1862 até nossos dias.

Em 1538, DIOGO NUNES esteve nas terras de Mao-hifaro e viu o rio Amazonas antes de ORELLANA; ignora-se, no entanto, se nasceu no Brasil ou em Portugal.

ORELLANA foi o primeiro a descer a corrente do rio, vindo pelo Coca, pelo Napó, entrando no Amazonas a 12 de Fevereiro de 1542, e saindo barra a fora em 24 de Agôsto do mesmo ano.

A bandeira de Pedro Teixeira No século XVII destacaremos a destemida bandeira chefiada por PEDRO TEIXEIRA, mais tarde capitão general do Pará.

Pelo combate que deu aos estrangeiros que se haviam instalado e fortificado no Amazonas, pela dilatação dos limites entre as terras de Portugal e de Espanha nessa região, pelo exemplo de tenacidade e disciplina, a bandeira de PEDRO TEIXEIRA deve ser inscrita entre as mais notáveis arremetidas do tempo colonial.

A Viagem Filosófica, empreendida pelo notável baiano ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, é o documento de grandes proporções do século XVIII.

Tôdas essas magnitudes são dignas de uma expressão de perpetuidade para que os vindouros as possam examinar.

A idéia do monumento Quanto ao local, parece que seria bem indicado o Cabo de Maguarí, onde já existe um farol. Disse que o monumento deveria acenar aos céus, ao mar, ao rio e à terra. Por isso será mister uma posição na extrema da foz do rio. Defendo a tese de ser o Tocantins um afluente do Amazonas e ter sido a foz do mesmo muito mais a leste da Ilha de Marajó, portanto, outrora inteiramente fluvial. Se o canal ao N. de Marajó é mais caracteristicamente a foz do rio, tendo por alí passado ORELLANA na sua viagem de descoberta, descendo o rio, o canal ao sul de Marajó, chamado Baía de Guajará ou Baía do Pará, é socialmente o mais importante, passando por alí também as águas do Amazonas. Alí o monumento seria visto pela maioria dos navegadores que demandam o rio, uma vez que se poderia associar a função de farol ao caráter cívico e artístico do monumento.

Imagino um grande monumento, construído em pedra, cujas faces comportem grandes painéis e estátuas. Estando situado na foz do Amazonas e, particularmente, na ilha de Marajó, é natural que se pense na rica cerâmica alí existente, da qual o Pacoval tem sido reservatório preciosíssimo. Poder-se-ia, portanto, associar a idéia de um museu de cerâmica e outras preciosidades amazônicas no interior do monumento. Aí também placas de bronze recordariam os textos governamentais ou decisivos para a história evolutiva do Amazonas, como por exemplo, os atos do Marquês de Pombal relativos à organização da Companhia das Índias Ocidentais, a abertura dos portos amazônicos ao comércio de tôdas as nações, a constituição da Cia. de Navegação por EVANGELISTA DE SOUSA depois Barão e Visconde de Mauá e outros atos contemporâneos de benemerência que a História saberá em sua integridade revelar aos vindouros."

Na capital do Estado do Amazonas as comemorações realizadas decorreram, particularmente, de modo condignamente festivo, sendo realizadas por iniciativa oficial, com o apoio das entidades de cultura locais. A parte inicial do programa constou de uma missa campal celebrada na praça do Congresso, seguindo-se um grande desfile composto de fôrças do Exército, da Polícia e de alunos das escolas superiores e dos colégios.

À noite teve lugar uma sessão solene promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas, com a presença do representante do Interventor Federal, Bispo Diocesano, autoridades federais e estaduais e elementos de relêvo nos meios sociais e culturais de Manaus.

Foi orador oficial dessa solenidade o Sr. VIVALDO LIMA que produziu o seguinte discurso:

O motivo da comemoração Estamos aquí reunidos no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas para comemorar um acontecimento de grande relêvo, tal como pode ser considerada essa primeira viagem de exploração de oeste para leste, feita no sentido da corrente fluvial, pela qual se tornou conhecida a navegabilidade do grande rio que é o eixo do maior sistema hidrográfico do globo terrestre.

É natural que êsse acontecimento nos deva interessar, porque o nosso Estado do Amazonas ocupa atualmente uma superfície representada por mais de uma quarta parte do conjunto da bacia fluvial, cujo interior era até então desconhecido pelo imperialismo conquistador e colonizador dos povos ibéricos, então em pleno expansionismo territorial e da fé católica.

São passados quatrocentos anos dêsse episódio memorável, e o largo espaço de tempo decorrido não deve servir de razão para se olvidar a figura primacial do feito, que é preciso focalizar com a serenidade de um julgamento imparcial, despido dos ódios e rancores dos adversários e maldizentes, porquanto a verda-

deira história tem a obrigação de fazer as suas investigações desprezando os conceitos tendenciosos, para apurar não somente a verdade, como os proveitos que puderem advir de todos os acontecimentos para a marcha da civilização ou mesmo para o bem estar da humanidade.

O individualismo, as fontes históricas e a deformação dos fatos pela influência das lendas

Dar-se no dia de hoje um grande relêvo ao nome de D. FRANCISCO DE ORELLANA, é natural, porque "o indivíduo é o agente histórico por excelência" e "não há nada na história sem a ação individual", e para CARLYLE "a história é a biografia dos grandes homens".

Contrariam esta assertiva os metafísicos a HEGEL, os organicistas e os objetivistas, dando ao acontecimento um relêvo maior que ao indivíduo, uma vez que adotam o princípio de que "o indivíduo é o produto do meio". A conciência individual não representa nenhum papel histórico e decisivo. "É o meio social que pensa e que cria por êle". (Distinguindo-se a sociologia objetiva sobretudo pelo seu caráter abstrato e vago e, por isso, pouco científico, não adoto sua exclusividade nas minhas considerações).

Para muitos deve-se admitir uma concomitância do ponto de vista subjetivo e objetivo, apresentando isto um defeito capital de ser uma solução muito geral e, em consequência, muito abstrata, posto que de importância metodológica. Por isso as ocorrências circunstanciais da viagem, hoje comemorada, também deverão ser por mim tratadas com grande desenvolvimento.

Justifico, porém, a importância da figura principal da viagem, por que os estudiosos da filosofia da história sabem que "o indivíduo aparece no processo histórico como um fator conciente, ativo, enquanto que o meio natural, social e econômico, se distingue necessariamente pelo seu caráter de passividade". "Os resultados históricos da ação individual que apresentam o conjunto das influências dos indivíduos só se torna um agente ativo e positivo da história no caso que sua ação se manifesta no mesmo sentido que a de um número suficiente de outros indivíduos e fôrças sociais, em outros têrmos, a ação individual só tem eficácia histórica com a condição de corresponder à tendência fundamental das fôrças históricas reunidas". "Deve-se considerar como problema legítimo da filosofia da história o de determinar se o processo histórico, tomado na sua totalidade, corresponde ou não ao ideal subjetivo do indivíduo aspirando à felicidade material, intelectual e moral". "A fôrça evolutiva do fator intelectual está em estado de progressão contínua. Com o progresso intelectual, o papel histórico do indivíduo aumenta proporcionalmente". "O problema do indivíduo muda de caráter segundo se considere indivíduo excepcionalmente dotado ou favorecido por circunstâncias excepcionais, o indivíduo-herói, ou o indivíduo médio, o átomo social, ou indivíduo conciente colocado em face do mundo objetivo, privado de conciência".

Pelo exposto, o problema do indivíduo não admite uma solução simples e uniforme. "No entanto, afirmando a solidariedade do indivíduo com as fôrças acumuladas do passado e do presente, temos o direito de concluir que o indivíduo, o único agente ativo e conciente da história, é uma fôrça evolutiva de primeira ordem. Graças à sua superioridade intelectual e moral e à cooperação social estendendo-se cada vez mais, seu papel histórico aumenta. O progresso social não mata o indivíduo. É o indivíduo, fortalecido pelas conquistas numerosas das gerações passadas e de seus contemporâneos, que se encontra na direção do progresso social".

É êste individualismo que admito, que me faz classificar D. FRANCISCO DE ORELLANA no grupo dos indivíduos-heróis como o executor da primeira viagem através do rio a que primeiramente dera o seu nome, para depois batizá-lo com a pomposa denominação de "Rio das Amazonas".

A história deve ser antes de tudo a expressão de uma realidade, porém geralmente ela sofre alterações, sofisticações ou deformações, tanto nas fontes idéo-dinâmicas como nas idéo-estáticas, devido à influência psicológica dos cronistas, de modo a não se poder apurar uma verdadeira realidade muitos séculos depois. Em todo o caso, o testemunho pessoal dos que assistiram os acontecimentos e os escreveram com um caráter de imparcialidade, ainda são as mais puras fontes que se pode conseguir.

FUSTEL DE COULANGES resumiu as regras que se devem seguir no exame e estudo das fontes, nas quatro principais seguintes: "1.º É preciso ler os textos com atenção e sem idéias preconcebidas. 2.º É indispensável lê-los em si mesmos, no sentido literal e próprio. 3.º Não se deve procurar neles sentido alegó-

rico. 4.º Deve-se crer neles; a presunção é que exprimem a verdade, mesmo quando pareçam inverossímeis, até prova em contrário".

SEIGNOBOS e LANGLOIS seguem doutrina oposta. Segundo êles, "deve-se desconfiar sempre do que diz um escritor, porque não se sabe se êle diz a verdade ou não". Assim, contrariamente ao que ensina FUSTEL DE COULANGES a mentira passa a constituir a presunção legal.

Segundo êste último, "deve-se aceitar a narração de um documento, constituindo fonte histórica, desde que não se conheçam provas em contrário". Segundo os dois primeiros, "êsse documento deverá ser rejeitado, mesmo que nada haja em contrário a êle, desde que não se tenha elementos para confirmá-lo. Êste último critério é aliás arbitrário, é uma porta aberta a tôdas as fantasias, bem como é a chave do sistema de conjecturas de que tanto se tem usado e abusado.

Dentre os principais cronistas da viagem de ORELLANA, dois divergem fundamentalmente quanto ao valor do explorador ibérico: Frei GASPAR DE CARVAJAL e LÓPEZ DE GÓMARA. CARVAJAL, porém, deve ser tido em melhor conta, por ter tomado parte na expedição, e ser um testemunho pessoal, o que aliás é uma das fontes mais puras da história. GÓMARA parece muito influenciado pelo rancor político, o que lhe tira em parte a autoridade para traduzir a expressão pura da verdade. De todos os cronistas, porém, o que mais parece ter descrito a viagem, com tendência maior para a imparcialidade, foi JOSÉ TORRIBIO MEDIDA, e por isso deve ser aceito o seu trabalho como a melhor fonte da história da viagem, porque, além de publicar o relatório de CARVAJAL, junta outros documentos referentes a ORELLANA e a seus companheiros, para melhor esclarecimento da celebrizada expedição.

O único ponto fraco da tradição histórica é a influência das lendas que tinha então grande ascendência sôbre a psicologia da época, a ponto de deformar a narrativa e a exatidão de certos fatos, e, por isso, além de dominar o espírito de ORELLANA, influenciou sobremodo no ânimo de CARVAJAL, como no caso da existência de amazonas, ou mulheres guerreiras, na região percorrida, influência esta que se perpetuou com a denominação de "Rio das Amazonas", ou "Rio Amazonas" ao rio explorado e, posteriormente, "País das Amazonas", "Bacia Amazônica", "Planície Amazônica", ou simplesmente "Amazônia", à extensão territorial por onde se estende o aranhol hidrográfico das ramificações do grande rio, a que os espanhóis também deram o nome de "Rio Mar".

Acontecimentos que precederam à viagem de Orellana

D. FERNANDO PIZARRO tinha tentado algumas vêzes, por seus capitães, a descoberta de um país do qual se exaltavam as riquezas. Suas emprêsas tendo tido pouco sucesso, o Marquês tomou a resolução de enviar até lá D. GONÇALO, único irmão que lhe restava no Perú, para fazer lá uma sólida fundação. Porém como era preciso atravessar a província de Quito e aí prover-se de tôdas as munições necessárias, acreditou dever renunciar, em favor de seu irmão, ao govêrno desta província, na confiança de fazer aprovar sua demissão pela côrte. GONÇALO PIZARRO partiu para Quito, com tropas bastante numerosas. Teve de combater, neste caminho, os índios da província de Guanuco, que êle teria tido dificuldade de vencer, se CHAVES não lhe tivesse levado socorros. Enquanto êle continuou a marchar tranquilamente, o Marquês encarregou GOMEZ ALVARADO de reduzir inteiramente esta província. Alguns caciques, conhecidos sob o nome de *conchucos*, tinham levado suas devastações até a nova cidade de Trujilo, sem poupar mais os índios que os espanhóis, MIGUEL DE LA CERNA saiu desta cidade fortificada e juntando suas tropas às de Chaves, venceram e dissiparam juntos um grande número de inimigos conjurados.

GONÇALO partiu de seu novo govêrno com duzentos espanhóis, metade cavalaria, quatro mil índios, e tôdas as munições necessárias para uma grande emprêsa. Contava-se, entre suas provisões, três mil bovinos. Depois de ter passado uma povoação que se chama Ynga, entrou no país de Quixos onde eram limitadas do lado do norte, as conquistas de um antigo general peruano chamado GUAYNACAVA. Êle sofreu aí rudes ataques e a natureza a secundar os índios, foi êle surpreendido por um terremoto, acompanhado de um trovão medonho e de uma horrível chuva. A terra abriu-se em diversos lugares e tragou mais de quinhentas casas. Um rio, vizinho do campo, encheu até levar as devastações muito longe de suas margens. Os espanhóis escaparam a tantos perigos mas foi ganhando muito altas montanhas, onde o frio era tão vivo que morreu aí um grande número de índios. Não se deteve aí porque faltavam víveres, e a marcha foi continuada para a província de Zumaco, que não consiste senão na encosta de um espaçoso vulcão. A abundância de víveres convidou o exército a repousar aí, enquanto GONÇALO acompanhado de alguns de seus homens, entrou em uma

espêssa floresta para procurar ali algum caminho. Não tendo encontrado senão um que o levou a um lugar ao qual deu o nome de *la Coca*, fez vir até aí uma pequena parte de suas tropas. Grossas chuvas que sobreveem, e que duraram noite e dia durante dois meses inteiros, não lhe deixaram o tempo de fazer secar suas roupas. Entretanto elas não os impediram de observar que a província de Zumaco era cheia de árvores que representavam a verdadeira canela, donde lhe vem aparentemente seu nome, que ela deve ter recebido dos espanhóis, antes que dos índios. Os campos estão cheios destas árvores que a terra produz sem cultura: porém os índios cultivam-nas também em seus patrimônios; e esta canela que se encontra mais fina lhes fez a matéria de um rico comércio com os povos vizinhos, que lhes trazem, em troca, tecidos e outras provisões.

GONÇALO, deixando em Zumaco a maior parte dos seus homens tomou os mais sãos e os mais vigorosos para continuar sua marcha, guiados por alguns índios. Algumas vêzes, com a única vista de o afastar de seu país, estes povos lhe faziam falsas pinturas dos lugares onde êle queria penetrar. Falavam-lhe de um país muito abundante, que não oferecia a seus olhos e a suas pesquisas senão campos estéreis. A escassez dos víveres obrigou-o a voltar a *la Coca* para juntar de novo as tropas que tinha deixado atrás de si. Depois de ter passado mais de um mês, pôs-se em marcha com tôdas as suas fôrças, seguindo o curso do rio até um lugar onde suas águas, caindo de mais de duzentas toezas, formavam naturalmente uma das mais belas cascatas do mundo, com um ruido que se ouve à distância de mais de seis leguas. Alguns dias mais longe, encontrou que êste rio se acumula em canal tão estreito que não tem mais de vinte pés de uma orla a outra, enquanto os rochedos que lhe servem de margens não teem menos altura que a cascata. Os espanhóis tinham feito cinquenta leguas, sem encontrar outro lugar onde o pudessem passar. Algumas árvores que êles ajustaram facilmente sôbre os rochedos, fizeram-lhes uma ponte cômoda, e da outra margem penetraram nas matas até à entrada de um país muito plano, cortado de alguns rios e cheio de pântanos lamacentos. Denominaram-no *Guema*, e sua esperança era encontrar aí víveres, mas foram reduzidos a se nutrir de frutos desconhecidos, no pesar contínuo de não poder descobrir um só habitante desta terra selvagem. Enfim, chegaram em um país mais povoado, onde os víveres lhes faltaram menos. Todos os índios que tinham visto até então eram nus; encontraram-nos aquí vestidos de algodão.

GONÇALO, não querendo mais se expor à penúria que tinha experimentado e a de ser muitas vêzes obrigado a abrir um caminho através das matas, com o machado e o sabre, empreendeu construir uma barca, que o comércio chama um bergantim. Essa obra custou muito trabalho aos espanhóis.

As ferraduras de seus cavalos mortos sendo a única provisão que êles tinham de metal; foi preciso fazer carvão e fornalhas para as pôr em obra. Em lugar de breu e alcatrão, recolheram nas matas diferentes resinas, que distilavam de algumas árvores; os velhos mantos dos índios lhes serviram de estopa e de filassa. GONÇALO deu o exemplo do trabalho, e êle próprio manejou o machado e o martelo. Enfim, a emprêsa foi conduzida à sua perfeição. O barco encontrou-se capaz de levar tôda a bagagem e alguns homens. Fez-se também algumas canoas para o seguir. Com êste socorro, GONÇALO acreditou-se não somente fora de embaraços, mas em estado de prosseguir nas suas descobertas. Continuou seu caminho, fazendo marchar as tropas por terra, sôbre as margens do rio. As matas, ou espessos brejos, davam-lhe muito trabalho a cortar; porém quando encontravam muita dificuldade sôbre uma das margens, o bergantim servia-lhe para passar à outra. A marcha estava tão bem regulada que os que iam sôbre a água e os que marchavam, não se perdem de vista, e param nos mesmos lugares para o sono e a refeição; estava-se sempre em estado de se socorrer mutuamente.

Depois de ter feito mais de duzentas leguas, seguindo o curso do mesmo rio, o desgôsto de não encontrar, por alimentos, senão frutos e raizes, fez nascer outras vistas a GONÇALO. Resolveu enviar na frente dele, sôbre o rio, um de seus oficiais, chamado FRANCISCO DE ORELLANA e cinquenta homens para procurar víveres, com ordem, se os encontrassem, de carregar o bergantim e de deixar a bagagem em lugar, do qual êle estava ainda a oitenta leguas, onde os índios tinham assegurado que dois grandes rios se juntavam, e continuavam a correr tranquilamente no mesmo leito. Não se reservou senão duas canoas para atravessar os pequenos rios que podiam encontrar no caminho. ORELLANA partiu e foi logo levado pela correnteza em um lugar onde os dois grandes rios misturavam suas águas; mas êle não encontrou absolutamente víveres: e considerando o trabalho que teria para voltar, contra uma corrente tão rápida que não teria feito no espaço de um ano o que acabava de fazer em três dias, tomou a resolução de se abandonar ao fio da água. Se lhe não atribue outra vista senão de tentar

fortuna. Entretanto a recusa que êle deu, de deixar ao menos a bagagem e as canoas, e a alteração que teve alí em baixo com o padre GASPAR DE CARVAJAL, religioso de São Domingos, que, lhe censurando de violar as ordens do seu general, não obteve senão injúrias e socos, parecem indicar que estava animado contra GONÇALO por algum antigo movimento de ódio e de vingança.

GONÇALO, chegando à junção dos dois rios, caiu em um embaraço mortal, quando em lugar de aí encontrar víveres, soube que seus homens o tinham abandonado com o bergantim e sua bagagem. Um espanhol que teve a coragem e a fidelidade de ficar só neste lugar, para esperar seu general, contou-lhe que não somente ORELLANA tinha prometido continuar as descobertas, porém que, para se atribuir tôda a honra, se havia feito nomear capitão por uma eleição formal, depois de ter renunciado a qualidade de tenente dos PIZARROS. Uma tão cruel deserção fez perder coragem aos homens de GONÇALO. Viam-se a mais de quatrocentas leguas de Quito, sem nenhum recurso do lado dos selvagens, com os quais não tinham feito nenhuma ligação; incertos mesmo de poder encontrar aqueles que o tinham tão bem tratado; privados de sua provisão de espelhos, guizos e outras bagatelas que lhes serviam para familiarizar estes bárbaros, e por cúmulo de infortúnio, em um país nu e arenoso, que não lhes oferecia mesmo o triste socorro que tinham sempre tirado das raízes e dos frutos selvagens. Os cavalos que lhe restavam, e alguns cães que tinham levado, foram todo o fundo de suas esperanças, tomando a resolução de voltar ao Perú. Não retomaram o mesmo caminho, por que o tinham encontrado muito difícil: porém o que escolheram, sem outra regra que o curso do sol, não era quase nada mais desembaraçado e se encontrou muito mais deserto. Depois de ter comido sucessivamente todos seus cavalos e seus cães, foram reduzidos a viver de fôlhas de árvores; felizes quando, na falta de frutos e de fôlhas, encontravam a brotar uma espécie de filetes tenros quase semelhantes aos das vinhas. Estes filetes, que tinham o gôsto de alho, não eram sem fôrça para os sustentar. O menor animal que podiam matar ou apanhar nestes desertos, vendia-se a grande preço, e chegava só, por consequência, para aqueles que tinham ouro. Uma vida tão miserável fez perder a GONÇALO, mais de quarenta homens. Êles se apoiavam contra o tronco de uma árvore, e caiam mortos pedindo de comer. Todos os outros estavam tão enfraquecidos que a cinco leguas de Quito desesperavam de poder chegar aí; quando, por uma felicidade de que se não explica a ocasião, os espanhóis de Quito, avisados de sua volta, vieram diante deles com víveres, cavalos e roupas, GONÇALO e os outros oficiais não estavam menos nus que seus soldados. Suas roupas estavam rotas por espinhos e apodrecidas pelas chuvas; não tinham para se cobrir senão pedaços de panos ou de peles, que tinham repartido entre si e que bastavam apenas aos benefícios da natureza. Suas espadas estavam sem bainha e corroídas de ferrugem. Estavam todos a pé, as pernas nuas e rasgadas pelos espinheirais que êles tiveram sem cessar de atravessar; tão pálidos, tão magros, que os parentes e seus amigos não os reconheceram de repente. Um dos maiores males tinha provindo da escassez do sal, de que não tinham podido encontrar o menos do mundo em um espaço de duzentas a trezentas leguas, o que lhes fez julgar que era esta razão que tornava o país que percorreram tão deserto. Vendo aparecer aqueles que lhes traziam socorros, lançaram-se em terra e a beijaram, em um transporte de reconhecimento. Em seguida todos estes esfaimados se lançaram sôbre os víveres com tanta azáfama, e comiam com tanta avidez, que se foi obrigado a os regrar durante alguns dias, para fazer retornar a seu estômago o hábito de suas funções. Como os cavalos e as roupas que tinham vindo a princípio ao encontro deles, não se encontraram em número bastante grande, GONÇALO e seus oficiais recusaram de os tomar, e quiseram guardar até em Quito uma igualdade perfeita com seus soldados. Esta conduta deu-lhes a afeição daqueles que suas vãs promessas tinham irritado. Entrando de manhã na cidade, foram direitos à igreja, onde os sentimentos de uma viva piedade, fruto feliz da miséria, porém que passa ordinariamente com ela, fizeram-nos ficar imóveis até o fim do serviço divino.

Assim terminou a malograda expedição de GONÇALO PIZARRO ao país da canela.

Trajeto da expedição de Orellana através do grande rio e ocorrências da viagem

Descendo FRANCISCO DE ORELLANA o rio no bergantim, com a tripulação que lhe fôra concedida, e levando por companheiros os religiosos frei GASPAR DE CARVAJAL e frei GONÇALO DE VERA até a confluência com um outro grande rio que encontrou a oitenta léguas a jusante, não encontrou os víveres que lhe haviam sido encomendados por GONÇALO PIZARRO, chefe da expedição, resolvendo continuar a viagem, contra a opinião de frei CARVAJAL, com quem teve uma contenda, e a do moço cavalheiro FERNÃO SANCHES DE VARGAS, que foi posto em terra por desejar manter-se fiel ao seu

chefe GONÇALO. CARVAJAL, porém, aceitou os fatos consumados e continuou na exposição, tornando-se o seu cronista, e amigo de ORELLANA, fazendo justiça à sua atuação durante todo o percurso da viagem.

No segundo dia da viagem, a embarcação havia batido num pau, quebrando-se uma tábua, quase naufragando. Como o rio corria muito, andavam de vinte a vinte e cinco léguas por dia. Até o terceiro dia nenhum povoado. A situação ia se tornando aflitiva. Voltar ou seguir era o dilema.

CARVAJAL, posto que a princípio tivesse um atrito com ORELLANA quanto ao prosseguimento da viagem, justifica-o em crônica do seguinte modo:

"Vendo que nos havíamos apartado do local onde tinham ficado os nossos companheiros, e que havia acabado o pouco que trazíamos, confabularam o capitão e os companheiros sôbre a dificuldade em que nos achávamos, e a volta, e a falta de comida, porque, como pensávamos regressar logo não medimos o comer. Confiados que não poderíamos estar longe, resolvemos prosseguir, e como no dia imediato se encontrasse comida e sinal de povoado, seguindo o parecer do capitão, disse eu uma missa, como se diz no mar, encomendando a Nosso Senhor nossas pessoas e vidas, suplicando-lhe eu, embora indigno, que nos tirasse de tão manifesto trabalho e perdição, que nos já claramente se esboçava, pois ainda que quiséssemos volver águas acima já não era possível pela fôrça da correnteza, e tentar ir por terra era igualmente irrealizável. Estávamos em grande perigo de morrer da grande fome que padecíamos e assim, buscando o conselho do que se devia fazer, comentando a nossa aplicação e trabalhos, resolveu-se que escolhêssemos dos dois males aquele que ao capitão e a todos nós parecia o menor, e foi ir por diante, seguindo o rio: ou morrer ou ver o que nele havia, confiando em Nosso Senhor que se serviria por bem conservar as nossas vidas até ver o nosso remédio. À falta de outros mantimentos, entretanto, chegamos a tal extremo que só comíamos couros, cintas e solas de sapato, cozidos com algumas ervas, de maneira que era tal a nossa fraqueza, que não nos podíamos ter em pé. Uns de gatinhas, outros arrimados a bordões, meteram-se pelas montanhas, em busca de raízes comestíveis, e houve alguns que comeram ervas desconhecidas, ficando às portas da morte, pois estavam como loucos e não tinham miolo; mas como Nosso Senhor era servido que continuássemos a nossa viagem, nenhum morreu. Com semelhante fadiga iam alguns companheiros mui desmaiados, aos quais o capitão animava, dizendo-lhes que se esforçassem e tivessem confiança em Nosso Senhor, que Êle nos havia lançado por aquele rio, teria por bem levar-nos a pôrto e salvamento: e assim animou os companheiros para que suportassem aqueles trabalhos".

No dia de ano bom, isto é, a primeiro de Janeiro de mil quinhentos e quarenta e dois, pareceu a alguns de bordo ter ouvido o toque de tambores de índios. (Devo abrir aquí um parêntesis: as datas de CARVAJAL, correspondem ao calendário Juliano, mas pelo calendário atualmente seguido, essas datas devem ser transferidas para onze dias depois).

Na noite de segunda-feira de oito de Janeiro, ouviram-se claramente tambores muito longe do lugar onde estavam. Ao cabo de duas leguas, rio abaixo, foram vistas duas canoas cheias de índios.

Ordenou o capitão que se alcançasse o primeiro povoado onde os expedicionários se fartaram da comida e beberagens que encontraram em abandono, por terem os índios fugido.

No dia seguinte, pôde ORELLANA ter comunicação com aqueles índios, pois um pouco os entendia. Nos outros dias que se seguiram entrou em entendimento com o cacique do povoado e outros senhores da região, sendo fartamente abastecido. Era o primeiro contacto com habitantes do grande rio, da terra do qual declarou tomar posse para seu rei.

Narra ainda CARVAJAL o seguinte:

"Depois que os companheiros se refizeram algum tanto da fome e trabalhos passados, vendo o capitão que era necessário providenciar para o futuro, mandou chamar a todos os seus companheiros e lhes tornou a dizer que, bem viam, com o barco e canoas que levamos, neles não podíamos sair com segurança. Era, se Deus fôsse servido, guiar-nos até ao mar, portanto, preciso procurar com diligência fazer outro bergantim que fôsse de maior porte para que pudéssemos navegar, embora não houvesse entre nós mestre que entendesse de tal ofício. O mais difícil para nós era fazermos os cravos. Durante êsse tempo não deixavam os índios de acudir, trazer comida fárta e com tanta ordem como se tôda a sua vida tivessem servido. Vinham com as suas jóias e arrecadas de ouro, e nunca o capitão consentiu que se tomasse coisa alguma, nem mesmo que as mirássemos, para que os índios não entendessem que lhe dávamos aprêço.

E quanto mais nisso nos descuidávamos, mais ouro punham em cima de si. Aquí nos deram notícia das amazonas e das riquezas que há abaixo, e quem o fez foi um índio chamado Apária, velho que dizia ter estado naquela terra, e também nos deu notícia de outro senhor que estava apartado do rio, metido terra a dentro, e que êle dizia possuir enorme riqueza de ouro. Êste senhor se chama Ica; nunca o vimos, porque ficou desviado do rio. Para não perder tempo em gastar em balde a comida, resolveu o capitão que logo se pusesse por obra o que se tinha a fazer, e assim mandou aparelhar, e os companheiros responderam que queriam começar logo o trabalho. Houve dois homens aos quais não se deve pouco, por fazerem o que nunca aprenderam. Apresentaram-se ao capitão e lhe disseram que êles, com o auxílio de Nosso Senhor, fariam os cravos que fôssem precisos, e que êle mandasse outros fazer carvão. Estes dois companheiros se chamavam JOÃO DE ALCÂNTARA, fidalgo natural da cidade de Alcântara, e SEBASTIÃO RODRIGUEZ, natural da Galícia. Agradeceu-lhes o capitão, prometendo-lhes o galhardão e pagamento de tão grande obra. E logo mandou fazer foles de borzeguins e tôdas as outras ferramentas e que os outros companheiros de três em três dias dessem uma boa fornada de carvão". "Trabalhou-se com tanto afã na fábrica desta obra, nessa aldeia, que, em vinte dias com o auxílio de Deus, se fizeram dois mil cravos muito bons e outras coisas, deixando o capitão a construção do bergantim para onde encontrasse melhor oportunidade e melhor aparelhamento. Demoramos nesta aldeia mais do que devíamos, comendo o que tínhamos, donde resultou que daí em diante passamos grandes necessidades, e isto para ver se, por alguma via ou de qualquer maneira, podíamos ter notícia do real. Como tal não sucedesse, resolveu o capitão dar mil castelhanos a seis companheiros que se quisessem reunir e dar notícias ao Governador GONÇALO PIZARRO. Além disso lhes daria dois negros que os ajudassem a remar e alguns índios, para que levassem cartas e de sua parte dessem notícia do que se passava. Mas só encontrou três pessoas, porque todos temiam a morte que lhes parecia certa, pelo que haviam de demorar até aonde tinham deixado o governador, pois êle certamente já teria regressado, porque tínhamos andado cento e cinquenta leguas em nove dias, a partir do ponto em que havíamos deixado o governador. Terminada a obra, e visto que a comida se esgotava, tendo morrido sete companheiros da fome passada, partimos no dia de Nossa Senhora da Candelária (2 de Fevereiro). Carregamos a comida que pudemos, porque já não era possível demorar naquele povoado: de um lado, porque parecia que estávamos molestando aos naturais e queríamos deixá-los satisfeitos; do outro, para que não perdêssemos mais tempo e gastássemos a comida sem proveito, pois que não sabíamos se íamos precisar dela".

Depois de navegar umas vinte léguas a expedição passou pela foz de um rio caudaloso (provavelmente o Ucaiali), onde dominava um principal senhor chamado Irrimorrany ou Irimara, e depois de tocar em uma aldeia de índios, chegou ORELLANA aos domínios do principal senhor que se chamava Apária. Sendo aí bem recebido, especialmente porque o capitão entendia a língua.

Reunidos os índios e ouvindo o que o capitão lhes dizia, recomendaram êles que se fôssem ver as amazonas, que chamavam na sua língua *comiupuiara*, que quer dizer grandes senhoras, vissem o que faziam, porque eram poucos e elas muitas, não parassem em suas terras.

Devido ao bom acolhimento resolveu ORELLANA deter-se alí por algum tempo, dizendo CARVAJAL o seguinte:

"Vendo o capitão a boa aparelhagem e disposição da terra e a boa vontade dos índios, mandou reunir a todos os seus companheiros e lhes disse que como alí havia bons apetrechos e vontade dos índios, seria bom fazer um bergantim. E assim se puseram mãos à obra. Achava-se entre nós um entalhador, chamado DIOGO MEXIA, o qual, embora não fôsse o seu ofício, deu ordem como se havia de fazer; e logo o capitão mandou repartir por todos companheiros que cada qual trouxesse uma quaderna e duas estamenhas, outros as rodas, e os outros que serrassem as tábuas de modo que todos tinha bem em que se ocupar, não sem pouco trabalho; porque, como era inverno e a madeira estava muito longe, cada qual tomava o seu machado e ia ao monte e cortava o que lhe cabia e carregava nas costas. Enquanto uns trabalhavam, outros ficavam de sentinela, para que os índios não lhes fizessem mal, e dêsse modo, em sete dias, se cortou todo o madeiramento para o bergantim. Terminada esta tarefa, logo foi dada outra: fazer carvão para mais cravos e outras coisas. Era uma maravilha ver com que alegria trabalhavam os nossos companheiros e carregavam o carvão, provendo-se assim tudo o mais que era necessário". "Deu-se tanta pressa nesta obra do bergantim que em trinta e cinco dias, foi lavrado e lançado à água, calafetado com algodão e betumado com pixe trazidos pelos índios, a pedido do capitão. Não foi pequena a alegria dos nossos companheiros, por haver terminado aquilo que tanto desejávamos". Nesse lugar a expedição demorou tôda

a quaresma. Reformou-se também o barco pequeno, que já vinha podre, e assim, tudo bem aparelhado e posto em ponto, ordenou o capitão que todos estivessem prontos e fizessem matolotagem, porque, com a ajuda de Deus Nosso Senhor, queria partir na segunda-feira seguinte.

Continuou a expedição a viagem tocando em várias aldeias de índios para se abastecer, ora sendo em paz, ora tendo de entrar em luta para conseguir os alimentos necessários.

Na segunda-feira da Páscoa do Espírito Santo passaram os expedicionários à vista de uma aldeia muito grande e populosa com muitos bairros, cada qual com um desembarcadouro no rio. Nesses portos havia índios aos magotes, estendendo-se esta aldeia por mais de duas leguas e meia.

No sábado, véspera da Santíssima Trindade, mandou o capitão fundear em uma povoação onde os índios se puseram em defesa. Apesar disso foram expulsos das casas e a expedição provida de comida, achando-se aí algumas galinhas. Nesse mesmo dia, saindo dalí e prosseguindo a viagem, viram uma bôca de outro grande rio a mão esquerda, que entrava no que navegavam, e de água negra como tinta, e por isso lhe puseram o nome de Rio Negro. Corria êle tanto e com tal ferocidade que em mais de vinte leguas fazia uma faixa na outra água sem misturar-se com a mesma.

(A denominação do rio que banha esta cidade de Manaus foi, portanto, dada pelo próprio ORELLANA).

No domingo da Santíssima Trindade descansou o capitão com sua gente nos pesqueiros de um povoado, partindo na segunda-feira, passando por povoações muito grandes, abastecendo-se de comida quando esta lhes faltava.

Aportaram depois em uma aldeia em que havia uma praça muito grande, e no meio da praça um grande pranchão de dez pés em quadro, pintado e esculpido em relêvo, figurando uma cidade murada com a sua cêrca e uma porta. Nessa porta havia duas altíssimas tôrres com portas em que defrontava cada porta com duas colunas. Tôda essa obra era sustentada por dois ferocíssimos leões que olhavam para trás, como acautelados um do outro, e a sustinham nos braços e nas garras.

Era êste edifício coisa digna de ser vista, admirando-se o capitão e todos os seus companheiros de tão admirável coisa. Perguntou o capitão a um índio o que era aquilo e que significava naquela praça, e o índio respondeu que êles eram súditos e tributários das amazonas e que não as forneciam senão de penas de papagaios e guacamaiós para forrarem os tetos dos seus adoratórios. Que as povoações que êles tinham era daquela maneira; conservando-o alí como lembrança e o adoravam como emblema de sua senhora, que é quem governa tôda a terra das ditas mulheres.

Novas lutas foram travadas no correr da viagem e, em uma aldeia onde desembarcaram, prenderam uma índia que disse haver perto dalí, no interior, muitos cristãos trazidos por um senhor; disse mais que entre êles havia duas mulheres brancas e que outros viviam com índias das quais tinham filhos.

Querendo celebrar a festa de São João Batista, os expedicionários ao dobrar uma ponta do rio viram alvejando muitas e grandes aldeias ribeirinhas; aí aportaram, mas foram recebidos hostilmente, travando-se uma perigosa batalha, relatando CARVAJAL o seguinte:

"Quero que saibam o motivo de se defenderem os índios de tal maneira. Hão de saber que êles são súditos e tributários das amazonas, e conhecida a nossa vinda, foram pedir-lhe socorro e vieram dez ou doze. A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante todos os índios como capitãs, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas. Eis a razão por que os índios tanto se defendiam. Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pêlo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios. E em verdade houve uma destas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantis pareciam porco espinho".

Com o aparecimento de novos reforços das aldeias vizinhas, ORELLANA fez-se ao largo e foi se precavendo de novas aldeias que via branquejarem nas margens.

Os combates anteriores tinham sido tão violentos que até CARVAJAL, do ferimento de uma flecha, havia perdido um ôlho.

De um índio que ORELLANA aprisionara pôde êle obter informações sôbre as mulheres que vira combatendo, e dessas informações talvez se tenha gerado para muitos a convicção dessa tribu de mulheres guerreiras que muitos historiadores admitem terem existido na foz do rio Nhamundá.

Continuando a viagem passaram pelos domínios de dois grandes senhores chamados ARRIPUNA e TINAMOSTRON.

Mais abaixo, em um encontro com os índios, um companheiro da expedição de nome ANTÔNIO DE CARRANZA, natural de Burgos, foi ferido e morreu ao cabo de vinte e quatro horas, por estar a flecha envenenada. É a primeira referência feita sôbre o emprego do curare na ponta das flechas.

Continuando a viagem, ORELLANA descobriu que o rio já se encontrava sob a influência das marés o que lhe deu a esperança de chegar dentro em breve a sua embocadura.

Atacado mais adiante por pirogas tripuladas por índios, perdeu outro companheiro, GARCIA DE SÓRIO, natural de Logoronho, em menos de vinte e quatro horas, por ter sido ferido por uma flecha enevenenada. As terras que atravessava, segundo soubera, tinham por senhor um chamado NURANDALUGUABURABARA.

As lutas com os índios não cessavam, mas os combates se tornavam perigosos quando, com a vazante da maré, os bergantins ficavam em sêco.

Os bergantins precisavam de consêrto e no dia da Transfiguração do Nosso Redentor encontraram uma praia onde puderam reformar os dois bergantins. Fizeram-se os cabos com ervas e as velas com as mantas com que dormiam. Puseram-lhe os mastros. Demorou-se nesta obra quatorze dias. Saíram daí no dia oito de Agôsto.

Foram à vela, guardando a maré, bordejando de um lado, sendo muito largo o rio, embora fôssem entre ilhas, pois não estavam em pequeno perigo enquanto esperavam a maré, provendo-se porém de comida com os habitantes das margens, especialmente de inhames.

Na embocadura do rio tiveram uma surprêsa. "Tôda a gente que há nesta parte do rio é gente de muito engenho e pareciam por tôdas as obras que fazem, tanto de escultura como desenhos e pinturas de tôdas as côres, dos mais vivos tons, que é coisa maravilhosa de ver", diz CARVAJAL.

Saiu a expedição à bôca do rio a vinte e seis de Agôsto, dia de São Luiz, com bom tempo e sem que caíssem aguaceiros, atribuindo-se isso a milagre de Deus.

Os bergantins continuaram a valejar pela costa, à vista da terra, e depois de nove dias de navegação chegaram ao gôlfo de Pariá. A saída dêste gôlfo foi muito dificultosa e nisto não largavam os remos das mãos, isto quanto ao bergantim em que ia CARVAJAL.

Navegando dois dias pela costa, aportaram na ilha de Cubagua e cidade de Nova Cadiz, onde encontraram o pequeno bergantim que chegara dois dias antes, com grande alegria de todos, pois o segundo bergantim a chegar já estava considerado perdido.

Em Cubagua, ORELLANA comprou, segundo uns, ou fretou, segundo outros, um navio que o transportou à Espanha.

Chegando à Europa foi, tempos depois em Valladolid, isto em Maio de 1543, ouvidos por CARLOS V, defendendo-se das acusações de ter abandonado PIZARRO.

A sua história das amazonas foi tida como uma fantasia, porém CARLOS V, premiando os serviços de seu corajoso vassalo, por ato de 13 de Fevereiro de 1544, nomeou-o governador e capitão general das terras que colonizasse na nova Anduluzia, como ficou sendo chamada por ORELLANA a terra que conquistara.

Com muita dificuldade conseguiu êle organizar uma expedição formada de quatro embarcações, que zarparam do pôrto de S. Lucas a 11 de Maio de 1545.

Esta expedição foi um verdadeiro fracasso, começou a se dispersar desde as Canárias, e ao chegar à foz do Amazonas já estava reduzidíssima.

A epopéia do descobrimento de ORELLANA transformara-se em uma tragédia.

A corrente do rio que lhe trouxera a glória na descida, impediu-o de subir com os últimos companheiros que ainda o seguiam, por isso, doente e desgostoso, dirigiu-se para a ilha Margarita, onde morreu, a lamentar a crueldade da sorte e as contingências do destino.

Conclusão Passaram-se já quatro séculos em que estes acontecimentos tiveram lugar. A memória de D. FRANCISCO DE ORELLANA tem sido malsinada e muitos cronistas e historiadores lhe lançaram a pecha vergonhosa e humilhante de traidor, e de ter se apoderado do ouro e das esmeraldas que estavam na bagagem de D. GONÇALO PIZARRO, mas os que hoje estudam com a mais serena imparcialidade os acontecimentos de que êle foi a figura ou o navegador principal, não podem deixar de considerar o valor social de sua viagem, abrindo para o mundo as portas de um vale riquíssimo, onde o influxo da civilização está voltando as suas vistas para o grande potencial de riquezas que nele se encontra acumulado, e onde o Brasil, desde a foz do grande rio até aos confins do Tabatinga, faz flutuar a sua bandeira, impondo a sua soberania, e onde os amazônidas de hoje se preparam para defender o seu patrimônio territorial com a mesma coragem com que ORELLANA afrontou a belicosidade dos selvícolas".

Em Belém a comemoração da efeméride alcançou, igualmente, o êxito esperado.

Patrocinou os festejos a Aliança dos Naturais e Amigos dos Países Amazônicos que recebeu pronta adesão do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Associação Comercial, Academia Paraense de Letras, Instituto Carlos Gomes, Cruzada Nacional de Educação e outras entidades locais.

A comemoração à grande data constou de uma sessão solene, realizada no dia 12 de Fevereiro último, com a presença de membros de tôdas as organizações culturais antes nomeadas, no Palácio do Comércio.

Constituição da mesa dirigente A presidência do ato coube à mais alta autoridade militar presente, contra-almirante EDUARDO AUGUSTO DE BRITO CUNHA, comandante da Base Naval do Amazonas, constituindo a mesa as demais autoridades seguintes: capitão OSCAR PASSOS, governador do Território Federal do Acre; D. JAIME DE BARROS CÂMARA, arcebispo metropolitano de Belém do Pará; capitão de corveta FRANCISCO VICENTE BULCÃO VIANA, diretor geral dos Serviços de Navegação da Amazônia e de Administração do Pôrto do Pará (SNAPP); Sr. DEODORO DE MENDONÇA, secretário geral do Estado; Sr. PEDRO ENTRENA, cônsul geral da Colômbia e decano do corpo consular do Pará; professor ABELARDO CONDURÚ, prefeito municipal de Belém e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará; Sr. ERNESTINO SOUSA FILHO, pelo Departamento Administrativo do Estado; figurando na mesa, representados por seus ajudantes militares, o general EUCLIDES ZENÓBIO DA COSTA e o major ARMANDO MENESES, comandante da Base Aérea de Belém.

Noutros ângulos laterais do salão, mas em destacado relêvo, tomaram lugares os membros do corpo consular e demais autoridades civís e militares.

Moções ao govêrno nacional Ocupou a secretaria da assembléia o titular respectivo do Instituto Histórico, da Academia de Letras e da ANAPA, que leu as efemérides do dia, do livro do Barão do RIO BRANCO e, em seguida houve o expediente, que constou de moção de aprêço ao chefe do govêrno nacional, Sr. Dr. GETÚLIO VARGAS, pela atitude do Brasil em face da solidariedade panamericana, moção extensiva ao ministro OSVALDO ARANHA, das Relações Exteriores, sendo lidos os telegramas que foram transmitidos aos dois eminentes brasileiros.

A seguir foram propostos para sócios honorários da ANAPA, os Srs. general EUCLIDES ZENÓBIO DA COSTA, almirante BRITO CUNHA, capitão de mar e guerra BRAZ DIAS DE AGUIAR, chefe da Comissão Demarcadora de Limites da 1.ª Divisão, comandante BULCÃO VIANA, diretor geral da SNAPP; professor JOÃO PAULO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, diretor da *Fôlha do Norte* e membro da Academia Paraense de Letras e Dr. EUGÊNIO SOARES, presidente da Associação Comercial.

Passando para a categoria dos sócios honorários, foram os comandantes BRAZ DIAS DE AGUIAR e BULCÃO VIANA, presidente e vice-presidente da ANAPA, substituídos, por aclamação, pelos Srs. professor ABELARDO CONDURÚ, ex-senador federal do Estado e membro titular da Academia Paraense, como presidente e, como vice-presidente, o Dr. ARGEMIRO ORLANDO PEREIRA LIMA, membro titular da Academia Nacional de Medicina e das Academias de Letras do Amazonas e do Pará.

Saudação e hino à bandeira Por designação do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP), fez a saudação protocolar à bandeira nacional, que se encontrava ao centro da mesa presidencial, a senhorinha MARIA GUIOMAR MAIA, do Instituto Carlos Gomes, que declamou uma poesia do Sr. BRUNO DE MENESES, da Academia Paraense de Letras.

O grupo coral do Instituto Carlos Gomes, que ocupava lugares especiais no flanco esquerdo do salão, entoou o hino à bandeira, de OLAVO BILAC, acompanhado pela banda de música do Corpo de Bombeiros Municipais.

Os discursos oficiais A seguir a assembléia ouviu o discurso oficial da comemoração, que foi produzido pelo historiador Dr. ARTUR CÉSAR FERREIRA REIS, membro do Instituto Histórico Brasileiro e dos seus congêneres de mais de dez Estados do Brasil, assim como das Academias de Letras do Amazonas e do Pará. O trabalho do escritor FERREIRA REIS foi muito apreciado por quantos tiveram o prazer de ouví-lo, sendo justamente considerado como que uma aula inaugural de um curso de estudos amazônicos, de iniciativa e realização auspiciosa da ANAPA. O Dr. ARTUR REIS narrou todos os principais episódios da jornada de FRANCISCO ORELLANA, desde a sua marcha do Pacífico até o encontro jocundo com as "Amazonas" do Rio Nhamundá e saída no Atlântico, depois da longa e penosa viagem, de que se comemorava o quarto centenário.

Em nome da Comissão Demarcadora de Limites da 1.ª Divisão, chefiada pelo comandante BRAZ AGUIAR, entidade do Ministério das Relações Exteriores, falou o engenheiro LUIZ DE SOUSA MARTINS, que discursou sôbre "A Geografia da Amazônia", em que revelou o estado atual dos estudos geográficos sôbre a região, principalmente após os trabalhos da importante missão científica BRAZ AGUIAR.

O Sr. CUSTÓDIO DE ARAÚJO COSTA, fez, a seguir, uma interessante e elucidativa exposição sôbre o tema "A economia da Amazônia", seguindo-se o Dr. OSVALDO VIANA, diretor da Biblioteca Pública e Arquivo do Estado, como representante da Academia Paraense de Letras na comemoração, o qual produziu um bem feito e animado escorço da vida cultural na Amazônia, destacando os nomes de maior projeção no Amazonas e no Pará, na sua história literária.

Todos os oradores mereceram justos e demorados aplausos.

A palavra dos representantes dos países amazônicos A Assembléia ouviu, então, na ordem em que figuravam no programa, a palavra dos representantes das nações amazônicas, presentes à memorável comemoração. Foram êles: o Sr. PEDRO ENTRENA, cônsul geral da Colômbia e decano consular em exercício, cuja oração foi uma grande evocação aos heróis da conquista americana e da independência dos povos do Pacífico e do Atlântico, referindo os maiores nomes, que são dignos da admiração da posteridade. Seguiu-se o representante da República do Perú, cônsul JORGE ROMERO P., cujo discurso foi um profundo estudo da história e da economia da região amazônica, notadamente de seu país, cujas possibilidades e recursos revelou, com alto sentido de equilíbrio e patriotismo. Finalmente a assembléia ouviu o representante dos Estados Unidos da Venezuela, cônsul CARLOS CRISTANCHO ROJAS, que disse expressivamente da alta significação cívica da descoberta do Rio Amazonas e revelou os sentimentos americanistas de festas semelhantes que exaltam e aliançam os povos do continente. O cônsul da Venezuela mereceu, como os seus antecessores, demorados aplausos.

Os hinos nacionais de seis nações Foi sem dúvida uma iniciativa digna do maior aprêço, a da execução, após os oradores, dos hinos nacionais dos países vizinhos, começando pelo da República da Bolívia, após a conferência do orador oficial; seguindo-se o da Colômbia, após o discurso do cônsul dêsse país; o do Equador, ao terminar o seu discurso sôbre "A Geografia Amazônica" o representante da Comissão de Limites; o do Perú e da Venezuela, às últimas palavras dos respectivos cônsules dêsses países, terminando a sessão com a execução do hino nacional brasileiro, cantado pelo grupo coral do Instituto Carlos Gomes, num belo conjunto de vozes e de mocidade. Era de ver-se e de sentir-se a emoção com que, filhos dos outros países amazônicos, presentes à reunião, ouviram com prazer os hinos de suas pátrias, pela primeira vez executados na metrópole paraense, que atualmente habitam. Dentre estas pessoas, encontravam-se distintas senhoras, entre as quais as consulesas da Colômbia e do Perú.

A execução dos hinos nacionais dos países amazônicos, pela banda dos Bombeiros, foi muito elogiada pelos presentes.

Em conclusão Por estar adiantada a hora e mesmo em consequência de um acidente sofrido na véspera da comemoração, o professor PAULO ELEUTÉRIO, orador designado pela ANAPA, ofereceu o original de seu discurso ao presidente ABELARDO CONDURÚ, para publicidade em opúsculo comemorativo a ser editado pela Prefeitura de Belém.

Além dos cônsules cujos nomes citamos, estiveram presentes os Srs. LUIZ SILVA, encarregado do consulado de Portugal, e Srs. JOSÉ MARIA FERNANDES FREIRE, vice-cônsul da Espanha e ARMANDO CAMACHO, vice-cônsul da Colômbia.

A comissão organizadora local, do X Congresso Brasileiro de Geografia, esteve representada pelos professores RAIMUNDO PROENÇA e JOSÉ COUTINHO DE OLIVEIRA, êste diretor do Departamento de Estatística do Estado.

Em meio à seleta assistência notavam-se, além de membros das instituições acima citadas, altos funcionários, comerciantes, industriais, advogados, médicos, jornalistas, professores, acadêmicos de várias das nossas escolas superiores, membros de várias colônias dos países amazônicos e muitas outras pessoas, destacando-se senhoras e senhorinhas da sociedade paraense.

Após terminar a sessão, o Departamento de Publicidade e Intercâmbio da Associação Comercial fez distribuir exemplares de sua antiga *Revista,* em edições especiais de propaganda.

O Perú celebrou a data com várias solenidades de caráter público e particular. O govêrno peruano conferiu e deu caráter oficial a todos os atos comemorativos ao declarar 1942 como o *Ano Amazônico* no decurso do qual veem sendo realizados os atos comemorativos do quarto centenário da descoberta do grande rio. Lima e Iquitos foram considerados sedes oficiais das festas, que constaram de manifestações culturais e patrióticas. A Sociedade Geográfica de Lima, associando-se à comemoração, programou interessantes certames de cultura sôbre a data de tão grande importância também para aquele país, editando um número especial do seu *Boletim* inserindo valiosos trabalhos amazônicos, firmados por destacados intelectuais do país e por membros daquela instituição.

Ainda a Sociedade Geográfica de Lima promoveu um concurso de obras que versem sôbre a história do Amazonas.

No Equador, pelo Instituto Equatoriano foram, igualmente, lançadas as bases de grande concurso internacional onde serão apreciadas as obras que versem sôbre "La História del descubrimiento del Amazonas e lo labor de la Gobernacion luego Audiencia de Quito en el descobrimiento y colonizacion del Gran Rio e sus afluentes".

SERINGUEIROS

SIGNIFICANDO formas de civilização decorrentes da cooperação da natureza e do homem, os conceitos de gêneros de vida e de horizontes de trabalho encontram, na Planície Amazônica, especialmente nas terras baixas do Solimões e nas dos afluentes da margem direita, a montante do Madeira, todo o seu interêsse geográfico, sintetizado no ajustamento do seringalista, a um quadro, cuja fisiografia uniforme, tem como um dos seus corolários, a simplicidade da vida econômica.

Personagem típico de uma região, em tôrno do qual, gira completa, uma organização econômica e social curiosa, integrada pelos seringueiros — principais figuras da exploração industrial da borracha — o seringalista é a réplica amazônica do fazendeiro de gado, ou de café, das outras regiões do país, no desempenho do seu papel de chefe, patrão, ou dono do seringal.

Extensão de terrenos, de propriedade de um indivíduo, o seringal encerra, no seu arcabouço mais comum, quanto à vida humana, além do barracão, onde mora o dono, o aviado ou concessionário do seringal, uma ou duas barracas, habitadas por dois seringueiros, ou uma família. É a margem.

Nas adjacências, encontra-se, o campo, pasto para os animais e criação miúda.

O interior do seringal, constitue o centro, no qual se acham distribuídas, naturalmente as héveas, em meio a árvores outras, distintas do trifólio alterno da seringueira, reconhecido facilmente pelo mateiro, na arriscada profissão de abridor de picadas na floresta, estradas, que o seringueiro percorre duas vêzes ao dia de trabalho, na sua faina de realizar incisões nas árvores, ou corte, e a consequente colheita do látex, escorrido das sangrias.

A coagulação posterior do líquido, processada no tapiri, pequena barraca, segundo o sistema indígena da defumação, dá em resultado a borracha, objeto da indústria extrativa principal da região.

É da exploração econômica das seringueiras, fornecendo a hevea-brasiliensis a borracha de melhor qualidade, que vivem os seringueiros.

São naturais da região, ou nordestinos cearenses, emigrados em consequência das sécas particularmente intensas, a partir de 1877.

Os seringueiros, filhos da região, trabalham nos seringais envelhecidos da área restrita às ilhas e terras planas do baixo Amazonas.

Contratados pelos aviadores, comerciantes de Manaus e de Belém, os paroaras, imigrantes do Ceará, exercem a profissão na zona das cabeceiras dos rios, de cujas margens, chegados pelos gaiolas, são encarreirados pelo mateiro para as colocações ou centros, quase sempre ainda virgens de trabalho humano.

Nos centros, passam a viver, então, dispersos na floresta, tendo cada qual, a responsabilidade, de tomar conta de estrada, cuja abertura marca, necessariamente, o princípio da exploração de qualquer seringal.

A êsses dois quadros esboçados e geograficamente opostos, correspondem dois tipos humanos, mesológica e psicologicamente distintos.

O primeiro é o seringueiro das ilhas, sendo o segundo, o seringueiro das cabeceiras, ou dos afluentes remotos, ambos retratados com fidelidade pelo escritor RAIMUNDO MORAIS, em "Na Planície Amazônica".

Seja qual for o seu domínio, o equipamento do seringueiro, se reduz à faca, balde, tigelinhas, bacia, buião, fôrma ou tariboca.

Nos regimes de vida e nos horizontes de trabalho, há porém, diferenciações locais interessantes entre os dois tipos de servidores dos seringais

O das ilhas, embarcado na montaria, só depois de nascido o sol, parte para o trabalho, na vazante da maré, vestindo calças de algodão, blusa, gorro de pano à cabeça, levando faca, balde, terçado e espingarda, "pica-pau".

Trabalha em seringal esgotado; sua estrada é às vêzes, de espigão; seu corte se estende a oitenta madeiras, se tanto, para conseguir, no máximo três galões de látex, que no regresso à palhoça, defumará, sob a assistência da mulher, com quem cedo se casou, e à vista de numerosa prole.

Desenvolvendo sua atividade como emérito canoeiro, é um ectiófago que contrasta com o andarilho das cabeceiras, cuja alimentação essencial é constituída de feijão e assado de jabá atualmente em decadência.

Em regime já diverso, o seringueiro das cabeceiras é um madrugador que, às três horas, se encontra sem demora, preparado para a luta, trajando calça e blusa de mescla azul, borzeguins de borracha, de fabricação própria, ostentando terçado na cinta e rifle a tira-colo.

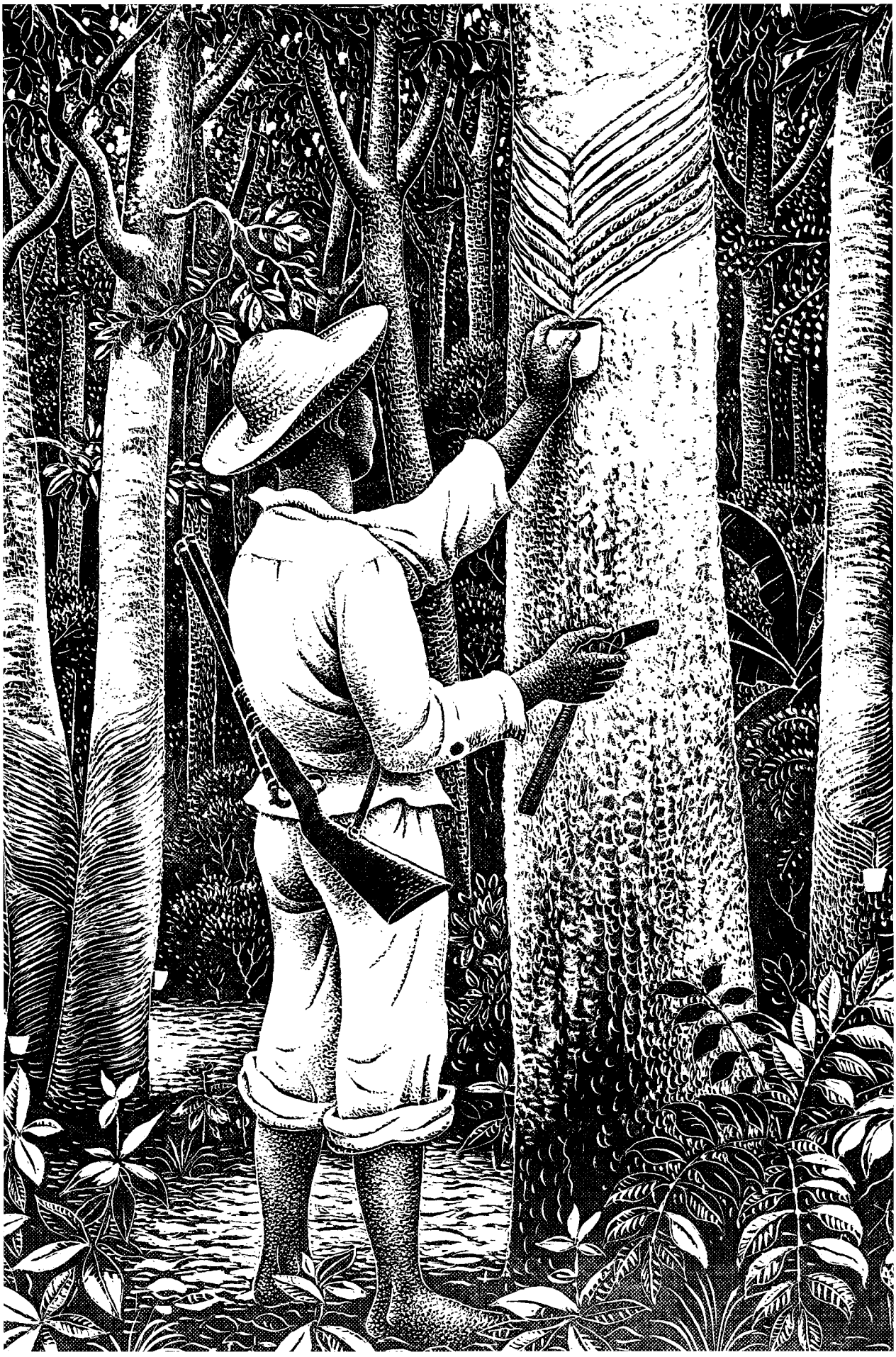
Na cabeça, exibe capacete de latão sôbre o qual assenta a lamparina de querosene, auxílio para o serviço de corte, "à noite", quando desfecha na casca de cada árvore, até três golpes seguros, com a faca, podendo, se for hábil seringueiro, sangrar e entigelar, umas duzentas madeiras, que lhe darão quantidade de látex, entre oito e vinte galões diários. Sua estrada é quase sempre a de fêcho na bôca, de sorte que, após haver descrito uma volta, encontra-se de novo ao pé da residência, à qual regressa muito antes do meio dia.

A segunda etapa da jornada consiste em novo mergulho na floresta, afim de recolher o látex das tigelinhas, embutidas pela manhã, no corte das madeiras.

Cêrca das quinze hôras, já outra vez, na barraca, inicia com a ajuda do buião, e o emprêgo da tariboca, o preparo da borracha, fabricando as bolas, as quais, depois de marcadas, seguem por terra, pelas tropas de burros, combóios, ou descem o curso dágua, à maneira de balsas, amarradas em espiral, em busca da margem, isto é, do barracão do seringalista, onde o serviço é pago, quando não se realiza a troca da produção por alimentos e artigos de primeira necessidade, num abuso mercantil de boa fé, só ultrapassado pela ganância do regatão, singular mascate de montaria, típico do interior amazônico.

Enfrentando clima hostil, "amansando o deserto", no dizer de EUCLIDES, humanizando a paisagem, os intrépidos seringueiros além de concorrer para o povoamento e desenvolvimento econômico da Amazônia, realizaram o prodígio da re-incorporação do Acre, ao patrimônio da nação.

Na época da baixa das águas, ao partirem para os serviços do centro, os seringueiros aí permanecem até a estação das grandes chuvas, quando a floresta se torna inhabitável. Refluem, então, para os entrepostos, para os barracões, ou povoados, onde, enfim, encontram realmente um pouco de descanso, graças à pulsação sazonáriá, que na grande região natural, impõe sua disciplina geográfica a tôdas as variadas formas da atividade humana.



GAIOLAS E VATICANOS

A vasta rede fluvial do Amazonas oferece tôdas as possibilidades para o transporte que se realiza, na região, por numerosos tipos de embarcações, indígenas ou não, escalonadas desde as primitivas ubás, de casca de pau ou de madeira das árvores até os navios movidos a hélice, de construção inglêsa ou holandesa, gaiolas ou vaticanos.

As ubás, de tamanho variável, desconfortáveis, sem quilha, são movidas por meio de varas ou pás e constituem as canoas típicas dos selvícolas.

Delas surgiram a igara, a igara-mirim, a igara-açú, isto é, a canoa, a canoa pequena a canoa grande, e, ainda, a igarité ou "canoa verdadeira", maior que a montaria e menor que a galeota. A montaria e a igarité possuem casco, a parte do fundo, essencial em tôdas as embarcações indígenas do Amazonas e afluentes, excetuadas as ubás.

A montaria teve papel histórico importante no desbravamento da Amazônia. Sua função na colonização da Amazônia foi análoga à do cavalo na zona pastoril. Sua missão ainda hoje é a de transportar o caboclo qual equino deslizando sôbre as águas dos rios.

Da forma e construção das igaritês, destacam-se pela grandeza e pelas toldas de pano, as embarcações empregadas nas grandes navegações e nas primeiras explorações dos rios amazônicos, de que resultou provavelmente a galeota, com a sua tolda corrida e a parte da pôpa fechada em volta, onde o regatão mora, durante as suas viajens comerciais pelo interior. Deslocando de duas a quatro toneladas, a galeota é impulsionada por dois remeiros, sentados sob a tolda e utilizando remos de caibros fortes, ajustados para os punhos.

As igaritês empregadas na pesca do mar e rio, de bôca aberta, "parecendo as velas, asas de morcêgo", redondas quase, denominam-se vigilengas, assim chamadas por terem os primeiros modelos saído de Vigia, no Pará. São facilmente reconhecíveis pelo casco negro e pano avermelhado, tingido de mucurí, quase sempre.

Possuindo uma tolda pequena para os cinco tripulantes, na pôpa, destacam-se, no Pará, gambarras, que podem transportar até 80 bois, no seu serviço de condução do gado da ilha de Marajó, e também, as grandes balsas dos índios Paumaris, denominadas itapabas, verdadeiras casas flutuantes, com camarim ou casa de palha ao centro, impulsionadas a zinga ou vara.

Todos êsses tipos de embarcações existem na Amazônia, ainda nos dias correntes, apesar da revolução operada nos meios de transporte, a partir de 1866, quando foi o Amazonas aberto à navegação internacional, e nele introduzida a navegação a vapor.

Em nossos dias as embarcações que trafegam nos rios amazônicos, e em geral, nos do Brasil, segundo explica o eng. MOACIR SILVA, são de construção apropriada a essa navegação, sendo algumas de propulsão a roda, de lado, ou de pôpa, fundo chato e pequeno calado.

Lembrando o aspecto das barcas que realizam o transporte entre Rio e Niterói as chatas, cuja denominação talvez provenha de seu calado mínimo e de seu casco chato, são navios de roda à pôpa, que trafegam no alto Purús, alto Juruá, Acre durante o verão. São embarcações de três pés de calado, no mínimo, e de umas duzentas toneladas de deslocamento, encerrando duas toldas, máquina em cima do convés, tipo de que a SNAPP possue um, pelo menos, com 303 toneladas brutas.

Ao contrário das chatas, que são do tipo inglês, as chatinhas teem apenas 160 toneladas brutas, como as atuais da SNAPP e se destinam também a altos rios, à navegação em trechos de profundidade escassa, onde embarcações de grande porte não podem ser utilizadas. Trazem roda à pôpa e pertencem a modêlo americano, possuindo a SNAPP (Serviço de Navegação da Amazônia e da Administração do Pôrto do Pará) nove dêsses navios fluviais.

Todavia, o mais característico navio da Amazônia é o gaiola, cuja influência na vida amazônica foi estudada pelo escritor RAIMUNDO MORAIS, em "Na Planície Amazônica". Êle explica que "Da elevada superestrutura, desenvolvidas obras mortas, dois, três conveses, camarotes nas amuradas, adveio-lhe o apelido irônico e pitoresco de gaiola".

Pondo em comunicação as cidades, as vilas, os povoados e os balcões situados à margem dos rios, o gaiola tem sido um dos fatores de maior influência política, social e econômica na vida da Amazônia.

Com uma chaminé apenas, os gaiolas são navios geralmente do tipo inglês, de tonelagem bruta variável, entre 167 e 600, como sucede com os atuais da SNAPP.

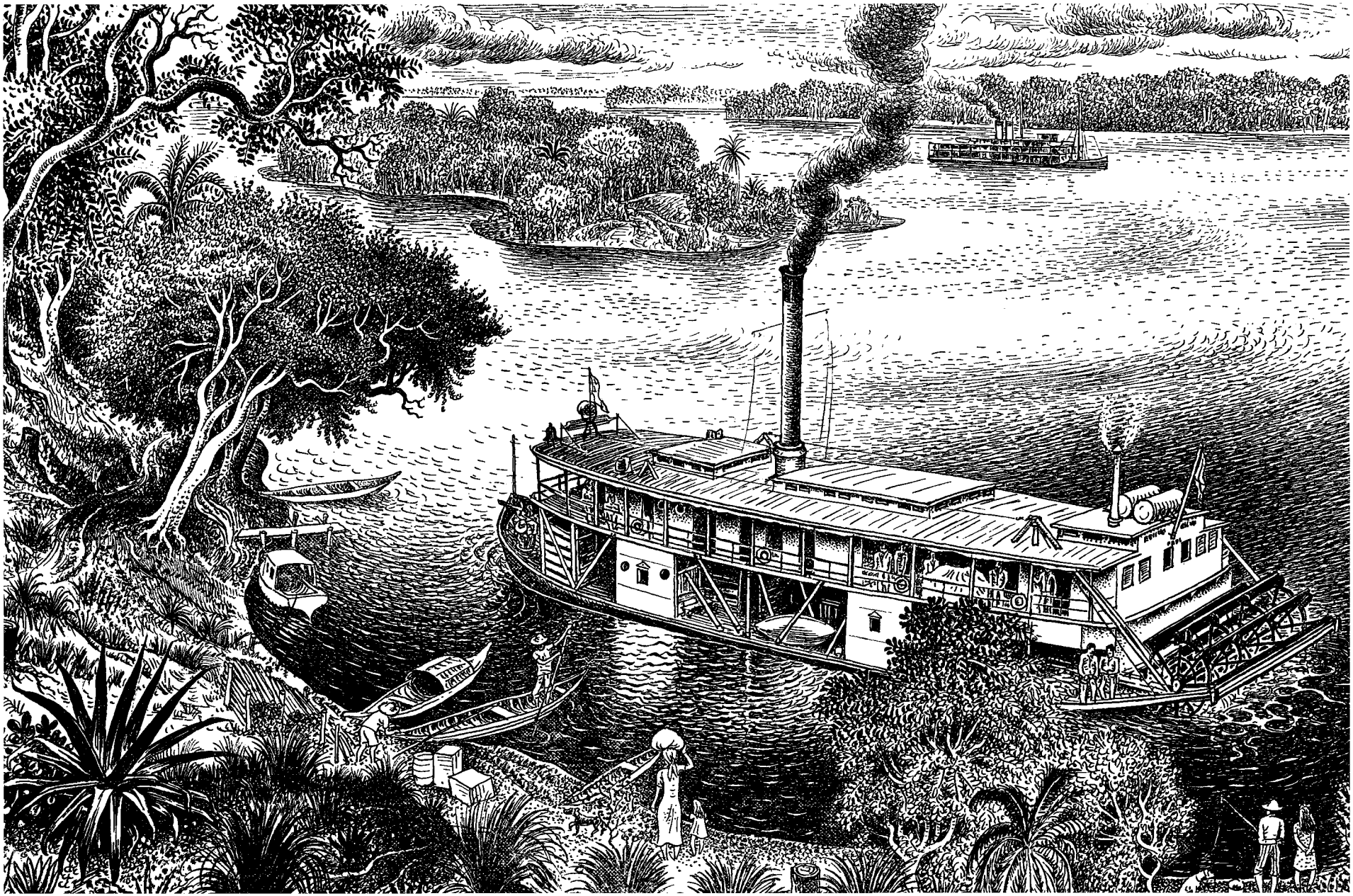
Ha, porém, gaiolas de roda na pôpa e nos flancos, de uma e duas hélices, de três a doze pés de calado e de construção outra que não a inglêsa.

Nos de dois conveses, situam-se no primeiro, os guinchos, escotilhas, cozinha, rancho, camarotes de oficiais, casa das máquinas, e no segundo, as cabines, o bolinete, a máquina do leme, a copa, o bar, a despensa, as instalações higiênicas, a caixa de fumaça, as mesas de refeição, sendo de dois e quatro beliches, a capacidade de cada camarote.

Mais suntuosos, construídos nos Países-Baixos, movidos por duas hélices, com duas chaminés paralelas, de oito a nove milhas de andadura, iluminados a luz elétrica, os vaticanos, são gaiolões, de 900 a 1.000 toneladas, que oferecem comodidades maiores aos passageiros, em relação a navios menores em que são obrigados a viajar pelos rios da Amazônia, nos trechos fora do alcance dos "palácios flutuantes", cuja impressão à noite, deixada por sua esplendida iluminação, explica, segundo RAIMUNDO MORAIS, o apelido de vaticano, justificado, ainda, pela idéia de massa e de confôrto que êsses navios fluviais do Amazônas dão, no momento.

Na parte inferior dos vaticanos acham-se as mesas e, ao lado, instalações higiênicas, ficando ao fundo, a copa, em seguida um salão, e, lateralmente os camarotes e camarins telados, os quais também existem na frente do navio, deixando, entre si, um salão para música. Na parte superior do vaticano, situa-se a casa de comando e os camarotes da oficialidade, e, à retaguarda, o barbeiro. Em baixo, junto à carga, viajam os passageiros de terceira classe, onde não há camarotes e o desconfôrto é a regra geral.

Atualmente observa-se a tendência para denominar-se chatões aos vaticanos, dos quais os da SNAPP são de 951 toneladas e fazem o tráfego principal de Belém a Manaus. A gravura, ao lado, representa os dois tipos modernos de navios da Amazônia: o gaiola e o vaticano.



NOTICIÁRIO

PRIMEIRO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE BARBOSA RODRIGUES

A data que assinalou o primeiro centenário do nascimento do grande naturalista brasileiro João Barbosa Rodrigues, ou simplesmente Barbosa Rodrigues, como era mais conhecido nos meios científicos e culturais, ocorrida em 22 de Junho corrente, foi condignamente comemorada em todo o país.

Nesta capital e em alguns Estados, em várias instituições culturais, educacionais e técnicas, foram realizadas sessões especiais sôbre a expressiva efeméride, nas quais tomaram parte, como oradores oficiais, intelectuais admiradores da sua obra científica.

A Academia Carioca de Letras, contando com o apoio do Ministério da Agricultura, do govêrno do Amazonas, do Museu Nacional, do Instituto Brasileiro de Cultura e de outras instituições culturais do país, promoveu, por sua vez, de acôrdo com aqueles órgãos, brilhantes e expressivas comemorações que obedeceram ao seguinte programa:

I — Dia 9 de Junho, no Silogeu Brasileiro, conferência do Dr. Saladino de Gusmão (Academia Carioca de Letras): *Barbosa Rodrigues e o muiraquitã.*

II — Dia 16, no Silogeu Brasileiro, conferência da Professora D. Heloísa Alberto Tôrres (Diretora do Museu Nacional): — *Contribuições de Barbosa Rodrigues à antropologia e à etnologia brasílicas.*

III — Dia 16, no Liceu Literário Português, conferência do Professor Edgar Sussekind de Mendonça (Instituto Brasileiro de Cultura), com projeções: *A obra cultural de Barbosa Rodrigues.* Presidência do Sr. General E. F. Sousa Doca.

IV — Dia 19, no Silogeu Brasileiro, conferência do Professor Artur Ramos (Instituto do Brasil): *A contribuição etnológica de Barbosa Rodrigues,* Presidência do Sr. Ministro Eduardo Espínola.

V — Dia 22, programa especial do Serviço Florestal do Ministério da Agricultura.

VI — Dia 23, no Silogeu Brasileiro, conferência da Professora Dilque de Barbosa Rodrigues Salgado (Sociedade Brasileira de Botânica): *Barbosa Rodrigues e o seu tempo.*

VII — Dia 23, na Escola Nacional de Engenharia conferência do Professor Melo Leitão (Academia Brasileira de Ciências): *Barbosa Rodrigues, o naturalista-poeta.*

VIII — Dia 26, no Silogeu Brasileiro, conferência do Professor Fernando da Silveira (Instituto de Educação): *Barbosa Rodrigues, o botânico.*

IX — Dia 7 de Julho, no Silogeu Brasileiro, conferência do Professor Modesto de Abreu (Academia Carioca de Letras): *Barbosa Rodrigues, homem de letras.*

No dia prefixado realizou-se a primeira parte das comemorações programadas que constou de uma sessão especial, na sede da A.C.L., cuja mesa se compôs dos Srs. Afonso Costa, presidente da Academia, da Professora Dilque de Barbosa Rodrigues Salgado, neta do homenageado, e do Professor Benedito Raimundo, presidente da Sociedade Entomológica do Brasil. Entre a numerosa assistência viam-se representantes das seguintes instituições técnicas e culturais: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Sociedade Acadêmica Militar, Conselho Nacional de Geografia, Sociedade Brasileira de Botânica, Sociedade Entomológica do Brasil, Sociedade Literária do Colégio Militar e universitários.

O Sr. Afonso Costa justificou, em rápidas palavras, as razões que tivera a Academia para promover as comemorações referidas e agradeceu as instituições, conferencistas, Ministério da Agricultura, govêrno do Amazonas, Museu Nacional, e a outras instituições o apoio dado à Academia nesse sentido.

Em seguida, teve a palavra o Sr. Saladino de Gusmão orador da solenidade, o qual produziu um estudo em tôrno de *Barbosa Rodrigues e o muiraquitã,* Durante a palestra, foi exibido aos presentes, com explicações especiais, o muiraquitã — amuleto indígena, feito de jade — ao qual se atribuem dons de felicidade.

A Professora Heloísa Alberto Tôrres, diretora do Museu Nacional realizou a segunda parte do programa, o que fez com muito brilho ao abordar, no dia 16 de Junho último, a sua anunciada conferência: *Contribuições de Barbosa Rodrigues à antropoolgia e à etnologia brasílicas.*

Na sede da Academia Carioca de Letras, no edifício do Silogeu, naquele dia, diante de seleta assistência foi ini-

ciada a sessão sob a presidência do Sr. AFONSO COSTA que convidou o Sr. CAMPOS PÔRTO, neto do homenageado e o Prof. JOSÉ OITICICA a tomarem lugar à mesa. Teve a palavra a seguir a Professora HELOÍSA ALBERTO TÔRRES.

Dispensando tribuna, a Professora aludiu ao convite recebido, ao qual o Museu não faltaria, mormente por se tratar de uma homenagem a BARBOSA RODRIGUES. Com proficiência disse do que foram os trabalhos de investigação, de análise, de observação e de realizações do sábio brasileiro, no campo da antropogeografia e da etnologia do Brasil, referentes à região amazônica. Mostrou as descobertas, nessas especialidades, que êle fizera, quais as de necrópoles de amerígenas e de peças representativas da cultura que milenares migrações teriam veículado, como demonstraram os estudos especiais de antropometria executados pelo ilustre brasileiro naquelas paragens.

A conferência da Professora HELOÍSA ALBERTO TÔRRES, foi ilustrada com projeções de material do Museu Nacional recolhido por BARBOSA RODRIGUES.

*

O programa comemorativo organizado e levado a efeito no dia 22 de Junho pela diretoria do Serviço Florestal constou de uma exposição pública, no Jardim Botânico, dos trabalhos existentes na respectiva biblioteca de autoria daquele naturalista. Nessa exposição encontravam-se, além dos trabalhos correntes, livros inéditos e esgotados, bem como objetos que pertenceram ao homenageado. Após foi aposta uma placa de bronze comemorativa numa das salas do edifício do Jardim Botânico, tendo discursado, na ocasião, o agrônomo LEONAM AZEVEDO PENA. Ainda por iniciativa do diretor do Serviço Florestal foi ornamentado com flores naturais o busto de BARBOSA RODRIGUES existente no parque daquele departamento público. Outra solenidade levada a efeito, alí, foi a da inauguração da "sala Barbosa Rodrigues", destinada a servir de sede a um curso de jardinagem. O Prof. ALFEU DOMINGUES, diretor daquele Serviço pronunciou, no momento, algumas palavras alusivas à solenidade. O pequeno, mas expressivo discurso do Professor DOMINGUES, foi o seguinte:

"Duas palavras apenas, minhas senhoras e meus senhores:

Esta sala recebe a consagração do nome de BARBOSA RODRIGUES, preito de grande tributo ao insigne botânico brasileiro, cujo centenário se comemora.

De hoje em diante já não se chamará mais uma das salas do Jardim Botânico, porque os homens do presente não esquecem os homens do passado. Nem os homens nem os seus feitos.

Felizes daqueles que procuram, catam e descobrem datas como esta. Que rebuscam arquivos para exumar documentos. Que reúnem, congregados fraternalmente, elementos para festejar centenário de um cientista brasileiro.

Êste cientista foi botânico. Viveu botânico e morreu botânico,

Botânicos no Brasil são raros. Botânicos do Brasil aquí nascidos, ainda são mais raros.

O centenário de BARBOSA RODRIGUES não pode se emoldurar nos quadros comuns dos centenários vulgares de todos os dias.

Tem qualquer cousa de excepcional, de grandioso, porque o que está sendo ressaltado aquí é também a pesquisa botânica que o homenageado tanto amou e praticou.

Êle foi tão grande na ciência que a justiça dos pósteros nunca lhe faltou nem lhe faltará.

O Jardim Botânico foi a casa de BARBOSA RODRIGUES. Continua a ser a casa dos seus filhos e netos.

O ramo genealógico encontrou, aquí, ambiente, como encontraram essas plantas que êle classificou com a sabedoria do sistemata. Essas plantas que estamos espalhando, justamente hoje, pelos nossos parques, pelos nossos hortos, para que cada vez mais se perpetue o nome do saudoso brasileiro".

*

Na Escola Nacional de Engenharia esteve reunida, no dia 23, a Academia Brasileira de Ciências em homenagem ao sábio brasileiro cujo centenário de nascimento era festejado.

Nessa reunião o Professor MELO LEITÃO fez uma conferência subordinada ao título: *Barbosa Rodrigues, naturalista-poeta* que constituiu uma das partes mais interessantes do programa das homenagens, considerando-se que o grande cientista se estreara nas letras, antes de 18 anos, tendo publicado então o seu primeiro trabalho de poesia, titulado *Treno de amor*.

*

Na Baía, em São Paulo e no Amazonas, foram igualmente tributadas várias homenagens ao grande sábio, destacando-se as realizadas na cidade do Salvador, por iniciativa do Instituto Geográfico e Histórico local, com o apoio da Sociedade Baiana de História Natural e da Delegacia do Norte do Conselho Nacional de Geografia.

Na sessão magna realizada às 20 ½ horas no salão nobre do Instituto Histórico, o Professor A. L. DE BARROS BARRETO pronunciou a sua conferência sôbre o eminente homem de ciência, tendo comparecido à reunião cultural, além de seleta assistência, o representante do Interventor Federal, secretário de Educação e representantes de outras autoridades. Presidiu a solenidade o Prof. EPAMINONDAS TÔRRES, presidente do Instituto Histórico.

O Professor BARROS BARRETO pôs em foco a personalidade do sábio, cuja vida é uma esplêndida história de devotamento à ciência. Tendo-se deixado absorver, desde a mocidade, pelo estudo das ciências naturais, BARBOSA RODRIGUES empreendeu arriscadas e longas viagens pelo interior do Brasil, que devassou, em busca de especimenes raros para as suas coleções de orquídeas e palmeiras. Etnógrafo também, o eminente naturalista dedicou diversos trabalhos aos indígenas das regiões que percorreu e deixou estudos sobremodo curiosos em tôrno de usos e costumes dos selvícolas. Foi, além disso, missionário, introduzindo a civilização no âmago do nosso *hinterland*, para isso se fazendo amigo dos bárbaros habitantes da floresta, aos quais, mais de uma vez, teve ocasião de defender corajosamente. Mas foi principalmente como botânico que BARBOSA RODRIGUES deixou nome ilustre, e não só na sua terra, como no estrangeiro, onde sua obra é admirada e se acha consagrada pelas mais reputadas autoridades.

Terminada a sessão, dirigiram-se os presentes para o *hall* do Instituto, onde teve lugar a inauguração de uma lápide de mármore alusiva à efeméride, discursando, em nome das associações promotoras das festividades, o Dr. NARCISO SOARES DA CUNHA.

*

Também o Serviço de Divulgação da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal realizou um programa especial em comemoração à data, tendo sido orador oficial o Professor ROQUETE PINTO.

As solenidades efetuadas no Estado do Amazonas estiveram a cargo da Academia Amazonense de Letras que recebeu o apoio do govêrno amazonense e das instituições culturais daquele Estado. O orador oficial escolhido para falar sôbre BARBOSA RODRIGUES foi o Sr. NUNES PEREIRA que versou sôbre *Um naturalista brasileiro na Amazônia.*

Em seu substancioso trabalho o conferencista recordou a passagem do sábio brasileiro nas regiões amazônicas onde colheu os elementos de observação direta para elaborar os distinguidos trabalhos que publicou e que se referem em particular à botânica do imenso vale, no que ela tem de mais útil e majestoso: as palmeiras, as orquídeas, as seringueiras e outras espécies botânicas. Ainda foi recordado, além dessas tantas e tão celebradas investigações no domínio científico, a obra patriótica e evangelizadora de BARBOSA RODRIGUES, na pacificação dos índios Crichauás, do Jauperí, bem como as longas e penosas viagens que êle realizou através das regiões banhadas pelos rios Tapajoz, Nhamundá, Trombetas e Urubú.

Todos os atos comemorativos levados a efeito em Manaus foram presididos pelo Sr. ÁLVARO MAIA, Interventor Federal naquele Estado.

*

A valiosa bibliografia deixada por BARBOSA RODRIGUES consta das seguintes obras, afora artigos de revista, conferências e relatórios ainda inéditos.

1858 — *Treno de amor;* 1859-1860 — *Geraldina; O Parricida; Memórias de uma costureira* — Romances (Publicados em folhetins nos jornais mineiros: *Hemeródromo da Juventude, Sul de Minas* e *O Mercantil*); 1861 — *O livro de Orlina;* 1864 — *Contos Noturnos;* — 1863 — (Inicia a monografia das orquídeas); — 1872-1875 — *La vallée des Amazones;* 1872-1897 — *Sertum Palmarum;* 1875 — *Enumeratio palmarum novarum quas valle fluminis Amazonum inventas et ad Sertum Palmarum collectas, descripsit et iconibus illustravit.* (As espécies desta obra estão tôdas na *Flora Brasiliensis de* MARTIUS); 1875 — *Ídolo amazônico achado no rio Amazonas;* 1875 — *Exploração e estudo do vale do Amazonas: rio Capim.* Relatório, etc.; 1875 — *Exploração e estudo do vale do Amazonas, Rio Tajoz;* 1875 — *Exploração e estudo do vale do Amazonas: rio Trombetas.* Relatório; 1875 — *Exploração dos rios Urubú e Jatapú;* 1876-1880 — *Antiguidades do Amazonas;* 1877 — *"Monostychosepalum,* gen. nob. (*Rev. de Hort.*); 1877 — *Genera et specie orchidearum quas collegit, descripsit et ieonibus illustravit* — 1 vol.; 1878 — *Estudos sôbre a irritabilidade de uma Drósera;* 1879 — *Protesto palmarum novarum;* 1879 — *Palmeiras do Amazonas. Distribuição geográfica;* 1881 — *Attaleo oleifera, palmeira nova;* 1881 — *O canto e a dansa selvícolas;* 1881 — *Lendas crenças e superstições;* 1881 — *Flora da Serra do Lenheiro;* 1881 — *Resultado botânico de uma breve excursão a São João d'El Rei;* 1882 — *Genera et species orchidearum novarum;* 1882 — *Notas a Luccok sôbre a Flora e a Fauna do Brasil;* 1882 — *O Muirakytan, poderoso coevo do homem anticolumbiano;* 1882

— *Les palmiers, observations sur la monographie de cette famille dans la Flora Brasiliensis;* 1882 — *Catálogo dos objetos expostos na Exposição Antropológica;* 1822 — *Tetrastylis gen. nob. das Passifloriaceas;* 1882 — *Genera et species orchidearum novarum quas collegit, descripsit et iconibus illustravit.* II vol.; 1882 — Diversos artigos na *Revista Antropológica;* 1882 — *Orchideae Rodeiensens et alterae ineditae;* 1883 — *Structure des Orchidées. Notes d'un étude;* 1883 — *Esenbeckia fasciculata. Gramary;* 1884 — *O Muirakytan ou aliby. (Revista Amazônica);* 1885 — *Esterhazia superba. Espécie nova da família das scrophulariaceas;* 1885 — *Rio Jauaperi. Pacificação dos Crichanás;* 1886 — *Catálogos de produtos do Amazonas;* 1887 — *A necrópole de Mirakanguera, na Velósia;* 1887 — *O tamakuaré, espécies novas da ordem das Ternstoemiaceas;* 1887 — *Velósia,* 1.ª ed.; 1887 — *Eclegae plantarum novarum;* 1887 — *Palmae Amazonenses novae;* 1888 — *Viagens às pedras verdes;* 1888 — *A língua geral e o Guaraní. Anotações ao alfabeto indígena;* 1889 — *O Muirakytan e o Jurupari;* 1889 — *Les reptiles fossiles de l'Amazone.* (Na *Velósia*); 1889 — *Decada de Strychnos novos.* (Extr. da *Velósia*); 1889 — *Bagnoniaceae novae.* (Ext. da *Velósia*); 1889 — *Horas de lazer* — notas; 1890 — *Poranduba Amazonense.* (Publ. da Bibl. Nac.); 1891 — *Os ídolos simbólicos e o muirakytan;* 1891 — *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico* — 1 vol.; 1891 — *Velósia,* 2.ª ed.; 1892 — *Vocabulário indígena comparado.* (Pub. da Bibl. Nac.); 1893 — *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico.* II vol. e III vol.; 1893 — *Vocabulário indígena com a ortografia correta;* 1894 — *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico.* IV vol.; 1894 — *Hortus Fluminensis;* 1896 — *Plantas novas cultivadas no Jordim Botânico.* V vol.; 1897 — *Palmae Matogrossenses novae;* 1898 — *Plantas novas cultivadas no Jardim Botânico.* Vol. VI; 1899 — *Plantae Matogrossenses novae;* 1899 — *Palmae novae Paraguaienses;* 1899 — *O muirakytan e os ídolos simbólicos;* 1900 — *Palmae Hasslerianae novae;* 1901 — *Contributions du Jardin Botanique du Rio de Janeiro;* I; 1902, II; 1903, III; 1904, IV; 1905, V; 1906, VI; 1909, VII (inédito); OUTRAS OBRAS — *Relação de plantas expostas na Exposição Nacional de 1908; As myrtaceas do Paraguai; Les noces des Palmiers; D'Uyrarey ou o Curale; A Flora Brasiliensis de Martius; Diminution des eaux au Brésil* — apresentada ao Congresso Latino Americano (1901). INÉDITAS — *As Palmeiras na medicina; Os terremotos e tremores de terra no mundo; Contribuição à Flora do Itatiaia.*

*

Deixamos aquí de nos reportar aos traços biográficos do consagrado cientista porque o fazemos noutra secção desta REVISTA, "Vultos da Geografia do Brasil", onde se encontra um trabalho sôbre a sua edificante vida.

RELATÓRIO DA PRESIDÊNCIA DO I. B. G. E. REFERENTE AO ANO DE 1941, APRESENTADO AO CHEFE DO GOVÊRNO

O Embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apresentou ao Chefe do Govêrno Nacional, no mês de Maio último, quando o I.B.G.E. comemorou o seu sexto ano de instalação, o relatório das atividades técnico-administrativas desdobradas no decorrer de 1941, sob a assistência e orientação do Conselho Nacional de Estatística, da Comissão Censitária Nacional e do Conselho Nacional de Geografia, que são os três colégios integrantes do sistema estatístico-geográfico e censitário do país.

Nesse significativo documento público, o preclaro presidente do I.B.G.E., ofereceu ao Chefe do Govêrno substanciosa resenha dos fatos, empreendimentos e iniciativas que marcaram, durante aquele ano, a atividade dos órgãos integrantes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Pela leitura do relatório agora encaminhado ao Chefe do Govêrno verifica-se que o ano de 1941, marcou, de maneira expressiva, uma nova e brilhante etapa na vida técnico-administrativa dos três colégios responsáveis pelos setores estatístico, geográfico e censitário no país.

No capítulo inicial o Embaixador MACEDO SOARES, apresentou um sucinto, mas completo, resumo das tarefas levadas a efeito e do andamento de tantas outras, ao se expressar:

"Embora a amplitude da obra empreendida lhe confira proporções tão vastas e complexas que, em face delas, muito se restringe a significação de tudo quanto foi possível concretizar —

não há dúvida de que o alcance das realizações inscritas nos anais da instituição constitue valioso atestado do esfôrço construtivo com que o Instituto procurou corresponder às diretrizes que lhe foram traçadas, para isso utilizando ao máximo a extraordinária virtualidade do princípio que inspira a sua atuação.

Na especificação dos trabalhos executados em cada um dos setores foram examinados e referidos, de per si, tudo o que foi realizado.

São, alí, inicialmente apontadas as realizações censitárias e a ultimação dos censos econômicos; da revisão e contrôle da coleta, a-fim-de apurar os casos de possível evasão de dados; e de providências que assegurassem o recebimento e a acomodação do copioso material proveniente dos Estados.

A amplitude do plano de trabalho a que obedeceu o 5.º Recenseamento Geral de 1940 que abrangeu sete censos distintos e ainda alguns inquéritos complementares, bem como as atividades do plenário da Comissão Censitária Nacional, da Sub-Comissão, da Presidência, da Divisão Técnica, das Secções do Censo Demográfico, do Agrícola, do Industrial, do Comercial, do Social, do Arquivo, de Apuração das Divisões Administrativas, de Publicidade, de Coordenação e dos órgãos recenseadores regionais.

O Conselho Nacional de Estatística mereceu, igualmente, do presidente do I.B.G.E., as mais merecidas referências ao relatar as suas importantes atividades.

A começar do relato dos trabalhos desenvolvidos pela sua Junta Executiva Central e pelas consultorias e comissões técnicas até a cooperação prestada pelos órgãos regionais e municipais, tudo, enfim, o que se realizou no ambiente estatístico nacional, naquele ano, está, minuciosamente, ressaltado no relatório.

Quanto às tarefas executadas e orientadas pelo Conselho Nacional de Geografia, passamos a transcrever, na íntegra, o trecho onde elas são referidas:

"Também no largo setor do Instituto sob o controle imediato do Conselho Nacional de Geografia, várias realizações de apreciável alcance assinalaram o período a que corresponde êste relatório. Tais resultados, devidos, antes de tudo, ao esfôrço e boa-vontade de técnicos devotados, adquirem particular importância se apreciados em função do plano orgânico de atividades do sistema, dentro do qual os objetivos da estatística e da geografia se fundem e completam reciprocamente, para assegurar, como tanto convém aos nossos interêsses, um conhecimento cada vez melhor do Homem e da Terra do Brasil.

Enquadrados — como já o previa a Convenção Nacional de 1936 — no mesmo regime de cooperação inter-governamental a que foi submetida a estatística brasileira, puderam os órgãos propostos ao estudo do território nacional desenvolver largamente a sua atuação, quer através do constante aperfeiçoamento dos serviços já existentes, quer pela criação de novos serviços e o estímulo a empreendimentos e iniciativas técnicas e culturais que não teriam encontrado as necessárias condições de êxito na fase anterior à da atual organização do sistema estatístico-geográfico do país.

No prosseguimento do programa de trabalho que se traçou, o Conselho Nacional de Geografia continua a intensificar por todos os meios os levantamentos cartográficos e estudos correlatos que se encontram a seu cargo. Estão compreendidas nesse plano de ação iniciativas e campanhas de realização e objetivos interdependentes, cujo encaminhamento se vai fazendo em têrmos de perfeita eficiência. Os resultados até agora conseguidos, e de que nos dá conta, em linhas gerais, a resenha de fatos a seguir apresentada, bem justifica o espírito de confiança com que são apreciados os trabalhos desenvolvidos nesse importante setor do sistema do Instituto, visando o seguro conhecimento do nosso meio físico.

Assembléia Geral Realizou-se de 1.º a 26 de Julho a quarta sessão ordinária da Assembléia Geral do Conselho, da qual participaram representantes da União e de tôdas as Unidades Federadas, devidamente credenciados, tendo resultado dos trabalhos nada menos de quarenta e duas Resoluções, numeradas de 65 a 106.

Dentre estas, merecem particular destaque, pela importância da matéria técnica, a que determinou a publicação de mapas referentes às Unidades Federadas; a que fixou disposições acêrca da campanha das coordenadas geográficas, empreendida pelo Conselho; a que estabeleceu uma classificação dos tipos de localidades brasileiras; a que dispôs sôbre a realização de um curso de cartografia, anual, destinado à especialização dos desenhistas e cartógrafos das repartições centrais — federais e regionais — do Instituto; a que promoveu o preparo de um guia de observação geográfica para distribuição aos Diretórios Municipais de Geografia; e a que dispôs sôbre a grafia dos nomes geográficos estrangeiros.

De não menor significação se revestem a que fixou um quadro da divisão regional do Brasil, para fins administrativos, promoveu a sua adoção pela estatística brasileira e deu outras providências; a que determinou a publicação do *Anuário Geográfico do Brasil,* a que estabeleceu as normas a que deverá obedecer a divisão regional das Unidades Federadas, para fins práticos, e propôs um quadro básico de divisão; a que dispôs sôbre a publicação de trabalhos referentes à geografia do Brasil e destinados a constituir a biblioteca geográfica brasileira; a que determinou a publicação mensal de um *Boletim de Informações;* a que dispôs sôbre a organização do Museu de Geografia do Brasil; a que instituiu um concurso anual de monografias referentes a aspectos da geografia municipal, como contribuição aos congressos brasileiros de geografia; a que criou a comissão técnica de oceanografia e limnologia do Conselho e, finalmente, a que dispôs sôbre a adesão ao X Congresso Brasileiro de Geografia, a reunir-se em 1943, na capital do Pará.

Cumpre destacar, ainda, as Resoluções em que se formularam votos e apelos, em referência a realizações consignadas nos anais do Conselho no interregno das sessões da Assembléia Geral, ou promovendo medidas e sugerindo iniciativas destinadas a contribuir para o crescente desenvolvimento das atividades geográficas, no país.

Delegações da Assembléia participaram de várias homenagens e visitas, tendo tomado parte, igualmente, na excursão ao Estado de Minas, que esteve, aliás, sob a chefia do Secretário Geral do Conselho, Sr. CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO.

Durante os trabalhos, foi a Assembléia distinguida com a visita de personalidades de destaque na ciência geográfica e na alta administração do país, as quais se inteiraram, com vivo interêsse, do encaminhamento que iam tendo os vários assuntos debatidos pelo plenário.

A data do encerramento dos trabalhos da Assembléia foi expressivamente assinalada pela assinatura do decreto-lei federal n.º 3 471, que homologou o acôrdo de limites, concluído a 10 de Abril de 1940, entre os governos dos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. A escolha dessa data para a assinatura daquele ato obedeceu ao mesmo propósito que já levara o govêrno a baixar exatamente no dia em que o Instituto comemorara o quinto aniversário de sua instalação, ou seja a 29 de Maio, o decreto-lei pelo qual a União homologara acôrdo idêntico, verificado ainda entre o Estado de Minas e o de Goiaz, — propósito êsse em que se traduz honroso reconhecimento da participação que o Instituto vem tendo na solução das últimas pendências de limites ainda registradas no país e que se vão resolvendo sob a inspiração de um nobre pensamento de unidade nacional.

Diretório Central O Diretório Central, órgão de direção permanente do Conselho, funcionou com regularidade e eficiência durante o decurso de 1941, tendo realizado vinte e uma reuniões quinzenais.

Foram aprovadas, nesse período, quinze Resoluções, referentes a assuntos de ordem administrativa, técnica e cultural. Pela importância da matéria versada, cumpre destacar, porém, a de n.º 76, que fixou o quadro de pessoal do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica; a de n.º 77, que dispôs sôbre o plano sexenal elaborado pela direção da Escola de Geógrafos do Exército e aprovado pelo Ministério da Guerra; a de n.º 79 que encaminhou a nova edição da obra *Vias Brasileiras de Comunicações,* referente à Estrada de Ferro Central do Brasil; a de n.º 86, que fixou o programa dos trabalhos de nivelamento terrestre, para os anos de 1941 e 1942, na campanha altimétrica; e, finalmente, a de n.º 88, que prorrogou o prazo para a conclusão dos estudos referentes ao novo quadro regional brasileiro.

Em várias de suas reuniões, o Diretório recebeu e homenageou personalidades interessadas no estudo da geografia nacional, tendo os seus membros participado ainda, em mais de uma oportunidade, das sessões conjuntas dos três colégios dirigentes do Instituto.

Secretaria Geral Em virtude de sua direta participação em tôdas as atividades desenvolvidas sob o controle do Conselho, a Secretaria Geral vem tendo ampliado o vulto das respectivas tarefas à medida que mais se intensifica a atuação do mesmo, através de novas iniciativas e empreendimentos.

No decorrer de 1941, couberam-lhe os trabalhos de expediente de vinte e uma reuniões do Diretório Central e de vinte e três da Assembléia Geral, inclusive quanto à vultosa correspondência delas resultante. Esteve a seu cargo, igualmente, a elaboração da quase totalidade dos projetos de Resoluções levados à consideração tanto do Diretório como da Assembléia, bem como a apresentação dos relatórios sôbre as atividades de um e de outra.

Incumbiu-lhe, ainda, a organização das excursões proporcionadas aos membros da Assembléia, além das provi-

dências de caráter administrativo necessárias à perfeita regularidade da vida do Conselho, *ad referendum* da Presidência ou do Diretório Central.

Delegacia do Norte O Conselho vem mantendo a sua Delegacia no Norte do país, sediada em Salvador e colocada sob a responsabilidade do Engenheiro OSCAR CARRASCOSA, que tem dedicado os melhores esforços ao desenvolvimento das campanhas geográficas do Instituto no Estado da Baía.

Entre as suas iniciativas, destaca-se a realização do curso de coordenadas geográficas, realizado naquela capital pelo Professor AURÉLIO DE MENESES, da Escola Politécnica da Baía. O Conselho assegurou todo o apoio ao empreendimento, tendo ido à capital baiana, em fins de 1941, o Professor ALÍRIO DE MATOS, diretor-técnico da campanha de coordenadas, que alí realizou proveitosas palestras.

A Delegacia do Norte vem promovendo também a comemoração anual, a 1.º de Janeiro, do "Dia do Município" instituído em decreto-lei federal para assinalar o início da vigência quinquenal dos quadros territoriais do país, — administrativos e judiciários.

Assim, em tôdas as sedes municipais baianas, verificam-se no primeiro dia de cada ano reuniões cívicas e inaugurações de obras públicas. Em Salvador, o respectivo Prefeito, Engenheiro DURVAL NEVES DA ROCHA, reserva a data da celebração do "Dia do Município" para a inauguração dos principais melhoramentos realizados em sua administração.

Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica Exerceu intensa atividade, no decorrer de 1941, o Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, órgão executivo do Conselho, ao qual incumbe a realização dos respectivos trabalhos e o controle das campanhas empreendidas em âmbito nacional.

A repartição compõe-se de cinco setores de serviço: 1. Gabinete do Diretor e Secretaria; 2. Secção de Documentação Geográfica; 3. Secção da Carta ao Milionésimo; 4. Secção de Cartas Regionais e Municipais; 5. Secção de Estudos Geográficos.

O seu quadro de pessoal é constituído por setenta e seis funcionários, os quais se distribuem segundo os cargos previstos na Resolução n.º 76, baixada em 20 de Janeiro de 1941, pelo Diretório Central do Conselho.

Em 1941, coube ao Serviço coligir vultosa documentação, elaborar numerosos mapas e realizar estudos e pesquisas geográficas, conforme se verifica pelos empreendimentos registrados noutros pontos do presente relatório.

Conforme está previsto na legislação que o instituiu, quando concluídos de todo os trabalhos do Recenseamento, de que se constituiu órgão auxiliar, o Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica será transferido para o Ministério da Viação e Obras Públicas, ficando em relação ao Instituto em situação idêntica à dos demais serviços estatísticos ministeriais.

Consultorias e comissões técnicas A Assembléia Geral do Conselho elegeu, em sua sessão de 1941, o corpo de consultores técnicos, cujo mandato se prolongará até Julho de 1942. Ficou o mesmo assim constituído: Secção I — Metodologia Geográfica: SÍLVIO FRÓIS ABREU; Secção II — Metodologia do Ensino de Geografia: J. C. RAJA GABAGLIA; Secção III — Bibliografia Geográfica: RODOLFO GARCIA; Secção IV — Documentação Cartográfica: JAGUARIBE DE MATOS; Secção V — Nomenclatura Geográfica: BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA; Secção VI — Topografia e Topologia: DJALMA POLI COELHO; Secção VII — Geodésia: RADLER DE AQUINO; Secção VIII — Astronomia de Campo: SEBASTIÃO SODRÉ DA GAMA — Secção IX — Fotogrametria: ALÍPIO DI PRIMIO; Secção X — Cartografia: ALÍRIO DE MATOS; Secção XI — Geografia Histórica: SOUSA DOCA; Secção XII — História da Geografia: MAX FLEIUSS; Secção XIII — Geologia: RUI MAURÍCIO DE LIMA E SILVA; Secção XIV — Paleografia: MATIAS GONÇALVES DE OLIVEIRA ROXO; Secção XV — Geomorfologia — LUCIANO JAQUES DE MORAIS; Secção XVI — Geofísica: IRNACK DO AMARAL; Secção XVII — Geografia Pedológica e Agrológica: MÁRIO SARAIVA; Secção XVIII — Orografia: ÁLVARO DA SILVEIRA; Secção XIX — Potamografia: MAURÍCIO JOPPERT DA SILVA; Secção XX — Limnografia: ANTÔNIO JOSÉ ALVES DE SOUSA; Secção XXI — Oceanografia: RAUL TAVARES; Secção XXII — Climatologia: J. SAMPAIO FERRAZ; Secção XXIII — Fitogeografia: A. J. SAMPAIO; Secção XXIV — Zoogeografia: CÂNDIDO DE MELO LEITÃO; Secção XXV — Geografia Humana: E. ROQUETE PINTO; Secção XXVI — Etnografia: CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON; Secção XXVII — Geografia das Calamidades: JOÃO FILIPE PEREIRA; Secção XXVIII — Geopolítica: LEOPOLDO NERI DA FONSECA; Secção XXIX — Limites: BRAZ DIAS DE AGUIAR; Secção XXX — Divisão Territorial: THIERS FLEMING; Secção XXXI — Localidades: BASÍLIO DE MAGALHÃES; Secção XXXII — Povoamento: JOSÉ DE OLIVEIRA VIANA; Secção XXXIII — Geografia da Produção: ARTUR TÔRRES FILHO; Secção XXXIV — Geografia dos Transportes: MOACIR F. SILVA; Secção

XXXV — Geografia das Comunicações: LUIZ RIBEIRO GONÇALVES; Secção XXXVI — Geografia Regional: JOSÉ LIMA FIGUEIREDO; Secção XXXVII — Geografia do Litoral: EVERARDO BACKHEUSER; Secção XXXVIII — Turismo: LOURIVAL FONTES; Secção XXXIX — Geografia Urbana: GILBERTO FREIRE; Secção XL — Geografia Linguística: EUGÊNIO DE CASTRO.

Ainda na sessão de 1941, coube à Assembléia renovar as Comissões Técnicas do Conselho, dentre cujas atribuições se incluem as de oferecer planos de pesquisas e empreendimentos, além de sugestões para iniciativas destinadas a melhorar a orientação científica e técnica adotada nos trabalhos geográficos do Instituto.

Para o exercício de 1941-1942, ficaram as comissões constituídas da seguinte maneira: Comissão de Levantamentos Territoriais — LUIZ VIEIRA, presidente; MEGÁLVIO DA SILVA RODRIGUES, relator; BENEDITO QUINTINO DOS SANTOS, LAURO SAMPAIO e JOSÉ NICOLAU BORN. Comissão de Cartografia — GÉRSON DE FARIA ALVIM, presidente; FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, relator; VÍTOR PELUSO JÚNIOR, VALDEMAR LEFÈVRE e PAULO TORCÁPIO FERREIRA. Comissão de Fisiografia — FRANCISCO SATURNINO BRAGA, presidente; ALBERTO LAMEGO FILHO, relator; PLÍNIO DE LIMA, ZOROASTRO ARTIAGA e JOÃO BATISTA PEREIRA FILHO. Comissão de Geografia Humana — HELOÍSA ALBERTO TÔRRES, presidente; LAURO MONTENEGRO, relator; AGNELO BITTENCOURT, LUIZ CÂMARA CASCUDO e CÍCERO DE MORAIS.

Campanha das coordenadas geográficas Prosseguiu com a melhor regularidade, em 1941, a campanha que o Conselho iniciara em fins de 1939, visando a determinação das coordenadas geográficas das sedes municipais. Êsse empreendimento, que constitue contribuição apreciável para o preparo da nova edição da carta do Brasil ao milionésimo, vem sendo executado sob a direção técnica dos engenheiros que os governos regionais puseram à disposição do Conselho e que, nessas condições, se especializaram no curso prévio ministrado na capital do país pelo Professor ALÍRIO DE MATOS.

No decorrer de 1941, foram obtidas as coordenadas de cento e quarenta e nove localidades, situadas em quatorze Unidades Políticas.

Tendo em vista a importância de que a campanha se reveste para a geografia nacional, e considerando que a sua realização está condicionada, presentemente, ao plano geral da carta do Brasil e aos recursos que constituem o fundo especial destinado à atualização da mesma carta, — a Assembléia Geral do Conselho baixou, em Julho de 1941, uma Resolução, na qual foram fixadas providências de grande alcance e oportunidade, dentre as quais se destaca a que conferiu caráter permanente ao serviço de levantamento das coordenadas.

Para êste fim, serão previstas verbas próprias, anualmente, no orçamento do Conselho, as quais irão sendo incorporadas ao fundo especial já constituído com aquele objetivo.

No plano da campanha permanente será considerada a constituição de um quadro de engenheiros a serviço exclusivo do Conselho, convenientemente equipados, conforme a experiência colhida nos trabalhos até agora realizados vier a recomendar.

Aos Diretórios Regionais foram cometidos os seguintes encargos, de acôrdo com o novo plano estabelecido: a) *contribuir para que, da melhor maneira* possível, se processem os entendimentos entre a repartição central do Conselho e a administração regional respectiva, visando ao desenvolvimento da campanha; b) facilitar, quanto possível, o desempenho da sua missão técnica, não só junto às repartições regionais, como também, junto às Prefeituras e às emprêsas particulares cuja colaboração possa ser útil; c) fiscalizar a conservação dos marcos colocados nos pontos cujas coordenadas tenham sido levantadas, através de informações dos Diretórios Municipais respectivos e por meio de inspeção direta levada a efeito por elementos próprios ou da administração regional.

Assim se distribuem, segundo as Unidades Políticas, as cento e quarenta e nove coordenadas geográficas levantadas em 1941:

Baía, 24; Mato Grosso, 21; Piauí, 20; Santa Catarina, 14; Paraná, 13; Pernambuco, 13; Espírito Santo, 9; Pará, 9; Goiaz, 8; Sergipe, 6; Minas Gerais, 5; Rio Grande do Sul, 3; Território do Acre, 3; Rio de Janeiro, 1.

Em sua Resolução n.º 80, de Julho de 1941, a Assembléia Geral do Conselho dispôs sôbre a publicação de um catálogo de coordenadas selecionadas.

Expedição científica a Mato Grosso Fiel ao propósito de assegurar inteira colaboração a tôdas as iniciativas de caráter geográfico levadas a efeito no país, o Conselho prestou o seu concurso à expedição científica ao Estado de Mato Grosso, promovida pela Divisão de Geologia e Mineralogia do Ministério da Agricultura, o que fez através de medidas tanto de caráter administrativo, como de ordem técnica.

A expedição foi chefiada pelo próprio diretor da Divisão, Engenheiro ANÍBAL ALVES BASTOS, e dela participaram geólogos, paleontólogos, topógrafos e cinematografistas.

O Conselho fez incorporar aos expedicionários o engenheiro-astrônomo da campanha das coordenadas, Sr. DALMÍ RODRIGUES DE SOUSA, que, desenvolvendo uma atividade digna de registro, executou em todo o percurso nada menos de 21 levantamentos.

Durante os trabalhos da expedição, nos quais se obtiveram os melhores resultados práticos e científicos para as especialidades nela representadas, foram percorridos exatamente 12 868 quilômetros, dos quais 4 993 por via terrestre, 1 375 por via fluvial e 6 500 por via aérea.

Levantamentos altimétricos No Estado de Minas Gerais, está o Conselho realizando reconhecimentos topográficos e paisagísticos de grande interêsse. Executa êsses trabalhos altimétricos o topógrafo AFONSO GUAÍRA HEBERLE, do Departamento de Estatística do Estado, pôsto à disposição do Conselho para aquele fim.

Sob a orientação do diretor do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, com a assistência da comissão de redação da REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, estão sendo estudadas cuidadosamente determinadas unidades orográficas de Minas Gerais, resultando dêsses estudos, além de minuciosos textos, numerosas plantas topográficas e expressivos desenhos paisagísticos.

Êsse serviço foi iniciado em fins de 1941, tendo sido realizados os estudos da Serra do Curral, no município de Belo Horizonte, e do relêvo da região entre Ouro Preto e Passagem de Mariana, onde existiam interessantes "Cañions" e lapas.

Curso de cartografia A exemplo do que se verifica em outros setores do sistema do Instituto, ao Conselho também não poderia passar despercebida a necessidade de cuidar, com o melhor interêsse, da perfeita formação de profissionais especializados. Nos meios técnicos do país, comumente se fazem sentir os efeitos de lamentável lacuna, qual seja a falta de escolas ou cursos destinados ao preparo de cartógrafos. Nas repartições são recrutados, via de regra, para as atividades cartográficas, desenhistas-cartógrafos ou principiantes que a pouco e pouco se aperfeiçoam sob a orientação de outros mais experimentados, ou técnicos, a bem dizer, formados à custa dos próprios esforços.

Daí adveem consequências bem pouco satisfatórias para os trabalhos executados: variam os traços, diferem os tipos de letras, os arranjos das cartas são variados, os coloridos os mais diversos, não há, enfim, a menor uniformidade.

Reveste-se, pois, de evidente oportunidade a iniciativa da Assembléia Geral do Conselho, consubstanciada na Resolução n.º 92, de 23 de Julho de 1941, no sentido da realização do curso de cartografia, destinado aos técnicos federais e regionais, afim de que se aperfeiçoem na especialidade.

Foi escolhido para dirigir o curso o Professor RUDOLF LANGER, chefe da cartografia do Serviço Geográfico do Exército e profissional de reconhecida autoridade no assunto, cujo concurso constitue plena garantia de êxito para o empreendimento.

O General J. A. COELHO NETO, diretor do Serviço, consultado a respeito, deu plena aquiescência à solicitação do Instituto, oferecendo-se dêsse modo mais um ensêjo para afirmar-se a largueza de vistas com que vem aquele prestigioso órgão técnico militar assegurando a sua patriótica e valiosa colaboração aos trabalhos do Conselho.

O curso foi inaugurado no dia 16 de Dezembro de 1941 e funciona com regularidade, nele se achando inscritos os funcionários especializados do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, os quais constituem a sua primeira turma.

O programa é essencialmente prático e objetiva a formação individual; isto é, tem por fim transformar cada aluno julgado apto num desenhista-cartógrafo consumado.

Atualização da carta geral do Brasil Tôdas as providências veem sendo tomadas no sentido de assegurar perfeito êxito ao empreendimento fundamental do Conselho, na atual fase das suas atividades, ou seja a atualização da carta geral do Brasil, ao milionésimo.

Conforme foi acentuado no relatório precedente, a nova edição da carta constituirá um verdadeiro balanço das conquistas até agora realizadas no sentido de um melhor conhecimento do nosso meio físico, devendo apresentar, porisso mesmo, grandes melhoramentos, em confronto com a edição comemorativa do Centenário da Independência. Para isso muito contribuirão, além dos numerosos trabalhos geográficos, astronômicos, geodésicos e topográficos executados desde então pelos serviços especializados públicos e particulares, as campanhas que estão sendo levadas a efeito pelo Instituto, visando justa-

mente recolher contribuições para assegurar o quanto possível a perfeição do trabalho em andamento.

Constitue medida preliminar para o desenho das fôlhas da carta a coleta de dados cartográficos, afim de serem criticados e aprovados. Essa coleta foi intensa no decorrer de 1941, uma vez que, como é evidente, dela dependerá a maior ou menor riqueza de expressão das fôlhas da carta geral.

A seleção das coordenadas geográficas existentes, com exclusão daquelas levantadas na campanha do Conselho, exigiu a consulta exhaustiva de trinta e seis publicações sôbre coordenadas e determinou o exame, uma a uma, de 13 960 coordenadas, que, depois da crítica e apuração redundaram numa coletânea de 4 921 valores aproveitáveis.

A coleta de mapas exigiu os maiores esforços. No Distrito Federal, constituiu-se uma equipe de desenhistas, incumbidos de visitar as repartições federais e copiar os mapas julgados de interêsse, dos quais não se conseguissem exemplares impressos ou cópias por processo mecânico.

Assim, foram copiados sessenta e cinco peças da mapoteca do Itamaratí, cento e duas na Divisão de Geologia e Mineralogia do Ministério da Agricultura, e vinte e cinco no Departamento Nacional de Estradas de Ferro.

Nos Estados, coligiu-se também copiosa documentação cartográfica. Os órgãos geográficos estaduais teem fornecido numerosas cópias de mapas; os serviços do recenseamento, por outro lado, asseguraram valiosos subsídios, com as anotações feitas pelos seus agentes nos mapas municipais, que lhes serviram de roteiros. Vem sendo muito proveitosa, por outro lado, a iniciativa do Conselho, enviando aos Estados delegados técnicos, incumbidos de coletar elementos que completem a documentação já obtida.

Além das que são aquí referidas, várias outras providências de ordem técnica foram encaminhadas ou postas em práticas pela Comissão Executiva Central da Carta, constituída em Maio de 1939, e cujos trabalhos se veem desenvolvendo eficientemente, de acôrdo com o plano traçado às suas atividades e com os objetivos a que devem as mesmas atender.

Elaboração de mapas A repartição central do Conselho dispõe de duas secções técnicas de cartografia, que tiveram, no decorrer de 1941, produção apreciável, na elaboração de mapas.

Sem falar nos trabalhos de cópia ou redução, destinados ao preparo da carta geral, que se elevam a centenas, cumpre mencionar os seguintes, entre os quais se incluem os cartogramas e gráficos também executados:

I — Mapa da faixa de fronteira e respectivo quadro estatístico, com as áreas por circunscrições, das superfícies atingidas;

II — Mapa da divisão municipal do Brasil(numerado) e respectivos índices de "localização" e "identificação";

III — Mapa da densidade da população do Brasil, na escala de ..... 1:4 000 000, com os dados preliminares do Recenseamento de 1940;

IV — Segunda via do mapa da densidade da população (colorido);

V — Mapa da densidade da população do Brasil, na escala de 1:4 000 000, para impressão;

VI — Preparo do cartograma perspectivo do Distrito Federal, sob a direção do Professor RUELLAN;

VII — Cartogramas da divisão territorial, com a localização das respectivas sedes, das seguintes Unidades Federadas: Acre, Amazonas, Pará, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Baía, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso;

VIII — Divisão municipal do Brasil, na escala de 1:7 000 000;

IX — Quadro de união das fôlhas da carta do Brasil ao milionésimo e organograma dos trabalhos da mesma carta;

X — Confronto entre os mapas municipais e as leis de delimitação respectivas;

XI — Retificação das plantas das sedes municipais do Estado da Baía;

XII — Trabalhos gráficos para a REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA;

XIII — Mapa do Brasil, em relêvo, na escala de 1:4 000 000 (até o recorte de tôdas as curvas, inclusive);

XIV — Cálculo de "canevas" para mapas do Brasil nas escalas de ..... 1:2 000 000 e 1: 4: 000 000;

XV — Retificações no fundo da carta do Brasil na escala de 1:500 000 (rede hidrográfica, fronteiras e limites);

XVI — Início da colagem das composições tipográficas nos cartogramas estaduais da Divisão Territorial;

XVII — Trabalhos cartográficos diversos para atender à Secretaria Geral e a outras secções.

Documentação geográfica Tem merecido especiais cuidados da parte da direção central do Conselho a secção de documentação geográfica mantida no Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica e que, graças ao grande desenvolvimento que vem tendo, oferece, atualmente, subsídios de maior interêsse para o estudo de qualquer assunto ligado à geografia brasileira.

Tornam-se frequentes, porisso mesmo, as visitas de estudiosos a êsse importante setor do órgão executivo do Conselho, os quais nele encontram elementos informativos de grande utilidade e valor, classificados e arquivados segundo os melhores métodos de racionalização.

A biblioteca central já acusa um efetivo superior a 7 000 volumes, enquanto a mapoteca reúne 4 000 mil cartas. Sobem, por outro lado, a cêrca de 16 000 as fotografias arquivadas por municípios. Em fins de 1941, já ultrapassava de 75 000 o número de documentos sôbre geografia constantes do arquivo corográfico.

Em sua Resolução n.º 86, de Julho de 1941, a Assembléia Geral do Conselho encaminhou providências, no sentido de que sejam também organizados arquivos corográficos nas repartições regionais de geografia.

Revista Brasileira de Geografia Contando com a colaboração de ilustres geógrafos do país e do estrangeiro e divulgando estudos do maior interêsse para os meios técnicos especializados, continua a encontrar a melhor acolhida em todos os círculos, graças ao seu elevado padrão cultural, a REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, órgão do Conselho.

Em 1941, foram entregues à circulação, com a habitual regularidade, os quatro números trimestrais, totalizando cêrca de mil páginas e uma tiragem de, exatamente vinte e oito mil exemplares.

A REVISTA é dirigida pela própria Secretaria Geral do Conselho, constituindo a sua comissão de redação os Professores CARLOS MIGUEL DELGADO DE CARVALHO e SÍLVIO FRÓIS ABREU, Tenente-coronel JOSÉ DE LIMA FIGUEIREDO, Engenheiro JOSÉ CARLOS JUNQUEIRA SCHMIDT e Professora VANDA DE MATOS CARDOSO TOROK.

Dicionário geográfico brasileiro Continua em franco andamento o preparo do *Dicionário geográfico brasileiro,* para cuja elaboração foram fixadas as normas e o plano pela Resolução n.º 36, do Diretório Central do Conselho.

Nos têrmos dêsse plano, a publicação do dicionário será progressiva, parcelada e seriada, devendo a progressão corresponder ao aspecto mais ou menos profundo da pesquisa efetuada. Assim a publicação obedecerá à seguinte sequência.

I — o Vocabulário Geográfico Brasileiro, que apresentará apenas o nome geográfico, espécie e localização até município, característicos estes constantes do cabeçalho da ficha do dicionário;

II — o Dicionário Geográfico-indicativo Brasileiro, que apresentará também as principais indicações e características do verbete, cuja inserção deverá constar no corpo da ficha corresponde do dicionário;

III — o Dicionário Geográfico-Monográfico Brasileiro, que apresentará para cada verbete uma monografia tanto quanto possível completa, constando de texto circunstanciado, fotografias, mapas e demais documentos, os quais figurarão na pasta correspondente do arquivo corográfico, e cuja referência, mediante código, constará do cabeçalho da ficha correspondente do dicionário. O parcelamento permitirá a publicação do dicionário por partes, sempre que se ultimar a pesquisa — em qualquer dos três graus — sôbre os verbetes de uma determinada espécie geográfica, relativos ao Brasil, a um Estado ou a um município (Exemplos de publicações parceladas do dicionário: vocabulário dos picos do Brasil; dicionário indicativo dos municípios de São Paulo; Bandeira, pico monografia do Dicionário Geográfico).

Em 1941, duas novas contribuições se registraram, para o êxito dêsse importante empreendimento do Conselho, com a elaboração dos vocabulários geográficos dos Estados do Paraná e do Rio de Janeiro, compreendendo, respectivamente, 5 796 e 4 305 verbetes.

Enquanto no ano anterior haviam ficado concluídos os vocabulários das cidades e vilas do Brasil e do Rio Grande do Sul, achava-se em fase bastante adiantada, em fins de 1941, o preparo do de Goiaz. Essas cinco contribuições para o plano geral da obra empreendida totalizarão cêrca de 26 000 verbetes.

Paralelamente à elaboração do dicionário, prosseguem os trabalhos de coligenda das efemérides geográficas do país, em cujo preparo vem tendo o Conselho o maior empenho.

Nomenclatura das estações ferroviárias O decreto-lei n.º 3 599, de 6 de Setembro de 1941, conferiu ao Conselho várias atribuições, visando assegurar a necessária

sistematização à nomenclatura das estações ferroviárias do país. Em virtude dêsse decreto, as estradas de ferro estão obrigadas a apresentar, até o dia 10 de Dezembro às autoridades federais ou estaduais a que estejam subordinadas, a relação nominal das suas estações, com a indicação, para cada uma, da posição quilométrica, altitude, data de inauguração e localização geográfica. Esta última será feita com a indicação do município e distrito em cujo âmbito territorial se achar a estação, bem como se for o caso, do povoado ou bairro onde estiver ela situada.

As relações serão submetidas ao exame de comissões estaduais, que proporão as alterações necessárias ao prevalecimento das normas fixadas no mesmo decreto-lei e encaminharão os resultados dos seus estudos ao Conselho. A êste incumbirá a remessa às autoridades competentes, dentro de três meses, contados do recebimento dos trabalhos estaduais, dos quadros aprovados em Resolução especial para a nomenclatura das estações ferroviárias do país.

Na revisão a que procederá o Conselho, serão observadas as seguintes normas: a) as estações receberão os nomes das cidades, vilas ou povoados em que estiverem localizadas; b) deverá ser evitada a duplicidade de nomes de estações em todo o país, facultando-se para isso a mudança dos nomes das estações situadas em povoados; c) as estações não poderão ter nomes iguais ou semelhantes aos de localidades delas afastadas; d) quando em uma cidade ou vila houver várias estações, uma delas tomará o nome da localidade, e as demais os nomes dos bairros em que se acharem localizadas; e) as estações situadas fora de cidades, vilas ou povoados deverão receber nomes com que, posteriormente se designarão os núcleos que em tôrno delas se vierem a formar; f) as estações iniciais situadas nas capitais do país e dos Estados estão sujeitas apenas às prescrições do item b); g) as estações de entroncamento de linhas terão um nome comum, mesmo que se trate de estradas diferentes.

No caso de mudança de nome de estação, quando o novo nome puder ser escolhido, deverão ser observadas as seguintes condições: o nome não será longo, nem formado de palavra composta; não será pessoal, sendo taxativamente proíbido o nome de pessoa viva ou de estrangeiro; não será igual ao de estação ou localidade existente.

Fixadas essas normas, serão comunicadas, obrigatoriamente, ao Conselho tôdas as alterações ou acréscimos em nomenclatura de estações ferroviárias.

O decreto estabeleceu, ainda, que nas instruções destinadas a regular a revisão do quadro territorial do país, em 1943, seja prevista pelo Conselho a eliminação de nomes iguais de cidades e vilas.

A duplicata dos nomes de povoados e demais localidades será eliminada mediante leis regionais, de acôrdo com os estudos e entendimentos que o Conselho promoverá. Em a nova nomenclatura de localidades, não será lícito o uso de nomes estrangeiros, nem de pessoas, bem como os longos ou formados de mais de uma palavra.

Divisão regional do Brasil — A Resolução n.º 75, da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Estatística, ao fixar disposições normativas para a apresentação tabular da estatística brasileira, estabeleceu o critério a ser adotado na regionalização dos respectivos dados, pelo agrupamento em cinco zonas geográficas das diversas Unidades Federadas. Com evidente prejuízo para os interêsses da administração, em geral, e da estatística, em particular, vinham prevalecendo, porém, entre os órgãos técnicos e administrativos do país, critérios os mais divergentes, quanto à nossa divisão regional, impondo-se, porisso mesmo, a necessidade de uma uniformização que prevenisse as graves confusões verificadas, em virtude da multiplicidade das divisões ocorrentes.

O assunto foi amplamente estudado, quer nos fundamentos teóricos, quer do ponto de vista prático, no parecer apresentado a respeito pelo chefe da Secção de Estudos Geográficos do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, Engenheiro FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES. Em seu trabalho, êsse especialista examinou, à base de completa documentação, os diversos critérios prevalecentes, e fixou aquele que mais corresponde aos fatos da nossa geografia física, demonstrando, ainda, a conveniência em que fôsse devidamente revisto, nos têrmos das conclusões oferecidas pelos órgãos regionais do Instituto, o critério previsto na citada Resolução n.º 75 e adotado nas publicações estatísticas, relativamente à divisão das mesmas Unidades Federadas segundo as respectivas zonas fisiográficas.

Em Resolução n.º 108, de 21 de Março de 1941, a Junta Executiva Central do Conselho Nacional de Estatística louvou êsse parecer e dirigiu encarecido apêlo ao Conselho Nacional de Geografia, no sentido de que, pelos órgãos dos seus Diretórios Regionais, em cooperação com as Juntas Regionais do Conselho de Estatística, promovesse o estudo da divisão das Unidades Federadas, de modo que sôbre o assunto pudessem de-

liberar, solidariamente, quando da sessão de suas Assembléias Gerais, os dois Conselhos dirigentes do Instituto. Seria assentado então, em novas Resoluções, o critério a prevalecer não somente quanto à divisão do país pelo agrupamento das suas Unidades Políticas em grandes regiões fisiográficas, senão também no que respeita ao zoneamento de cada Unidade, segundo as peculiaridades geográficas dos seus diversos municípios.

Assim é que pela Resolução n.º 72, de sua Assembléia Geral, o Conselho Nacional de Geografia fixou o quadro de divisão regional do Brasil, para fins práticos, baseando-se, a êsse respeito, nas seguintes normas gerais: a) agrupamento de unidades federativas realmente ligadas por ocorrências geográficas dominantes e características, e que apresentem aspectos comuns formadores de conjuntos peculiares; b) indivisibilidade de qualquer unidade componente, de maneira que seja localizada na região em que apareça preponderantemente; c) fixação de um número reduzido de regiões para se efetuar a divisão.

Em decorrência dêsse critério normativo, foi estabelecido o seguinte quadro de divisão regional do Brasil:

1.ª — Região Norte, com o Território do Acre e os Estados do Amazonas e Pará;

2.ª — Região Nordeste, compreendendo duas partes: o Nordeste Ocidental, com os Estados do Maranhão e Piauí; e o Nordeste Oriental, com os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas;

3.ª Região Leste, compreendendo duas partes: o Leste Setentrional, com os Estados de Sergipe e Baía e o Leste Meridional, com os Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e o Distrito Federal;

4.ª — Região Sul, com os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul;

5.ª — Região Centro-Oeste, com os Estados de Goiaz e Mato Grosso.

Para o estabelecimento da divisão regional das Unidades Federadas, dentro do critério geral de ter fundamento científico-geográfico e atender às conveniências práticas, foram fixadas na Resolução n.º 77, também da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, as normas seguintes: a) agrupamento de municípios realmente ligados por ocorrências geográficas dominantes e características, e que apresentem aspectos comuns formando conjuntos peculiares; b) caracterização baseada principalmente nos fatos da geografia física (geologia, relêvo, clima e vegetação natural) e secundariamente nos fatos da geografia humana (produção, comunicações, densidade demográfica, formação histórica, etc.); c) indivisibilidade de qualquer município, localizando-o na zona em que predominante e mais caracteristicamente apareça; d) fixação, para a divisão, de um número reduzido de zonas, porém sem que disso decorra um número excessivamente grande de municípios em uma mesma zona; e) respeito ao princípio da continuidade territorial para as zonas pertencentes a Unidades Federadas vizinhas e que apresentem as mesmas características, de modo a formarem sub-regiões abrangendo trechos de mais de uma Unidade.

Como base dos estudos a serem realizados pelos órgãos competentes dos dois Conselhos integrantes do Instituto, foi apresentada a divisão regional das Unidades Federadas, em quadros anexos à Resolução, reservando-se aos Diretórios Regionais de Geografia, em colaboração com as Juntas Executivas Regionais de Estatística, o encargo de examinar êsses quadros e enviar os resultados de seus estudos à Secretaria Geral do C.N.G., até 1.º de Outubro, propondo justificadamente as modificações que julgarem necessárias, dentro dos princípios e normas fixados.

A repartição central do Conselho continuaria, por seu turno, a realizar estudos sôbre o assunto, sempre em comunicação com os órgãos regionais do Conselho, e coordenaria as sugestões que êsses enviassem de modo a apresentar o projeto definitivo até 15 de Novembro.

Tomando conhecimento dessas deliberações, a Assembléia Geral do Conselho Nacional de Estatística aprovou a Resolução n.º 225, em virtude da qual ficou adotado na estatística brasileira, para prevalecer a partir de 1.º de Janeiro de 1942, o novo quadro de divisão regional do país, fixado pelo Conselho Nacional de Geografia na Resolução n.º 72.

O C.N.E. aplaudiu, ainda, as normas estabelecidas na Resolução n.º 77, para a divisão regional das Unidades Federadas, segundo as particularidades geográficas dos seus diversos municípios, e recomendou aos vários órgãos regionais do sistema sob sua jurisdição que, solidariamente com os órgãos da ala geográfica, promovessem os estudos e providências necessárias à integral execução do que dispôs a respeito o Conselho Nacional de Geografia.

Por determinação da Presidência da República, foi generalizado na administração do país o critério fixado pelos dois Conselhos do Instituto, quanto à divisão regional do Brasil. Em fins de 1941, ainda prosseguiam, porém, os

estudos para a fixação das zonas fisiográficas das diversas Unidades Políticas, aos quais veem dando valioso concurso os órgãos regionais do Conselho.

Mapa do Brasil para as escolas Em comemoração ao Recenseamento Geral de 1940 o Instituto fez imprimir, numa tiragem de 150 000 exemplares, para larga distribuição a tôdas as escolas primárias do país e estabelecimentos de ensino secundário, o primeiro dos mapas elaborado pelo Conselho, de acôrdo com a série prevista, visando suprir as deficiências via de regra verificadas nas escolas brasileiras, quanto a material para o ensino da geografia.

O mapa geral editado pelo Instituto não teve caráter rigorosamente didático, mas sim esquemático-informativo, destinando-se, antes de tudo, a suprir a falta que se observa em vários pontos do interior, quanto à existência de cartas do território nacional que satisfaçam determinados requisitos técnicos.

Para a distribuição dos mapas às escolas, nas diversas Unidades Federadas, o que ficou a cargo dos Departamentos de Educação, a presidência do Instituto entrou em entendimento com os respectivos governos, tendo a iniciativa encontrado a melhor acolhida em todo o país.

Concurso de monografias municipais Dentre as mais importantes iniciativas levadas a efeito pelo Conselho, visando assegurar um melhor conhecimento das nossas realidades geográficas, cumpre destacar a instituição, em Julho de 1941, de um concurso anual de monografias sôbre aspectos municipais.

O certame foi lançado, de logo, em todo o país, num ambiente de vivo interêsse, exprimindo a penetração do empreendimento nos diversos municípios brasileiros o vultoso número de informações transmitidas ao Conselho, quanto aos trabalhos até agora recebidos pelos respectivos Diretórios de Geografia, em todo o país.

A apresentação de monografias, que poderá ser feita até Março de 1942, está sujeita, entre outras, às seguintes condições, segundo o plano estabelecido para o ano de lançamento do concurso:

I — A monografia ou estudo poderá tratar de qualquer assunto da geografia municipal: a) assunto geral compreendendo o território do município, no seu todo, como, por exemplo, os limites, o relêvo, a vegetação, os rios, as lagoas, as estradas, as culturas agrícolas, as fábricas, etc.; b) estudo que abranja apenas determinada região, como, por exemplo, uma questão de limites com município fronteiriço, a zona montanhosa ou a planície, a ocorrência de florestas ou de campos, um distrito, a cultura de determinado produto, um vale, o desenvolvimento e características de uma estrada, etc.; c) estudo de determinado acidente geográfico, como, por exemplo, um pico, uma cachoeira, a cidade, uma vila, ou um povoado, uma lagoa, um rio, um estabelecimento rural importante, etc..

II — A monografia ou estudo deverá ter cunho geográfico, ocupando-se exclusivamente da documentação, da descrição ou das considerações de ordem geográfica sôbre o assunto territorial focalizado. Não deverão ser incluídas considerações históricas ou filosóficas e referências pessoais ou de outra ordem, que não dêem sentido geográfico à explanação do assunto da monografia, a qual deverá tratar, diretamente, sem rodeios, do tema escolhido.

III — A monografia, sempre que possível, será acompanhada de ilustrações, fotografias, mapas ou desenhos.

IV — O autor apresentará três exemplares da monografia, que se destinarão, respectivamente, ao Diretório Municipal de Geografia, Diretório Regional de Geografia na capital do Estado e Secretaria do Conselho no Rio de Janeiro.

Serão conferidos, em 1942, trezentos e oitenta e um prêmios aos autores das monografias classificadas nos primeiros lugares.

Congressos brasileiros de geografia As novas condições em que se desenvolvem, no país, os estudos de natureza geográfica, mercê da atuação renovadora do Conselho, bem se refletem no ambiente criado ao prosseguimento da série de congressos brasileiros de geografia, que se encontrava interrompida desde 1926 e foi reiniciada com o maior brilho ao realizar-se em Florianópolis no mês de Setembro de 1940, a nona daquelas importantes reuniões culturais.

Na Resolução em que deliberou assegurar todo o concurso à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, afim de que pudesse esta entidade prosseguir na realização dos certames, de que foi a benemérita iniciadora, deliberou o Conselho passariam os mesmos a reu-

nir-se trienalmente, a partir do que se verificou na capital de Santa Catarina.

Assim, o Décimo Congresso de Geografia verificar-se-á em Setembro de 1943, na capital do Pará, achando-se em franco andamento os trabalhos de sua organização e aos quais o Conselho vem dando inteira cooperação, por todos os meios ao seu alcance.

A Comissão Organizadora Central do Congresso, colocada sob a presidência de honra do Chefe da Nação, acha-se assim constituída: Presidente, Ministro JOÃO SEVERIANO DA FONSECA HERMES JÚNIOR; Vice-Presidente, Professor FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA; Secretário Geral, Engenheiro CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO; 1.º Secretário, Dr. MURILO DE MIRANDA BASTO; 2.º Secretário, Professor GERALDO SAMPAIO DE SOUSA; Tesoureiro, Dr. CARLOS DOMINGUES; Vogais, General EMÍLIO FERNANDES SOUSA DOCA, Dr. M. A. TEIXEIRA DE FREITAS, Comandante ANTÔNIO ALVES CÂMARA JÚNIOR e Comandante ARÍ DOS SANTOS RANGEL.

Por outro lado, completando as providências ligadas ao patrocínio do congresso de Florianópolis, que constituiu, sob vários aspectos, um acontecimento do maior relêvo para a cultura geográfica do país, o Conselho continua a prestar o seu concurso à publicação dos respectivos anais, tendo sido lançado em 1941 o primeiro volume dos mesmos.

Diretórios Regionais e Municipais A exemplo do que se verifica na ala estatística do Instituto, incumbe ao Conselho congregar, em regime federativo, os serviços geográficos propriamente ditos ou os que, de alguma forma, concorram para o progresso da geografia e cartografia do país.

Assim, cumpre aos seus Diretórios Regionais, sediados nas capitais dos Estados e do Território do Acre, as funções deliberativas atribuídas às Juntas Regionais de Estatística, incumbindo-lhes, por conseguinte, coordenar as atividades geográficas exercidas no âmbito de sua jurisdição.

De modo geral, a atuação dos Diretórios vem sendo dedicada e proveitosa, possibilitando ao Conselho a obtenção, nos diversos Estados, de providências capazes de assegurar o êxito dos seus empreendimentos.

Merece referência, igualmente, o papel exercido pelos Diretórios Municipais, que, constituindo a infra-estrutura do sistema colocado sob a responsabilidade direta do Conselho, atuam como órgãos de natureza informativa. Nessas condições, cabe aos seus membros cooperar nas pesquisas e campanhas empreendidas, mediante o fornecimento de informações consideradas úteis acêrca da geografia local.

Serviços geográficos estaduais O Conselho vem dedicando particular atenção ao desenvolvimento e melhoria do aparelho geográfico do país, afim de que disponha o respectivo sistema de uma rede de órgãos executivos em condições de realizar, com a necessária eficiência, os trabalhos específicos que assegurem o perfeito conhecimento do território nacional.

Os resultados dos esforços empreendidos com êsse objetivo se veem desenvolvendo de ano para ano, embora em alguns Estados os serviços geográficos ainda não se apresentem autônomos; na maioria dos casos, dependem de outros órgãos já existentes, de preferência os serviços de terras, que, de alguma sorte, são também de natureza geográfica.

Em 1941, mereceram especiais cuidados os casos do Paraná, Baía, São Paulo e Rio Grande do Sul. No primeiro daqueles Estados, as negociações giraram em tôrno da ampliação do Departamento de Terras e sua transformação em Departamento de Geografia e Terras.

Em relação à Baía, o Secretário do Conselho teve oportunidade de tratar pessoalmente, quando de sua viagem àquele Estado, em princípios de 1941, da ampliação do respectivo Serviço Geográfico, em virtude da federalização dos serviços meteorológicos que lhe estavam afetos, tendo ficado assentado com o govêrno baiano que a providência se efetivaria logo que a União recolhesse o acervo e o pessoal do serviço meteorológico estadual.

Aliás, com a federalização dos serviços meteorológicos existentes na Baía, Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul, cogitou o Conselho de promover o aproveitamento das disponibilidades que se abriam com a transferência dos serviços para a União, em favor do melhoramento dos serviços geográficos; nesse sentido, em fins de 1941 prosseguiam os entendimentos com as altas autoridades de São Paulo e Rio Grande do Sul".

O INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA COMEMOROU SOLENEMENTE O SEXTO ANIVERSÁRIO DE SUA FUNDAÇÃO

SOLENIZADO, PELA PRIMEIRA VEZ, O "DIA DO ESTATÍSTICO"

O dia 29 de Maio findo assinalou o transcurso do sexto aniversário da instalação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A data foi solenemente comemorada, não somente nesta capital, onde estão sediados os órgãos centrais dos três colégios que formam o sistema estatístico-geográfico do país — Conselho Nacional de Estatística, Conselho Nacional de Geografia e Comissão Censitária Nacional — mas ainda em todos os Estados da Federação por onde se disseminam os seus órgãos regionais. Ao ensêjo da comemoração da maior data do I.B.G.E. foi também brilhantemente solenizado, pela primeira vez, o "Dia do Estatístico", que conferiu, dêsse modo, uma dupla significação à efeméride.

Antes da resenha das solenidades levadas a efeito em 29 de Maio, passamos a fazer uma sucinta exposição sôbre a criação do I.B.G.E. e a sua atuação.

A concretização da idéia da sua instalação nasceu nos primeiros meses, após a vitória do movimento revolucionário de 1930, com a elaboração de um projeto apresentado, então, a exame do govêrno federal, pelo Ministério da Educação, o qual tratava da criação do Instituto Nacional de Estatística e Cartografia. No ano de 1933, o Ministro da Agricultura, naquela época, Sr. JUAREZ TÁVORA, teve a iniciativa de convocar nesta capital, uma reunião de técnicos com representantes de cada um dos ministérios, a qual sob a presidência do Sr. LÉO DE AFONSECA e tendo como relator o Sr. M. A. TEIXEIRA DE FREITAS, realizou concretos estudos sôbre a deficiência da organização estatística então vigorante no Brasil, estudos êsses que serviram de base para um novo projeto onde não foram abandonados, em sua essência, os fundamentos apresentados pelo plano anterior.

Às vesperas do país retomar a normalidade constitucional, em 1934, foi baixado o decreto que criou o Instituto Nacional de Estatística, ficando, assim sacrificado o plano primitivo, na parte referente aos serviços geográficos. Instalado em 29 de Maio de 1936, no próprio Palácio do Catete, junto à Secretaria da Presidência da República, o

Grupo tomado após a realização da Missa de Ação de Graças, vendo-se o Padre HELDER CÂMARA *ladeado pelo Embaixador J. C. de* MACEDO SOARES, *presidente do I.B.G.E., diretores de serviços e demais funcionários.*

I.N.E. convocou imediatamente a Convenção Nacional de Estatística, pela qual se solidarizaram os poderes executivos da União e das Unidades Federadas, para o ordenamento e a planificação sistemática das estatísticas brasileiras, conferindo-se ao Instituto, por outro lado, a responsabilidade de delegatário dos governos, nos três setores de nossa organização política: o federal, o estadual e o municipal.

O êxito obtido, em curto prazo, pela nova organização, afastou dentro em pouco os obstáculos que se haviam oferecido à consecução do plano inicial do Instituto.

Criado em princípios de 1938 o Conselho Nacional de Geografia, ficava integrada a sua estrutura definitiva, constituída por duas grandes alas de serviços: a que acabava de ser colocada sob a responsabilidade do novo órgão e a que vinha tecnicamente orientada pelo Conselho Nacional de Estatística. Ao mesmo tempo, era mudada a sua denominação para Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ou seja êsse I.B.G.E. a cujo esfôrço renovador já se habituaram a fazer justiça todos quantos se deteem no exame das suas admiráveis realizações.

Em seis anos apenas de atuação, o Instituto transformou por completo o conceito da estatística brasileira dentro e fora do país, do que são provas os expressivos pronunciamentos que tiveram a seu respeito o Oitavo Congresso Científico Americano, reunido em Washington, e o Segundo Congresso Inter-Americano de Municípios, realizado no Chile, quando não a circunstância de haver sido conferida a um brasileiro a primeira presidência do recém-criado Instituto Inter-Americano de Estatística. Aí estão, por outro lado, o *Anuário Estatístico do Brasil* — um dos mais completos e perfeitos do mundo —, com as suas numerosas Sinopses Regionais e por assuntos e ainda outras em inglês e esperanto. No setor da geografia, cumpre não esquecer a campanha memorável em prol da sistematização da divisão territorial do país, que além de obedecer atualmente a critérios racionais e uniformes é baixada para vigência, sem modificações, pelo prazo mínimo de um quinquênio.

O Embaixador J. C. DE MACEDO SOARES, *acompanhado dos dirigentes, chefes de serviço e funcionários do I.B.G.E. em visita ao Serviço Nacional de Recenseamento.*

Merece referência, por fim, a realização do Recenseamento Geral de 1940, sob a responsabilidade direta do Instituto.

Ampliando cada vez mais a sua atuação técnica e cultural, o I.B.G.E. inicia o seu sétimo ano de atividade com o prestígio inteiramente consolidado em todo o país, como uma das nossas mais eficientes entidades administrativas. Os seus esforços se voltam, no momento, para um plano de trabalhos do mais relevante alcance nacional, em virtude das atribuições que lhe conferiu, recentemente, o decreto-lei 4 181 visando assegurar, como o exigem os

interessês da segurança do país, o mais elevado grau de eficiência, aos levantamentos estatísticos de caráter municipal. Nesse sentido foram celebrados Convênios nas diversas Unidades Federadas, em virtude dos quais será transferida ao Instituto a responsabilidade da manutenção dos serviços estatísticos dos municípios.

Aquelas cerimônias levadas a efeito no Distrito Federal, nos Estados, revestiram-se de caráter festivo.

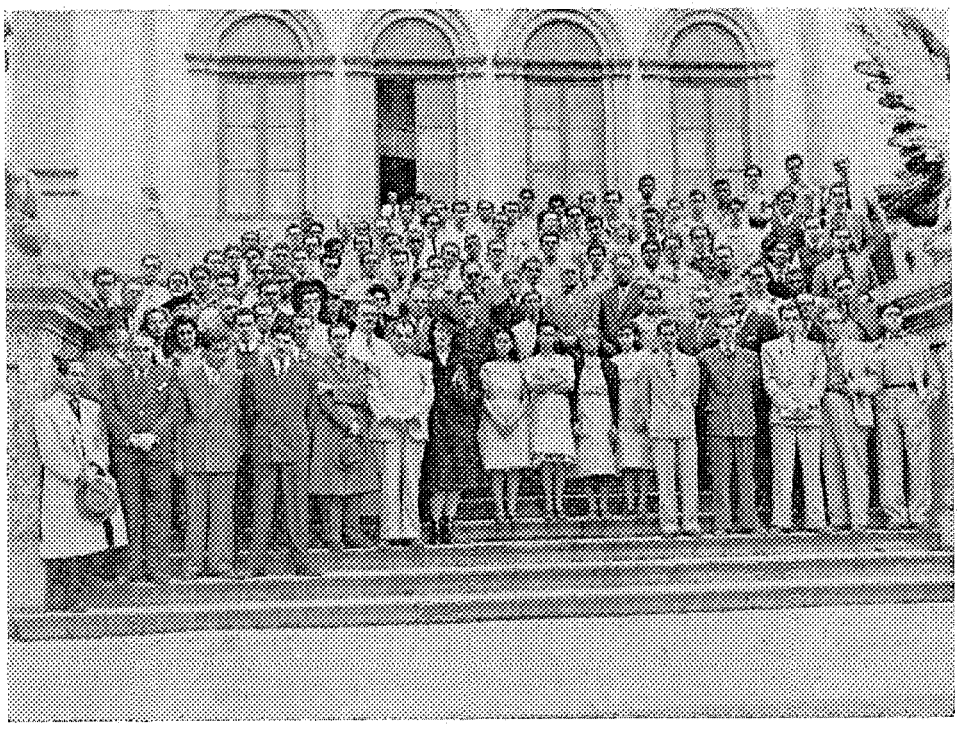
As comemorações nesta capital tiveram início com a celebração, naquele dia, às 8 horas, de uma missa de ação de graças, mandada oficiar pelos ibgeanos da Secção do Serviço Gráfico chefiada pelo Sr. RENATO AMERICANO. O Padre HELDER CÂMARA, que oficiou no ato, proferiu, após a cerimônia, substanciosa oração onde foi enaltecida a atuação cultural e técnica que o Instituto vem realizando.

Terminada essa cerimônia os membros dos três colégios dirigentes do I.B.G.E. e funcionários transportaram-se para a Avenida Pasteur onde fica situado o Serviço Nacional de Recenseamento, sendo alí recebidos pelo seu Diretor Geral, Professor JOSÉ CARNEIRO FILIPE, pelo Sr. RAFAEL XAVIER, diretor da Divisão Técnica e outros altos funcionários e chefes de serviços. Alí, foram percorridos demoradamente os vários setores de trabalho, havendo os visitantes acompanhado com interêsse as minuciosas fases das tarefas de crítica, codificação e apuração dos resultados do Recenseamento Geral de 1940.

A oportunidade valeu para que os visitantes pudessem verificar, de perto, a aceleração e o ritmo das tarefas censitárias que se processam sob um perfeito controle de produção. O grande número de questionários criticados, codificados ou apurados, oferece a idéia dos resultados, em pouco tempo, já obtidos, mediante o método racional adotado nas diversas fases de trabalho.

Aos visitantes foi, após, franqueado acesso às diversas secções, do Serviço Gráfico onde lhes foi dado conhecer o sistema de trabalho adotado alí. A impressão recolhida por tôdos foi excelente, dado o espírito de ordem e disciplina e o perfeito senso de organização existentes naquele importante departamento do I.B.G.E., dirigido pelo Sr. RENATO AMERICANO, que demonstrou possuir, além de qualidades marcantes de organizador, a de ser um técnico à altura do cargo, pois, a êle está confiada a direção de um dos mais completos e eficientes estabelecimentos gráficos do país.

Terminada a visita foi levada a efeito uma manifestação de aprêço e



Após a visita realizada nas oficinas do Serviço Gráfico do I.B.G.E., os dirigentes e funcionários do sistema estatístico-geográfico do país posam para a objetiva, em companhia do operariado.

simpatia ao Sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Presidente do Instituto, tendo interpretado o sentir do pessoal do Serviço Gráfico o Sr. Renato Americano que, num improviso rápido e oportuno, saudou o principal dirigente do I.B.G.E., pondo em relêvo as suas qualidades marcantes de chefe e de homem público.

Após a visita, foi oferecido um *lunch* aos presentes, no Serviço de Subsistência do Serviço Nacional de Recenseamento.

Aos gráficos ibgeanos, foi proporcionado, a seguir, um passeio coletivo ao morro da Urca e ao alto do Pão de Açúcar, transcorrendo essa excursão num ambiente da mais sadia fraternidade.

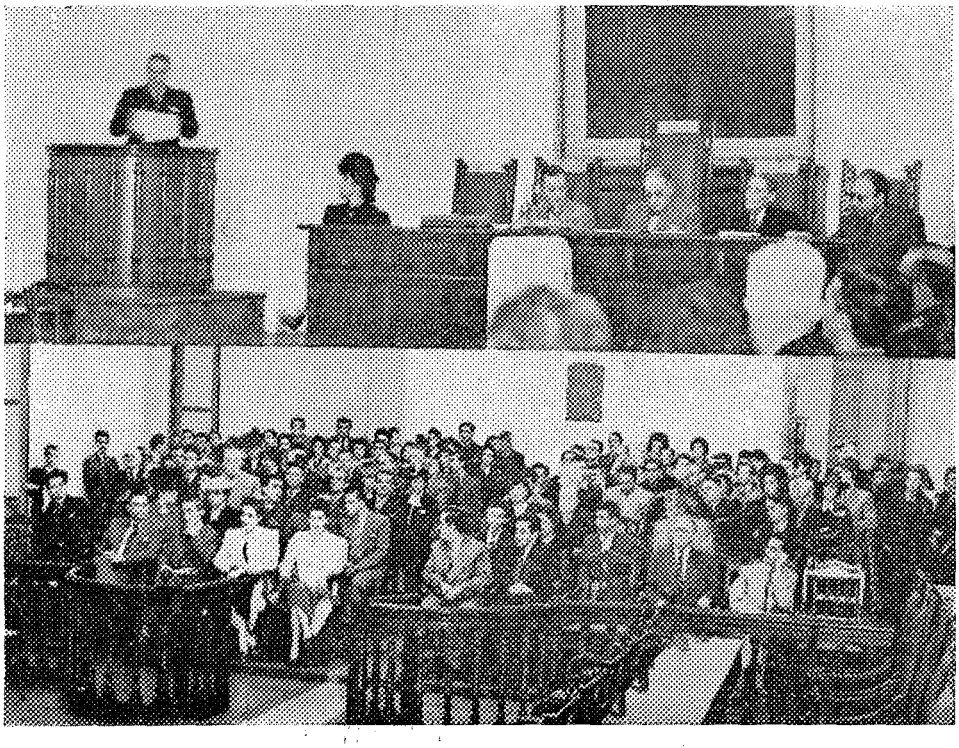
Na Sessão da Junta Central do Conselho Nacional de Estatística, realizada à tarde sob a presidência do Embaixador José Carlos de Macedo Soares, coube ao Sr. João de Lourenço, diretor do Serviço de Estatística Econômica e Financeira, do Ministério da Fazenda, proferir brilhante oração alusiva à data. O orador, depois de aludir à obra que o Instituto vem realizando, propôs, com unânime aprovação, votos congratulatórios com o Sr. Presidente Getúlio Vargas, Embaixador José Carlos de Macedo Soares e Sr. M. A. Teixeira de Freitas. Na mesma ocasião foi solenemente assinado o têrmo de filiação ao Instituto do Departamento de Estatística do Lóide Brasileiro, tendo sido esta emprêsa representada no ato pelo Sr. Amaro Soares de Andrade, diretor daquele Departamento. Foi baixado, também, pela Junta, o regimento da Secretaria Geral do I.B.G.E..

Por essa ocasião, foram lidas duas mensagens dirigidas pelos funcionários da mesma Secretaria ao presidente e secretário geral do Instituto, Srs. Embaixador José Carlos de Macedo Soares e M. A. Teixeira de Freitas, havendo êste último proferido breves palavras de agradecimento.

Às 17 horas, verificou-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no edifício do Silogeu, uma sessão comemorativa da Sociedade Brasileira de Estatística. O primeiro orador da tarde foi o Sr. Alexander de Morais, alto funcionário do Serviço de Estatística Econômica e Financeira, que proferiu brilhante oração sôbre o alto significado do "Dia do Estatístico", como instrumento de inter-vinculação espiritual da grande comunidade estatística do país, em proveito do desenvolvimento de seu espírito profissional. O Sr. Benedito Silva, diretor da divisão da Receita da Comissão de Orçamento e secretário geral da Sociedade, leu substancioso estudo sôbre os métodos de estimativas das receitas públicas, o qual despertou

Na sessão realizada pela Comissão Censitária Nacional no "Dia do Estatístico", o Sr. Teixeira de Freitas, *secretário geral do I.B.G.E. ao abordar problemas da estatística brasileira.*

Outro aspecto da sessão realizada na Comissão Censitária Nacional, sob a presidência do Embaixador J. C. DE MACEDO SOARES.



Aspectos das solenidades levadas a efeito no "Dia do Estatístico". Ao alto vê-se o Sr. ALEXANDER DE MORAIS, *pronunciando a oração oficial alusiva à data e a mesa que presidiu a sessão solene, realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O* cliché *do plano inferior mostra um aspecto da assistência da memorável sessão*

o maior interêsse da parte da grande assistência.

De tôdas as comemorações verificadas nesta capital participaram não apenas os membros dos dois Conselhos, diretores do Instituto, mas também numerosos funcionários das repartições de estatística, famílias e outras pessoas gradas.

Na reunião da Junta Central de Estatística, o Major IRACÍ FERREIRA DE CASTRO propôs um voto de congratulações pelo que a "arma nova do Brasil" — a aeronáutica — acabava de conquistar no seu combate à ação dos submarinos alemães em águas brasileiras.

A proposta foi aprovada sob uma vibrante salva de palmas. Discursou, em agradecimento, o Coronel LÍSIAS RODRIGUES, representante do Ministério da Aeronáutica junto ao Conselho Nacional de Geografia.

Dos Estados e do Território do Acre foram recebidos telegramas e mensagens que bem evidenciam o brilho com que foi comemorado, em todo o Brasil, o sexto aniversário do I.B.G.E..

O Instituto dirigiu, naquela data, uma mensagem congratulatória ao Sr. Presidente GETÚLIO VARGAS, exprimindo a S. Ex. as homenagens da comunidade estatística nacional. Ao Chefe do Govêrno foram encaminhados, ainda além do relatório das atividades do sistema estatístico - geográfico - censitário do país, no decorrer de 1941, três documentos dessas mesmas atividades: um fichário, de fácil consulta, contendo os últimos resultados dos levantamentos estatísticos a cargo do Instituto; as quatro primeiras fôlhas da nova carta do Brasil, ora em execução pelo Conselho Nacional de Geografia, como contribuição do nosso país à carta do mundo; e, finalmente, um exemplar da publicação especial em que se condensam os primeiros resultados demográficos do Recenseamento Geral de 1940 segundo as Unidades da Federação e os respectivos municípios.

Está concebida nos seguintes têrmos a mensagem acima referida:

"A Presidência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e os seus Colégios dirigentes — o Conselho Nacional de Estatística, o Conselho Nacional de Geografia e a Comissão Censitária Nacional —, ao celebrar esta entidade o transcurso do sexto aniversário da sua instalação, teem a honra e o júbilo de vir trazer a Vossa Excelência algumas palavras gratulatórias, acompanhadas de um breve comunicado referente à situação atual das atividades por que respondem.

E a êste ensêjo, querem também pedir permissão para deixar entre as mãos do benemérito organizador dos serviços geográfico-estatísticos brasileiros, alguns expressivos testemunhos dos admiráveis resultados das reformas que Vossa Excelência delineou, e com inflexível firmeza de propósitos fez executar.

Antes de tudo, damos graças a Deus, e congratulamo-nos com a Nação, por ver Vossa Excelência tão prontamente restabelecido do grave acidente que, pondo em risco sua preciosa existência, sobressaltou todos os brasileiros, atingidos nos seus sentimentos afetivos para com Vossa Excelência e na tranquilidade com que vinham enfrentando esta hora trágica do mundo, confiantes na sabedoria e na conduta intemerata do Chefe que a Pátria soube escolher, em hora feliz, e a Providência divina tem visivelmente conduzido.

E a Vossa Excelência, Senhor Presidente, cumprimos o dever de manifestar, mais uma vez, o nosso profundo reconhecimento cívico pela sua constante vigilância e carinhosa assistência, no sentido de prestigiar os esforços que, no seio desta instituição, veem empregando os milhares de cooperadores dos serviços geográficos e estatísticos brasileiros, no intuito de oferecer à direção dos negócios públicos uma documentação minuciosa e fidedigna sôbre as realidades nacionais.

*

As informações que deliberamos trazer hoje a Vossa Excelência, estas serão muito breves, pois o último relatório desta Presidência, ora encaminhado à sua superior apreciação, e as repetidas comunicações especiais que tenho tido a honra de trazer ao Chefe do Govêrno, já esclareceram a situação geral do Instituto e, em particular, a de cada um dos seus setores de trabalho, até 31 de Dezembro do ano findo.

Por êsses documentos teve Vossa Excelência oportunidade de verificar o quanto progrediu o país, ao influxo da acertada orientação a que obedecem suas pesquisas estatísticas e geográficas, no que se refere ao conhecimento exato do seu meio físico e das condições econômicas, sociais, culturais e políticas em que se desenvolvem e se solidarizam cada vez mais, enriquecendo-se de novas virtualidades, os esforços e empreendimentos que condicionam o progresso da República.

Tão longe estávamos do que imperiosamente se fazia preciso estruturar e pôr em obra, e tão desnorteantes eram os obstáculos a que se conseguisse algo de eficaz e duradouro nesse terreno, que ainda nos sentimos — é verdade — bem distanciados do mínimo de organização de que carecíamos, sem embargo dos esforços multiplicados, contínuos e, mesmo, violentos, que vimos realizando. E êsse sentimento é mais vivo, e nos dá uma conciência mais clara do que urge conseguir, em virtude, principalmente, da atual situação do mundo, que nos exige realizações em tudo condicionadas pelas informações estatístico-geográficas, só em parte conseguidas no país. Além do mais, a possibilidade de utilizar um vasto cabedal de elementos dessa natureza, demonstra-nos a cada passo o muito que poderíamos fazer — ou ter feito — se mais cedo houvéssemos adotado o itinerário que Vossa Excelência fixou, com admirável intuição das necessidades do Estado Brasileiro, ao reestruturar os serviços estatísticos e geográficos dentro de um pensamento, que é não só de unidade e cooperação nacional, senão também de eficiência técnica, modernidade e racionalização.

Graças a êsses esforços, que Vossa Excelência vem acompanhado de perto, amparando-os e estimulando-os constantemente, está terminada, com o melhor êxito possível, a grande pesquisa censitária de 1940 — uma das mais extensas e profundas já realizadas neste continente.

Porque êsse apoio não nos faltou, o conhecimento geográfico do território, nas suas características e no seu parcelamento, está obtido nos seus elementos essenciais, e já se vai traduzindo na sistematização das cartas municipais e regionais, enquanto paralelamente se executa a coordenação geral dos dados na grande carta do Brasil, desenhada na escala de um por quinhentos mil, e preparatória da que, ao milionésimo, representará a nova contribuição do país para a cartografia do mundo.

E por isso que se verificou essa atuação diuturna do Chefe do Govêrno, no sentido de desenvolver e melhorar, como um empreendimento nacional, o aparelho preposto às indagações estatísticas, é que a Nação Brasileira conseguiu regularizar a publicação do seu *Anuário Estatístico*, fazendo nele figurar a mensuração — ainda que superficial, por ora, nalguns setores — de quase todos os aspectos da vida do país, alguns dos quais até agora rebeldes a qualquer esfôrço de pesquisa e quantificação.

Mas se não é mister pormenorizar aquí essa obra, que Vossa Excelência conhece em todo o seu desenvolvimento, e que está prosseguindo com perfeita normalidade no ano em curso, seja-nos permitido recordar uma iniciativa e três ocorrências dêste ano, que bem exprimem o alcance político e social das atividades do I.B.G.E., bem assim o vigor das medidas mandadas executar por Vossa Excelência tendo em vista assegurar resultados satisfatórios aos nossos levantamentos estatísticos e geográficos.

A iniciativa marcante, de caráter a um só tempo social e político, em que se empenhou o Instituto, pelos esforços conjugados das suas três alas, consistiu no preparo, com a colaboração da Associação Brasileira de Educação e de várias outras entidades culturais, da II Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística, anexa ao VIII Congresso Brasileiro de Educação, convocado por aquele sodalício para realizar-se em Goiânia, a nova capital de Goiaz, como moldura cultural do memorável acontecimento que será a inauguração oficial, a 5 de Julho, daquela metrópole do Brasil Central. Êsses certames, e ainda a realização, na mesma cidade, da sessão anual dos Conselho de Geografia e de Estatística, a par dos festejos cívicos e artísticos preparados pelo govêrno do Estado, da Semana Ruralista e da Exposição Agro-Pecuária, que completarão o programa a que se chamou, de maneira feliz, o "Batismo Cultural" de Goiânia, constituem, em si mesmos, uma bela realização, consagrando um empreendimento deveras auspicioso — a construção de mais uma cidade progressista em pleno coração do Brasil.

Mas o acontecimento transcende do seu significado literal. Em face da política previdente cujo sentido Vossa Excelência traçou na frase — "Marcha para o Oeste" — , a inauguração de Goiânia vem constituir, em verdade, a primeira e vitoriosa etapa da nova arrancada bandeirante a que o Estado Novo convoca tôdas as energias nacionais: o avanço impetuoso da civilização Brasil a dentro, num vigoroso e sadio espírito imperialista e colonizador intra-fronteiras, dando ao país, afinal, a posse integral do patrimônio magnífico que lhe está nas mãos e, com isto, a segurança definitiva dos seus grandiosos destinos históricos. E foi a êste alto pensamento de exaltação patriótica que obedeceu o Instituto, quando procurou — e conseguiu — assegurar à próxima inauguração oficial de Goiânia, o cunho de um grandioso acontecimento ligado à missão política do Brasil.

Completem agora essa referência os fatos dominantes no que diz respeito a cada uma das três alas da instituição.

No terreno dos serviços censitários merece especial consideração o curso acelerado que já se conseguiu imprimir à apuração dos nossos sete censos, depois de vencidas as dificuldades da coleta e os problemas técnicos suscitados na montagem de um aparelho de apuração mecânica, que é o maior, e de atuação mais complexa, já tentado na América do Sul.

Quanto aos serviços geográficos, cumpre lembrar a missão científica enviada ao Brasil Central para estudar a região limítrofe entre Goiaz, Minas e Baía, devendo caracterizar ao mesmo tempo a respectiva linha divisória, que ainda é imprecisa e mal conhecida.

E relativamente aos serviços de estatística, mencione-se a empolgante campanha, já em via de satisfatória conclusão, que teve em mira a execução do decreto-lei n.º 4 181, de 16 de Março dêste ano. Essa lei, aproveitando habilmente as virtualidades do regime federativo, promoveu a criação, no principal órgão estatístico de cada Unidade Federada, de uma secção de estatística militar, bem assim a organização, em cada um dos nossos 1 574 municípios, por delegação do govêrno municipal ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sob os auspícios e a garantia da União e dos respectivos governos regionais, de um eficiente Servico de Estatística, como órgão coletor dos dados necessários à estatística brasileira, incumbido, ao mesmo tempo, de colaborar nos serviços a cargo das referidas secções de estatística militar. Essa concepção feliz, visando a colaboração que a estatística civil deve prestar à organização da Segurança Nacional, partiu do Estado Maior do Exército, e o projeto de lei que o consubstanciou, recebeu-o Vossa Excelência do Ministério da Guerra, com o qual se solidarizaram, aplaudindo a iniciativa, as duas outras pastas militares.

Original era o plano, grandioso o cometimento e ousada a iniciativa a ser tomada. O seu êxito dependia da capacidade de realização do Instituto. Mas Vossa Excelência não hesitou em confiar, e foi baixado o decreto-lei que fixou as bases do grande empreendimento.

Pois bem. Temos agora a grande alegria de declarar a Vossa Excelência que os governos regionais e os governos municipais de todo o país souberam compreender o interêsse nacional em causa e estão colaborando de ânimo decidido na execução do plano traçado.

Quanto às secções de estatística militar, estão elas criadas em todos os Estados e no Acre, dependendo da aprovação de Vossa Excelência o ato pelo qual será criada a do Distrito Federal.

E no que se refere aos Convênios Nacionais de Estatística Municipal, que o decreto-lei n.º 4 181 mandou realizar em cada uma das Unidades Políticas, entre a União, o govêrno regional e a totalidade dos governos municipais, trago a Vossa Excelência uma grata notícia: realizou-se a 20 dêste mês o primeiro acôrdo, na capital do Estado de São Paulo, acontecimento êsse que nos veio dar, assim, mais uma prova do vigoroso espírito de brasilidade da gente bandeirante, e já se seguiram, ou se estão seguindo, — porque alguns serão subscritos hoje mesmo, em comemoracão à efeméride que festejamos — os Convênios de Natal, Aracajú, Goiânia, Fortaleza, Curitiba, Pôrto-Alegre, São Luiz, Florianópolis, Cuiabá, João Pessoa, Vitória, Maceió, Salvador e Teresina, ou sejam, ao todo, 15 dos 22 que devem ser. Mas os 7 restantes estão auspiciosamente encaminhados, achando-se já baixados, ou em via de serem baixados, os competentes atos convocatórios dos governos regionais, na conformidade do projeto-padrão fixado pelo Conselho Nacional de Estatística, conforme previu o próprio decreto-lei n.º 4 181. E isto significa, Senhor Presidente, que dentro de curtíssimo prazo estará em vigor o plano de transcendente importância traçado pelo Estado Maior do Exército, podendo a Nação esperar, confiantemente, os magníficos resultados que dele devem decorrer tanto para o progresso da estatística geral do país, como para os serviços informativos de que carecem os Ministérios Militares.

*

Feito êste breve relato, está cumprido o nosso segundo propósito. E só nos resta passar às mãos de Vossa Excelência as três lembranças que o Instituto desejou oferecer hoje ao Chefe da Nação para assinalar o aniversário que estamos celebrando e em testemunho dos sentimentos e dos fatos que esta mensagem tem a intenção de interpretar.

A Comissão Censitária Nacional traz a Vossa Excelência o volume com os primeiros resultados do Recenseamento de 1940, discriminados por municípios.

O Conselho Nacional de Geografia coloca sob as vistas do Chefe do Govêrno as quatro primeiras fôlhas da nova carta do Brasil. Essas fôlhas referem-se à região do Brasil Central, em tôrno de Goiânia, abrangendo cêrca de 250 000 km². E a razão da sua precedência decorre do fato de se destinarem à Exposição de Cartografia e Estatística, que se inaugurará a 18 de Junho naquela capital.

O Conselho Nacional de Estatística, por sua vez, pede a Vossa Excelência

que conserve na sua mesa de trabalho, o álbum em que se apresenta a síntese da estatística brasileira, no qual poderão ser encontrados facilmente, no trato dos negócios do govêrno, os dados de maior expressão e de mais frequente consulta.

Sejam também essas três lembranças, Senhor Presidente, um penhor do devotamento de quantos — brasileiros de todos os recantos da Pátria — dedicam sua vida profissional ao conhecimento da Terra e da Gente do Brasil. Todos êles, irmanados no mesmo sentimento de patriotismo e na compreensão das suas árduas responsabilidades, comemoram hoje, pela primeira vez, o "Dia do Estatístico". E entre as iniciativas que tomam, nesta data jubilosa, num alto pensamento de cultura e unidade nacional, nenhuma consideram maior do que esta, pela qual veem simbolicamente à presença do Chefe da Nação, e exprimem a Vossa Excelência o seu mais profundo reconhecimento cívico, rogando para a sua pessoa e para a Pátria o amparo das bênçãos divinas.

Que vossa Excelência se digne receber êsse preito e êsses testemunhos, com a expressão dos sentimentos de profundo respeito desta Presidência."

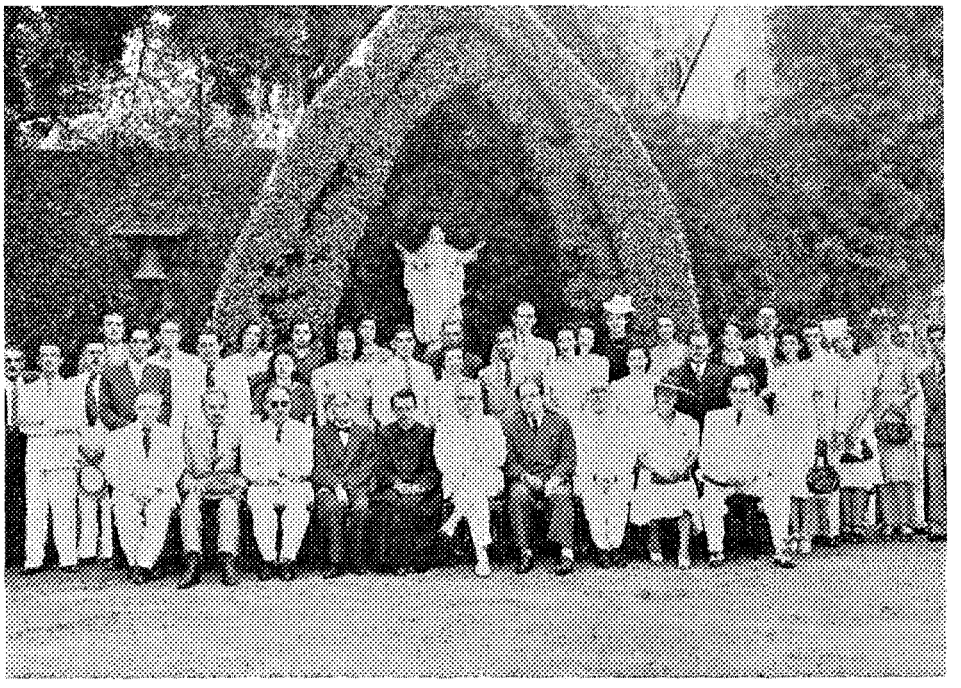
3.º ANIVERSÁRIO DO SERVIÇO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA FISIOGRÁFICA

O Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, repartição central do Conselho Nacional de Geografia, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, atingiu, em 15 de Março findo, o seu terceiro ano de instalação.

As solenidades que assinalaram o transcurso de tão expressiva efeméride tiveram início com a realização de um almôço de confraternização, presidido pelo Sr. RAFAEL XAVIER, diretor da Divisão Técnica do Serviço Nacional de Recenseamento e antigo diretor do Departamento de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura, em cuja dependência foi, em Julho de 1933, instalada a Secção de Estatística Territorial, que deu origem ao atual Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica.

No dia seguinte, segunda-feira, foram realizadas as restantes cerimônias programadas.

Às dez horas, tendo como oficiante o Padre HELDER CÂMARA, foi celebrada, na igreja do Sagrado Coração de Jesús,



O cliché acima mostra a fotografia do diretor do S.E.G.F., convidados, dirigentes do I.B.G.E. e funcionários que assistiram a missa rezada na Igreja do Sagrado Coração de Jesús, em ação de graças pelo transcurso do 3.º aniversário daquele Serviço.

a missa em ação de graças. Após a realização dessa cerimônia, o Padre CÂMARA pronunciou uma oração onde enalteceu a obra do I.B.G.E. no setor estatístico-geográfico do país e ressaltou o sentido de espiritualidade de que ela se reveste. Após foi prestada uma homenagem àquele sacerdote, na sacristia daquele tempo, tendo o Eng.º CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, secretário geral do Conselho Nacional de Geografia, oferecido, naquela ocasião, ao homenageado, uma coleção de publicações editadas pelo C. N. G.

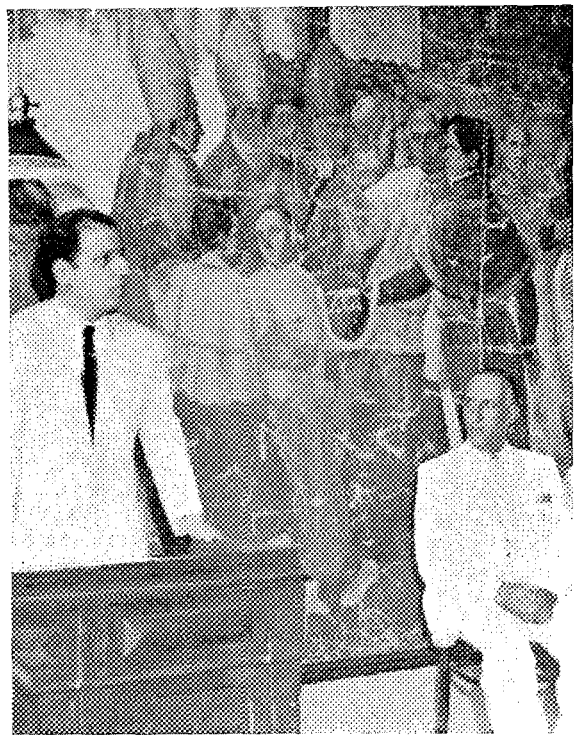
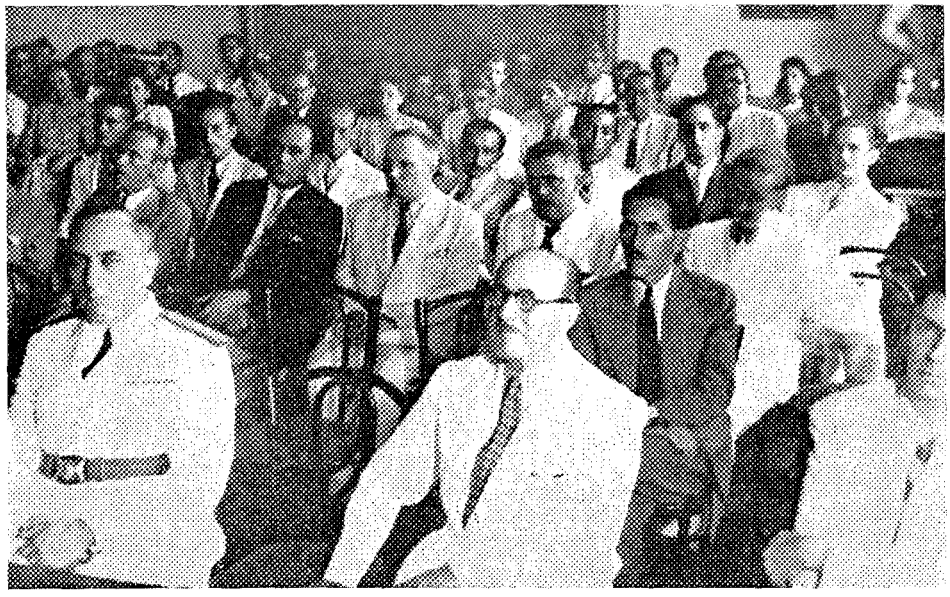


Foto do Engenheiro CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, *quando fazia sua exposição sôbre as realizações levadas a efeito pelo S.G.E.F. durante os 3 anos de existência dêsse órgão na sessão solene realizada na sala Varhagen do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.*

À tarde, na sala Varnhagen do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro, efetuou-se uma sessão pública comemorativa da efeméride. Não tendo podido comparecer ao ato, o Embaixador J. C. DE MACEDO SOARES, Presidente do I. B. G. E., dirigiu ao diretor do S. G. E. F. um longo telegrama onde a par de suas escusas, dirigiu expressivas saudações ao funcionalismo da mesma repartição, enaltecendo os serviços prestados pelos mesmos que determinaram o prestigio que hoje detém a repartição central do C. N. G.

Presidiu a reunião o Sr. HEITOR BRACET, vice-presidente do Instituto, que de início leu o telegrama enviado de São Paulo pelo Embaixador MACEDO SOARES. Além dos Generais CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, SOUSA DOCA, Sr. TEIXEIRA DE FREITAS, Cel. JAGUARIBE DE MATOS, Tte. Cel. JOSÉ DE LIMA FIGUEIREDO, Cel.



Parte da assistência à sessão solene realizada na sala Varnhagen do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em comemoração ao 3.º aniversário da instalação do S.G.E.F.

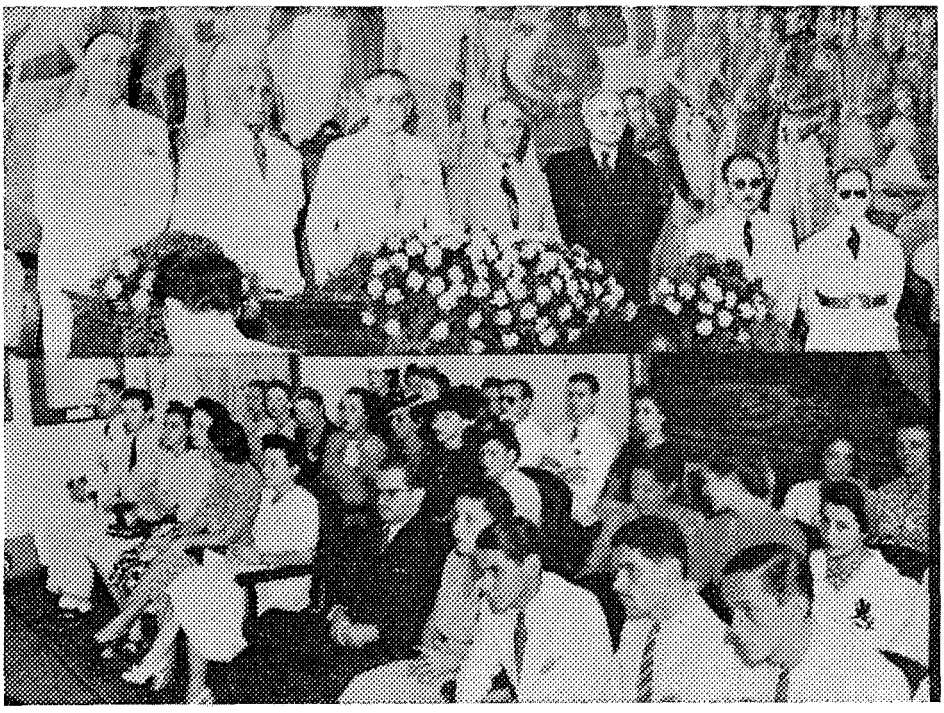
AMÍLCAR BOTELHO MAGALHÃES, Eng.º MOACIR SILVA, Profs. FREDERICO MAC DOWELL, RUDOLF LANGER, Srs. RAFAEL XAVIER e GERSON DE FARIA ALVIM, viam-se no salão Varnhagen numerosos técnicos do sistema estatístico-geográfico, funcionários do I. B. G. E. e pessoas de relêvo no nosso meio social.

Estava inscrito para falar o Eng.º LEITE DE CASTRO, secretário geral do C.N.G. e diretor do S.G.E.F.

O orador fez uma comunicação sob o título *Três anos de vida, três anos de realizações,* em que relatou de maneira sumária as principais realizações do Serviço aniversariante durante 3 anos de existência. Inicialmente, esclareceu que o Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica reúne duas missões, a de Secretaria Geral do Conselho Nacional de Geografia e a de Repartição Técnica da Administração Federal, explicando as atribuições que lhe cabem num caso e noutro.

Explicou, a seguir, como o Serviço está organizado, destacando os valores que se acham à testa da Secretaria e das quatro secções técnicas de que o Serviço se compõe. Ressaltou a prestimosidade, eficiência e dedicação do funcionalismo que atua no Serviço, para declarar que repousa na compreensão e devotamento dêsses bons servidores do serviço público o êxito dos empreendimentos do Serviço.

Passou em seguida a apresentar o quadro das realizações, obediente ao esquema: trabalhos de campo (astronômicos, geodésicos, topográficos, excursões); trabalhos de gabinete (administrativos, cartográficos, culturais). Referiu-se assim à campanha de coordenadas geográficas, pela qual, em pouco mais de dois anos, estão levantadas as posições exatas de 406 localidades brasileiras. Explicou a atuação do Serviço como órgão técnico, orientador das 2 memoráveis campanhas geográficas: a da descrição das divisas intermunicipais e interdistritais e a da elaboração dos mapas municipais. Fez uma explanação sôbre o andamento dos trabalhos de atualização da carta geográfica do Brasil, anunciando a saída êste ano de cêrca de 20 fôlhas impressas da edição preparatória na escala de 1:500.000. Com relação às atividades culturais do Serviço, destacou a publicação dos 12 números trimestrais da REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, impressos em 77 500 exemplares que se difundiram nos meios geográficos do país e do estrangeiro; o preparo do Dicionário Geográfico Brasileiro que já oferece prontas quatro valiosas contribuições: os vocabulários geográficos das cidades e vilas brasileiras, e dos Estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Paraná, os quais compreendem um total de cêrca de 22 000 verbetes; o documentário geográfico brasileiro recolhido, que orça por 7 427 publica-



Mais dois aspectos da sessão solene efetuada na sala Varnhagen do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em comemoração da passagem do 3.º aniversário do S.G.E.F.

ções, 4 125 mapas, 76 708 documentos e 18 968 fotografias.

Terminou o orador, entre aplausos da assistência, com as seguintes palavras: "Nessa mesma sala se acha preparada uma pequena exposição de trabalhos, todos êles citados nesta comunicação. De plano foi a exposição organizada: de plano para que poucas fôssem as minhas palavras, em benefício vosso: de plano, para que na apreciação dos feitos do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, durante 3 anos de existência laboriosa, tenham mais os olhos para ver do que os ouvidos para ouvir. E praza aos céus que a mostra não deslustre o ambiente e assim, que os quadros que guarnecem sugestivamente a sala, a dizerem de episódios e de personalidades do glorioso Brasil de ontem, se harmonizem com os objetos e documentos que dizem duma atividade do Brasil de hoje".

Encerrada a sessão os presentes passaram a examinar os trabalhos expostos.

CARTA GEOGRÁFICA DO BRASIL AO MILIONÉSIMO

O decreto-lei federal n.º 237, de 2 de Fevereiro de 1938, que regulou os trabalhos preparatórios do Recenseamento Geral da República em 1940, também estabeleceu (alínea *b* do art. 9.º) que fôsse revista a Carta do Centenário da Independência ao Milionésimo, elaborada, em 1922, pelo Clube de Engenharia, sendo essa nova tarefa atribuída ao Conselho Nacional de Geografia.

Posteriormente, em 2 de Março daquele mesmo ano, foi baixado o decreto-lei n.º 311 também chamado de "Lei Geográfica do Estado Novo", o qual, entre outras importantes providências adotadas, estabeleceu que fôsse feita a sistematização da divisão territorial do país, bem como o levantamento compulsório dos mapas de todos os municípios brasileiros, de acôrdo com os requisitos fixados pelo C.N.G. A execução integral dos dispositivos governamentais constantes dêsse decreto veio trazer, além de muitos outros elementos para melhor conhecimento do nosso território, inestimável contribuição que muito enriqueceu o material cartográfico necessário aos trabalhos preliminares da carta geográfica do Brasil nos moldes como foi projetada.

Essa fase inicial dos trabalhos foi concluída com invulgar êxito, como ficou demonstrado com a grande exposição realizada, em Maio de 1940, na qual figuraram os mapas dos 1 574 municípios brasileiros.

Outra campanha foi julgada oportuna, sem a realização da qual não seria possível o aproveitamento de tão rico material para os fins a que se destinara: o levantamento de coordenadas geográficas das sedes municipais.

O êxito alcançado com semelhante iniciativa já pode ser balanceado com a existência de mais de 400 posições geográficas levantadas em todo o território nacional, as quais obedeceram aos mesmos processos, estabelecidos pelo Prof. ALÍRIO DE MATOS, que dirigiu o curso de aperfeiçoamento dos engenheiros mobilizados para tal empreendimento. Vários Estados também, secundando a inciativa do C.N.G. fizeram, a respeito, campanhas próprias, como, igualmente, alguns órgãos federais.

O prosseguimento dos referidos trabalhos veio depois demonstrar que não somente as sedes municipais deviam possuir suas coordenadas geográficas mas ainda muitos outros pontos do território, tais como vilas, regiões especiais de divisas e acidentes importantes, necessitavam de análogas operações para a correção de erros e omissões existentes nos mapas municipais.

Essa nova fase da campanha determinou outra série de providências, como seja, a de empreender expedições a pontos mais afastados do litoral do país.

Com as campanhas dos mapas municipais e do levantamento intensivo das coordenadas geográficas, a primeira dessa já encerrada e a segunda em andamento, não ficou, porém, terminado o problema da atualização da carta geográfica do Brasil.

Outras providências tornaram-se necessárias: A coleta de material cartográfico que sirva de elemento subsidiário para a confecção de tão útil quão importante documento constitue, de há muito, tarefa da mais alta importância e, por isso, funcionários especializados do Conselho Nacional de Geografia veem realizando pesquisas nas mapotecas federais e estaduais, com resultados apreciáveis.

A fase, propriamente dita, da confecção das várias fôlhas da carta foi convenientemente estudada e, a respeito, assentadas várias medidas. Determinou uma delas a formação e aperfeiçoamento técnico dos desenhistas profissionais. Êsse problema foi resolvido com a instalação de um curso que, sob a orientação do Professor RUDOLF LAN-

GER, técnico do Serviço Geográfico e Histórico do Exército, vem funcionando com regular frequência de funcionários do órgão executivo do Conselho e de outros órgãos especializados do âmbito federal.

*

A Exposição de Educação, Cartografia e Estatística, a ser realizada entre os próximos meses de Junho e Julho, e que constitue uma das contribuições culturais do I. B. G. E. ao "Batismo Cultural" de Goiânia ensejará a oportunidade para que sejam alí expostas as quatro fôlhas iniciais preparatórias da carta geográfica do Brasil, na escala 1:500.000, as quais, com 155 outras previstas, constituirão o material preparatório da carta ao milionésimo nos moldes como está projetada. Cabe a Secção da Carta Geral do Brasil que constitue a 2.ª do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, — órgão executivo do Conselho Nacional de Geografia, o encargo da sua elaboração. Esta Secção é dirigida pelo Eng.º José CARLOS PEDRO GRANDE.

Essas primeiras fôlhas que teem os ns. 116, 117, 124 e 125, da série, representam a região circunjacente a Goiânia, nova capital do Estado de Goiaz.

As informações prestadas pela respectiva secção e que a seguir publicamos, indicam os elementos aproveitados na elaboração das mesmas fôlhas preparatórias.

Relatório sôbre a confecção da fôlha preparatória n.º 116, "Goiânia NO"

16º a 18º Lat. Sul
51º a 54º Long. W.Gr.

I — *Coordenadas utilizadas:*

A) No campo da fôlha: 5, a saber: 1 par de coordenadas determinadas pelo Conselho Nacional de Geografia, sendo de

Rio Bonito ..... (cid) Go

4 coordenadas aceitas pelo Conselho Nacional de Geografia, sendo das localidades abaixo mencionadas, tôdas determinadas pelo Eng.º ROMEU MARQUES, do Observatório Nacional:

Alto Araguaia ..... (cid) Mt
Jataí ..... (cid) Go
Mineiros ..... (cid) Go
Lajeado ..... (cid) Mt

B) Fora do campo da fôlha: 6, a saber:

Cabeceira do Araguaia
Rio Verde ..... (cid) Go
Araguaiana ..... (cid) Mt
Barra do rio das Garças .. Mt
General Carneiro ..... Mt
Presidente Murtino ..... Mt

II — *Levantamentos de extensão utilizados:*

Caminhamentos constantes da fôlha "Alto Araguaia", da Inspeção de Fronteiras":
Jataí — Mineiros — Alto Araguaia.

III — *Levantamentos de área utilizados:*

Mapas municipais, a saber:

Estado de Goiaz:
Rio Bonito .. apenas informativo
Jataí ..... regular
Mineiros .... bom

Estado de Mato Grosso:
Poxoréu ..... regular
Lajeado ..... regular
Alto Araguaia regular
Herculânea .. apenas informativo

Relatório sôbre a confecção da fôlha preparatória n.º 124, "Goiânia SO"

18º a 20º Lat. Sul
51º a 54º Long. W.Gr.

I — *Coordenadas utilizadas*

A) No campo da fôlha; 2, a saber:

2 coordenadas aceitas pelo Conselho Nacional de Geografia, a saber:

Nascente do rio Araguaia (Mt) — Com. RONDON.
Barra do Rio Volta Grande — A. ODEBRECHT.

B) Fora do campo da fôlha, 4, a saber:

Barra do rio Claro — determinadas pelo engenheiro A. ODEBRECHT.
Barra do rio Corrente
" " " Aporé — Levantamento do rio Paranaíba.
Barra do rio Grande

II — *Levantamentos de extensão utilizados*

Nenhum.

III — *Idem, de áreas*

Carta do Estado de Mato Grosso, pela Comissão RONDON.
Fôlha do Paranaíba, da American Geographical Society, 1921.
Fôlha do Alto Araguaia, da Inspeção de Fronteiras.

Mapas municipais:

Estado de Goiaz:
Jataí ..... regular
Mineiros ..... bom

Estado de Mato Grosso:
Paranaíba ... bom
Herculânea .. regular
Três Lagoas . regular
Cpo. Grande regular

Relatório sôbre a confecção da fôlha preparatória n.º 125, "Goiânia SE"

18º a 20º Lat. Sul
48º a 51º Long. W.Gr

I — *Coordenadas utilizadas:*

A) No campo da fôlha; 24, a saber:

9 coordenadas determinadas pelo Conselho Nacional de Geografia, sendo das seguintes localidades:

Campina Verde	(cid)	MG
Campo Formoso	(cid)	MG
Monte Alegre	(cid)	Go
Burití Alegre	(cid)	Go
Goiatuba	(cid)	Go
Corumbaíba	(cid)	Go
Prata	(cid)	Go
Goiandira	(cid)	Go
Tupaciguara	(cid)	MG

15 coordenadas aceitas pelo Conselho Nacional de Geografia, sendo das localidades abaixo referidas:

Barra do rio Aporé
Cachoeira da Laje
Barra do rio Campanha
Cachoeira Dourada
Barra do rio dos Bois
Pôrto de São Jerônimo
Salto de São Simão
Barra do rio Claro
Barra do rio Corrente
Barra do rio da Prata
Engenheiro Bethout (estação)

} Eng.º A. Odebrecht (Levantamento do rio Parnaíba).

Ponte sôbre o rio dos Bois

Santa Rita do Paranaíba ..	(cid)	Go
Uberlândia	(cid)	MG

} Eng.º Romeu Marquês, do Observatório Nacional.

Araguarí .	(cid)	MG

} Eng.º Hermínio Silva, do Observatôrio Nacional.

B) Fora do campo das fôlhas, a saber:

Uberaba	(cid)	MG
Barra do Rio Grande ...		
Barra do ribeirão da Volta Grande		
Pontal	(cid)	

II — *Levantamentos de extensão utilizados:*

Levantamento do rio Paranaíba, pelo Eng.º A. Odebrecht, escala do original, 1:100.000, 1921.
Levantamento do rio Grande, pela Carta Geral do Estado de São Paulo, escala de 1:500.000.

Municípios de:

Estado de Goiaz:
Catalão ..... apenas informativo
Goiandira ... regular
Burití Alegre regular
Corumbaíba . regular
Santa Rita do Paranaíba . regular
Goiatuba .... regular
Morrinhos ... regular
Caldas Novas apenas informativo
Rio Verde .. regular
Morrinhos ... regular

Estado de Minas Gerais:
Prata ..... bom
Campo Formoso ..... regular
Conceição das Alagoas ... regular
Veríssimo ... regular
Indianópolis . regular
Campina Verde ..... bom
Ituiutaba ... bom
Monte Alegre regular
Tupaciguara . regular
Uberlândia .. regular
Araguarí .... regular
Frutal ..... bom
Uberaba .... regular

Estado de São Paulo:
Pereira Barreto .....
Tanabí .....
Paulo de Faria .....
} transporte

Informações:

Fôlha de Paranaíba, americana.
Carta, idem — do Centenário.
Mapa do Estado de S. Paulo, 1940 — 1:500.000.

Relatório sôbre a confecção da fôlha preparatório n.º 117, "Goiânia NE"

16º a 18º Lat. Sul
48º a 51º Long. W.Gr.

I — *Coordenadas utilizadas*

A) No campo da fôlha; 15, a saber:

7 coordenadas determinadas pelo Conselho Nacional de Geografia, sendo das seguintes localidades:

Bonfim	(cid)	Go
Morrinhos	(cid)	Go

Rio Verde	(cid)	Go
Caldas Novas	(cid)	Go
Campo Formoso	(cid)	Go
Pires do Rio	(cid)	Go
Goiânia	(cid)	Go

8 Coordenadas aceitas pelo Conselho Nacional de Geografia, sendo das localidades abaixo enumeradas; tôdas determinadas pelo Eng.º A. ODEBRECHT, da Rep. Geral dos Telégrafos:

Santa Cruz	(vila)	Go
Ipameri	(cid)	Go
Anápolis	(cid)	Go
Inhumas	(cid)	Go
Campinas	(cid)	Go
Roncador	(est)	Go
Cavalheiro	(vila)	Go
Itaberaí	(cid)	Go

B) Fora do campo da fôlha; 12, a saber:

Goiatuba	(cid)	Go
Santa Rita do Paranaíba .	(cid)	Go
Burití Alegre	(cid)	Go
Corumbaíba	(cid)	Go
Goiandira	(cid)	Go
Jataí	(cid)	Go
Rio Bonito	(cid)	Go
Catalão	(cid)	Go
Santo Antônio do Rio Verde	(vila)	Go
Goiaz	(cid)	Go
Pirenópolis	(cid)	Go
Jaraguá	(cid)	Go

II — *Levantamentos de extensão utilizados:*

Caminhamentos da Comissão do Planalto-Central (1892/95):

Goiaz — Palmeiras — Morrinhos, Goiaz — Pirenópolis, Pirenópolis — Morrinhos, Ipameri — Bonfim, Morrinhos — Santa Rita do Paranaíba, Caldas Novas — Bonfim, Caldas Novas — Ipameri, Bonfim — Pirenópolis, Pirenópolis — Corumbá — Santa Luzia, Catalão — Ipameri.
Estradas de rodagem, pelo Eng.º ERIDSEN; Goiânia — Leopoldo Bulhões, Campinas — Ribeirão — Palmeiras.
Esbôço geológico do Estado de Goiaz: Caminhamentos entre Goiatuba — Divinópolis — Santa Rita do Paranaíba. Idem, entre Campinas — Ribeirão — Palmeiras.

III — *Levantamento aéreos aproveitados:*

Arredores da cidade de Anápolis, do Serviço de Febre Amarela.

Comissão de Estradas da Nova Capital.

IV — *Ajustes de mapas municipais*

Catalão	apenas informação
Goiandira	regular
Burití Alegre	regular
Corumbaíba	regular
Goiatuba	regular
Morrinhos	regular
Ipameri	regular
Caldas Novas	apenas informação
Pires do Rio	apenas informação
Pontalina	regular
Pouso Alto	regular
Bela Vista	regular
Campo Formoso .	regular
Palmeiras	regular
Goiânia	regular
Bonfim	regular
Inhumas	apenas informação
Anápolis	apenas informação
Itaberaí	regular
Anicuns	regular
Paraúna	apenas informação
Rio Verde	regular
Rio Bonito	apenas informação
Santa Luzia	apenas informação
Corumbá	regular
Pirenópolis	regular
Jaraguá	regular
Goiaz	apenas informação

PESQUISA E COLETA DE MATERIAL PARA A CARTA GEOGRÁFICA DO BRASIL AO MILIONÉSIMO

TRABALHOS EFETUADOS DE 1.º DE JANEIRO A 31 DE MARÇO DE 1942

Relação dos elementos coligidos:

Mapoteca da Divisão de Geologia (Departamento Nacional de Produção Mineral, do Ministério da Agricultura) (1.º — 1 a 10 — III).

1) Caminhamento entre Montes Claros e o Pôrto Pedra de Maria da Cruz, Minas Gerais (margem direita do rio São Francisco) pelo Geólogo B. A. WEDEBORN, escala de 1:250 000; 2) Caminhamento entre São José da Capetinga — Piúí — São José da Barra — Alpinópolis, pelo Eng.º ALBERTO RIBEIRO LAMEGO, 1924 — Escala 1:100 000; 3) Caminhamentos Passos - Delfinópolis, Itaú — Pratópolis — Cássia - Delfinópolis — Fazenda Sete Voltas, pelo Eng.º ALBERTO RIBEIRO LAMEGO, 1924 — Escala de 1:100 000; 4) Região dos rios Santo Antônio, Abaeté e São Francisco — Escala de 1:200 000; 5) Reconhecimento geológico de zona de ocorrência de águas minerais, pelo Geólogo JOSÉ E. DE ANDRADE JR., 1924 — Escala de 1:200 000; 6) Região de Diamantina ao rio Paraúna, Estado de Minas Gerais, pelo Eng.º CATÃO GOMES JARDIM JR. — Escala de 1:100 000; 7) Reconhecimento topográfico entre Uberaba, Catalão, Entre Rios e Morrinhos, pelo Eng.º FRANCISCO DE PAULA OLIVEIRA — Escala de 1:600 000; 8) Ocorrências de apatita em Camisão, Estado da Baía — Escala de 1:4 000; 9) Lagoa de Araruama — Estado do Rio de Janeiro — Levantamento expedito pelos Engs. RAIMUNDO

R. FILHO e MÁRIO S. PINTO, 1929. Escala de 1:50 000; 10) Mapa da região e faixa interessando a geologia do petróleo no Território do Acre — PEDRO DE MOURA e outros engs. 5 a 10 — 1936; 11) Alto Rio Branco, mapa geológico — Estado do Amazonas, Engs. A. I. DE OLIVEIRA e GLYCON D. DE PAIVA, 1927. Escala de 1:500 000; 12) Levantamento da região do Amapá — 4 fôlhas, Eng.º JOSALBERTO BORGES, 1934 — Escala de 1:50 000 1.ª fôlha: Lago Duas Bôcas e Novo; 2.º Trecho do rio Araguarí; 3.ª e 4.ª: rio Maparí; 13) Cartas do Alto Javarí; Comissários BARÃO DE TEFÉ e GUILHERMINO BLACK — 1874; 14) Situação das lavras de ouro no distrito aurífero do Gurupí-Turiassú, por GLYCON DE PAIVA e outros engenheiros; 15) Geologia do Baixo Rio Negro, por GLYCON DE PAIVA, 1928 — Escala de 1:500 000; 16) Reconhecimento das ocorrências de apatita — Mun. de Camisão, Estado da Baía, 1:4 000; 17) Reconhecimento geológico do rio Xingú e afluentes — 3 fôlhas, escala de 1:300 000; 18) Rio das Cruzes, Estado do Paraná, pelo Eng.º EUSÉBIO DE OLIVEIRA, 1926 — Escala de 1:100 000; 19) Situação das jazidas de cromo do município de Campo Formoso, Estado da Baía — Eng.º JOSÉ LINS, 1934 — 20) Caminhamentos magnéticos no Recôncavo, Baía, 1937 — Escala de 1:250 000; 21) Levantamento topográfico do rio do Sul — Braço de Canoas, Estado de Santa Catarina — Eng.º ESTÊVÃO ALVES PÔRTO — Escala de 1:10 000; 22) Caminhamento entre Pontalina e Araguaiana. Pelo Eng.º AURÉLIO DE BULHÕES PEREIRA — Escala de 1:500 000; 23) Mapa geológico do vale do rio Itajaí, Estado de Santa Catarina, tendo por base o mapa geográfico organizado pela municipalidade de Blumenau (1924) 1936 — 1:250 000; 24) Estrada Goiânia — Leopoldo Bulhões, Estado de Goiaz — Escala de 1:250 000; 25) Estrada Campinas - Ribeirão - Palmeiras, Estado de Goiaz — Escala de 1:250 000.

Departamento Nacional de Estradas de Ferro

1) Reconhecimento da E. F. Brasil-Paraguai (Guaíra-Asunción) — Escala de 1:400 000; 2) E. F. Brasil-Paraguai (Estado) — 1:50 000; 3) E. F. Madeira-Mamoré — 1:1 000 000; 4) E. F. Tocantins — 1:150 000; 5) E. F. Baía a Minas — 1:1 000 000; 6) E. F. Machadense — 1:112 500; 7) E. F. Trespontana; 8) E. F. Paracatú — 1:3 000 000; 9) E. F. Morro Velho; 10) E. F. São Paulo-Goiaz — 1:250 000; 11) E. F. Araraquara — 1:666 666; 12) E. F. São Paulo Railway — 1:250 000; 13) E. F. Morro Agudo — 1:200 000; 14) E. F. Jaboticabal — 1:100 000; 15) E. F. Fazenda Dumont — 1:100 000; 16) E. F. Riacho — 1:42 000; 17) E. F. Ramal de Paranapanema — 1:500 000; 18) E.F. Noroeste do Paraná — 1:200 000; 19) E. F. Tocantins — 1:160 000; 20) E. F. Great Western; 21) E. F. Baía-Sergipe — 1:150 000; 22) E. F. Vitória a Minas — 1:1 000 000; 23) E. F. Itapemirim — 1:1 000 000; 24) E. F. São Mateus — 1:150 000; 25) E. F. Leopoldina — 1:1 000 000; 26) Rede Sul-Mineira — 1:1 000$000; 27) E. F. Noroeste do Brasil — 1:2 000 000; 28) E. F. Dourado — 1:250 000; 29) E. F. do Paraná — 1:400 000; 30) Rio Grande do Sul — Plano estadual de viação férrea — 1:2 500 000; 31) Viação férrea do Rio Grande do Sul — 1929 — 1:2 140 000; 32) DNER — Estrada Pôrto Alegre — Passo do Socorro — (trecho S. Leopoldo-Vacaria) — 1940 — 1:5 000; 33) E. F. Rio Negro a Caxias — Planta e perfil de reconhecimento geral — 1:200 000; 34) Mapa das linhas da E. F. Sorocabana, escala de 1:500 000; 35) E. F. Sorocabana — Linha de Mayrink a Santos — 1:100 000; 36) Estradas de rodagem Rio-Petrópolis, Rio-Pouso Sêco, Barra Mansa-Caxambú e Itaipava-Teresópolis, a cargo do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem — 1:150 000.

SÚMULA DAS PRINCIPAIS DELIBERAÇÕES TOMADAS PELA COMISSÃO EXECUTIVA CENTRAL DE ATUALIZAÇÃO DA CARTA GERAL DO BRASIL AO MILIONÉSIMO

120.ª — 20-1-942.

A Comissão delibera enviar o eng.º LUIZ MOREIRA, encarregado do serviço de coleta de elementos para a carta geral, ao Rio Grande do Sul, afim de aí obter os subsídios cartográficos indispensáveis à ultimação das fôlhas da carta preparatória em 1:500 000, relativas a êsse Estado.

126.ª — 5-3-942 (extraordinária)

A Comissão delibera participar das solenidades comemorativas do batismo cultural da nova capital de Goiaz, apresentando à sua exposição, as quatro fôlhas da carta preparatória relativas a Goiânia.

128.ª — 19-3-942 (extraordinária)

A Comissão delibera cometer ao Major ADIR GUIMARÃES a incumbência de obter elementos cartográficos no Norte do País, para onde seguirá brevemente, a serviço do Exército.

129.ª — 26-3-942

A Comissão aprova o cabeçalho e o rodapé para as fôlhas da carta preparatória na escala de 1:500 000.

TRABALHOS EXECUTADOS NO RECINTO DA SECÇÃO

Elementos da fronteira internacional	0	
Elementos dos limites interestaduais	0	
Elementos estaduais	62	
Outros trabalhos	36	
Total	98	a saber:
Janeiro:		
Reduções à escala de 1:500 000	12	
Cópias de elementos na mesma escala	0	
Reduções a outras escalas	10	
Outros trabalhos	4	
		26
Fevereiro:		
Reduções à escala de 1:500 000	13	
Cópias de elementos na mesma escala	0	
Reduções a outras escalas	1	
Outras trabalhos	12	
		26
Março:		
Reduções à escala de 1:500 000	24	
Cópias de elementos na mesma escala	1	
Reduções a outras escalas	1	
Outros trabalhos	20	
		46
		98

NÚMERO DE AUXILIARES

Janeiro:		
Para serviço externo (coleta)	4	
" " interno	15	
" administração	1	
		20
Fevereiro:		
Para serviço externo (coleta)	5	
" " interno	13	
" administração	1	
		19
Março:		
Para serviço externo (coleta)	5	
" " interno	15	
" administração	1	
		21
		60

EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ÀS REGIÕES LIMÍTROFES DE VÁRIOS ESTADOS

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, em sua reunião de 20 de Fevereiro dêste ano, adotou a Resolução que tomou o n.º 94 a qual estabeleceu que, no plano de trabalhos de 1942 das campanha de coordenadas altimétricas empreendida pelo C. N. G., fôsse incluído o levantamento da região em que se localiza a linha divisória entre o Estado de Goiaz e o da Baía, não somente quanto à determinação exata de pontos característicos da linha mencionada, como também, quanto ao reconhecimento geral do relêvo local.

Determinou ainda aquela Resolução que fôssem, a respeito, promovidos entendimentos com repartições técnicas federais e com os governos estaduais interessados. Dêsses entendimentos, levados a efeito pela Secretaria Geral do Conselho Nacional de Geografia com o órgão federal, no momento, mais interessado em proceder a pesquisas científicas — a Divisão de Geologia e Mineralogia do Ministério da Agricultura e com os governos dos Estados a que pertence a região, resultou a organização de uma expedição científica, composta de mais de vinte técnicos: engenheiros, geólogos, geógrafos, operadores, topógrafos e seus auxiliares, afora vários operários com funções correspondentes às respectivas especializações.

A expedição, cujo percurso abrangerá a zona que vai desde a trijunção das áreas limítrofes dos Estados de Minas Gerais-Baía-Goiaz até a quadrijunção dos de Goiaz-Baía-Piauí-Maranhão, será chefiada pelo Eng.º José Lino de Melo Jr. As tarefas visadas pelo Conselho Nacional de Geografia serão executadas pelos Engs. Gilvandro Simas Pereira e Dalmir Rodrigues de Sousa, técnicos especializados no levantamento de coordenadas e pelo Topógrafo Afonso Guaíra Herbele, que se encarregará dos trabalhos topográficos e cartográficos da expedição, notadamente os que se referirem à caracterização das zonas das divisas interestaduais do Estado de Minas Gerais.

O itinerário da expedição que desde a 1.ª quinzena de Julho findo, já está nos pontos iniciais visados, será o seguinte:

Tendo partido por via férrea os técnicos expedicionários passaram por Belo Horizonte e Uberaba conseguindo atingir Ipameri. Desta cidade goiana, em caminhões rumaram para o Sítio de Abadia, tendo alí instalado o ponto inicial dos trabalhos que compreendem

estudos da divisa Goiaz-Minas, com a fixação do marcante ponto de trijunção das lindes dos Estados de Goiaz, de Minas e da Baía.

Em seguida, a expedição ainda circulando por caminhões no extenso chapadão, — cuja abertura para dar passagem aos carros foi previamente contratada e já deve achar-se muito adiantada — percorrerá a faixa da divisa Goiaz-Baía, estudando-lhe as particularidades geográficas, geológicas e outras, até atingir ao norte a muito falada mas pouco conhecida região do Jalapão, onde se encontra a famosa Lagoa do Varedão ou Veredão, cuja posição nas cartas contraditórias, varia até 60 quilômetros dum mapa para outro.

Nessa região, que será percorrida a cavalo, há um notável ponto geográfico que a expedição estudará e determinará — é o nó de limites, quadrijunção, de Goiaz-Baía-Maranhão-Piauí.

Daí a expedição, depois de estudar o trecho inicial da divisa Baía-Piauí, iniciará sua volta pela Baía por água, através dos Rios Preto e S. Francisco, até atingir a cidade franciscana de Chique-Chique, da qual seguirá para Salvador em estrada de rodagem.

Para essa grande expedição foi programado o vasto plano de estudos compreendendo: Levantamentos geográficos; geológicos e paleontológicos, topográficos, magnéticos além de indagações outras de ordem científica na vasta região, bem pouco conhecida, da zona ora visitada.

O Sr. SODRÉ DA GAMA, diretor do Observatório Nacional, atendendo uma solicitação que lhe dirigiu o Secretário Geral do C. N. G. cedeu um declinômetro "Bamberg" pertencente àquela repartição, o qual será empregado no serviço de levantamento da declinação magnética de várias partes daquela região, tarefa essa a cargo do Eng.º GILVANDRO SIMA PEREIRA.

Também o Ministério da Aeronáutica visando prestar sua eficiente e patriótica colaboração à expedição, pôs à disposição desta um avião da FAB que sobrevoará, em reconhecimento, antecipadamente, a região a ser estudada.

Os governos dos Estados mais diretamente interessados nas pesquisas designaram técnicos, que acessorados à expedição terão oportunidade de colhêr dados valiosos para melhor conhecimento dos respectivos territórios estaduais e elementos objetivos para solução das várias questões de demarcação das divisas políticas das referidas unidades políticas. Por parte do Estado de Minas foi incorporada à expedição uma comissão de topógrafos e mais o geógrafo Eng.º DALMI RODRIGUES DE SOUSA, afim de proceder também a estudos detalhados sôbre a região limítrofe mineira.

O grupo de técnicos e cientistas que se interiorizaram naquela faixa do Brasil em 8 de Julho findo, deverá demorar cêrca de três meses no percurso do itinerário organizado.

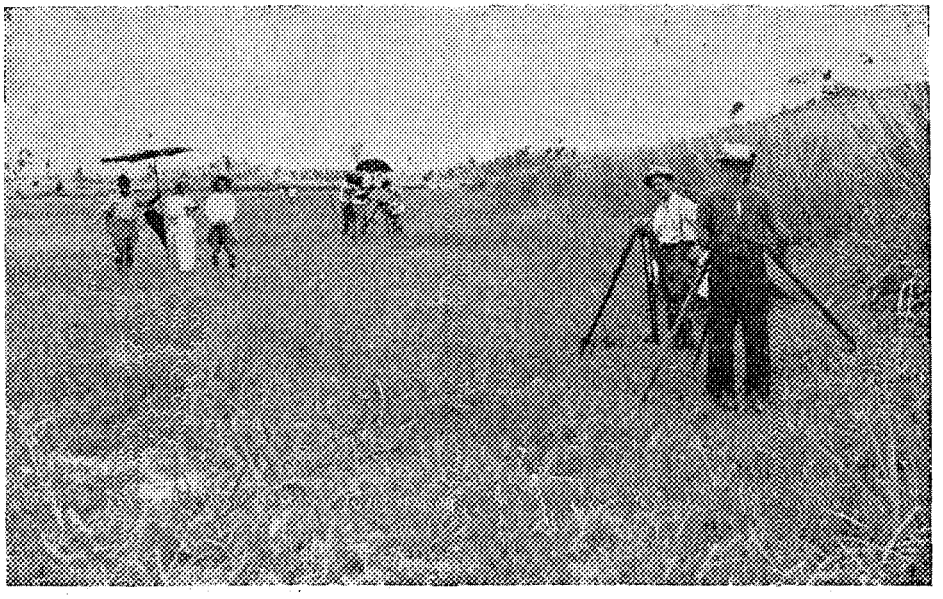
MEDIÇÃO DA BASE GEODÉSICA DA CIDADE GOVERNADOR VALADARES NO ESTADO DE MINAS GERAIS

O Departamento Geográfico do Estado de Minas Gerais realizou, durante os dias 2 a 4 de Fevereiro último, mais uma ~~importante tarefa~~ de grande relevância no campo de sua especialidade técnica, de cujos resultados muito se beneficiará, não somente aquele Estado, mas ainda, o país, que ficou contando com mais um elemento seguro para melhor conhecimento de uma região importante — o vale do Rio Doce.

O trabalho efetuado por aquele Departamento foi o da medição da base geodésica da cidade de Governador Valadares, situada naquela parte do território mineiro.

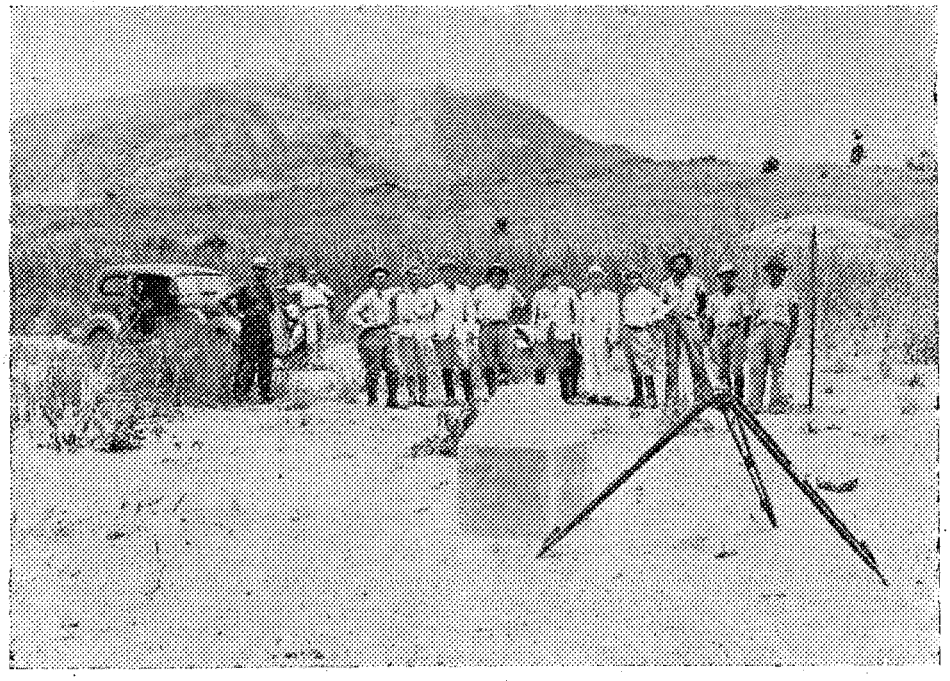
A operação técnica foi dirigida pessoalmente pelo Eng.º BENEDITO QUINTINO DOS SANTOS, Diretor do Departamento Geográfico do Estado de Minas Gerais, o qual acompanhou de perto tôdas as suas fases.

As providências para execução do trabalho correram pela Divisão de Astronomia e Geodésica sob a chefia do Eng.º JOSÉ DE OLIVEIRA DUARTE, assistente técnico do Departamento, sendo que a exploração do local e ligação da base à rede geral de triangulação do Estado que se estende às margens do rio Doce, estiveram a cargo do triangulador HELDOMIRO FONSECA. A aparelhagem empregada foi o basímetro de *invar* cujos fios estão acompanhados de certificado de aferição fornecido pelo "Bureau International des Poids et Mesures". Durante as operações, as equipes técnicas de campanha, foram constituídas da seguinte maneira: como observadores — Engs. BENEDITO QUINTINO DOS SANTOS, diretor; JOSÉ DE OLIVEIRA DUARTE, assistente técnico; e HELDOMIRO FONSECA, triangulador; JOSÉ DE OLIVEIRA DUARTE, assistente técnico e DALMÍ A. ÁLVARES RODRIGUES DE SOUSA,



Fotografia tomada, no trecho do campo de pouso, durante a medição da base geodésica da cidade Governador Valadares. Turmas de Ré, Vante e respectivo secretário.

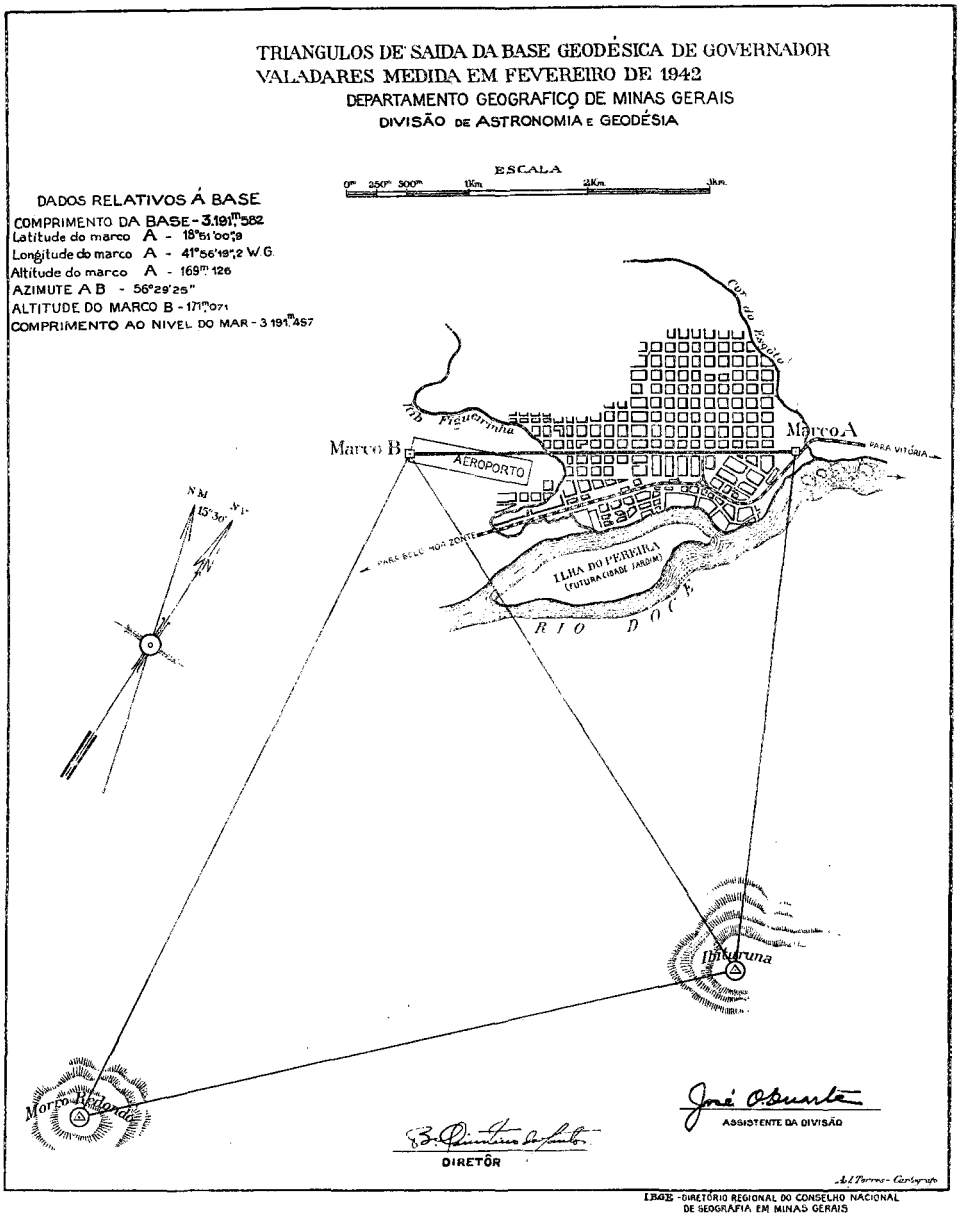
topógrafo; secretários: nivelador — HUMBERTO LARA DONAGEMA, topógrafo; estaqueadores — ATALIBA SALES, topógrafo e JOSÉ FÉLIX DE SOUSA, topógrafo; observador astronômico — DALMÍ A. ÁLVARES RODRIGUES DE SOUSA, topógrafo. A base geodésica atravessa a cidade de Governador Valadares pelo alinhamento da rua Israel Pinheiro e tem um dos terminais, o marco A, em uma pequena elevação situada no pasto de propriedade do Sr. LÍRIO CABRAL. A outra extremidade, o marco B, está localizada na parte SW do aeródromo local. Na quase totalidade de sua extensão o terreno é perfeitamente de nível, com exceção da travessia do ribeirão Figueirinha onde foi necessária a construção



Outro aspecto da operação da medição da base geodésica da cidade Governador Valadares. Na extremidade do campo de pouso, no marco dêste, vê-se a estaca mesa para a última trenada subtrativa com a fita invar. No fundo está envolta em nevoeiro a serra Ibituruna..

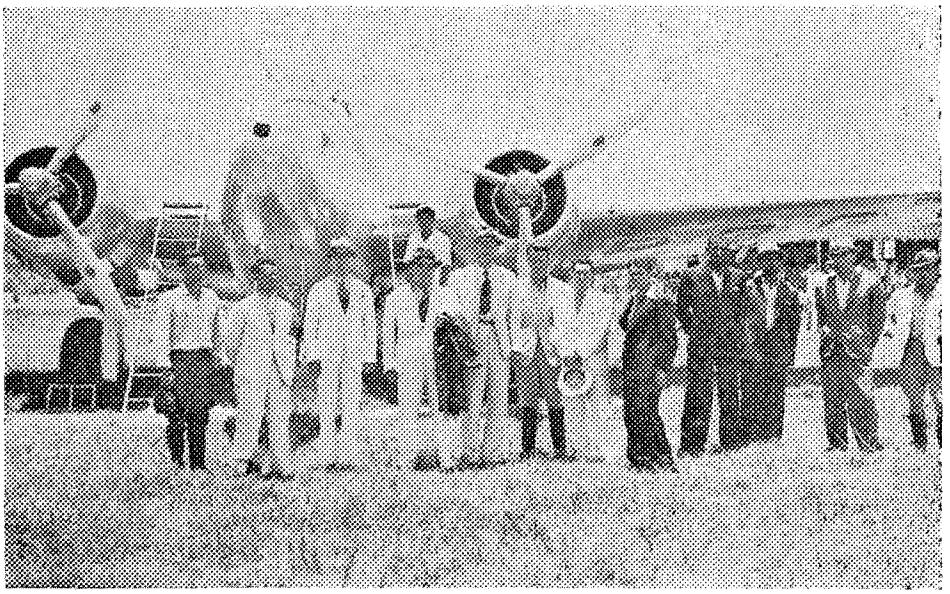
de dois pilares de madeira para suportar as estacas móveis, com os quais se conseguiu ultrapassar o obstáculo, por meio de três trenadas, com o fio de 48 metros e rampa máxima inferior a dez por cento. De acôrdo com a praxe foram feitas duas medições com os fios *invar* números 1 034 de 24 metros e 1 041 de 48 metros e a trenada final com a fita *invar* número 2 109-T6. As observações astronômicas foram feitas pelo Eng. DALMÍ A. ÁLVARES RODRIGUES DE SOUSA que pertence, também, ao quadro de observadores na campanha de coordenadas geográficas do Conselho Nacional de Geografia, parte em Dezembro de 1939, quando foram determinadas a latitude e a longitude do marco A e parte durante os trabalhos de medição da base, nos dias 1, 2 e 3 de Fevereiro dêste ano. O resultado da medição da base de Governador Valadares é o seguinte: Primeira medição: 3 191 581,277 mm; segunda medição: 3 191 582,430 mm; diferença 1,153 mm; comprimento médio: 3 191 581,853 mm; latitude do marco A: 18° 51' 00",9 Sul; Longitude do marco A: 41° 56' 19",2 W.Gr.; azimute A-B (valor provisório) : 56° 29' 25",0 SW; altitude do marco A: 169,126 m; altitude do marco B: 171,071 m; comprimento da base reduzido ao nível do mar: 3 191 496,747 mm.

Terminados os trabalhos reuniu-se o Diretório Municipal de Geografia do



município de Governador Valadares, sob a presidência do prefeito local, seu presidente nato, Eng.º MOACIR PALETA DE CERQUEIRA LAJE, o qual foi especialmente convocado para prestar significativa e merecida homenagem ao Eng.º BENEDITO QUINTINO DOS SANTOS, e demais técnicos, pelo inestimável serviço prestado ao município de Governador Valadares. Além dos homenageados estiveram presentes à reunião pessoas de relêvo da sociedade local. Naquela reunião houve uma exposição detalhada sôbre o serviço efetuado tendo, após, ficado resolvido que os marcos das extremidades da base e outros que já existem ou serão erigidos ficassem sob a guarda e conservação do Diretório Municipal de Geografia da Prefeitura de Governador Valadares.

No dia 9 daquele mesmo mês na reunião do Diretório Regional de Minas Gerais foi o assunto mais uma vez debatido, sendo então adotada uma Resolução que tomou o n.º 10, na qual se expressou uma comunicação a respeito, ao Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, acompanhada de considerações sôbre a importância e oportunidade da tarefa realizada, bem como de dados e informações técnicas sôbre a mesma. Ainda nessa Resolução foram consignados agradecimentos aos membros do Diretório Municipal de Geografia do município de Governador Valadares pela assistência e colaboração prestadas durante a execução dos trabalhos.



Grupo tomado no aeroporto da cidade Governador Valadares, por ocasião do regresso do Engenheiro BENEDITO QUINTINO DOS SANTOS, *diretor do Departamento Geográfico, que fôra aquela cidade dirigir os trabalhos da medição da base geodesica local. Além do Engenheiro* BENEDITO QUINTINO DOS SANTOS, *ve-se na fotografia o Dr.* MOACIR PALETA, *Prefeito daquele município, engenheiros e membros do Diretório Municipal de Geografia.*

O Diretório Central do C. N. G., em sua sessão de 4 de Maio findo, ao tomar conhecimento de mais essa valiosa tarefa técnica, manifestou, por unanimidade, um voto de congratulações ao Departamento Geográfico Mineiro, tendo o Eng.º CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO enaltecido a importância da mesma que servirá de base para a triangulação de tôda a região do vale do rio Doce.

NOVA DIRETORIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

O Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo ao realizar a sua sessão inaugural, no corrente ano, deu posse à sua nova diretoria, eleita em 25 de Outubro de 1941, a qual sob a presidência perpétua do Sr. José TÔRRES DE OLIVEIRA, dirigirá os destinos daquela instituição cultural, no triênio 1942-1944.

Essa diretoria está assim constituída:

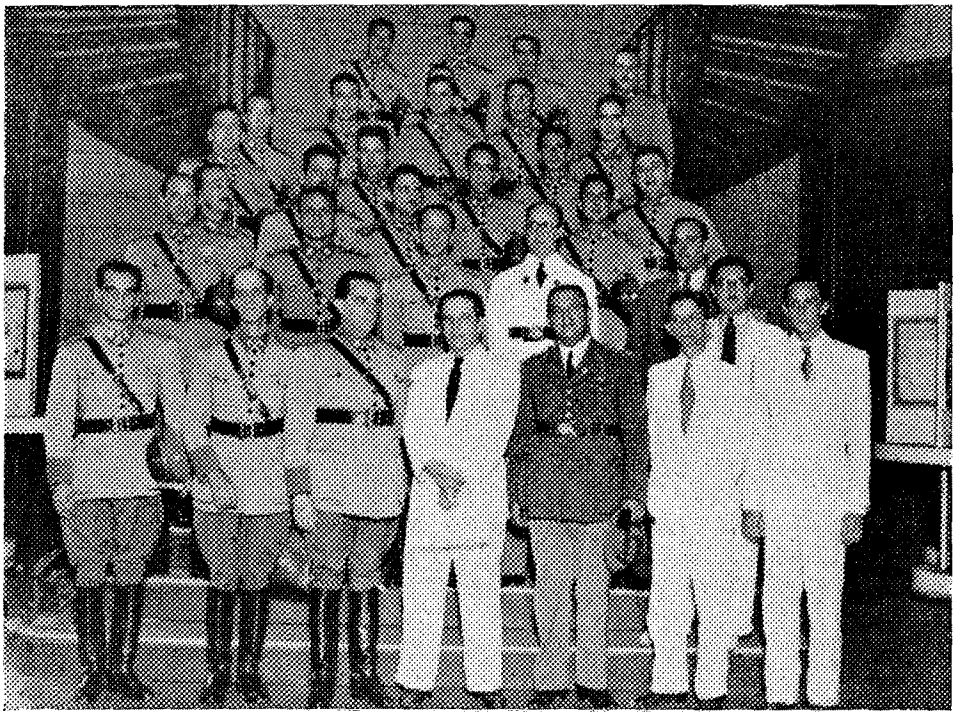
1.º vice-presidente, professor NICOLAU DUARTE SILVA — 2.º vice-presidente, Dr. ARTUR PEQUEROBI DE AGUIAR WHITAKER — 3.º vice-presidente, Dr. JOSÉ GASPAR DE AFONSECA E SILVA — 1.º secretário, professor TITO LÍVIO FERREIRA — 2.º secretário, Dr. CARLOS ALBERTO NUNES — tesoureiro, professor DÁCIO PIRES CORREIA — orador oficial, Dr. JOSÉ CARLOS DE ATALIBA NOGUEIRA — suplentes do 2.º secretário: Dr. AURELIANO LEITE e Dr. MARCELO DE TOLEDO PISA E ALMEIDA.

OS OFICIAIS QUE CONCLUÍRAM O CURSO DA ESCOLA DO ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO ESTIVERAM EM VISITA AO I. B. G. E.

Afim de procederem a estudos e observações sôbre a maneira como veem sendo executadas as tarefas estatístico-geográficas do país, os oficiais que acabam de concluir o curso da Escola do Estado Maior do Exército, estiveram em visita aos órgãos centrais do I. B. G. E. no mês de Março último. Essa honrosa visita, aliás, constituiu o prosseguimento de uma praxe que vem sendo observada por parte dos oficiais superiores do nosso Exército, pois a turma de oficiais que concluiu aquele curso no ano de 1940, foi a iniciadora dêsse movimento de colaboração e de interêsse pela obra que vem realizando o I. B. G. E.

A visita inicial foi realizada à sede do Instituto onde se encontram instalados a Secretaria geral do I. B. G. E. e o Conselho Nacional de Estatística, no dia 17 daquele mês sendo os visitantes recebidos pelo Presidente em exercício, Sr. HEITOR BRACET e pelo secretário geral Sr. M. A. TEIXEIRA DE FREITAS, os quais se encontravam acompanhados de altos funcionários da Secretaria.

A turma de oficiais foi dividida em dois grupos, sob a chefia, respectivamente, do Major IRACÍ DE CASTRO FERREIRA e do Tenente-Coronel OTACÍLIO TERRA URURAÍ. Recebendo os visitantes usou da palvra o Sr. TEIXEIRA DE FREI-



O cliché acima mostra o grupo de oficiais que concluíram o curso do Estado Maior do Exército e que estiveram em visita ao Conselho Nacional de Geografia.

TAS, que fez minuciosa exposição sôbre a estrutura e o funcionamento do sistema estatístico-geográfico do país enumerando as múltiplas realizações que já se registam em seus diversos setores.

Na primeira turma falaram, ainda, o Major IRACÍ FERREIRA, representante do Exército na Junta Executiva Central do Conselho Nacional de Estatística, e o Capitão AROLDO RAMOS DE CASTRO, em nome dos militares visitantes. Ao serem recebidos os oficiais da segunda turma discursaram, também o Coronel OTACÍLIO URURAÍ e o Major CARLOS PINHEIRO RABELO.

Todos os oradores tiveram conceitos os mais honrosos e significativos para a obra de âmbito nacional que o Instituto vem realizando, pondo em relêvo, sobretudo, a sua importância para o seguro encaminhamento dos problemas de segurança nacional.

Os visitantes percorreram, ainda, várias secções da Secretaria Geral do Instituto, mostrando-se excelentemente impressionados com o regime de trabalho que lhes foi dado observar.

Foram os seguintes os oficiais que visitaram os serviços do Instituto: Tenente-Coronel EUDORO BARCELOS DE MORAIS; Majores FREDERICO VILEROI FRANÇA, ARMANDO CATANI, RUBENS NORONHA DE MIRANDA, JOÃO DA COSTA FONSECA, ALTAIR FRANCO FERREIRA, CARLOS PINHEIRO RABELO, e HEITOR BORGES FORTES; Capitães JOSÉ BARRETO LEITE, RAFAEL DE SOUSA AGUIAR, MÁRIO DE CARVALHO VALE, SÍLVIO AMÉRICO SANTA ROSA, JOSÉ LUIZ GUEDES, MANUEL MENDES PEREIRA, JOSÉ LÍVIO LESTE, GENARO BONTEMPO, DIDEROT TORRICELLI, AIRES DE MIRANDA, AROLDO RAMOS DE CASTRO, MILTON BARBOSA GUIMARÃES, MANUEL ALVES PIRES AZAMBUJA, ANTÔNIO DE MENDONÇA MOLINA, ARTUR DUARTE CANDAL FONSECA, AGUINALDO DIAS URURGUAI, ANTÔNIO DE SOUSA JÚNIOR e HELÍ FRANCO BELMIRO DA SILVA.

Nos dois dias que se seguiram foram visitados o Conselho Nacional de Geografia e a Comissão Censitária Nacional. Em ambos êsses colégios centrais do Instituto não foram menores as manifestações de agrado e simpatia tributadas aos ilustres oficiais que acabavam de concluir o curso no setor mais importante do Exército nacional. No C. N. G. aqueles ilustres visitantes foram recebidos pelo Eng. CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO e chefes de Secções e de Serviço, sendo-lhes após franqueados os vários setores do Conselho.

Nas secções de Documentação, Cartografia, da Carta Geral do Brasil e da de Estudos bem como na Secretaria Geral do C. N. G. tiveram, os oficiais que concluíram o curso de Estado Maior do Exército, uma visão sintética do vulto do trabalho realizado e programado, tendo os visitantes louvado tudo que observaram.

Outros setores do I. B. G. E. que mereceram também a atenção dos referidos oficiais foi a Diretoria de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura e o Serviço de Estatística e Previdência do Ministério do Trabalho, órgãos ministeriais do sistema estatístico-geográfico.

Agradecendo as merecidas atenções dispensadas aos referidos oficiais, o General GÓIS MONTEIRO, chefe do Estado Maior do Exército dirigiu naquele mesmo mês, um ofício ao Embaixador J. C. DE MACEDO SOARES, no qual depois de enaltecer a obra realizada pelo I. B. G. E. assim se expressou "as lições magistrais recebidas sôbre as possibilidades econômicas do país tudo, em suma, deixou nos visitantes e nos oficiais que os acompanharam, tenente-coronel OTACÍLIO TERRA URURAÍ e major IRACÍ FERREIRA DE CASTRO, uma impressão magnífica, e, no espírito de todos êles, uma noção precisa da grandiosa obra de brasilidade que vem sendo realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística".

CURSO DE INVERNO NA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

CONHECIMENTOS DE ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

O Departamento Cultural da Casa do Estudante do Brasil organizou para o ano corrente, um curso de inverno. Nesse curso, dirigido pelo Professor ARTUR RAMOS, será estudado a antropologia brasileira, estando o programa organizado:

1 — As novas diretrizes da antropologia (2 semanas).

Antropologia física e cultural. Raça e cultura. Os problemas gerais da antropologia física. Classificação moderna das raças. As questões gerais e aplicadas da antropologia biológica. Métodos e doutrinas etnológicas. Os métodos evolucionistas; exposição e crítica. O método histórico-geográfico. O mótodo funcionalista. Os métodos psicológicos. As orientações recentes do estudo da cultura.

2 — Antropologia brasileira. O índio (3 semanas).

Introdução arqueológica: o problema do homem americano. Culturas prehistóricas do Novo Mundo. Povos e culturas pré-históricas do Brasil. Classificações linguísticas do índios das Américas. Áreas culturais indígenas das Américas. Estudo geral do índio brasileiro: antropologia física e cultural. Classificações liguísticas e culturais do índio brasileiro. A cultura tupi. A cultura gê. A cultura aruak. A cultura caribe. Outros povos e culturas.

3 — O Negro (3 semanas).

Raças e culturas negro-africanas. A África branca e a África negra. Tipos antropológicos e culturas negras no Brasil. A cultura yoruba. A cultura ewe. A cultura fanti-ashanti. As culturas bantus. As culturas negro-maometanas. Sobrevivências culturais no Brasil: línguas, religiões, folclore, cultura material. A Escola de NINA RODRIGUES.

4 — O europeu e outros grupos étnicos no Brasil (2 semanas).

Raças e culturas de procedência européia no Brasil. Mapas racial e cultural da Europa. Tipos étnicos e culturas de procedência hispânica. O português e o espanhol no Brasil. O italiano. O alemão. Outros povos e culturas européias. Povos e culturas orientais no Brasil. O japonês. Outros grupos étnicos.

5 — Assimilação e aculturação no Brasil (2 semanas).

Problemas de adaptação e aclimatação no Brasil. Contactos de raça. O problema geral da mestiçagem; doutrina hodierna. Quadro da mestiçagem no Brasil. Os contactos de cultura no Brasil. Análise dos processos de aculturação. A aceitação, o sincretismo e a reação. As sobrevivências culturais e o folclore brasileiro.

O Conselho Nacional de Geografia tendo resolvido apoiar a iniciativa designou a funcionária da Secção de Estudos da sua repartição central, Senhorita MARIA FAGUNDES DE SOUSA DOCA para, como representante do funcionalismo do C. N. G., fazer o referido curso.

No ofício em que foi apresentada a Senhorita SOUSA DOCA, o Eng. LEITE DE CASTRO, salientou que a designação representou a demonstração mais expressiva do aprêço do Conselho Nacional de Geografia ao referido certame cultural.

A IDENTIFICAÇÃO DO LIVREIRO FRANCISCO ALVES COMO AUTOR DE LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

O Sr. Embaixador JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES, Presidente da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística vem de prestar um inestimável serviço às letras geográficas do país, ao identificar a curiosa figura de um geógrafo, autor de vários livros didáticos dessa disciplina e que assinava os seus trabalhos com o pseudônimo de F. DE OLIVEIRA.

O escritor que tal pseudônimo usava, segundo comprovadamente afirmou aquele ilustre intelectual, não foi outro senão o saudoso livreiro FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA, ou simplesmente o velho FRANCISCO ALVES, como era conhecido nos meios intelectuais do país.

O livreiro ALVES, falecido nesta capital em 29 de Junho de 1917, legou tôda a sua fortuna para a Academia Brasileira de Letras, consagrando-se com êsse gesto, o MECENAS das nossas letras, contando daí a sua maior popularidade.

Tendo feito várias pesquisas e realizado inquéritos, a respeito, o Sr. Embaixador MACEDO SOARES, depois de formular seguras conclusões, levou o resultado das suas indagações bibliográficas ao conhecimento dos seus ilustres pares, em discurso que pronunciou, no dia 29 de Junho último, quando se realizou a homenagem que aquele sodalicio prestou ao livreiro FRANCISCO ALVES, seu grande benemérito.

A seguir passamos a transcrever o último trecho do discurso que, a propósito, o Embaixador MACEDO SOARES pronunciou, no qual se encontra a parte que mais nos interessa.

"FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA dedicava-se também com entusiasmo aos estudos de geografia e de arqueologia. O Sr. PAULO DE AZEVEDO fez-me portador de uma pequena relíquia para nosso museu: o botão distintivo de sócio efetivo da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, da qual FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA fazia parte desde 1888.

Em colaboração com o seu sócio de Paris, Sr. JÚLIO MONTEIRO AILLAUD, o nosso grande benfeitor publicou uma série de Atlas de Geografia, nos quais êle assinava F. D'OLIVEIRA. Estes atlas foram mais tarde revistos pelos Profesores OLAVO FREIRE e L. SCHWALBACK.

Contou-me o distinto Sr. PAULO DE AZEVEDO, antigo gerente da filial de S. Paulo, depois companheiro de trabalho no Rio de Janeiro, e por último seu sucessor na chefia da casa, que FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA sonhou presentear o povo brasileiro, por ocasião das comemorações do centenário da independência, com um *Atlas Geográfico do Brasil* que rivalizasse com o *Grande Atlas de Geografia Moderna*, de STIELER, ou com o *Atlas Geral de História e Geografia*, de VIDAL DE LA BLACHE.

Preparou o plano da obra magistral. Mandou fazer em França as primeiras cartas. Já a casa editora havia gasto cêrca de 60 contos de réis, quando, em 29 de Junho de 1917, faleceu FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA.

Com a responsabilidade da chefia da casa, e verificando que a livraria teria de gastar outro tanto ou mais do que o despendido, PAULO DE AZEVEDO propôs lealmente ao govêrno editar o *Atlas*, oferecendo o dilema: receber um auxílio para publicar a obra, ou entregá-la ao govêrno, reservando-se apenas um certo número de exemplares, para cobrir parte das despesas já feitas. Nada se decidiu, e o sonho de ALVES não se converteu em realidade.

Eis aí, meus senhores, um fato novo para o nosso sodalício. Tínhamos o livreiro ALVES, amigo e editor de muitos dos nossos maiores acadêmicos. Temo-lo grande benfeitor da própria Academia, e, por seu intermédio, benemérito animador das letras nacionais. Dagora em diante o teremos também no rol dos autores nacionais, figurando, ainda que modestamente, na lista dos que trabalharam para o edifício da nossa cultura".

PE. DR. JOÃO AUGUSTO DA FROTA

Na capital cearense, onde era ultimamente domiciliado, faleceu, nos primeiros dias do mês de Abril último, o Padre Dr. JOÃO AUGUSTO DA FROTA, fundador do Instituto do Ceará e seu primeiro vice-presidente.

O Padre FROTA, a quem foi em tempo conferida a qualidade de ser "porventura a maior cultura do Ceará", era, como muito bem asseverou um dos conhecedores do seu valor: "se não primou pelas preocupações constantes das cousas literárias, sobressaiu pelo valor intrínseco de seus conhecimentos".

Os seus últimos dias viveu-os em completo retraimento, ao contrário dos tempos idos da mocidade, assinalados por intenso trabalho de pesquisas e observações, cujos resultados ao invés de fiar em livros, transmitia-os oralmente a seus contemporâneos nas salas de aulas e nos âmbitos restritos das sociedades culturais, pois, a sua proverbial modestia, constituiu, inequivocamente, o traço mais forte da sua formação.

Tendo recebido as ordens sacerdotais no Colégio Pio Latino Americano de Roma, doutorou-se, igualmente, alí, na Universidade Gregoriana de onde regressou à sua terra natal para, ao lado do exercício dos ministérios religiosos, entregar-se à missão de professor de matemática, matéria de sua predileção, especialmente na parte que se refere à astronomia. Eram tão sólidos os seus conhecimentos nesse especialização que, ao falecer o grande astrônomo padre SECCHI, seu professor, foi o padre FROTA convidado a substituir êsse sábio italiano na direção do Observatório Astronômico do Vaticano. Tal convite foi recusado, como também a nomeação

que recebeu para exercer o cargo de Bispo do Pará, para o qual fora eleito.

O trabalho *Meio Século de Existência*, de autoria do Sr. EUSÉBIO DE SOUSA, que versa a história do Instituto do Ceará encerra preciosos apontamentos sôbre a personalidade do ilustre matemático desaparecido, do qual retiramos as notas necessárias para a confecção dêste registo.

O Padre Dr. JOÃO AUGUSTO DA FROTA, nasceu na Fazenda Arara, situada no município de Santana do Acaraú daquele Estado, a 24 de Janeiro de 1849, contando portanto, ao morrer, a idade de 93 anos.

ALFREDO FERREIRA RODRIGUES

O Estado do Rio Grande do Sul perdeu, em Março último, uma das suas expressivas figuras intelectuais — o escritor ALFREDO FERREIRA RODRIGUES.

Prosador, poeta e historiador, ALFREDO RODRIGUES consagrou-se, desde muito jovem, ao estudo da história sul-riograndense, notadamente no que se refere à Revolução Farroupilha.

Seus estudos, nesse particular, foram propiciatórios para que, através deles, certos aspectos ainda não revelados da memorável cruzada, fôssem melhormente apreciados, inclusive o seus cunho nitidamente nacionalista.

São dêsse porte as suas obras *A Pacificação do Rio Grande*, *Davi Canabarro e a surprêsa dos Porongos*, *Bento Gonçalves e seu ideal político*, *Bento Manuel Ribeiro e seu papel na Revolução*, *Antônio Neto — combate de Seival e a proclamação da República* e ainda muitos outros, merecendo que se saliente a série *Homens e Fatos do Passado*, que encerra valiosas contribuições de cultura cívica.

Além de estudos históricos e biográficos, o extinto dedicou-se, também, a pesquisas geográficas e estatísticas, sendo dessa natureza, a sua *Notícia Descritiva e Estatística do Rio Grande do Sul* e o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, por êle fundado, no limiar da República e que circulou sem interrupção até 1917.

Ao noticiar o falecimento do escritor ALFREDO FERREIRA, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* (n.º 85, ano XXII, Jan-/Março de 1942) asseverou que as contribuições deixadas por êle lograram exercer tanta influência local, pela segurança com que foram abordados os assuntos, que determinaram uma nova fase nos estudos dessa natureza, no que diz respeito à história sul-riograndense.

PROFESSOR PERCY ALVIN MARTIN

A notícia do falecimento do Professor PERCY MARTIN, ocorrido em 9 de Março último, em Palo Alto, Califórnia, EE. UU., foi recebida com vivo pesar no Brasil, onde o ilustre extinto era estimadíssimo.

O professor MARTIN, que ao falecer contava a idade de 63 anos, exercia as funções de lente de história latina americana na Universidade de Stanford onde, há mais de um quarto de século, vinha ensinando a mocidade norte-americana os assuntos históricos pertinentes à América Latina.

Conhecendo profundamente a nossa literatura histórica, o ilustre extinto era, por isso, familiar aos nossos escritores, contando, além disso, com a amizade pessoal de vários dêstes, com os quais, mantinha constante correspondência.

Possuidor de grande entusiasmo pela matéria de sua especialização, o Professor MARTIN, até poucos dias antes de falecer, vinha mantendo também constante contacto com tôdas as instituições culturais latino-americanas através das quais recebia renovadas informações acêrca dos nossos assuntos.

Foi êle — não há negar, entre as personalidades intelectuais estrangeiras, a que mais trabalhou pelo melhor conhecimento das cousas brasileiras na América do Norte. A sua bibliografia é tôda ela dedicada a assuntos latino-americanos. O seu trabalho *Who's Who in Latin America,* cuja 2.ª edição veio a lume em 1941, contém a bio-bibliografia resumida da maioria dos intelectuais da América-Latina. Se não tivesse êle elaborado outros trabalhos que muito recomendam sua cultura e seu espírito altamente impregnado de sadio e construtor panamericanismo, bastaria o trabalho antes citado para indicar-lhe como o mais familiar de quantos intelectuais norte-americanos nossos amigos.

Ainda recentemente, por ocasião da reunião do 3.º Congresso Sul-riograndense de História e Geografia, realizado em Pôrto Alegre, o Professor PERCY MARTIN compareceu ao certame com uma valiosa contribuição — *A escravatura e a sua abolição no Brasil* — (3.º volume dos Anais do mesmo Congresso).

Nesse trabalho demonstrou o Professor PERCY MARTIN conhecer tôdas as causas, remotas e imediatas, que gravitaram em tôrno do movimento abolicionista em nosso país. Para atestar o seu labor e sua honestidade inteletual em abono às conclusões a que chegou, o autor teve de consultar 143 trabalhos brasileiros sôbre o assunto.

Outras contribuições ainda ficaram a atestar o espírito continental do saudoso mestre norte-americano. São elas, entre muitas outras: *América Latina y la guerra* e *Simon Bolivar el Libertador.*

COORDENADAS GEOGRÁFICAS LEVANTADAS PELO C. N. G.

LOCAL	Lat.	Long. W. Gr.	Situação, observador e época
		BAÍA	
Rio Novo.....	14°08'20".7 S	39°44'02".1	M. IBGE. — Praça Rui Barbosa a 40m N da Igreja. — G. S. P. — Setembro 941.
Salvador. Estação Meteorológica de Ondina.....	13°00'21".4 S	38°30'26".7	M. IBGE.— Estação Ondina — G. S. P.— Janeiro 941.
São Roque.....	12°51'17".5 S	38°50'45".8	Extrema base triang. a 10m W Igreja — G. S. P. — Janeiro 941.
Seabra.....	12°25'04".3 S	41°46'04".7	M. IBGE — Centro da praça Quintino Bocaiuva a 50m E Igreja — G. S. P.— Junho 941.
Salvador (Mont' Serrat)	12°55'34".3 S	38°31'12".6	Marco Alírio de Matos, defronte forte Mont'Serrat — A. M. — Novembro 941.
		ESPÍRITO SANTO	
Rio Pardo.....	20°20'42".7 S	41°32'02".4	M. IBGE — A 86m E Igreja — D. F. — Julho 941.
São José do Calçado	21°01'39".1 S	41°39'18".7	» » — Praça principal — D. F. — Maio 941.
	21°01'37".4 S	41°39'21".2	Tôrre Igreja — D. F.— Maio 941.
São Mateus.....	18°42'49".9 S	39°51'33".6	M. IBGE.— Defronte à Prefeitura— D. F.— Dezembro 940
	18°42'50".0 S	39°51'32".9	Cruz — Igreja — D. F. — Dezembro 940.
Siqueira Campos..	20°46'38".1 S	41°40'43".8	M. IBGE.— D. F.— Junho 941.
	20°46'35".8 S	41°40'44".3	Cruz Igreja — D. F. — Junho 941.
		GOIAZ	
Rio Bonito.....	16°57'09".4 S	51°48'43".8	M. IBGE.— Defronte à Matriz — V. S.— Maio 941.
Rio Verde.....	17°47'54".3 S	50°55'53".9	» » — Praça da Matriz — V. S. — Maio 941.
		MATO GROSSO	
Sucuruína.....	14°17'10".0 S	57°43'24".0	Margem estrada para Parecís, cabeceira do Sucuruína, pouso entre Parecís e Utiarití.— D. R. S. — Agôsto 941.
São Vicente.....	15°49'18".5 S	55°25'12".3	Patronato Agrícola a 11m da casa do Diretor. — D. R. S. — Julho 941.
		MINAS GERAIS	
Montes Claros....	16°43'31".6 S	43°51'52".2	M. IBGE.— Ao lado Igreja — D. R. S.— Abril 941.
Santa Maria do Suassuí	18°11'32".4 S	42°25'04".5	» » — Ao lado da Capela do cemitério — D. R. S — Fevereiro 941.

LOCAL	Lat.	Long. W. Gr.	Situação, observador e época
		PARÁ	
Pôrto de Moz.....	1°45'14".8 S	52°14'22".4	M. IBGE.— A 62m NW da Prefeitura — R. R. P.— Março 941.
Santa Isabel.....	1°17'51".7 S	48°09'56".7	» » — A 65m NW do Mercado Municipal — R. R. P. — Outubro 940.
		PARANÁ	
Rio Azul.....	25°43'32".6 S	50°47'20".6	M. IBGE.— No centro da praça Tiradentes — A. C. M. — Março 941.
São Jerônimo.....	23°43'30".7 S	50°44'28".2	» » — A. C. M.— Setembro 941
São João do Triunfo	25°41'02".2 S	50°17'49".8	» » — Páteo da Prefeitura— A. C. M.— Abril 941.
		PERNAMBUCO	
Catende.....	8°40'06".3 S	35°43'19".6	M. IBGE.— Praça Coração Eucarístico a 39m da Igreja —P. M. S.—Nov. 941.
Queimadas.....	7°44'54".6 S	35°36'10".8	» » — Praça Cel. Abílio a 27m da Igreja — P. M. S. — Outubro 941.
Ribeirão.....	8°30'39".5 S	35°22'40".1	» » — Junto ao Reservatório— P. M. S.— Novembro 941.
São Bento.....	8°31'16".4 S	36°21'50".0	» » — P. M. S.— Setemb. 941.
Taquaritinga.....	7°54'13".6 S	36°02'30".5	» » — Praça Lajedo — P. M. S.— Novembro 941.
Vitória.....	8°07'13".5 S	35°17'58".4	» » — Praça João Pessoa — P. M. S.— Setembro 941.
		PIAUÍ	
Aparecida.....	7°38'23".1 S	43°56'37".2	M. IBGE.— Praça Mercado a 270m da Igreja — H. B.— Junho 941.
Bom Jesús.....	9°04'13".2 S	44°21'28".4	» » — A 171m NE — Igreja — H. B.— Julho 941.
Canto do Burití...	8°06'33".3 S	42°56'54".7	» » — A 41. NW Igreja — H. B.— Julho 941.
Castelo.....	5°19'24".1 S	41°33'16".2	» » — A 76m W Igreja — H. B.— Novembro 941.
Correntes.....	10°26'37".7 S	45°09'	» » — Praça Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá a 270m a E Igreja — H. B.— Setembro 941.
Gilbués.....	9°49'54".7 S	45°21'	» » — A 91m S da Igreja — H. B.— Setembro 941.
Jaicós.....	7°21'37".2 S	41°08'19".2	» » — A 39m Matriz — H. B. Outubro 941.
Jeromenha.....	7°05'16".6 S	43°30'39".3	» » — A 43m SW Igreja — H. B. Junho 941.
Parnaguá.....	10°13'30".1 S	44°38'29".7	» » — Na praça a 46m NW.— Igreja — H. B. Agôsto 941.
Patrocínio.....	6°50'04".8 S	40°36'54".3	» » — Na praça a 35m NW. Igreja.— H. B.— Outubro 941.
Picos.....	7°04'54".4 S	41°28'13".5	» » — Na Praça a 38m NW. Matriz.— H. B.— Setembro 941.

LOCAL	Lat.	Long. W. Gr.	Situação, observador e época
PIAUÍ (conclusão)			
Pôrto Seguro.....	6°42'52".3 S	43°46'54".1	M. IBGE.— Na praça a 51m NE. Matriz. — H. B. — Junho 941.
São Raimundo Nonato	9°00'53".5 S	42°41'02".5	» » — A 50m SW Igreja — H. B.— Julho 941.
São João do Piauí	8°21'25".6 S	42°14'55".3	» » — H. B.— Julho 941
Socorro.....	7°05'13".6 S	40°37'10".2	» » — A 19m SW Matriz — H. B.— Outubro 941.
São Pedro.....	5°55'45".2 S	42°43'43".5	» » — A 20m NW Igreja — H. B.— Outubro 941.
Valença.....	6°24'01".6 S	41°44'55".1	» » — Na praça a 44m NW Igreja — H. B.— Outubro 941.
RIO GRANDE DO SUL			
Palmeira.....	27°53'59".0 S	53°18'58".5	M. IBGE.— P. C. — Dezembro 941.
SANTA CATARINA			
Timbó.....	26°49'32".5 S	49°16'18".0	M. IBGE.— Na futura praça.— V. P. — Junho 941.
	26°49'23".3 S	49°16'25".5	Igreja Luterana — V. P. — Junho 941.
SÃO PAULO			
Itaporanga.....	23°42'13".0 S	49°29'01".7	J. O. Q. — Marco no Grupo Escolar.
Itararê.....	24°06'33".3 S	49°19'57".8	» » » — Portal da Igreja São Pedro
Itatinga.....	23°06'04".5 S	48°36'57".5	» » » — Cruz da Igreja Matriz.
José Bonifácio....	21°03'10".4 S	49°41'24".8	» » » — Marco ao lado da Matriz
Lagoinha.....	23°05'28".6 S	45°11'30".7	» » » — Cruz da Igreja São Benedito
Lins.....	21°40'25".0 S	49°45'23".4	L. T. — Marco no Estádium Municipal
Macaúbas.....	20°48'24".9 S	49°58'00".0	J. O. Q. — Marco no Largo principal
Marília.....	22°13'10".1 S	49°56'45".8	L. T. — Marco Pôsto Expurgo Algodão
Monte Aprazível..	20°46'16".9 S	49°42'45".8	J. O. Q. — Coreto (centro da Praça)
Novo Horizonte...	21°28'02".2 S	49°13'17".4	L. T. — Marco no Mercado Municipal
Palmital.....	22°47'04".6 S	50°13'20".2	A. C. — Cruz da Igreja Matriz.
Paraguassú.....	22°24'52".5 S	50°34'35".1	» » — Marco na Prefeitura
Pariquera-Assú....	24°42'50".7 S	47°52'58".9	J. O. Q. — Marco A — Sul da Base
Paulo de Faria....	20°01'51".1 S	49°24'04".6	» » » — Tôrre da Igreja Matriz
Penápolis.....	21°24'59".2 S	50°04'22".8	L. T. — Marco na Prefeitura Municipal
Pereira Barreto..	20°38'43".8 S	51°06'35".4	» » — Marco no escritório Cia. Japonesa
Pirajuí.....	22°00'04".1 S	49°27'24".3	» » — Marco — Caixa D'Agua
Pompéia.....	22°06'27".7 S	50°10'33".3	A. C. — Marco no terreno do Colégio
Pôrto Giovani.....	22°56'26".0 S	50°48'15".6	» » — Marco m. d. rio Paranapanema
Pôrto Independência	20°58'18".6 S	51°42'31".6	T. L. — Marco m. e. rio Paraná
Pôrto Presidente Vargas	20°12'38".4 S	51°02'09".9	» » — Marco m. e. rio Paraná
Prainha.....	24°16'50".1 S	47°27'39".8	J. O. Q. — Na cruz da Igreja
Presidente Prudente	22°07'04".4 S	51°22'57".5	A. C. — Marco no Bosque Municipal

LOCAL	Lat.	Long. W. Gr.	Situação, observador e época
		SÃO PAULO (conclusão)	
Presidente Venceslau	21°52'19".7 S	51°50'48".1	M. IBGE.— Marco na Prefeitura
Rancharia.....	22°13'34".6 S	50°53'34".8	» » — Marco no Grupo Escolar
Registro.....	24°29'13".7 S	47°50'17".4	J. O. Q. — Na tôrre da Igreja São Francisco
Rio Preto.....	20°48'56".4 S	49°23'08".8	» » » — Marco na chácara Dr. Bastos
Rio do Turvo.....	22°41'29".8 S	49°25'52".5	» » » — Cruz da Igreja
Salto Grande.....	22°53'32".6 S	49°59'09".4	A. C. — Tôrre da Igreja Matriz
Santos.....	23°56'26".6 S	46°19'47".7	J. O. Q. — Na tôrre da igreja N. S. Mont Serrat
Santo Anastácio..	21°58'17".4 S	51°39'27".1	A. C. — Marco (Caixa d'Água)
São José dos Campos	23°13'53".2 S	45°51'21".9	L. T. — Marco (Pôsto Meteorológico)
São Pedro Turvo	22°45'00".9 S	49°44'26".0	J. O. Q. — Cruz da Igreja Matriz
Taquaritinga.....	21°24'43".6 S	48°29'53".4	» » » — Portal estação E. F. S.
		TERRITÓRIO DO ACRE	
Xapurí.....	10°38'59".2 S	68°30'16".8	M. IBGE.— U. C. S.— Novembro 940.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA DA AMAZÔNIA

Esta Revista, a partir do seu n.º 1, ano II (Janeiro-Março de 1941) até o penúltimo, n.º 1, ano IV (Janeiro-Março de 1942, vem registrando, com pontualidade, nesta secção, os trabalhos sôbre Geografia e de interêsse geográfico aparecidos no país desde o ano de 1939 em diante.

No presente número — dedicado ao IV centenário do descobrimento do rio Amazonas — interrompemos o "registro bibliográfico 1939-942" para, em seu lugar, apresentarmos a relação das contribuições alusivas à região amazônica existentes na Secção de Documentação do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, que é o órgão central executivo do Conselho Nacional de Geografia.

Dêsse modo, os estudiosos de Geografia brasileira encontrarão, a seguir, resenhados, por ordem alfabética dos autores, mais de um milhar de trabalhos amazônicos, os quais abordam essa importante região em todos os seus aspectos.

Deixamos de incluir na presente resenha os trabalhos cartográficos e mesmo vários livros que versam sôbre o Brasil em geral, onde há referências também à Amazônia, atendendo que o grande número de contribuições dessa natureza que poderíamos apontar tomaria grande número de páginas com sacrifício de outras matérias, igualmente, interessantes.

B I B L I O T E C A :

ABREU, J. Capistrano de — *Rã-txa-hu-ni-ku-i Gramática, textos e vocabulário Caxinauás* — 2.ª edição, 24 x 17 cm — Edição da Sociedade Capistrano de Abreu — 1941 — 649 páginas — (Classificação: livro n.º 4931).

AIRES CARNEIRO, João Roberto — *Itinerário* da Viagem da Expedição Exploradora e Colonizadora ao Tocantins em 1849 apresentada ao Ilmo. e Exmo. Sr. JERÔNIMO FRANCISCO COELHO, do Conselho de S. M. O Imperador, Comendador da Ordem de São Bento de Aviz, Cônsul do Imperial corpo de Engenheiros, Presidente e Comandante das Armas da Província do Grão Pará. — Ano de 1850. (Classificação: livro n.º 119 — VII).

AKERS, C. E. — *Report on The Amazon Valley. Us rubber industry and other resources.* 21,4 x 33,4 cm Waterlow & Sons Limited. London. 1912. 190 páginas, com ilustrações e um mapa: Amazon Valley and Navigation lines. (Classificação: livro n.º 466).

AKERS, C. E. — *Reprodução devidamente autorizada do Relatório sôbre o Vale do Amazonas. Sua indústria da borracha e outros recursos.* Tipografia do *Jornal do Comércio.* Rio de Janeiro. 1913. 201 páginas, com ilustrações. (Classificação: livro n.º 1379).

ALBUQUERQUE, Luiz R. Cavalcante — *A Amazônia em 1893* — Estudos Econômicos-Financeiros — 23 x 16,3 cm — com um mapa fora do texto — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1894 — 201 páginas — (Classificação: livro n.º 1989).

ALTAIR, Jaçanã — *A Lenda da Vitória Régia* — com várias ilustrações fotográficas — 18 x 12 cm — Editora Proprietária: Companhia Melhoramentos de São Paulo — 79 páginas — (Classificação: livro n.º ?????).

AMORIM, Aníbal — *Viagens pelo Brasil* — Com oitenta gravuras do Rio Acre, aspectos da Amazônia, do Rio a Mato Grosso — 24 x 16,5 cm — Livraria Garnier — Rio de Janeiro — 505 páginas — (Classificação: livro n.º 2033).

ANDRADE, Gilberto Osório de — *Um complexo antropogeográfico* — (Lineamentos para uma geografia total da Amazônia) 22,8 x 15,5 cm — Recife — Tipografia *Diário da Manhã* — 1940 — 273 páginas — (Classificação: livro n.º 3884).

ANDRADE, Jorge de — *Panorama Econômico-Financeiro do Amazonas* — Algarismos que refletem a estabilidade do Estado — Aspectos da política tributária seguida pelo interventor ÁLVARO MAIA — 18,2 x 13 cm — Imprensa Pública — Manaus — Brasil — 1939 — 18 páginas — (Classificação: livro n.º 1315,15 - 4.º).

ANDRADE THURY, Admar de — *Memorial* apresentado ao Sr. Dr. ALBERTO DE AGUIAR CORREIA, D. Diretor da Escola Agronômica de Manaus, sôbre a cultura de juta entre os japoneses de Parintins. — Com ilustrações fotográficas — 23 x 16 cm — Livraria Clássica — Manaus — Amazonas — Julho — 1938 — 16 páginas — (Classificação: livro n.º 1312,16 — 2.º).

ARQUIDIOCÉSE DE BELÉM E PARÁ — *Anuário* — Ano de 1938 — 22,5 x 16 cm — 73 páginas — sem indicação da casa impressora — (Classificação: livro n.º 3689).

AZAMBUJA, J. M. N. — Conselheiro — *Questão Territorial com a República Argentina — Limites do Brasil com as Guianas Francesa e Inglesa* — 22,5 x 15 cm — Rio de Janeiro — Tipografia da Companhia Editora Fluminense — 1891. — 314 páginas — (Classificação: livro n.º 2409).

AZEVEDO, J. Lúcio — *Estudos de História Paraense* — 17 x 11,5 cm — Pará — Tipografia de Tavares Cardoso — 1893 — 251 páginas (Classificação: livro n.º 2428).

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro — *Ensaio corográfico sôbre a Província do Pará* — 13,5 x 20,2 cm — 589 páginas — Tipografia de Santos e Menor. — Pará — 1839. (Classificação: livro n.º 416).

BARBOSA RODRIGUES, J. — *Poranduba Amazonense* — Vocabulário indígena — 25 x 19 cm — Sem indicação da casa impressora — 334 páginas — (Classificação: livro n.º 2040 — com vocabulário).

BARREIROS, Tito Lívio — *A Concessão Ford e o Governador Dionísio Bentes* — 27,5 x 19,5 cm — Belém — Pará — Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré — 1928 — 184 páginas — (Classificação: livro n.º 4974).

BELÉM, FURTADO — *Limites orientais do Estado do Amazonas — Ocupação de terras amazonenses pelo govêrno paraense* — 21 x 15 cm — Tipografia da Livraria *Palais Royal* — Manaus — 1912 — 245 páginas — (Classificação: livro n.º 1949).

BELÉM, José Furtado — *Amazonas — Pará — Questões de Limites* — 21,5 x 15,5 cm — com um mapa fora do texto — Manaus — Amazonas — Secção de Obras da Imprensa Pública — 1916 — 263 páginas — (Classificação: livro n.º 2500).

BELMAR — *Voyage aux Provinces Brésiliennes du Pará et des Amazones en 1860, Prócédé d'un rapide coup d'oeil sur le littoral du Brésil* — 12 x 20,2 cm — Trezise, imprimeur — Londres — 1861 — 236 páginas — (Classificação: livro n.º 30).

BITTENCOURT, Agnelo — *A necessidade dos Recenseamentos* — Estado do Amazonas — 13 x 16 cm — Tipografia Palácio Real — Manaus — 23 páginas — (Classificação: livro n.º 1313,9 — 2.º).

— *Contribuição para a Corografia política do Estado do Amazonas* — Extraído da Tese de Concurso — 16,4 x 25,8 cm — Livraria e Tipografia *Palais Royal* — Manaus — 1908. — 48 páginas — (Classificação: volume n.º 224).

— *Corografia do Estado do Amazonas* — 18,5 x 26 cm — Tipografia Palácio Real — Manaus — Amazonas — 1925 — 346 páginas, com ilustrações — (Classificação: volume n.º 1610).

BITTENCOURT, Antônio C. R. — *O Município da Lábrea — Notícia sôbre a sua origem e desenvolvimento e sôbre o Rio Purús* — 23,4 x 16 cm — com várias fotografias ilustradas — Manaus — Amazonas — Junho de 1918 — Tipografia da Livraria *Palais Royal* — (Classificação: livro n.º 4800).

— *Memória do Município de Parintins — Estudos históricos sôbre sua origem e desenvolvimento moral e material* — 23 x 16 cm — Livraria *Palais Royal* — Manaus — 1924 — 204 páginas — (Classificação: livro n.º 1944).

— *As Finanças do Amazonas numa administração* — 20,4 x 15,2 cm — Tipografia do *Jornal do Comércio* — Rio de Janeiro — 1914 — 47 páginas — (Classificação: livro n.º 1305,8).

BONDAR, Gregório — *A Seringueira do Pará (Hevea Brasiliensis) do Estado da Baía* — 23 x 16 cm — com várias ilustrações fotográficas — Baía — Imprensa Oficial do Estado — 1926 — 16 páginas — (Classificação: livro n.º 3690).

BORROMEU, Padre Carlos, C. PP. S. — *Cartas Históricas do Xingú* — Homenagem ao IV Centenário da Companhia de Jesús — 27 x 21 cm — Pôrto de Moz, Rio Xingú — Pará — 1940 — 24 páginas — (Classificação: livro n.º 1302,2 — 5.º).

BRAGA, Teodoro — *História do Pará — Resumo Didático* — 18,8 x 13,5 cm — com várias ilustrações fotográficas e mapas fora do texto — Companhia Melhoramentos de São Paulo — São Paulo — Rio — 163 páginas — (Classificação: livro n.º ???).

— *Guia do Estado do Pará* — 22 x 13,3 cm — com 2 mapas fora do texto — Tipografia do Instituto Lauro Sodré — Belém — Pará — Brasil — 1916 — 198 páginas — (Classificação: livro n.º 1747).

— *Noções de Corografia do Estado do Pará* — 20,5 x 15 cm — com um mapa e uma planta fora do texto — Emprêsa Gráfica Amazônia — Belém — Pará — Brasil — 1920 — 631 páginas — (Classificação: livro n.º 1649).

BRASIL, Raimundo P. — *O Município de Utaituba na exposição de produtos tropicais de Londres, Julho, 1914* — 23,3 x 16 cm — Texto em português, francês e inglês — (Classificação: livro n.º 560).

BRASIL, Raimundo Pereira — *Os sertões do Rio Tapajoz* — 14,5 x 23 cm — Secção de Obras d'*A Província do Pará* — Brasil — 1910 — 138 páginas, com ilustrações — (Classificação: livro n.º 1334).

— *O Rio Tapajoz — Na Exposição Nacional de Borracha de 1913 no Rio de Janeiro* — 14,4 x 21,9 cm — 1913 — 105 páginas — Com fotografias e um mapa do Rio Tapajoz no Município de Itaituba — (Classificação: livro n.º 23).

BRAZIL RAILWAY COMPANY — *Saneamento da bacia do rio Madeira — Construção de Estradas de Ferro em regiões insalubres — Documentos oferecidos aos médicos e engenheiros do Brasil* — 15,4 x 22,8 cm — Tipografia do *Jornal do Comércio* — Rio de Janeiro — 1913 — 145 páginas — Com um esquema — (Classificação: livro n.º 51). — Com estatísticas do serviço sanitário e duas tabelas de observações meteorológicas feitas em Pôrto Velho em 1912.

BRITO, Paulino — *A Imprensa no Pará — In O Pará*, em 1900 — Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil. Publicação comemorativa feita pelo govêrno do Estado — (Classificação: livro n.º 470).

BUARQUE, Manuel — *Recordações do Xingú* — 18 x 12,5 cm — Papelaria Suiça, de Daniel M. Nobre — Belém — Pará — 1940 — 80 páginas — (Classificação: livro n.º 4434).

BURMESTER, Luiz German — *Lope de Aguirre y la Jornada de los Marañones* — 28 x 19 cm — Libraria "Menéndez" — Buenos Aires — 1941 — 196 páginas — (Classificação: livro n.º 4868).

CAMPOS, Américo — *Noticia sôbre a patologia médica do Pará — In O Pará*, em 1900 — Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil. — Publicação comemorativa feita pelo govêrno do Estado — (Classificação: livro n.º 470).

CAMPOS, Hermenegildo Lopes de — *Climatologia médica do Estado do Amazonas* — 2.ª edição — 22 x 15,5 cm — com 1 diagrama fora do texto — Manaus — Amazonas — Secção de Obras da Imprensa Oficial — 1909 — 148 páginas — (Classificação: livro n.º 3807).

CARVALHO, Ladário de — *Borracha do Amazonas (Características químicas e físico-mecânicas)* — 21 x 14,5 cm — Departamento de Estatística e Publicidade (Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio) — Rio de Janeiro — 1939 — 24 páginas — (Classificação: livro n.º 1301,10).

CASTRO, Genésio de — *O Estado Independente do Acre — J. Plácido de Castro — Excerptos históricos* — 18,5 x 14 cm — Com várias fotografias — Rio de Janeiro — Tipografia São Benedito — 1930 — (Classificação: livro n.º 3252).

CASTRO, Plácido de — *Navegação do Rio Acre* — 19,8 x 31 cm — Tipografia do *Jornal do Comércio* — Rio de Janeiro — 1907 — 24 páginas — Levantamento do rio Acre e derrota de sua navegação — 6 plantas — (Classificação: livro n.º 465).

CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE, L. R. — *Estado da Amazônia. Comércio e navegação de trânsito internacional com as repúblicas limítrofes: Colômbia, Venezuela, Bolívia e Perú. Revogação dos Tratados* — 102 páginas, com 4 cartas coloridas — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1902 — (Classificação: livro n.º 929).

COSTA, Cândido — *A cultura de café no Estado do Pará* — 23 x 15,5 cm — Oficinas gráficas do Instituto Lauro Sodré — Belém — Pará — 1925 — 36 páginas — (Classificação: livro n.º 1302,19 — 6.º).

COSTA, Dante — *O problema da alimentação na Amazônia — (Separata da Revista Medicina, Cirurgia, Farmácia)* — 60, Março, 1941 — 23 x 16 cm — Sem indicação da casa impressora — 18 páginas — (Classificação: livro n.º 1315,7 — 3.º).

COUDREAU, Henri A. — *Études sur les Guyanes et L'Amazonie* — 16,5 x 24,4 cm — 3 volumes; Challamel Aîné, Éditeur — París — 1886. O 1.º volume tem 436 páginas; o 2.º, 495; o 3.º, 9 cartas coloridas — (Classificação: livros ns. 108-I, 108-II e 108-III). — No 2.º volume nas páginas 461 a 492 um glossário e um vocabulário.

— *Voyage au Tapajoz* — 28 Juillet 1895 — 7 Janvier 1896 — 22 x 26,7 cm — A. Lahure, imprimeur — éditeur — París — 1897 — 210 páginas, com uma carta fora do texto e diversas ilustrações — (Classificação: livro n.º 215).

— *Voyage au Xingú* — 30 Mai 1896 — 26 Octobre 1896 — 23 x 27,5 cm — A. Lahure, imprimeur — éditeur — París — 1897 — 230 páginas, com ilustrações e uma carta, fora do texto, do rio Xingú — (Classificação: livro n.º 313).

— *Voyage au Jamundá — Ouvrage illustré de 87 vignettes et de 17 cartes* — 28 x 22,5 cm — París — A. Lahure, Imprimeur — Éditeurs — 1899 — 163 páginas — (Classificação: livro n.º 2057).

COUDREAU, O. — *Voyage au Maycurú — Ouvrage illustré de 57 vignettes et de 1 carte* — 27 x 22,5 cm — París — A. Lahure, Imprimeur — Éditeur — 1903 — 145 páginas — (Classificação: livro n.º 2058).

— *Voyage au Cuminá* — 20 Avril 1900 — 7 Setembro 1900 — 28,5 x 23 cm — Com vários mapas e fotografias — París — A Lahure, Imprimeur — Éditeur — 1901 — 190 páginas — (Classificação: livro n.º 1889).

—*Voyage au Rio Curua* — 20 Novembre 1900 — 7 Mars 1901 — 22,5 x 27,5 cm — A. Lahure, Imprimeur — Éditeur — París — 1903 — 114 páginas, com ilustrações e uma carta fora do texto — (Classificação: livro n.º 996).

— *Voyage a la Mapuerá* — 21 Avril 1901 — 24 Décembre 1901 — 23 x 27,5 cm — A. Lahure, Imprimeur — Éditeur — París — 1903 — 166 páginas, com ilustrações e uma carta, fora do texto, do Rio Mapuera — (Classificação: livro n.º 306).

— *Voyage au Trombetas* — Ouvrage illustré de 68 Vignettes et de 4 Cartes — 28 x 22,5 cm — París — A. Lahure, Imprimeur — Éditeur — 1900 — 134 páginas — (Classificação: livro n.º 2059).

CUNHA, Cândido — *O Município de Curuçá — Sua geografia, história, lendas, belezas e riquezas naturais. Dados estatísticos* — 15 x 23 cm — Estado do Pará — 1939 — 95 páginas, com um mapa do município de Curuçá e uma planta da sede do mesmo município — (Classificação: livro n.º 978).

CUNHA MARRECA, Orvácio Deolindo da — *Histórico da Polícia Militar do Pará desde o seu início (1820) até 31 de Dezembro de 1939* — 23 x 15,5 cm — Belém — Pará — Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré — 1940 — 315 páginas — (Classificação: livro n.º 4926).

EGGRATH, D. Pedro O. S. B. (Arquí-abade de São Bento e Prelado do Rio Branco — O Vale e os índios do Rio Branco — *Conferência realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 31 de Maio de 1924* — 22,5 x 15,8 cm — Tipografia Universal — Rio de Janeiro — 1924 — 77 páginas — (Classificação: livro n.º 1321,26).

EPITÁCIO PESSOA — *A Fronteira Oriental do Amazonas — Petição inicial e Razões finais do Estado do Amazonas na ação de limites que move contra o do Pará* — 23 x 16 cm — com vários mapas — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1917 — 406 páginas — (Classificação: livro n.º 2597).

ESPINHEIRA, Ariosto — *Viagem através do Brasil — Amazônia* — Vol. I — Com várias ilustrações do autor — 23 x 18 cm — Companhia Melhoramentos de São Paulo — 72 páginas — (Classificação: livro n.º 3729).

FERREIRA, Raimundo Luiz — *Roteiro do Rio Purús e seus afluentes* — 2.ª edição corrigida e muito melhorada — 21 x 14 cm — Impressão na Tipografia da Livraria Clássica — Manaus — 1904 — 88 páginas — (Classificação: livro n.º 1317,18 — 3.º).

FLORNOY, Bertrand — *Haut-Amazone — Trois français chez les indiens reducteurs de têtes* — Plon — París — 20 x 14,5 cm — com várias ilustrações fotográficas e 2 mapas — París — Librarie Plon — 272 páginas — (Classificação: livro n.º 2877).

GAMA MALCHER, José Carneiro da — *Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Pará, em sessão solene de instalação da 3.ª Reunião Ordinária de sua 1.ª Legislatura a 16 de Julho de 1937* — 32 x 23 cm — Belém — Pará — Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré (Escola Profissional do Estado) — 1937 — 132 páginas — (Classificação: livro n.º 1713).

GODARD, Mayime Kuczynski — *Algunas observaciones médico-sociales sobre el Departamiento de Amazonas* — 24,5 x 17,5 cm — Edição ilustrada com várias fotografias — Imprenta Americana — Lima — Año 1940 — 82 páginas — (Classificação: livro n.º 1303,9 — 12.º).

GODINHO, J. — *Notícia sôbre a natalidade, a nupcialidade e a mortalidade em Belém, no quinquênio de 1895 a 1899 — In O Pará*, em 1900. — Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil — Publicação comemorativa feita pelo govêrno do Estado — (Classificação: livro n.º 470).

GONDIM, Joaquim — *Etnografia indígena (Estudos realizados em várias regiões do Amazonas, no período de 1921 a 1926)* — Volume I — 22,5 x 15.8 cm — Editora Fortaleza — Ceará — 1938 — 67 páginas — (Classificação: livro n.º 3798).

GROSSI, Vincenzo — *Nel Paese Amazzoni* — Com um mapa fora do texto — 19 x 13 cm — Tipografia Dell Unione Cooperative Editrice — Roma 1897 — 130 páginas — (Classificação: livro n.º 1952).

GUIMARÃES, Gaspar — *Dados descritivos do Município de Coari* — (D'O *Diário de Notícias*) — 14 x 10,2 cm — Imprensa Oficial — Manaus — 1900 — 30 páginas — (Classificação: livro n.º 1303,23 — 11.º).

GUSMÃO, Saladino de — *Riquezas e segredos da Amazônia* — 23 x 16 cm — Com várias ilustrações fotográficas — 1932 — Tipografia São Benedito — 195 páginas — (Classificação: livro n.º 4576).

HILLIGES, Aug. — *Mapa do Alto Juruá* — 1905 — (Classificação: livro n.º 220).

HURLEY, Jorge — *No Domínio das Águas* — (Livro dos pescadores paraenses) História da pesca no Pará — 23 x 16 cm — Com várias ilustrações fotográficas — Tipografia do Instituto D. Macedo Costa — Escola Profissional — 1933 — Pará — 114 páginas — (Classificação: livro n.º 3179).

INSPETORIA FEDERAL DE PORTOS, RIOS E CANAIS — *Coletânea das leis, decretos, outros atos oficiais e informes reefrentes ao Pôrto de Manaus concedido à "Manaus Harbour Limited Co."* — 16,5 x 23,5 cm — Pap. Americana — Rio de Janeiro — 1926 — 223 páginas — (Classificação: livro n.º 361).

— *Pôrto de Belém — Coletânea das leis, decretos e outros atos oficiais, referentes ao Pôrto de Belém, concedido à Companhia "Port of Pará"* — 16 x 23,1 cm — Rio de Janeiro, 1926 — 553 páginas — (Classificação: livro n.º 16).

INSTITUTO DE ESTATÍSTICA DO PARÁ DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — *Situação Econômica do Estado do Pará* — Quadros estatísticos e apreciação — 27 x 19 cm — 1939 — Papelaria Suíça, de Daniel M. Nobre — Pará — 66 páginas — (Classificação: livro n.º 3754).

JARAMILO, Heliodoro — *Breve notícia sôbre os vales dos rios Purús e Madeira — Afluentes do Amazonas — Estradas de Ferro Projetadas "Madeira e Mamoré" no Mato Grosso (Central do Amazonas) no rio Purús* — 22,5 x 15,5 cm — Com 1 mapa fora do texto — Manaus — Livraria e Tipografia de M. Silva E. Ca. — 1902 — 33 páginas — (Classificação: livro n.º 3078).

JOBIM, Anísio — *Manacapurú — Separata do volume II da "Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas"* — 23 x 15,8 cm — Tipografia Fênix — Manaus — Amazonas — 1933 — 28 páginas — (Classificação: livro n.º 1312,15 — 2.º).

— *A Intelectualidade no extremo norte* — (Contribuições para a História de Literatura no Amazonas) — 19 x 14 cm — Livraria Clássica, J. J. da Câmara — Manaus — Amazonas — 1934 — 163 páginas — (Classificação: livro n.º 2847).

— *Panoramas amazônicos* — (Coarí) — 18,5 x 12 cm — Com várias ilustrações fotográficas — Manaus — Imprensa Pública — 1933 — 157 páginas — (Classificação: livro n.º 2856).

— *Panoramas amazônicos — II — Codajás* — 22,5 x 15,5 cm — 33 páginas — 1934 — Tipografia Fênix, de Sérgio Cardoso — Manaus — Amazonas — (Classificação: livro n.º 3092).

— *Panoramas amazônicos — III — Tefé* — 19,5 x 13 cm — Com várias fotografias — 1937 — Tipografia Fênix, de Sérgio Cardoso — Manaus — 122 páginas — (Classificação: livro n.º 2857).

— *Panoramas amazônicos — IV — Moura* — 19,5 x 13,5 cm — Com várias fotografias ilustradas — 1938 — Tipografia Fênix, de Sérgio Cardoso — Manaus — 154 páginas — (Classificação: livro n.º 2858).

— *Panoramas amazônicos — V — São Paulo de Olivença* — 20,5 x 14 cm — Com várias ilustrações fotográficas — Imprensa Pública — Manaus — Amazonas — 1940 — 202 páginas — (Classificação: livro n.º 3904).

LABRÉ, A. R. P. — *Rio Purús* — 19,5 x 13 cm — Tipografia do País. Imprensa F. V. Pires — Maranhão — 1872 — 50 páginas — (Classificação: livro n.º 1317,1 — 2.º).

LAGOS, Gonçalo — *Notícia sôbre a Meteorologia e Climatologia Médicas do Estado do Pará — In O Pará*, 1900 — Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil — Publicação comemorativa feita pelo govêrno do Estado — (Classificação: livro n.º 470).

LE COINTE, Paul — *Departamento Nacional do Comércio do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. — Apontamentos sôbre as sementes oleaginosas, bálsamos, resinas, essências, borrachas, gutas e balatas da floresta amazônica* — 4.ª edição — 16 x 22,5 cm — Tipografia do Departamento Nacional de Estatística — Rio de Janeiro — 1931 — 60 páginas — (Classificação: livro n.º 1462).

— *A Amazônia Brasileira II — Árvores e plantas têxteis (Indígenas e aclimadas)* — 24 x 16 cm — Com diversas fotografias — Livraria Clássica — Belém — Pará 1934 — 2 volumes — 486 páginas — (Classificação: livro n.º 1990 — 1990 II).

— *A Cultura do Cacau na Amazônia* — 2.ª Edição — 1934 — 22,5 x 16,5 cm — Diretoria de Estatística da Produção — Secção de Publicidade — Rio de Janeiro — 35 páginas — (Classificação: livro n.º 1658).

LIMA, Vivaldo — *A Juta como riqueza econômica da Amazônia* — 23 x 15,5 cm — Com várias fotografias ilustradas — Imprensa Pública — Manaus — 1938 — 84 páginas — (Classificação: livro n.º 2960).

LOBATO FILHO (General) — *O Problema da Borracha* — Adiantamento a resposta ao quesito — D do inquérito em tôrno à conferência dos interventores promovido pelo o *Estado do Pará* — 23 x 15,8 cm — Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré — Belém — Pará — 1940 — 18 páginas — (Classificação: livro n.º 1315,20).

LOBATO, Manuel — *O Vale do Amazonas e o problema da borracha* — Edição ilustrada com várias fotografias — 20,5 x 13 cm — Impresso na *York Printing Co.* — Novembro — 1912 — 67 páginas — (Classificação: livro n.º 1950).

LOPES GONÇALVES — *O Amazonas — Esbôço histórico, corográfico e estatístico até o ano de 1903* — 1.ª edição — 15,8 x 23,5 cm — *Published by* HUGO J. HAUF — New York — 1904 — 117 páginas — Com 17 tabelas — (Classificação: livro n.º 77).

— *The Amazon — Historical, chorographical and statistical outline up to the year*, 1903. 1.ª edição.

— *Corografia do Amazonas. Comemorativa do 1.º centenário da Independência* — 18,6 x 27,8 cm — Tipografia Lit. Pimenta de Melo. Rio de Janeiro — 1922 — 65 páginas, com ilustrações — (Classificação: livro n.º 280-IX).

LUSTOSA, Antônio de Almeida, Dom — *Dom Macedo Costa (Bispo do Pará)* — 18 x 12,5 cm — 1939 — Cruzada da Boa Imprensa — Rio de Janeiro — 580 páginas — (Classificação: livro n.º 3431).

MACEDO SOARES, José Carlos de — *A Borracha — Estudo econômico e estatístico — Prefácio do Senador Antônio Carlos* — (Presidente do Estado de Minas Gerais) — 22 x 14 cm — Livraria de Jurisprudência — 1927 — 163 páginas — (Classificação: livro n.º 2022).

MAIA, Antônio Botelho — *Manaus — Brasil — Estado do Amazonas* — 18 x 27,5 cm — Com várias fotografias e quadros. Almeida Marques, imprimiu — 85 páginas — (Classificação: livro n.º 1649).

MAIA, Álvaro Botelho — *Mensagem do Governador do Estado do Amazonas, à Assembléia Legislativa, na abertura da Sessão ordinária, em 3 de Maio de 1937* — 26 x 19,5 cm — Amazonas — Manaus — Imprensa Pública — 1937 — 498 páginas — (Classificação: livro n.º 1643).

MAIA, Álvaro — *Interventoria Federal no Estado do Amazonas — I Exposição ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República* — Interventor Federal — II Parte — Relatório ao Dr. RUI ARAÚJO, Secretário Geral do Estado, apresentado pelo Dr. HELÍ NUNES DE LIMA, Diretor da Fazenda Pública. — III Parte — Passivo do Estado do Amazonas, levantado por JORGE DE ANDRADE, Assistente Técnico da Diretoria Geral da Fazenda Pública. — 19,5 x 25,5 cm — 3 volumes — Imprensa Pública — Manaus — Brasil — 1939. 1.º volume: 123 páginas, 2.º volume: 61 páginas com 46 anexos; 3.º volume: 345 páginas. — (Classificação: livros ns. 3347, 3347 II e 3347 III).

MAMIANI, Luiz Vincêncio — *Arte de gramática da lingua brasileira da nação Kiriri* — 23,5 x 15,5 cm — Tipografia Central — Rio de Janeiro — 1877 — 333 páginas — (Classificação: livro n.º 2029).

MARAJÓ, Barão de — *As regiões amazônicas. Estudos Corográficos dos Estados do Grão Pará e Amazonas* — 16,5 x 23,5 cm — Imprensa de Libânio da Silva — Lisboa — 1895 — 404 páginas, com mapas: do Estado do Amazonas, do Rio Tocantins, do Rio Branco, do Rio Amazonas e seus tributários, da ilha de Marajó, do Estado do Pará e da Cidade do Pará. (Classificação: livro n.º 1 145).

MASSA, Pedro — *Missões indígenas Salesianas no Amazonas — Prelazia Apostólica do Rio Negro* — 31,5 x 23 cm — Com várias ilustrações fotográficas — Sem indicação da casa impressora — 58 páginas — (Classificação: livro n.º 3686).

MATHEWS, Edward D. — *Up the Amazon and Madeira Rivers, through Bolivia and Perú* — 15,5 x 22,9 cm — London — 1879; 397 páginas. Com várias ilustrações e com um mapa fora do texto — (Classificação: livro n.º 15).

MATOS, P. — *Trinta dias em águas do Amazonas* — 19 x 14 cm — Com ilustrações fotográficas — Livraria Francisco Alves — Rio de Janeiro — 1936 — 119 páginas — (Classificação: livro n.º 3171).

MATOSO, Ernesto — *Estado do Amazonas, limites da República com a Guiana Inglesa. Memória justificativa dos direitos do Brasil* — Tipografia Leuzinger — Rio de Janeiro — 1898 — 154 páginas, com um mapa colorido, fora do texto, dos limites do Brasil com a Guiana Inglesa e uma carta geográfica colorida dos terrenos contestados entre o Império do Brasil e a Guiana Inglesa — Levantada em conformidade do Decreto Imperial de 4 de Março de 1843. (Classificação: livro n.º 940).

— *Estado do Amazonas — Limites da República com a Guiana Inglesa. Memória justificativa dos direitos do Brasil* — 23,5 x 16 cm — Rio de Janeiro — Tipografia Leuzinger — 1928 — 154 páginas — (Classificação: livro n.º 4940).

MELO MORAIS FILHO — *Pátria Selvagem — A floresta e a vida — Mitos amazônicos — Os escravos vermelhos* — 18 x 11,5 cm — Com várias fotografias — Rio de Janeiro — H. Garnier, Livreiro — Editor — 240 páginas — (Classificação: livro n.º 2880).

MENDES, Armando — *As pescarias amazônicas e a piscicultura no Brasil (Notas e sugestões)* — 20 x 14 cm — Est. Graf. Cruzeiro do Sul — São Paulo — 1938 — 177 páginas — (Classificação: livro n.º 3634).

— *Amazônia econômica — Problema brasileiro* — 20 x 14 cm — L. E. R. Livraria Editora Record — 1939 — São Paulo — 204 páginas — (Classificação: livro n.º 3633).

— *Amazônia econômica — Problema brasileiro* — 2.ª edição — 19 x 14 cm — Emprêsa *A Noite* — Rio de Janeiro — 308 páginas — (Classificação: livro n.º ...).

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES — *Limites Brasil-Colômbia* — 27 x 19 cm — Com mapa fora do texto — Leuzinger S. A. — Rio de Janeiro — 1937 — 15 páginas — (Classificação: livro n.º 1311,29).

— *Memória da Comissão Mista Brasileiro-Peruana — Reconhecimento do Rio Juruá e Relatório do Comissário Brasileiro* — 1904-1906 — 16,4 x 24,4 cm — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1907 — 225 páginas com ilustrações — (Classificação: livro n.º 862).

MIRANDA, Vicente Chermont — *Os Campos de Marajó e a sua flora considerados sob o ponto de vista pastoril — Extrato do Boletim do Museu Goeldi* — Vol. IV — 1907 — Três capítulos extraídos de uma obra do mesmo autor, publicados e anotados pelo Dr. J. HUBER — Estabelecimento Gráfico C. Wiegandt — Pará — Brasil — 1907 — 56 páginas — (Classificação: livro n.º 929).

— *Glossário paraense ou coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó* — 24 x 17,5 cm — Livraria Maranhense — Tipografia a vapor de A. Facióla — Pará — 1906 — 118 páginas — (Classificação: livro n.º 2203).

MONTEIRO, Augusto — *Álbum do Estado do Pará* — Oito anos de govêrno (1901 a 1909) — 27 x 37,3 cm — *Imprimerie Chaponet* — Paris — 350 páginas com ilustrações e um mapa do Estado do Pará, colorido — (Classificação: livro n.º 481).

MORAIS, Prudente de — *A Fronteira Ocidental do Pará — Contestação e razões finais do Estado do Pará na ação que lhe move o do Amazonas* — 23 x 16 cm — Rio de Janeiro — Tipografia do *Jornal do Comércio* — 1919 — 561 páginas — (Classificação: livro n.º 2610).

MORAIS, Raimundo — *O mirante do baixo Amazonas* — 18 x 13 cm — Companhia Melhoramentos de São Paulo — 225 páginas — (Classificação: livro n.º 3165).

— *O meu dicionário de cousas da Amazônia* — 14 x 18,5 cm — Alba — Rio de Janeiro — Brasil — 1931 — 2 volumes. O 1.º volume com 203 páginas e o 2.º volume com 206 páginas — (Classificação: livros ns. 2 101 e 2 101-II).

— *País das Pedras Verdes* — 19 x 14 cm — Com várias ilustrações fotográficas — Imprensa Pública — Manaus — Amazonas — Brasil — 314 páginas — (Classificação: livro n.º 2449).

— *Ressuscitados (Romance do Purús)* — 18 x 12 cm — Impresso nas oficinas gráficas da Companhia Melhoramentos de São Paulo — 318 páginas — (Classificação: livro n.º ...).

— *Anfiteatro amazônico* — 18 x 12 cm — Companhia Melhoramentos de São Paulo — 250 páginas — (Classificação: livro n.º 2423).

MOURA, Inácio — *Geografia Política do Estado do Pará — O Pará*, em 1900 — Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil — Publicação comemorativa feita pelo govêrno do Estado — (Classificação: livro n.º 470).

MUNIZ BARRETO, Edmundo — *O Território do Acre perante o Supremo Tribunal Federal* — 27 x 18 cm — Edição da *Revista do Supremo Tribunal Federal* — 154 páginas — (Classificação: livro n.º 2751).

MUNIZ, João de Palma — *Patrimônios dos Conselhos Municipais do Estado do Pará* — 26 x 32,5 cm — *Aillaud e Cia.* — Paris e Lisboa — 1904 — 229 páginas, com 36 mapas — (Classificação: livro n.º 999).

NABUCO, Joaquim — *Notes sur la Partie Historique du Premier Mémoire Anglais presenté a Rome le 26 Septembre 1903 — Frontières du Brésil et de la Guyane Anglaise — Question soumise a l'Arbitrage de S. M. le Roi d'Italie* — Second Mémorie Brésilien — 29,5 x 22 cm — Paris — A. Lahure, imprimeur — Éditeur — 256 páginas — (Classificação: livro n.º 2152).

— *Second Mémoire — Vol. I — La Prétention Anglaise — Présenté a Rome le 26 Septembre 1903* — 21,5 x 29,5 cm — A. Lahure, imprimeur — Éditeur — Paris — 344 páginas — (Classificação: livro n.º 2151).

— *Troisième Mémoire — Vol. II — Histoire de la Zone Contestée selon le Contre — Mémoire Anglais — Présenté a Rome le 25 Février 1904* — 21,5 x 29,5 cm — A. Lahure, imprimeur — Éditeur — Paris — 269 páginas — (Classificação: livro n.º 2155).

Troisième Mémoire — Vol. III — Reproduction des Documents Anglais — Suivis de Brèves Observations — Présenté a Rome le 25 Février 1904 — 21,5 x 29 cm — A. Lahure, imprimeur — Éditeur — Paris — 120 páginas — (Classificação: livro n.º 2156).

— *Troisième Mémoire — Vol. I — La Construction des Mémoires Anglais — Présenté a Rome le 25 Février 1904* — 22 x 29 cm — A. Lahure, imprimeur — Éditeur — Paris — 296 páginas com ilustrações — (Classificação: livro n.º 2154).

— *Première Mémoire, le Droit du Brésil — Presenté a Rome le 27 Février 1903* — 19,5 x 28 cm — A. Lahure, imprimeur — Éditeur — París — 450 páginas, com uma carta: du Territoire Contesté — (Classificação: livro n.º 2150).

— *Second Mémoire — Vol. III. — La Preuve Cartographique — Présenté a Rome le 26 Septembre 1903* — 21,5 x 25 cm — A. Lahure, imprimeur — Éditeur — París — 120 páginas, com 2 cartas, uma colorida — (Classificação: livro n.º 2153).

— *Frontières du Brésil et de la Guyane Anglaise — Question soumise a l'arbitrage de S. M. Le Roi d'Italie* — Troisième Mémoire Brésilien — 27,3 x 18,5 cm — Com vários mapas fora do texto — París — A. Lahure, imprimeur — Éditeur — 4 volumes — (Classificação: livro ns. 2700-I — 2700-II — 2700-III — 2700-IV).

NERI, Silvério José — *Estado do Amazonas* — Mensagem lida perante o Congresso dos Representantes por ocasião da abertura da primeira sessão ordinária da quarta legislatura em 10 de Julho de 1901 — 28,5 x 22 cm — 87 páginas — Manaus — Imprensa Oficial — 1901 — (Classificação: livro n.º 3717).

— *Estado do Amazonas — Mensagem (Anexos)* — Lida perante o Congresso dos Senhores Representantes em sessão extraordinária de 15 de Janeiro de 1901 — 31,5 x 23 cm — Manaus — Tipografia da Livraria Ferreira Pena — 1901 — 175 páginas — (Classificação: livro n.º 3687).

NOGUEIRA, Júlio — *A Madeira-Mamoré — A Bacia do Mamoré* — 22 x 16 cm — Com várias fotografias — Rio de Janeiro — Tipografia do *Jornal do Comércio* — 1913 — 102 páginas — (Classificação: livro n.º 2478).

OLALLA, A. M. — *I — Un Viaje a Pesquizas Zoólogicas hacia el Rio Juruá, Estado del Amazonas, Brasil — 1936 — II — Notas de Campo — Observaciones Biológicas* — 22,5 x 15,5 cm — 65 páginas — Separata da *Revista do Museu Paulista* — Tomo XXIII pp. — 233-298 — 8 de Novembro de 1937 — Imprensa Oficial do Estado de São Paulo — (Classificação: livro n.º 3092).

OLIVEIRA, Américo Barbosa de — *Considerações sôbre a exploração da Castanha no Baixo e Médio Tocantins* — Com ilustrações — *In* REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA — (Classificação: tomo 49-II — ano II — n.º 1 — Janeiro — 1940).

OLIVEIRA, Avelino Inácio de — *Relatório sôbre o vale do Amazonas* — 26 x 18 cm — Com várias fotografias — Rio de Janeiro — Oficinas Tipográficas do Serviço de Informações do Ministério da Agricultura — 1924 — 476 páginas — (Classificação: livro n.º 2667).

OLIVEIRA, Cabral, Luiz Caetano de — *Hevea Brasiliensis — Observações e estudos das plantações de seringueiras da Emprêsa Ford, no Rio Tapajoz* — Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Álvaro Botelho Maia, Interventor Federal, e à Associação Comercial do Amazonas — Com várias fotografias — 23 x 16 cm — Tipografia Fênix — Manaus — Brasil — 1940 — 24 páginas — (Classificação: livro n.º 1307,7).

OLIVEIRA, Eusébio Paulo de — *O que realizou o Serviço Geológico na Amazônia* — 27 x 18 cm — Pap. Americana — Rio de Janeiro — 1929 — 20 páginas — (Classificação: livro n.º 1316,8).

OURIQUES, Jaques — *O Vale do Rio Branco — Estado do Amazonas* — 32 x 24,5 cm — Edição Oficial — 1906 — 35 páginas, com 85 vistas originais e um mapa colorido — (Classificação: livro n.º 570).

— *O Amazonas e o Acre* — (Artigos publicados no *Jornal do Comércio*) — 16 x 22,7 cm — Tip. do *Jornal do Comércio* — Rio de Janeiro — 1907 — 475 páginas — (Classificação: livro n.º 55).

PALMA MUNIZ, João de — *O Outeiro de Maracá-Assú e a Serra de Parintins* — Conferência lida na sessão de estudos de 31 de Maio de 1918 do Instituto Histórico e Geográfico do Pará — 22,5 x 15 cm — Imprensa Oficial do Estado — Belém — 1919 — 29 páginas — (Classificação: livro n.º 1314,30).

— *Índice Geral dos Registros de Terras — Estado do Pará — Tomo I — Registros de Posse — Municípios de Belém, Abaeté, Acará e Anajás* — 26 x 16,5 cm — Imprensa Oficial — Belém — 1907 — 140 páginas — (Classificação: livro n.º 1895).

PASSOS MIRANDA, Antônio dos — *Publicações de Propaganda do Museu Comercial — O Vale do Amazonas* — Oficinas Gráficas do *Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro — 1907 — 26 páginas — (Classificação: livro n.º 929).

— *Publications of the Commercial Museum — The Valley of the Amazon* — 24 páginas — (Classificação: livro n.º 929).

HEMEROTECA:

ACUNA, Cristóvão d' — *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 28, 1865, 1.ª parte.

ALBUQUERQUE, Odorico Rodrigues de — *Reconhecimentos geológicos no vale do Amazonas (Campanha de 1918 e 1919)* — Com 17 desenhos e 57 fotogravuras no texto — *Boletim* n.º 3 do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, 1922 — (Classificação: 75-G-III).

ALMADA, Manuel da Gama Lôbo de — *Descrição relativa ao rio Branco e seu território (1787)* — (Manuscrito oferecido ao Instituto Histórico pelo Sr. Dr. João WILCKENS DE MATOS) — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 24, 1861.

ALMEIDA SERRA, Ricardo Franco de — *Documento Oficial (sôbre o rio Branco ou Parimé)* — Oferecido ao Instituto pelo seu sócio efetivo o Sr. Desembargador RODRIGO DE SOUSA DA SILVA PONTES — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 6, 1865.

AMARAL, Ângelo Tomaz do — *Extratos da fala dirigida à assembléia legislativa provincial do Amazonas em 1.º de Outubro de 1857* — Conquista, catequese e civilização dos Indígenas — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 20, 1857.

AMORIM, Ricardo — *História do Acre (subsídios documentados)* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Vol. III — ano III — ns. 1 e 2 — 1933.

ANTUNES GURJÃO, Hilário Maximiano — *Descrição da viagem feita desde a cidade de Barra do Rio Negro pelo rio do mesmo nome* — (Manuscrito oferecido ao Instituto pelo Exmo. Sr. Ministro do Império LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ) — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 18 — 1896.

ARAÚJO JORGE, J. G. de — *Rio Branco, do Acre* — Com ilustrações — *In Revista da Semana* — Ano XL — n.º 32 — 15 de Julho de 1939 — (Classificação: 3045).

ARAÚJO LIMA, Carlos Dagoberto d' — *Amazônia* — *In Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio* — Ano 1935 — n.º 8 — (Classificação: 73-VIII).

ARMENTA, Antônio Luiz — *El Trapecio Amazônico Colombiano* — Localización de Leticia — Com um mapa — *In Boletin de la Sociedad Geografica de Colombia* — N.º IV — (Classificação: 41-III).

ARRAIS, Edmilson Moreira — *Na hora do ressurgimento amazônico* — *In Estudos e Conferências* — D. I. P. — (Classificação: 134-A-XV).

AUGUSTO DO AMARAL, Abílio — *Pelo saneamento de Belém — Projeto hidro-ferroviário de remodelação da cidade de Belém, capital do Estado do Pará* — Com algumas plantas — *In Revista do Clube de Engenharia* — N.º 5 — (Classificação: 88).

AUZIER BENTES, Dionísio — *Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na Primeira Sessão da Sexta Reunião Ordinária da Nona Legislatura, em 2 de Março de 1914* — (Classificação: 184-S-b — 1913).

AZEVEDO, Eustáquio de — *Literatura regional amazônica* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Vol. VII — Ano 1932 — 1.º semestre — (Classificação: 8-VII).

AZEVEDO, Gregório Taumaturgo de — *Território do Acre* — Memória apresentada ao 5.º Congresso Brasileiro de Geografia — *In Anais do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia* — (Classificação: 276 — 5.º — II).

AZEVEDO, Raul de — *A Amazônia* — *In Cultura Política* — Ano I — N.º 5 — 1941 — Revista mensal de estudos brasileiros — (Classificação: 254-V).

— *O discurso do rio Amazonas* — *In Cultura Política* — Ano I — N.º 9 — 1941 — Revista mensal de estudos brasileiros — (Classificação: 254-IX).

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro — *Representação ao Conselho Geral da Provincia do Pará sôbre a especial necessidade de um novo regulamento promotor da civilização dos índios da mesma província* — *In Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará* — (Classificação: 119-II).

— *Informações sôbre a vila de Gurupá* — *In Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará* — (Classificação: 119-III).

— *Breve descrição da vila de Mazagão* — *In Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará* — (Classificação: 119-III).

BALDUS, Herbert — *Ensaios de etnologia amazônica* (NUNES PEREIRA) — *In Revista do Arquivo Municipal* — Ano VII — 1941 — Vol. LXXIII — (Classificação: 83-LXXIII).

BARÃO DE PARIMA — *Limites do Brasil com a Venezuela* — Extraído do Relatório apresentado ao Ministério da Guerra em 1884 — Obtido do Tenente Coronel Dr. DIONÍSIO E. DE CASTRO CERQUEIRA, e oferecido à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro pelo Dr. F. A. PIMENTA BUENO — *In Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, tomo III, 2.º Boletim, 1887.

BARATA, Manuel — *As primeiras ruas de Belém — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano 1931 — Vol. VI — 1.º semestre — (Classificação: 8-VI).

— *A jornada de Francisco Caldeira de Castelo Branco — Fundação da cidade de Belém* — (Estudos de História Paraense) — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* — Vol. IX — 1940 — (Classificação: 12-IX).

BASTOS, A. C. Tavares — *O Vale do Amazonas* — Vol. 106 — Série 5.ª *Brasiliana* — Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 12,5 cm — Companhia Editora Nacional São Paulo — 1937 — 441 páginas — (Classificação: 13-CVI).

BENTES, Paulo — *Tavares Bastos e o Amazonas* — Conferência realizada no dia 29 de Maio de 1941, no Palácio Tiradentes — *In Estudos e Conferências* — D. I. P. — (Classificação: 134-A-XI).

BITTENCOURT, Agnelo — *A antropogeografia da Amazônia — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. IV — Ano IV — Ns. 1 e 2 — 1934.

— *Divisão territorial do Amazonas* — Discurso proferido na inauguração da Conferência dos Prefeitos Municipais, a 17 de Junho de 1938 sôbre o assunto desta epígrafe. — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. VI — Ano VI — ns. 1 e 2 — 1937-1938.

— *Rio Negro — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. V — Ano V — Ns. 1 e 2 — 1935-1936.

— *Rio Purús — In Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas* — Volume II — Ano II — Ns. 1 e 2 — 1932.

BOUÇAS, T. Valentim — *O Vale do Amazonas — In Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio* — Ano VII — Ns. 79 e 80 — (Classificação: LXXIX e LXXX).

BOUÇAS, Valentim F. — *A Borracha e a Amazônia — In Revista do Instituto de Engenharia Militar* — Ns. 28 e 29 — Ano III — Novembro-Dezembro de 1940.

BRAGA, Teodoro — *A Arte do Pará — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano 1933 — Vol. VIII — (Classificação: 8-VIII).

— *Assuntos da História do Pará — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano 1932 — 1.º semestre — Vol. VII — (Classificação: 8-VII).

BRANTLY, J. E. — *Pesquisando petróleo no alto Amazonas — In Mineração e Metalurgia* — Vol. IV — N.º 19 — (Classificação: 329-17 a 22).

BRAUN, João Vasco Manuel de — *Descrição corográfica do Estado do Gran-Pará — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 36 — 1873 — 1.ª Parte.

— *Roteiro corográfico da viagem que Martinho de Sousa e Albuquerque, Governador e Capitão General do Estado do Brasil, determinou fazer ao rio das Amazonas, em a parte que fica compreendida na capitania do Grão-Pará*: tudo em destino de ocularmente observar e socorrer a praça, fortalezas e povoações que lhe são confrontantes — (Manuscrito original oferecido ao Instituto pelo 1.º secretário perpétuo MANUEL FERREIRA LAGOS) — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 12 — 1874.

BROWN, C. Barrington; e TRAIL, James D. W. — *Relatórios sôbre o rio Jutaí* — (Trabalhos oferecidos à Sociedade de Geografia pelo Sr. Dr. F. A. PIMENTA BUENO) — *In Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* — Tomo II — 2.º Boletim — 1886.

CAETANO DA SILVA, Joaquim — *Memória sôbre os limites do Brasil com a Guiana Francesa, conforme o sentido exato do artigo oitavo do tratado de Utrecht — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 13 — 1872.

CANTANHEDE, Antônio — *A Serra das Igaçabas — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. IV — Ano IV — Ns. 1 e 2 — 1934.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuel Clementino — *Relatório apresentado à Assembléia Legislativa da Província do Amazonas — In Relatórios da Presidência da Província do Amazonas* — (Classificação: 184-K-1858-62).

CARVAJAL GASPAR, de — ROJAS, Alonso de e ACUNA, Cristobal de — *Descobrimientos do Rio das Amazonas* — Vol. 203 — Serie 5.ª *Brasiliana* — Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 12,5 cm — Companhia Editora Nacional, São Paulo — 1941 — 294 páginas — (Classificação: 13-CCIII).

CARVALHO, Alfredo de — *Advento da imprensa no Grão-Pará e sua ação na adesão à independência — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano VI — 1922 — Vol IV — (Classificação: 8-IV).

CARVALHO, Beni — *Getúlio Vargas e a Amazônia* — (Palestra proferida no Instituto Nacional de Ciência Política em 27-9-1941) — *In Ciência Política* — Boletim Mensal — Fascículo IV — Vol. III).

CARVALHO, Braulino de — *Uapixana* — Vocabulário e modo de falar dos Uapixanas — *In Boletim do Museu Nacional* — N.º de Junho — 1936 — (Classificação: 78-A — XXI-1 a 4).

— *Macuchí* — Vcabulário e modo de falar dos Macuchís — *In Boletim do Museu Nacional* — Ns 3 e 4 — Setembro-Dezembro — 1936 — (Classificação: 78-A — XII-1 a 4).

CARVALHO, Hermínio de — *Pela economia amazonense* — Memorial dirigido ao Exmo. Sr. Interventor Federal no Estado do Amazonas — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico* — Vol. III — Ano III — Ns 1 e 2 — 1933.

CARVALHO, João Braulino de — *Breve notícia sôbre os indígenas que habitam a fronteira do Brasil com o Perú elaborada pelo médico da Comissão, e calcada em observações pessoais — In Relatório do Ministério das Relações Exteriores* — (Classificação: 74-XCVII-IV).

CARVALHO, José Simões de — *Notícia sôbre a ilha de Joanes* — (Manuscrito autógrafo oferecido ao Instituto pelo 1.º Secretário perpétuo MANUEL FERREIRA LAGOSQ. — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 12, 1874.

CARVALHO, Ladário de — *Borracha do Amazonas — In Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio* — Ano V — N.º 49 — (Classificação: 73-XLIX).

CASTELO BRANCO SOBRINHO, José Moreira Brandão — *O Juruá Federal (Território do Acre)* — (Juiz Municipal do primeiro têrmo da comarca do Cruzeiro do Sul) — Com ilustrações — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro"* — Tomo especial — (Classificação: — 1-B-9.º).

CATRAMBÍ, Joaquim — *A E. F. Madeira-Mamoré* — Com ilustrações — *In Revista do Clube de Engenharia* — (Classificação: 88-LXXI).

— *A E. F. Madeira-Mamoré — In Revista do Clube de Engenharia* — (Classificação: 88-LXVIII).

— *As origens do Tratado de Petrópolis — In Revista do Clube de Engenharia* — (Classificação: 88-LXVIII).

CENTRO DE INVESTIGACIONES LINGUISTICAS Y ETNOGRAFICAS DE LA AMAZONIA COLOMBIANA — *Amazonia Colombiana Americanista* — (Classificação: 310-I-I e I-2-3).

CLERGET, Pierre — *Le dévelloppement économique de l'État de Pará — In La Géographie — Bulletin de La Société de Géographie* — (Classificação: 22-XXX-II).

COGNIAUX, Alfred — *Melastomacées et Cucurbitacées nouvelles de la vallée de l'Amazone — In Boletim do Museu Goeldi* — (Museu Paraense) — (Classificação: 124-V-2).

COINTE, Paul le — *As pedras verdes da Amazônia — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Vol. VII — Ano 1932 — 1.º semestre — (Classificação: 8-VII).

— *Le Bas Amazone* — Com ilustrações — *In Annales de Géographie* — N.º 61 — (Classificação: 59-XII).

— *Le Climat Amazonien et plus spécialement du Bas Amazone — In Annales de Géographie* — N.º 84 — (Classificação: 59-XII).

— *Les crues annuelles de l'Amazone et les récentes modifications de leur régime — In Annales de Géographie* — N.º 252 — Novembro de 1935 — (Classificação: 59-XLIV).

COMISSÃO DA REVISTA — *Documentos para a História do Pará — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano 1931 — Vol. VI — 1.º semestre — (Classificação: 8-VI).

COMISSÃO DE LIMITES MUNICIPAIS — *Limites Municipais* — Introdução ao Relatório da Comissão encarregada de rever e retificar os limites dos Municípios do Estado do Amazonas apresentado em 12 de Janeiro de 1933 — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. VI — Ano VI — Ns. 1 e 2 — 1937-1938.

CONDURÚ, Abelardo — *Ciclo amazônico — In Estudos e Conferências* — D. I. P. — (Classificação: 134-A-XV).

COUDREAU, Henri — *L'avenir de la Capitale du Pará — In Annais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará* — (Classificação: 119-VIII).

— *Viagem ao Tapajoz* — Vol. 208 — Série 5.ª *Brasiliana* — Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 12,5 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 288 páginas — Com ilustrações — (Classificação: — 13-CCVIII).

CORREIA, Augusto — *Adesão do Município de Bragança à Independência* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano VI — 1922 — Vol. IV — (Classificação: 8-IV).

CORREIA, Augusto Pereira — *Relatório* apresentado pelo prefeito de Bragança, à Câmara Municipal desta cidade, em sessão de 16 de Março de 1937 corrente, 1.ª reunião da 1.ª legislatura — (Classificação: S-a-1937).

CORREIA DE MIRANDA, Manuel Gomes — *Exposição apresentada ao Exmo. Sr. Dr. Manuel Clementino Carneiro da Cunha, Presidente da Província do Amazonas pelo 1.º Vice-Presidente da mesma,* por ocasião de passar-lhe a Administração da mesma Província em 24 de Novembro de 1860 — (Classificação: 184-K-1858-62).

— *Fala dirigida à Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas na abertura da 1.ª Sessão Ordinária da 5.ª Legislatura no dia 3 de Novembro de 1860 pelo 1.º Vice-Presidente em exercício — In Relatórios da Presidência da Província do Amazonas* — (Classificação: 184-K-1858-62).

CORREIA, Viriato — *O Apito do "Gaiola"* — Com ilustrações — In *Revista da Semana* — Ano XL — N.º 32 — 15 de Julho de 1939 — (Classificação: 3045).

COSTA, Dídio I. A. da — *Quarto Centenário do Descobrimento do Amazonas* — Com ilustrações — *In Boletim da União Panamericana* — Janeiro — 1942 — (Classificação: 31-XLIV-I).

COSTA FILHO, Gomes da — *Da Amazônia — In Carta do Brasil* — (Classificação: 134-269).

COSTA RUBIM, Braz da — *Antecedentes da revolução constitucionalista de 1821 no Grão-Pará — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano VI — 1922 — Vol. IV — (Classificação: 8-IV).

COUTO DE MAGALHÃES, Agenor — *Diário de Viagem ao Amazonas — In Caça e Pesca* — Ano I — Ns. 2-3-4-5-6-7-8.

CRULS, Gastão — *Impressões de uma visita à Companhia Ford Industrial do Brasil (Estado do Pará)* — Com ilustrações — *In* REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA — (Classificação: — Tomo 49 — Ano 1 — N.º 4 — Outubro de 1939).

CRUZ, Ernesto — *Na terra das igaçabas (contos, mitos e folclore da Amazônica) — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano 1936 — Vol. X — (Classificação: 8-X).

CUNHA, Euclides da — *Rio abandonado (O Purús) — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 68 — 1907 — 2.ª parte.

DANIEL, João (Jesuíta) — *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas — Notícia geral dos índios seus naturais, e de algumas Nações em particular; da sua fé, vida e costumes e das cousas mais notáveis da sua rusticidade* — Com uma nota de F. A. DE VARNHAGEM — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomos II (1840) e III (1841).

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA E PUBLICIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS — INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA — *Sinopse estatística do Estado* — N.º 2 (Separata, com acréscimos, do *Anuário Estatístico do Brasil* — Ano III — 1937) — (Classificação: 92-B-II).

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DO AMAZONAS — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — *Sinopse estatística do Estado* — N.º 3 (Separata com acréscimos, do *Anuário Estatístico do Brasil* — Ano IV — 1938) — (Classificação: 92-B-III).

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DO PARÁ — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — *Sinopse estatística do Estado* — N.º 3 (Separata, com acréscimos do *Anuário Estatístico do Brasil* — Ano IV — 1938) — (Classificação: 92-C-III).

DERBY, Orville A. — *A Serra de Maxirá — In Boletim do Museu Paraense* — (Classificação: 124-II-3).

— *A Serra do Tajuri — In Boletim do Museu Paraense* — (Classificação: 124-II-3).

— *Contribuições para a geologia da região do Baixo Amazonas — In Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro* — (Classificação: 78-B-II).

— *O Rio Trombetas — In Boletim do Museu Paraense* — (Classificação: 124-II-3).

DIAS VIEIRA, Pedro — *Província do Amazonas* — Extratos do Relatório apresentado à Assembléia legislativa provincial — *In Revista do Instituto Histituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 20 — 1857.

DIETEL, Paul — *Uredinaceae paraenses — In Boletim do Museu Goeldi* (Museu Paraense) — (Classificação: 124-V-2).

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS — *Relatório* — Ano social de 1937 — Classificação: 202).

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS — *Relatório* — (Classificação: 202-1939).

DIRETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DO ESTADO DO AMAZONAS — INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA — *Sinopse estatística do Estado* — (Classificação: 92-B-I).

DUCKE, A. — *A flora do Curicuriari afluente do rio Negro observada em viagens com a Comissão Demarcadora das Fronteiras do Setor Oeste — In Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica* — 1.º volume — (Classificação: 75-B — 1938 — I).

— *Apontamentos sôbre a cultura de árvores florestais amazônicas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro* — Com ilustração — *In Boletim do Ministério da Agricultura* — Ano 28 — Ns. 7 e 9 — Julho-Setembro — 1939.

— *As leguminosas do Estado do Pará — In Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro* — (Classificação: 75-R-IV-V) — Pará.

— *Colheita de material botânico na região amazônica* — (Relatório sôbre as comissões desempenhadas no Estado do Amazonas, de 1929 a 1930 e de 1931 a 1933 — *In Boletim do Ministério da Agricultura* — Anos 23 — 1-3 e 4-6, 1934; 27 n.º 4-6 1938.

— *Explorações científicas no Estado do Pará* — (Com as estampas 16-27) — *In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-VII).

— *Lauraceas aromáticas da Amazônia brasileira — In Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica* — 1.º volume — (Classificação: 75-B — 1938-I).

— *Materiais para a Flora amazônica VII. Plantae Duckeanae austro-guianenses. Enumeração das plantas sifonogmas* — Coleciondas de 1902 a 1907 na Guiana brasileira — Com um mapa — *In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-V-2).

— *O gênero Mouriria na Amazônia brasileira — In Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica* — 1.º volume — (Classificação: 75-B — 1938-I).

— *Plantes nouvelles ou peu connues de la region amazonienne* (II e V Série) — *In Arquivos do Jardim Botânico* — (Classificação: 75-III-VI).

—*Plantes nouvelles ou peu connues de la region amazonienne* (IIIe Partie) — *In Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro* — (Classificação: 75-R-IV-V).

— *Plantes nouvelles ou peu connues de la region amazonienne — In Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro* — (Classificação: 75 — Vol. VI — Janeiro de 1933).

— *Sôbre as Vespidas sociais do Pará* — Com duas estampas e quatro figuras no texto — *In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-IV-2 e 3).

— *Sôbre as Vespidas sociais do Pará — In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-IV-4).

DUGUÉ, A. — *L'or de la Guyane — In Revue Economique Française* — Tome LX — N.º 1 — Janvier-Février — 1939).

DUARTE, Aristomenes Guimarães — *Braquiópodos do rio Parauari* — Com ilustrações — *Boletim n.º 84 do Serviço Geológico e Mineralógico* — (Classificação: 75-G-LXXXIV).

EDMUNDSON, G. — *The relations of great Britain with Guiana — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo especial — (Classificação: 1-B-2.º).

ELEUTÉRIO, Paulo — *Portugal na Amazônia* — Vocação, fé de ofício e pregão das glórias portuguesas — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. V — Ano V — Ns. 1 e 2 — 1935-1936.

ERICHSON DE OLIVEIRA, Paulo — *Um Braquiópodo carbonífero do Rio Moa, Território do Acre — Boletim do Serviço Geológico e Mineralógico* do Ministério da Agricultura — Ns. 6-14 — Dezembro de 1936.

ESTÊVÃO, Carlos — *A Cerâmica de Santarém — In Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* — 1939 — (Classificação: 78-K-III).

— *Resumo Histórico do Museu Paraense — Emílio Goeldi* — Com ilustrações — *In Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* — (Classificação: 78-K-II-1938).

EUCLIDES DA CUNHA — *Preâmbulo ao Inferno Verde de Alberto Rangel* — *In Revista Americana* — Tomo I — Fasc. II — Novembro, 1909.

FENAROLI, LUIGI — *En el Brasil Amazónico, el Estado do Pará* — Traduzido de: *La Vie d'Italia e del Mondo*, Setiembre 1936 — Com ilustrações — *In Revista Geográfica Americana* — N.º 39 — (Classificação: 15-VI).

FERNANDES DE MELO, Manfredo — *As fronteiras do extremo Norte, especialmente a de Tabatinga* — Memória apresentada ao 5.º Congresso Brasileiro de Geografia — *In Anais do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia* — (Classificação: 276-5.º-I).

FERRAZ, A. L. Pereira — *Real Forte do Príncipe da Beira* — Com ilustrações — *In Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* — (Classificação: 78-K-2-1938).

FERREIRA, Alexandre Rodrigues — *Miscelânea de Observações Filosóficas, no Estado do Grão Pará* — (Ano de 1784) — *In Revista Nacional de Educação* — N.º 9 — Junho — 1933 — Classificação: 1008-77-E-7 a 12).

— *Observações gerais e particulares, sôbre a classe dos Mamais observados nos Territórios dos três Rios, das Amazonas, Negro e Madeira com as descrições circunstanciadas, que, de quase todos êles, deram os antigos, e modernos Naturalistas, e principalmente, com a dos Tapuias* — (Cópia dactilografada, feita por ordem do Dr. ARTUR NEIVA e por êste oferecida à *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baia*). — *In Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baia* — Tomo 60 — 1934.

FERREIRA REIS, Artur César — *A Questão do Acre* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. V — Ano V — Ns. 1 e 2 — 1935 e 1936.

— *Manaus e outras vilas* — *In "Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. IV — Ano IV — N.º 1 e 2 — 1934.

FLEURY, Ernest — *Un chemin de fer brésilien vers la Bolivie: la ligne du Madeira et du Mamoré* — *In La Géographie* — *Bulletin de La Société de Géographie* — (Classificação: 22-XXIX-I).

FLORNOY, Bertrand — *Alto Amazonas* — 18,3 x 12,5 cm — Com ilustrações — Tradução de JACOBO DANKE — Tipografia — Emprêsa Editora Zig-Zag, S. A. — Santiago do Chile, 1940 — 249 páginas — (Classificação: Livro n.º 330-VI).

FONTES, Lourival — *Aniversário do "Discurso do rio Amazonas"* — *In Cultura Política* — Ano I — N.º 9 — 1941 — Revista mensal de estudos brasileiros — (Classificação: 254-IX).

— *O discurso do rio Amazonas* — *In Estudos e Conferências* — D. I. P. — (Classificação: 134-A-XV).

FRANÇA, Eduardo de Oliveira — *As cheias anuais do Amazonas e as recentes modificações de seu regime* — *In Geografia* — N.º 1 — Ano II — 1936.

FREDERICO BARATA — *Sonhadores do Eldorado* — Com ilustrações — *In Sul América* — Ano 22 — N.º 88 — Outubro-Novembro-Desembro — 1941.

FROIDEVAUX, Henri — *Statistique des tribus indiennes du bassin de l'Amazone* — *In La Géographie* — *Bulletin de La Société de Géographie* — (Classificação: 22-XXVI-II).

FURTADO, Francisco José — *Relatório que a Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas apresentou na abertura da Sessão Ordinária em o dia 7 de Setembro de 1858* — *In Relatórios da Presidência da Província do Amazonas* — (Classificação: 184-K-1858-62).

GALVÃO, Francisco — *O homem e o deserto amazônicos* — *In Cultura Política* — Ano I — N.º 4 — Revista semanal de estudos brasileiros — (Classificação: 254-IV).

— *O sentido social da Amazônia* — *In Cultura Política* — Ano I — N.º 1 — 1941 — Revista mensal de estudos brasileiros — (Classificação: 254-I).

GOELDI, Emílio A. — *Grandiosas migrações de borboletas no vale amazônico* — Com duas estampas — *In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-IV-2 e 3).

— *Os mosquitos no Pará* — Resumo provisório dos resultados da campanha de experiências executadas em 1903, especialmente em relação às espécies Stegomyia Fasciata e Culex Fatigans sob o ponto de vista sanitário — *In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-IV-2 e 3).

— *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Lauro Sodré, Governador do Pará pelo Diretor do Museu Paraense* — Belém — 1897.

— *Relatório sôbre o estado do Museu Paraense apresentado a S. Excia. o Sr. Dr. Governador do Estado do Pará* — *In Boletim do Museu Paraense* — (Classificação: 124-I).

GOMES, José Carlos — *Considerações sôbre as rochas da região (Vale do Tapajoz)* — *In Boletim n.º 67 do Serviço Geológico e Mineralógico* — (Classificação: 75-G-LXVII).

GOMES RIBEIRO, João Coelho — *A Questão do Acre* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* — Tomo VIII — 1903.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, Dr. Domingos José — *O naufrágio de Martius no Rio Amazonas* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 51 — 2.ª parte.

GONÇALVES DIAS, A. — *Amazonas* (memória escrita em desenvolvimento do programa dado por S. M. I.) — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 18 — 1896.

— *Vocabulário da língua geral usada hoje em dia no alto Amazonas* — (Oferecido ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 17 — 1894.

GONÇALVES TOCANTINS, Antônio Manuel — *Arqueologia — Relíquias de uma grande tribu extinta,* (na ilha de Marajó) — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 39 — 1876 — 2.ª parte.

— *Estudos sôbre a tribu "Munducurú",* (Pará) — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 40 — 1877 — Parte 2.ª.

GONDIM, Joaquim — *A Pacificação dos Parintintins-Koró de iuirapá* — Com ilustrações — (Classificação: 147-LXXXVII).

GUAJARÁ, Barão de — *Catequese de índios no Pará* — *In Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará* — Tomo II — (Classificação: 119-II).

GUERREIRO, Fernão — *Da Missão que fizeram o Padre Francisco Pinto e o Padre Luiz Figueira ao rio Maranhão* — *In Revista do Instituto do Ceará* — Vol. XVI — Ano XVI — 3.º e 4.º trimestres de 1902.

GUIMARÃES, Djalma — *Província magmática de Roroimã-Brasil Setentrional* — Com ilustrações e um mapa — *Boletim n.º 45 do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil* — 1930 — (Classificação: 75-G-XLV).

GUSMÃO, Clovis — O *Amazonas: a vida de um rio (O Eldorado e a geografia fantástica do século XVI)* — *In Cultura Política* — Ano II — N.º 13 — 1942 — Revista mensal de estudos brasileiros — (Classificação: 254-XIII).

GUSMÃO, Saladino de — *Erros a corrigir na geografia do Pará* — (Conferência proferida na Sociedade Carioca de Educação, em 19 de Setembro de 1933) — *In Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* — Tomo XLV — 1938.

HAAG, Alexandre — *A república da Bolívia, seu comércio, indústria e vias de comunicação, considerados especialmente em suas relações com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, e vantagens que daí possam resultar tanto para aquela república, como para o Império do Brasil* — *In Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* — Tomo II — 3.º Boletim, 1886.

HARTT, Ch. F — *A Serra de Paranaquara* — *In Boletim do Museu Paraense* — (Classificação: 124-II-3).

— *Monte Alegre e Ererê* — *In Boletim do Museu Paraense* — (Classificação: 124-II-3).

HENNINGS, P. — *Fungi paraenses III* — *In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-V-2).

HOLDRIDGE, Desmond — *An Investigatoin of the Prospect for White Settlement in British Guiana* — *In Geographical Review* — October — 1939.

HUBER, J. — *Árvores de borracha e de balata da região amazônica* — Espécies do gênero Sapium (Tapurú, Murupita, Curupita, Seringarana) — *In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-IV-2 e 3).

— *As espécies amazônicas do gênero Vitex* — (Com 4 estampas) — *In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-V-I).

— *A Hévea Benthamiana Mull Arg. como fornecedora de borracha ao N. do Amazonas* — *In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-V-2).

— *Guada superba Hub. n. sp., a taboca gigante do alto rio Purús* — *In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-IV-2 e 3).

— *Matas e madeiras amazônicas* — *In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-VI).

— *Materiais para a flora amazônica* — Lista das plantas coligidas na ilha de Marajó no ano de 1896 — *In Boletim do Museu Paraense* — (Classificação: 124-II-3).

— *Materiais para a flora amazônica — In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-IV-4).

— *Notas sôbre a pátria e distribuição geográfica das árvores frutíferas do Pará — In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-IV-2 e 3).

— *Novitates Florae Amazonicae — In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-VI).

— *Sôbre as ilhas flutuantes do Amazonas — In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-IV-2 e 3).

— *Sôbre uma coleção de plantas da região de Cupati (rio Japurá-Caquetá) — In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-VII).

HUOT, V. — *Récents travaux sur la frontière du Brésil et de la Bolivie — In La Géographie — Bulletin de La Société de Géographie* — (Classificação: 22-XXIX-I).

HURLEY, Jorge, Desembargador — *1.º Centenário da ocupação de Belém, pelas fôrças legais do General Soares Andréia em 13 de Maio de 1836 — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano VI — Vol. 14 — 1922 — (Classificação: 8-X).

—*Vocabulário dos aborígenes dos rios Trombetas, Cachorro e Jacicuí — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Vol. VII — Ano 1932, 1.º semestre — (Classificação: 8-VII).

Yaribes da Amazonia (Folclore do Pará) — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará — Ano 1934 — Vol. IX — (Classificação: 8-IX).

IMPRENSA PÚBLICA — Anais da Assembléia Legislativa do Amazonas — Sessão Ordinária — Maio a Julho — 1936 — Manaus — (Classificação: 1718).

INSTITUTO DE ESTATÍSTICA DO PARÁ — *Sinopse estatística do Estado* — N.º 1 (Separata, com acréscimos do *Anuário Estatístico do Brasil* — Ano II — 1936 — (Classificação: 92-C-I).

INSTITUTO DE ESTATÍSTICA DO PARÁ — *Sinopse estatística do Estado* — N.º 2 (Separata, com acréscimos, do *Anuário Estatístico do Brasil* — Ano III — 1937) — (Classificação: 92-C-II).

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS — Ministério da Educação e Saúde — *Organização do Ensino Primário e Normal — I — Estado do Amazonas* — 1939.

— *Organização do Ensino Primário e Normal — II — Estado do Pará* — 1940.

J. B. — *Estado do Amazonas — O 33.º Aniversário da fundação do Diário Oficial* — (Contribuição histórica) — *Fac-símile* do primeiro número do *Diário Oficial*, ao iniciar a 15 de Novembro de 1893, a sua publicação.

J. DE SAMPAIO, A — *A Flora do Rio Cuminá — Resultados botânicos da Expedição Rondon à Serra Tumuc-Humac em 1928 — In Arquivos do Museu Nacional* — 1933 — (Classificação: 78-B-XXXV).

— *Eufilicineas do Rio Cuminá (Afluentes do Rio Trombetas — E. do Pará) — e Primeira Coletânea de Eufilicineas do Amazonas* — Com 11 estampas — *In Arquivos do Museu Nacional* — 1930 — (Classificação: 78-XXXII).

JOBIM, Anísio — *Manacapurú (A cidade. O município, outras informações) — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. II — Ano II — Ns. 1 e 2 — 1932.

— *Município de Tefé. Extensão e limites. Principais fases de sua evolução política. Homens ilustres. Patrimônio Municipal — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. V — Ano V — Ns. 1 e 2 — 1935-1936.

— *Panoramas Amazônicos II — Codajaz — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. IV — Ano IV — Ns. 1 e 2 — 1934.

JOSÉ MARIANO, Cândido — *Primeiro Relatório anual apresentado ao Exmo. Sr. Dr. José Joaquim Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, pelo Bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais, Engenheiro Militar* — Prefeito do Departamento do Alto Purús — Território do Acre — Com algumas plantas — (Classificação: 184-T-a-1906).

— *Segundo Relatório concernente ao ano de 1906 apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Augusto Tavares de Lira — M. D. Ministro da Justiça e Negócios Interiores* — Prefeito do Departamento do Alto-Purús — (Classificação: 184-T-a-1906).

KATZER, Friedrich — *Geologia do Estado do Pará* — (Tradução de Frei HUGO MENSE) O. F. M. Missionário — *In Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi de História Natural e Etnografia* — (Classificação: 124-IX).

KOCH, Theodor — *Duas cartas, relativas à sua atual expedição etnográfica entre os índios do alto rio Negro, dirigidas ao Diretor do Museu — In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-IV-2 e 3).

KUHLMANN, J. Geraldo — *Novo gênero de Alastraceas da flora amazônica — In Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro* — Vol. VI — Janeiro de 1933.

LABRE, A. R. Pereira — *Exploração do rio Ituxi (Amazônia)* — Conferência feita perante a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — *In Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* — Tomo IV — 2.º Boletim, 1888.

— *Viagem exploradora do rio Madre de Dios ao Acre — Vias de comunicação entre os rios Purús, Madeira e Beni: o rio Acre e o Madre de Dios: entre o Madeira e o Guaporé, pelo rio Jamari* — Conferência feita perante a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — *In Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* — Tomo IV — 2.º Boletim, 1888.

LACERDA E ALMEIDA, Francisco José de — *Memória a respeito dos rios Baures, Branco, da Conceição, de São oJaquim, Itonamas e Maxupo; e das três missões da Madalena, da Conceição e de São Joaquim* — (Manuscrito oferecido ao Instituto pelo sócio efetivo José SILVESTRE REBÊLO) — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 12 — 1874.

LAILLET, Cláudio — *Escravos fugidos do Pará para Caiena, e relações dos padres das duas localidades* — (Traduzido do latim por T. DE ALENCAR ARARIPE). — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 56 — 1893 — 1.ª parte.

LAMARTINE, Alfredo — *Terras do Grão Pará Santa Maria de Belém. Memória apresentada ao 5.º Congresso Brasileiro de Geografia.*

LEMOS, Antônio José de — *O Município de Belém* — Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de Noxembro de 1902 — (Classificação: 1845-b-1902).

LIMA ARAUJO — *Amazônia a terra e o homem* — (Introdução à antropogeografia) — Vol. 104 — Série 5.ª *Brasiliana* — Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 12,5 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1937 — 335 páginas — (Classificação: 13-CIV).

LIMA, Azevedo — *O saneamento no Amazonas — In Cultura Política* — Ano I — N.º 3 — 1941 — Revista mensal de estudos brasileiros — (Classificação: 254-III).

LIMA FIGUEIREDO — *O Acre e suas possibilidades* — Com ilustrações e esboços cartográficos — *In* REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA — (Classificação: Tomo 49-II — Ano II — N.º 2 — Abril — 1940).

LISBOA, Miguel Ribeiro — *Uma excursão no vale do Amazonas — In Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* — Tomo V — 4.º Boletim, 1889.

LÔBO, Dr. Luiz — *História Militar do Pará* — Capítulo IV (1) — Da revolução do Pôrto ao fracasso do movimento em prol da independência aos 14 de Abril de 1823 — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano VI — 1922 — Vol. IV — (Classificação: 8-IV).

LUNARDI, Federico — *De Guajará-Mirim a Pôrto Velho* — Com ilustrações — *In Revista Geográfica Americana* — N.º 64 — (Classificação: 15-XII).

— *De Santarém a Belém do Pará* — Com ilustrações — *In Revista Geográfica Americana* — N.º 72 — (Classificação: 15-XI).

— *De Pôrto Velho a Manaus* — Com ilustrações — *In Revista Geográfica Americana* — N.º 65 — (Classificação: 15-XII).

MACHADO, Manuel Francisco — *Ídolo Amazônico* — (Transcrito desta fôlha) — *In Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* — Tomo VII — 4.º Boletim, 1891.

MAIA, Álvaro — *Exposição ao Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República* — (Maio de 1940 a Maio de 1941).

MANGABEIRA, Otávio — *Protocolo relativo à fronteira Brasileiro-Venezuelana — In Relatório do Ministério das Relações Exteriores* — 74-XCVII-I.

— *Tratado de Limites com a Colômbia — Exposição de motivos e Texto do tratado — In Relatório do Ministério das Relações Exteriores* — 74-XCVII-I.

MARQUES, César Augusto — *O naufrágio de Martius no rio Amazonas — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 51 — 1888 — 2.ª parte.

— *Vidas e feitos de Dom Frei Miguel de Bulhões e Sousa — 3.º Bispo do Grão-Pará* — Memória Histórica — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 50 — 2.ª parte — 1887.

MASÔ, João Alberto — *Flora e fauna amazonense e acreana* — *In Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* — Tomos XIX-XX-XXI — Anos de 1906-1907-1908.

MATA, Alfredo Augusto da — *Contribuição ao estudo do vocabulário amazonense* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas* — Vol. VI — Ns. 1 e 2 — 1937-1938.

— *Contribuição ao estudo do vocabulário amazonense* — *In Revista do Arquivo Municipal* — Ano VI — Vol. LXII — (Classificação: 83-LXII).

— *Ensaio de Geographia botânica do Estado do Amazonas* — *In Anais do 4.º Congresso Brasileiro de Geografia* — 2.º volume — (Classificação: 160-IV-II).

— *Resumo de Geografia Botânica do Estado do Amazonas* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — (Classificação: 1-B-5.º).

— *Noções de climatologia de Manaus* — *In Anais do 5.º Congresso Brasileiro de Geografia* — (Classificação: 276-5.º-I).

MATOS, João Wilkens de — *Alguns esclarecimentos sôbre as missões da provincia do Amazonas* — (Cópia oferecida pelo sócio o Exmo. Sr. Conselheiro LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ) — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 19 — 1898).

MAURY, Carlota Joaquina — *Uma zona de Graptolitos do Llan dovery inferior no Rio Trombetas, Estado do Pará, Brasil* — Com ilustrações — *In Monografias do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil* — (Classificação: 75-E-VII).

MEDEIROS, Fernando Sabóia de — *A Liberdade de Navegação do Amazonas* — Vol. 122 — Série 5.ª *Brasiliana* — Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 12,5 cm — Companhia Editora Nacional, São Paulo — São Paulo, 1938 — 303 páginas — (Classificação: CXXII).

MEDINA, José Toríbio — *The discovery of the Amazon* — Transleted from de Spanish by BERTRAM T. LEE — (Classificação: 252-E-XVII).

MELO CARDOSO BARATA, Manuel de — *A bateria da ilha da Bragança (na foz do Amazonas)* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 74 — 1911 — 1.ª parte.

— *Apontamentos para as efemérides paraenses* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 90 — Vol. 144 — 1921.

— *Fastos Paraenses — As primeiras ruas de Belém* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 77 — 1914 — 1.ª Parte.

— *Val de Caens — Pará* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 71 — 1909 — 2.ª parte.

MELO CARDOSO, Nuno Alves Pereira — *Exposição que fez o Exmo. Sr. Vice-Presidente da Provincia do Amazonas ao Exmo. Sr. Presidente Dr. Domingos Jaci Monteiro entregando-lhe a Administração em 26 de Julho de 1876* — *In Relatórios da Presidência da Provincia do Amazonas* — (Classificação: 184-K-1874-77).

— *Fala dirigida à Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas pelo 1.º Vice-Presidente, em 29 de Março de 1875* — *In Relatórios da Presidência da Provincia do Amazonas* — (Classificação: 184-K-1874-77).

— *Relatório apresentado ao Presidente da Província Exmo. Sr. Dr. Antônio dos Passos Miranda, pelo 1.º Vice-Presidente por ocasião de passar a Administração da Provincia em 7 de Julho de 1875* — *In Relatórios da Presidência da Provincia do Amazonas* — (Classificação: 184-K-1874-77).

MENDONÇA LIMA, J. de — *A Amazônia em face do comércio mundial da borracha* — *In Boletim Comercial* — N.º 1 — (Classificação: 74-H-1934).

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES — *Demarcação de limites entre o Brasil e a Colômbia* — *In Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* — Tomo XLIV — 1937.

MIRANDA, Antônio dos Passos — *Exposição do Presidente da Provincia do Amazonas ao 2.º Vice-Presidente, Major Gabriel Antônio Ribeiro Guimarães em 27 de Maio de 1876.* — *In Relatórios da Presidência da Provincia do Amazonas* — (Classificação: 184-K-1874-77).

— *Relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas na 1.ª Sessão da 13.ª Legislatura em 25 de Março de 1876 pelo Exmo. Sr. Presidente da Provincia* — *In Relatórios da Presidência da Provincia do Amazonas* — (Classificação: 184-K-1874-77).

MIRANDA, Bertino — *A fundação do Grão Pará no século XVII* — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 78 — 1915 — 1.ª parte.

MIRANDA LEÃO, Manuel de — *Ajuricaba* — *In Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas* — Ano II — Vol. II — Ns. 1 e 2 — 1932.

MIRANDA, Vicente Chermont de — *Moléstias que afetam os animais domésticos mormente o gado na ilha de Marajó — In Boletim do Museu Goeldi* — (Classificação: 124-IV-2 e 3).

MOERBECK, Inácio — *Breve notícia sôbre a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré — In Revista do Clube de Engenharia* — Julho-Dezembro — 1903 — (Classificação: 88-X).

MONTEIRO, Agostinho — *Possibilidades da Pecuária no Pará e em Especial na Ilha de Marajó* — Conferência realizada na Sociedade Rural Brasileira, a 13 de Janeiro de 1941 — *In Revista Rural Brasileira* — Ano XXI — N.º 246 — Fevereiro — 1941.

MONTEIRO BAENA, Antônio Ladislau — *Conta que deu da instauração do obelisco da estrada de Nazaré, ao Ilmo. Exmo. Sr. Doutor João Antônio de Miranda, Presidente da Província do Pará,* no dia 29 de Setembro de 1840 às 5 horas e meia da tarde, antes de serem tirados os panos que encobriam o dito obelisco — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico* — Tomo III — 1841.

— *Correspondência* — (Acompanhando três documentos oficiais sôbre a província do Pará) — *In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 7 — 1866.

— *Juízo sôbre a obra intitulada Compêndio das Eras da Província do Pará — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo II — 1840.

— *Memória sôbre o intento que teem os Inglêses de Demerara, de usurpar as terras ao Oeste do rio Repunuri adjacentes à face austral da cordilheira do Rio Branco para amplificar a sua colônia — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo III — 1841.

— *Memória sôbre o trânsito do Igarapé-miri e a necessidade de um canal a bem do comércio interno da província do Pará, dada em 1820 ao Ilmo. e Exmo. Sr. Conde de Palmela, Ministro e Secretário de estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra — In Revista do Instittuo Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 23 — 1860.

— *Observações ou notas ilustrativas dos primeiros três capítulos da parte segunda do tesouro descoberto no Rio Amazonas — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* — Tomo 5 — 1885.

MONTEIRO, Domingos Jací — *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Agesilão Pereira da Silva, Presidente da Província do Amazonas,* depois de ter entregue a administração da província em 26 de Maio de 1877 — *In Relatórios da Presidência da Província do Amazonas* — (Classificação: 184-K-1874-77.

MORAIS, Melo — *A revolução constitucionalista no Grão-Pará em 1821 — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano VI — 1922 — Vol. IV — (Classificação: 8-IV).

MORAIS, Raimundo — *A Festa de Nararé de Belém do Pará* — Com ilustrações — *In Revista da Semana* — Ano XL — N.º 32 — 15 de Julho de 1939 — (Classificação: 3045).

— *Na Planície Amazônica* — Vol. 63 — Série 5.ª *Brasiliana* — Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 12,5 cm — Companhia Editora Nacional, São Paulo — 1936 — 255 páginas — (Classificação: 13-LXIII).

MOURA, José Maria de — *A província do Grão-Pará nos fins da dominação portuguesa — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano VI — 1922 — Vol. IV — (Classificação: 8-IV).

MOURA, Pedro — *Dialeto dos índios Oiampis, do alto rio Oiapoque — In Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará* — Ano 1932 — 1.º semestre — Vol. VII — (Classificação: 8-VII).

— *Estudos geológicos para pesquisa de petróleo no vale do Juruá, Território do Acre* — Com um mapa da região e faixa interessando a geologia do petróleo no Território do Acre — *In Mineração e Metalurgia* — Vol. 1 — N.º 4 — (Classificação: 329-1 a 5).

(Continua).

ARQUIVO COROGRÁFICO:

ABÍLIO NERI — *Prefeitura Municipal de Borba* — Relatório apresentado ao interventor federal Dr. ÁLVARO MAIA, contendo: Planta da Cidade; Divisão territorial; Limpesa da cidade e seu saneamento; Próprios municipais; Estado sanitário; Escolas municipais; Patrimônio Municipal; Núcleu agrícola; Conclusão — *In Diário da Tarde* — Manaus — 5 de Outubro — 1939 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-3-8) (Borba).

ABREU, Artur C. de — *Estudo geológico do Território do Acre* — (Classificação: doc. dactilografado 2 — Pasta E-22-1-1-0).

ACIOLI, Mário — *A Fordlândia* — Contendo ilustrações — *In Correio da Manhã* — Rio de Janeiro — 9 Setembro — 1934 — (Classificação: doc. 3 — Pasta E-11-5-4-3) (Fordlândia).

ALBERTO TÔRRES, Heloísa — *Cerâmica pré-histórica de Marajó* — Contendo ilustrações — *In Jornal do Estado* — Pôrto Alegre — 15 Fev., 1940 — (Classificação: doc. 18 — Pasta E-11-1-4-4) — (Ilha de Marajó).

ANDRADE, Alexandre — *Belterra vista de relance* — Interessantes revelações de Mr. ARQUIBALDO JOHNSTON, gerente da Fordlândia — Contendo ilustrações — *In Fôlha do Norte* — Belém — 9 Jul., 1939 — (Classificação: doc. 14 — Pasta E-11-5-4-3) (Fordlândia).

ANDRADE, Alexandre — *Uma visita de passagem a Santarém — In Fôlha do Norte* — Belém — 23 Jul., 1939 — (Classificação: doc. 4 — Pasta E-11-8) (Santarém).

ARAÚJO COSTA, Custódio de — *A exportação e a arrecadação de impostos paraenses — In Fôlha do Norte* — Belém — 3 Set., 1939 — (Classificação: doc. 13 — Pasta E-11-6-4-1).

ARAÚJO COSTA, Custódio de — *Defenda-se a economia, embora com sacrifício aparente das finanças* (dados sôbre a situação financeira do Estado do Pará) — *In Fôlha do Norte* — Belém — 23 Nov., 1940 — (Classificação: doc. 7 — Pasta E-11-9-3-0).

ARAÚJO, Elisiário — *Belterra (Pará);* cruzeiro turístico ao norte — *In O Estado de São Paulo* — São Paulo — 16 Abr., 1941 — (Classificação: doc. 15 — Pasta E-11-5-4-3) (Fordlândia).

ARAÚJO JORGE, J. G. de — *Rio Branco, do Acre* — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — Rio de Janeiro — 15 Jul, 1939 — (Classificação: doc. 3 — Pasta 1-22-8) (Rio Branco).

ARAÚJO, J. — *Reparo histórico (Bragança)* — *In O Estado do Pará* — Belém — 23 Abr., 1938 — (Classificação: doc. 3 — Pasta E-11-5-4-1) (Bragança).

— *Fundação da Vila de Sousa (Bragança)* — *In O Estado do Pará* — Belém — 11-5-938 — (Classificação: doc. 8 — Pasta E-11-8 (Bragança).

ARTURO MARPICATI — *(Membro da Real Academia da Itália)* — Nos mistérios da floresta amazônica — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

Assís MEMÓRIA — *A hora augural da Amazônia — In Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro — 11 Jul., 1941 — (Classificação: doc. 38 — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *Do sonho à realidade amazônica — In O Imparcial* — Salvador — Baía — 11-2-939 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *Pelo caboclo amazonense — In Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro — 12 Abr., 1940 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-7-1-0).

AURÉLIO PINHEIRO — *Amazônia na literatura — In O Malho* — Rio de Janeiro — 4-10-1934 — (Classificação: doc. 19 — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

Amazônia — Contendo ilustrações de PAULO EINHORN — *In Revista da Semana* — 10-12-933 — (Classificação: doc. 1 — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *As mãos suaves (Belém)* — Contendo ilustração — *In Eu Sei Tudo* — 4 Set., 1933 — (Classificação: doc. 16 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

—*O baixo Amazonas — Contendo ilustrações — In Revista da Semana* — Rio de Janeiro — 23 de Set., 1933 — (Classificação: doc. 4 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

— *Segredos da Flora Amazônica — In Revista da Semana* — Rio de Janeiro — 23 Mar., 1935 — (Classificação: doc. 23 — Pasta B-2-1-2).

— *Tabatinga (Amazonas)* — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — 14-1-933 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-5-4-3) (Tabatinga).

AUSTREGÉSILO DE ATAÍDE — *O Amazonas como paisagem — In Diário da Noite* — Rio de Janeiro — 8-2-940 — (Classificação: doc. 5 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

AZEVEDO AMARAL — *A política da Amazônia — In Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro — 15 de Out. de 1941 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazonas).

AZEVEDO, Newton Pires de — *Administração Municipal (Território do Acre) — In O Acre* — Território do Acre) — 22-3-940 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-22-8) (Rio Branco).

AZEVEDO, Raul de — *O Amazonas e as suas grandes possibilidades econômico-financeiras* — Contendo os seguintes itens: Os orçamentos; O clima e a salubridade; Ensinar e educar — Problemas do Amazonas, quiçá do Brasil; o Fisco — Há três fraudes — A legal, a inconciente e a conciente; A crise — Uma Repartição de Estatística — As Repúblicas limítrofes — A Cidade; A situação da "Hevea" e o seu futuro — A castanha — O que devemos fazer; As nossas novas fontes de energia — A energia hidráulica; outras riquezas — Necessidade de auxílios; Desbravemos as matas — Ceifemos os campos e plantemos; O magno problema da adubação; Sem transporte regular e barato não pode o Amazonas progredir; O petróleo; Conclusão — *In Jornal do Comércio* — 11-7-937 — (Classificação: doc. 9 — Pasta E-3-9-3-0).

— *Do meu Livro de Saudades* — Amazonenses e habitantes do Amazonas — *In Jornal do Comércio* — 27-9-936 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-4-3-1).

BERENHAUSER, Henrique — *Belém do Pará* — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — 2-9-939 — (Classificação: doc. 19 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Fordlândia* — (Impressões de uma viagem rápida) — Contendo ilustrações — *In Eu Sei Tudo* — Dezembro — 1933 — (Classificação: doc. 5 — Pasta E-11-5-4-3) (Fordlândia).

BERILO NEVES — *A Metrópole amazônica (Belém)* — Contendo ilustrações — *In Noite Ilustrada* — 20-7-932 — (Classificação: doc. 14 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

BEZERRA DE MELO, Oton L. — *(Da Missão Econômica Brasileira)* — O Amazonas — *In A Tarde* — Cidade do Salvador — Baía — 24 Fev., 1941 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO — N.º 14 — Outubro de 1935 — *Povoamento — Costumes amazônicos* — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

BRANNER, John C. — *O "Macaréo do Amazonas", mais conhecido por "Pororoca"* — *In Omnibus* — Rio de Janeiro — 1940 — (Classificação: doc. 39 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

CÂMARA CASCUDO, Luiz da — *Lôbo D'Almada, Cidadão D'Amazônia* — *In Jornal do Comércio* — Rio de Janeiro — 27 de Abril de 1941 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-4-3-2).

CAMELO, C. Neri — *Viajando pelo Norte* — Em Belém do Pará — A Cidade e seus logradouros — O Museu Goeldi — Imprensa e Instrução — Com o Interventor JOSÉ MALCHER — *In O Estado* — Fortaleza — 6 Out., 1940 — (Classificação: doc. 45 — Pasta E-11-5-4-1).

CAMPOS, Francisco de — *A nova organização da Justiça do Acre* — Exposição de Motivos ao Sr. Presidente da República pelo Ministro da Justiça — *In Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro — 9 de Junho de 1940 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-22-9-4-0).

CANTANHEDE, Raimundo — *O Rio Branco, "Celeiro do Amazonas", e os seus problemas vitais.* — *In O Jornal* — Manaus — 8 Out., 1939 — (Classificação: doc. 6 — Pasta E-3-6-3-3).

CARVALHO LEAL, Dr. — *Restituirá decuplicado tudo quanto o país lhe conceder* — O Estado do Amazonas e as suas atuais condições — Entrevista — *In Diário da Manhã* — Recife — Pernambuco — 27 Maio, 1939 — (Classificação: doc. 7 — Pasta E-3-6-0-0).

CASTRO DE ANDRADE — *O fenômeno econômico do alto Xingú* — *In Fôlha do Norte* — Belém — 10 Jul., 1940 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-11-6-0-0).

CASTRO, Emanuel de — *Território militar a região do ouro* — Sugerida a ocupação de Macapá por fôrças do Exército — *In O Globo* — Capital Federal — 11-4-939 — (Classificação: doc. 5 — Pasta E-11-8) (Macapá).

CASTRO, Emanuel Cláudio de — *O Teatro Amazonas* — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — 4-9-937 — (Classificação: doc. 22 — Pasta E-3-5-4-1) (Manaus).

CAVERO EGUSQUIZA, Ricardo *(Redator principal de* La Prensa, *de Lima)* — *O Amazonas, vínculo natural peruano-brasileiro* — *In Jornal de Alagoas* — Maceió — 25 Set., 1938 — (Classificação: doc. 23 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

CHANDLESS, W. — *Apontamentos sôbre os rios Maué-Assú e Abacaxis* — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-1-4-2).

— *Apontamentos sôbre o rio Juruá (Afluente do Solimões)* — (Classificação: doc. dactilografado 1 — Pasta B-1-4-2) (Juruá).

CHAVES, M. Avelino — *L'exploitation de l'"Hevea" sur Le Territoir Federal de l'Acre* — Contendo ilustrações — *In Brasil Album* — Paris — 31 Mars, 1916 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-22-0-0-0).

CHERMONT, Francisco — *A triste realidade paraense* — *In O Estado do Pará* — Belém — 18 Maio — 1938 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-6-3-0).

COHEN, Jacó — *Matas e Madeiras Amazônicas* — Belém — 1935 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

COHEN, Samuel — *Impressões de uma viagem a Manaus* — *In O Estado do Pará* — Belém — 26 Maio — 1939 — (Classificação: doc. 24 — Pasta E-3-5-4-1) (Manaus).

COINTE, Paul Le — *(Diretor do Museu Comercial do Pará)* — *As possibilidades econômicas do Pará* — *In Diário de Pernambuco* — 13 de Abril de 1933 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-0-0-0).

CONDURÚ, Abelardo — *Belém, encruzilhada da América!* — Fala do desenvolvimento da capital paraense — *In O Globo* — Rio de Janeiro — 7 de Out., 1941 — (Classificação: doc. 60 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Belém, a "Sala de espera" do Pará, transformada e embelezada pelo seu atual Prefeito* — Contendo ilustrações — *In Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro — 6 Out., 1940 — (Classificação: doc. 0 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *(Prefeito de Belém) — Vai ser criado o Território de Amapá com o E. M. do Exército* — *In Correio da Noite* — Rio de Janeiro — 27 Março — 1939 — (Classificação: doc. 5 — Pasta E-11-6-3-1) (Ouro).

CORDELIR, Louis H. — *Frente a frente com os jacarés (Marajó)* — Contendo fotografias — *In A Noite Ilustrada* — Rio de Janeiro — 27 Fev. 1940 — (Classificação: doc. 22 — Pasta E-11-1-4-4) (Ilha de Marajó).

— *Ouro ao Norte !* (Pará) — Contendo ilustrações — *In A Noite Ilustrada* — 5-10-935 — (Classificação: doc. 9 — Pasta E-11-6-3-1) (Ouro).

CORREIA, Augusto — *Pelos nossos municípios (Bragança)* — *In O Estado do Pará* — Belém — 11 Fev., 1940 — (Classificação: doc. 9 — Pasta E-11-8) (Bragança).

COSTA, Afonso — *Os Tesouros do Amazonas* — *In Jornal do Brasil* — Rio — 18-5-939 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-6-3-0).

COSTA, Angione — *O Brasil que nem todos conhecem* — As nossas capitais — Santa Maria de Belém do Grão-Pará — Contendo ilustrações — *In Carioca* — Classificação: doc. 24 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

COSTA, Custódio de Araújo — *A castanha e o côco na economia paraense* — *In Fôlha do Norte* — Belém — 21 Agôsto — 1940 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-11-6-3-2).

COTT, Hugh — *A encantadora Marajó* — Uma ilha com 274 quilômetros de diâmetro e 43 000 km de território, na foz do Amazonas. Artigo sôbre a excursão por essa ilha — Contendo ilustrações — *In Eu Sei Tudo* — Fev. de 1939 — (Classificação: doc. 4 — Pasta E-11-1-4-4) (Marajó).

COUTINHO, Francisco da Cunha — *Estrada de Ferro de Bragança* — Relatório apresentado pelo diretor das obras feitas e das que se encontram em andamento, autorizadas pelo Exmo. Sr. Major MAGALHÃES BARATA, Interventor Federal do Pará, de Janeiro a Outubro de 1932, inclusive aquisição de materiais, etc. — *In Diário de Pernambuco* — 13 de Abr. de 1933 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-0-0-0).

COUTO, Adamor — *(Desenhista da 3.ª Secção da S. Obras Públicas)* — Município de Santa Isabel. Mapa escala 1:250.000 — (Classificação: doc. 3 — Pasta E-11-8) (Santa Isabel).

CROTMAN, Raquel E. — *Amazonas, rio mar* — Contendo ilustrações — *In A Noite Ilustrada* — 15-9-936 — (Classificação: doc. 9 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

CRULS, Gastão — *Fixação do homem à terra, problema n.º 1 da Amazônia* — Entrevista — *In A Noite* — Rio — 15-8-939 — (Classificação: doc. 61 — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

CRUZ, Ernesto — *A invasão* — Cena da Cabanagem (Pará) — *In Fôlha do Norte* — Belém — 28 Fev., 1940 — (Classificação: doc. 4 — Pasta E-11-4-5-3).

— *O forte do Castelo* — (Histórico dêste forte) — *In Fôlha do Norte* — Belém — 13 Mar., 1940 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-4-2-3).

CRUZ, Francelino — *A Associação Comercial do Pará* — Como fator de trabalho e de progresso amazônico — *In Diário de Pernambuco* — 3.ª Secção, 13 de Abr. de 1933 — (Classificação: doc. 4 — Pasta E-11-0-0-0).

DANTAS, Letício de Campos — *O Amazonas* — (Reflexões sôbre os aspectos vários da "Cidade Risonha") (Manaus) — *In Gazeta de Notícias* — Fortaleza — 7 Jun., 1938 — (Classificação: doc. 45 — Pasta E-3-5-4-1) (Manaus).

DELAMARE, Alcebíades — *As sextas-feiras* — Monsenhor MASSA — Apóstolo das selvas amazônicas — *In Jornal do Comércio* — Rio de Janeiro, 30 Agôsto — 1940 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-7-1-2).

DELEGADO DO TRABALHO — *Fordlândia e Belterra* — *In Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro — 10 Out., 1941 — (Classificação: doc. 16 — Pasta E-11-5-43) (Fordlândia).

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA — *Estimativa do gado existente no Estado do Amazonas* — 1938 — *In Diário Oficial* — Manaus-Amazonas — 19 de Out. de 1940 — (Classificação: doc. 3 — Pasta E-3-6-3-3).

— *A Juta Amazonense* (Cópia do *Diário Oficial* do Estado do Amazonas) — Manaus, 6 de Dezembro de 1940 — (Classificação: doc. dactilografado 5 — Pasta E-3-6-2) (Juta).

— *A capital Amazonense à luz da bio-estatística* — *In O Jornal* — Manaus — 15 Jan., 1941 — (Classificação: doc. 31 — Pasta E-3-5-4-1) (Manaus).

Departamento dos Negócios Municipais — *Serviço de Estatística de Abaeté* — Contendo: Limites; Situação geográfica; Superfície; População; Distância de Belém; Informações gerais; Renda do Município; Ensino Primário; Saúde Pública — (Classificação: doc. dactilografado 1 — Pasta E-11-8) (Abaeté).

— *Serviço de Estatística* — Município de Almeirim. Contendo: Limites; Situação geográfica; Superfície; População; Distância de Belém; Meios de comunicação; Principais indústrias; Informações gerais; Renda do município; Ensino Primário; Saúde Pública — (Classificação: doc. dactilografado 1 — Pasta E-11-8) (Almeirim).

— *Serviço de Estatística* — Município de Alenquer — Contendo: Limites; Situação geográfica; Superfície; População; Distância de Belém; Meios de comunicação; Principais indústrias; Informações gerais; Renda do Município; Ensino Público; Saúde Pública — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-8) (Alenquer).

— *Serviço de Estatística* — Município de Acará — Contendo: Limites; Situação geográfica; Superfície; População; Distância de Belém; Meios de comunicação; Principais indústrias; Informações gerais; Renda do município; Instrução pública; Saúde pública — (Classificação: doc. dactilografado 1 — Pasta E-11-8) (Acará).

— *Serviço de Estatística* — Município de Xingú, hoje Pôrto de Moz — Contendo: Limites; Situação geográfica; Superfície, etc. — (Classificação: doc. dactilografado 1 — Pasta E-11-8) (Pôrto de Moz).

Diretoria de Estatística da Produção — *(Ministério da Agricultura — Secção de Documentação e Informações)* — *O Pirarucú (do rio Amazonas)* — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-6-3-3) (Caça e Pesca).

Diretoria Geral da Agricultura, Indústria e Comércio — *Almeirim — Boletim de Informações* — Belém — Junho — 1933 — N.º 2 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-11-8) (Almeirim).

Diretoria Geral de Agricultura, Indústria e Comércio — *Vigia* — Dados gerais — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-8) (Vigia).

Domingues, Mário — *Impressões de viagem ao Norte do Brasil — (Belém)* — Contendo ilustrações — *In Correio da Noite* — Rio de Janeiro — 28 de Dez. — 1938 — (Classificação: doc. 9 — Pasta E-11-8) (Belém).

Eleutério, Paulo — *A cidade de Belém, sua população e seus progressos* — *In Fôlha do Norte* — Belém — 22 Abr. — 1940 — (Classificação: doc. 41 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Contribuição dos filhos de Pernambuco à civilização na Amazônia Brasileira* — *In Diário de Pernambuco* — 13 de Abr. de 1933 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-0-0).

— *Notícia Histórica do Estado do Pará* — Contendo ilustrações — *In Diário de Pernambuco* — 3.ª Secção, 13 de Abr. de 1933 — (Classificação: doc. 4 — Pasta E-11-0-0-0).

Escragnole Dória — *Belém* — Contendo ilustrações — *In Eu Sei Tudo* — (Classificação: doc. 43 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

Estêvão, Carlos — *A piscicultura e o repovoamento dos rios da Amazônia* — Entrevista concedida pelo diretor do Museu Goeldi — *In A Manhã* — Rio de Janeiro — 22-11-941 — (Clasificação: doc. 9 — Pasta E-11-2-0-0) (Museu Goeldi).

— *A reprodução do Pirarucú* — Êsse animal, sem ser mamífero, dá leite? — Contendo ilustração — *In Correio da Noite* — Rio de Janeiro — 24 de Jun. de 1939 — (Classificação: doc. 11 — Pasta B-2-2-3).

Euclides da Cunha — *Os purús e as terras caídas* — *In Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro — 20 Set., 1936 — (Classificação: doc. 1 — Pasta B-1-4-2) (Purús).

Eulenberg, Fritz — *Manaus* — Cidade Fantasma — *In Diário do Norte* — São Luiz — 28 Dez., 1939 — (Classificação: doc. 29 — Pasta E-3-5-4-1) (Manaus).

Eustáquio Duarte — *Um esbôço audacioso de compreensão da Amazônia* — *In Diário de Pernambuco* — Recife — 26 Jan., 1941 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

Fernandes, Carlos D. — *O Homem do Pacoval* (Ilha de Marajó) — *In A Nota* — *Capital Federal* — 10-2-1939 — (Classificação: doc. 3 — Pasta E-11-1-4-4) (Ilha de Marajó).

Ferreira Reis, Artur César — *Paulistas na Amazônia colonial* — *In Fôlha do Norte* — Belém — 28-5-939 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *Pleiteando autonomia para o Amazonas* — *In Terra Imatura* — Belém — 1940 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-3-4-5-0).

FORMIGÃO, Santarém — *A princesa da Amazônia e a pérola do Tapajoz (Santarém)* — Contendo ilustrações — *In Revista do Estado do Pará* — Julho — 1934 — (Classificação: doc. 5 — Pasta E-11-5-4-1) (Santarém).

FREITAS NETO, Sebastião de — *Relatório apresentado pelo Prefeito Municipal de Anajaz ao Presidente do Departamento Administrativo do Estado do Pará* — Contendo os seguintes itens: A situação financeira; Obras e melhoramentos; Estado sanitário; Instrução; Agricultura; Regras administrativas; Conclusão. — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-8) (Anajaz).

GOMES DA FONSECA, Coronel Deodato *(administrador da Recebedoria)* — *Estado do Amazonas* — Arrecadação em 37 anos — de 1852 a 1888 — Relatório apresentado ao Governador EDUARDO GONÇALVES RIBEIRO — *In Mensário Estatístico* — Manaus — Nov. 1940 — (Classificação: doc. 10 — Pasta E-3-9-3-0)

GONDIM, Joaquim — *Manaus. Aspectos e melhoramentos da famosa cidade rio-negrina* — *In O Estado* (Fortaleza) — Ceará — 1 Maio — 1938 — (Classificação: doc. 23 — Pasta E-3-5-4-1) (Manaus).

— *O Martirológio da raça indígena* (lutas que se travaram entre os índios que habitavam no rio Janaparí e as várias expedições que invadiram aquele rio, à cata de escravos) — *In O Estado* (Fortaleza) — Ceará — 15-5-938 — (Classificação: doc. 10 — Pasta E-3-7-1-2).

GUIMARÃES SOBRINHO, Pedro — *Pôrto Velho e Rio Branco* — Visões de um mundo ciclópico — Rios e florestas que esmagam a pobre insignificância humana. Contendo ilustrações — *In Carioca* — Rio de Janeiro — 2 Dezembro, 1939 — (Classificação: doc. 4 — Pasta E-22-8) (Rio Branco).

HOLT, Ernesto G. — *Uma viagem ao Ninho do Galo dos Rochedos* — Tradução de Guilherme dos Anjos — (Classificação: docs. dactilografados — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

HONÓRIO SILVESTRE — *A Amazônia* (Esbôço antropogeográfico) — *In Jornal do Comércio* — Rio — 24-3-938 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

HUASCAR DE FIGUEIREDO — (advogado e jornalista) — *Panoramas da Amazônia* (Impressões) — *In Jornal do Brasil* — Rio — 8-9-938 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

HURLEY, Jorge — *Belém do Pará sob o domínio português* — Palestra — *In Correio Português* — Rio de Janeiro — 2-11-940 — (Classificação: doc. 51 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Fundação de Bragança* — Sôbre as ruínas de Vila Sousa — *In O Estado do Pará* — Belém — 26 Abril, 1938 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-11-5-4-1) (Bragança).

— *Ilha Grande de Joanes* (hoje, Marajó) — *In Fôlha do Norte* — Belém — 1 Jan., 1940 — (Classificação: doc. 26 — Pasta E-11-1-4-4) (Ilha de Marajó).

— *Problema da Carne Verde em Belém* — A arrematação dêsse serviço de 1815 — *In Fôlha do Norte* — Belém — 24 Fev., 1940 — (Classificação: doc. 35 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Teimosia vã (Bragança)* — *In O Estado do Pará* — Belém — 13 Maio — 1938 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-5-4-1) (Bragança).

INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO — *Orquidáceas do Herbário Geral do Museu Goeldi*, Belém do Pará, revistas e determinadas por F. C. HOEHNE. (Classificação: doc. 6 — Pasta E-11-2-0-0) (Museu Goeldi).

ISAÍAS ROSA — *Imagem e sensibilidade de Belém* — Uma civilização, no extremo Norte, que honra o Brasil. Contendo ilustrações — *In O Globo* — Rio de Janeiro — 28 Out., 1940 — (Classificação: doc. 47 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Na terra da pedra da felicidade* — Belém, as suas lendas e o seu pitoresco. Contendo ilustrações — *In O Globo* — Rio de Janeiro — 29 Nov., 1940 — (Classificação: doc. 46 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Belém, a cidade-encantamento* — *In O Globo* — Rio de Janeiro — 21 Out., 1940 — (Classificação: doc. 48 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *O grandioso e o pitoresco do Amazonas* — Subindo o Rio Mar, num tradicional "Gaiola" — *In O Globo — Rio de Janeiro* — 2 de Out., 1940 — (Classificação: doc. 21 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

JOSÉ FIRMO — *Grandeza e colapso da Amazônia* — *In Gazeta de Notícias* — Rio — 15-10-1940 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

J. H. B. — *Sete dias à margem do Caeté* (Bragança) — *In O Estado do Pará* — Belém 22 Abr., 1938 — (Classificação: doc. 4 — Pasta E-11-5-4-1) (Bragança).

José de Lima, Henrique — *O Acaso como fator de progresso* — *In Fôlha do Norte* — 10-10-939 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

Kamphenkel, Dr. Shulz — *A expedição ao rio Jari* — A descoberta de dois afluentes — O contacto com os índios Goiapís (Pará) — (Classificação: Pasta E-11-1-4-2) (Jarí).

Ladislau, Alfredo — *Borboletas amazônicas* — *In O Estado do Pará* — Belém — 19 Maio, 1938 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-3-2-2-2).

Lima, Alberto Rêgo — *Missões Salesianas* (Amazônia) — *In Correio da Manhã* — Rio de Janeiro — 26 de Julho de 1941 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-7-0-6).

Lima, Benjamim — *Amazônia* — Objeto de arte e de ciência. — *In Jornal do Brasil* — Rio — 23-9-939 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *A Amazônia e o Conselho Nacional de Geografia* — *In Jornal do Brasil* — Rio — 30-9-1939 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *O primeiro contacto da Amazônia* — *In Jornal do Brasil* — Rio — 29-10-938 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *Os erros dos seringalistas amazônicos* — *In Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro — 13 de Maio de 1939 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-3-6-3-2) (Borracha).

— *Uma clareira da floresta Amazônica* — (Manaus) — *In Jornal do Brasil* — Rio — 5-11-938 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *Uma clareira da floresta Amazônica* — *In O Imparcial* — Salvador — 12-11-938 — (Classificação: doc. 35 — Pasta E-3-5-4-1) (Manaus).

— *O problema da colonização do Amazonas* — *In Jornal do Brasil* — Rio de Janeiro — 18-10-941 — (Classificação: doc. 3 — Pasta E-3-7-3-3).

Lima Figueiredo — *A capital do Acre.* — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — 2 de Maio de 1936 — (Classificação: doc. 3 Pasta E-22-5-4-1) (Rio Branco).

— *A fauna da planície imensa* (Amazônica — Contendo fotografias — *In Rev. da Semana* — 24-7-1937 — (Classificação: doc. 12 — Pasta B-2-2-0).

— *Ajuricaba* (um dos chefes da tribu dos Manaus) — *In A Noite* — 22-4-935 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-5-3-1) (Ajuricaba).

— *As nascentes do Amazonas* — Com ilustração — *In A Noite Ilustrada* — 15-5-935 — (Classificação: doc. 3 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

—*Belém* — A Sereia da foz — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — Classificação: doc. 44 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Cabralzinho, o herói do Amapá* — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — 16-3-934 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-4-3-1) (Cabralzinho).

— *Clevelândia* — Clima caluniado — Contendo fotografias — *In Carioca* — 6-2-937 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-5-43) (Clevelândia).

— *Curiosidades* (Amazonas) — *Contendo fotografia* — *In Revista da Semana* — 12-6-936 — (Classificação: doc. 8 — Pasta B-0-0-0).

— *Gaiolas e Vaticanos* — Contendo ilustrações — *In Carioca* — Rio — 4-9-937 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *Macapá* — Santarém — São Joaquim (Pará) — História dos fortes coloniais — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — 16 de Junho de 1934 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-4-2-4).

— *O Pôrto de Manaus* — Contendo ilustrações — *In Carioca* — Capital Federal — 29-6-937 — (Classificação: doc. 4 — Pasta E-3-6-1-3) (Pôrto de Manaus).

— *O Rio Xingú* — Contendo ilustrações fornecidas pelo Coronel Polidoro C. Barbosa — *In Revista da Semana* — 3-4-937 — (Classificação: doc. 2 — Pasta B-1-4-2) (Xingú).

— *O vale do Amazonas* — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — 18 de Janeiro de 1936 — (Classificação: doc. 2 — Basta B-1-3-7) (Amazonas).

— *Peixes da Planície Amazônica* — Contendo ilustrações — *In A Noite Ilustrada* — 22-6-937 — (Classificação: doc. 5 — Pasta B-2-2-3).

— *Pelos céus da Amazônia* — Contendo ilustrações — *In A Noite Ilustrada* — Rio — 3-8-937 — (Classificação: doc. — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *Ver-o-Pêso* (baía de Guarajá) — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — 29-5-937 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-11-6-1-3) (Pôrto de Belém).

LINS, Édison — *Vocabulário de crendices da Amazônia* — *In Diário de São Paulo* — São Paulo — 5-6-1938 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-3-4-2-2).

LÔBO, Carlos Furtado — *O rio Amazonas* — Contendo um mapa — *In Fôlha da Manhã* — Recife — 23 de Novembro de 1941 — (Classificação: doc. 42 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

MALATO, João — *Ford na Amazônia* — Contendo ilustrações — *In A Noite Ilustrada* — 16-4-935 — (Classificação: doc. 6 — Pasta E-11-5-4-3) (Fordlândia).

MALLMANN, Elias — *Uma aventura nas selvas amazônicas* — Contendo ilustrações — *In A Noite Ilustrada* — Rio — 15-1-935 — (Classificação: doc. — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

MÁRIO D'ALVA — *O Emaranhado da foz* (Amazonas — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — Rio — 20 de Janeiro de 1934 — (Classificação: doc. 26 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

— *O Vaqueano do Inferno Verde* — Contendo Ilustrações (Amazônia) — *In Revista da Semana* — 4-11-1939 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-7-0-4).

MARQUES PÔRTO — *Tabatinga* — Impressões de uma viagem (Amazonas) — *In Almanaque Garnier* — 1914 — (Classificação: doc. 41 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

MARTINS, Alberto — *Belém do Pará, a pérola Marajoara* — *In Meio Dia* — Rio de Janeiro — 13 de Março de 1941 — (Classificação: doc. 56 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *O Museu Paraense de História Natural* — *In Meio Dia* — Rio de Janeiro — 20 de Março de 1941 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-11-2-0-0) (Museu Goeldi).

MARTINS, Miguel — *O saneamento da Amazônia* — *In Correio da Manhã* — Rio de Janeiro — 31 de Janeiro de 1941 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

MEDEIROS, Adonai de — *Amazonas* — Mistério e Fascinação — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — Julho de 1939 — (Classificação: doc. 54 — Pasta E-3-5-4-1) (Manaus).

MEDEIROS, Adonai — *Amazonas* — Mistério e Fascinação — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — Rio de Janeiro — 15 de Julho de 1939 — (Classificação: doc. 19 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

MEDEIROS, Océlio de — *O presente do rei dos Rios (Marajó)* — Contendo ilustrações — *In O Malho* — Rio de Janeiro — 27 de Abril de 1939 — (Classificação: doc. 13 — Pasta E-11-1-4-4) (Ilha de Marajó).

MELO, Tancredo Fernandes de — *(Coronel do Exército, Sócio dos Institutos Geográficos do Pará e do Rio Grande do Sul. Titular da Sociedade Asrtonômica da França)* Afuá — Cidade Lacustre do Pará — Contendo ilustrações — *In Eu Sei Tudo* — Junho de 1930 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-8) (Afuá).

MENDONÇA, Carlos de — *Ressurgimento da Amazônia* — *In A Nação* — 16-8-936 — (Classificação: doc. — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

MENINÉIA, Raimundo — *Aspectos de Manaus, em 1939, à luz de algarismos que não mentem.* — *In Diário da Tarde* — Manaus — 8 de Dezembro de 1939 — (Classificação: doc. 18 — Pasta E-3-8) (Manaus).

MESQUITA, Teófilo Narciso de — *De Canutama.* Relatório — Contendo: Plano de realizações urgentes para o exercício de 1941; Instrução Pública; Saúde Pública; Alimentação Pública; Mercado; Delegacia de Polícia; Conclusão. — *In A Tarde* — Manaus — 16 de Agôsto de 1941 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-3-8) (Canutama).

MIRANDA BASTOS, A. de — *A história de uma flor (vitória régia)* — Contendo ilustrações — *In O Cruzeiro* — Distrito Federal — 11-2-939 (Classificação: doc. 5 — Pasta B-2-1-3).

— *Belém de ontem, Belém de hoje* — Contendo ilustrações — *In Carioca* — Rio de Janeiro — 1 de Abril de 1939 — (Classificação: doc. 55 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Cenas da vida Marajoara* — Contendo ilustrações — *In Carioca* — (Classificação: doc. 27 — Pasta E-11-1-4-4) (Marajó).

— *Extremo Norte (Belém)* — Contendo ilustrações — *In Turismo* — Outubro de 1937 — (Classificação: doc. 5 — Pasta E-11-8) (Belém).

— *Pôrto de Lenha* — Com algumas fotografias — *In Revista da Semana* — Rio — 13-9-1937 — (Classificação: doc. — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *Uma lanceação em Marajó* — Contendo — fotos — *In Carioca* — Rio de Janeiro — 6 de Abril de 1940 — (Classificação: doc. 21 — Pasta E-11-1-4-4) (Marajó).

— *Vida amazônica — o Ver-o-Pêso* — Contendo ilustrações — *In Carioca* — (Classificação: doc. 10 — Pasta E-11-6-1-3) (Pôrto de Belém).

MIRANDA CORREIA, Dr. Maximino de — *A cultura do bicho da sêda no Amazonas* — Conferência realizada no Clube de Engenharia — *In Jornal do Comércio* — Rio de Janeiro — Dezembro de 1933 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-3-6-3-3).

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA — *Serviço de Informação Agrícola* — A Castanha do Pará — Seus principais empregos — (Classificação: doc. 3 — Pasta E-11-6-3-2) (Castanha).

M. JÚNIOR — *O povoamento da Amazônia — In A República* — Natal — 1 de Outubro de 1940 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-3-7-3-4).

MOACIR PAIXÃO — *O ciclo da expansão sertanista e suas determinantes (Amazônia) — In Terra Imatura* — Belém — Abril-Junho-Julho de 1940 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-7-3-4).

MONTEIRO, Agostinho — *O problema de Marajó* — Limpeza, desobstrução e dragagem dos seus rios. — Conferência pronunciada na Associação Comercial — *In O Estado do Pará* — Belém — 5 de Março de -939 — (Classificação: doc. 14 — Pasta E-11-1-4-4) (Ilha do Marajó).

MONTEIRO, João Fragoso (Agente de Estatística e Secretário do Diretório Municipal de Geografia) — *Sena Madureira (Rio)* — Relatório sôbre a potamografia do Acre — (Classificação: doc. dactilografado 1 — Pasta E-22-1-4-2).

MONTORIL, José — *Terra Brasileira* — O extremo norte brasileiro — a Ilha dos Porcos (Pará) — Contendo ilustrações. (Dados gerais sôbre esta ilha) — *In Eu Sei Tudo* — N.º 11 — Abril de 1932 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-1-4-1) (Ilha dos Porcos).

MORAIS, J. de Melo — *Fatos do presente e ecos do passado — In Fôlha da Manhã* — São Paulo — 17 de Agôsto de 1941 — (Classificação: doc. 18 — Pasta E-11-5-4-3) (Fordlândia).

— *Impressões de uma visita à Concessão Ford* — Contendo ilustrações *In O Jornal* — Rio de Janeiro — 22 de Setembro de 1940 — (Classificação: doc. 11 — Pasta E-11-5-4-3) (Fordlândia).

MORAIS RÊGO, Luiz F. — *Planta indicando as localidades fossilíferas* (Território do Acre) — (Classificação: doc. 3 — Pasta E-21-1-1-0).

MOURA, Pedro — *Guiana brasileira* — Fixação do homem ao solo — *In Nacional* — 23 de Outubro de 1934 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-6-0-0).

— (Assistente Técnico do Instituto Geológico e Mineralógico do Brasil) — *Guiana Brasileira* — Fixação do homem ao solo — *In O Nacional* — 19-10-1934 — (Classificação: doc. — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

MULATINHO, ÉDISON — *Riquezas do Brasil* — (Amapá — "O Ninho do Ouro" — *In Gazeta de Notícias* — Fortaleza — 10 de Junho de 1939 — (Classificação: doc. 8 — Pasta E-11-8 (Amapá).

NASCIMENTO SILVA, Fernando (Eng. Civil e Industrial-Assistente de Botânica Industrial da Escola Politécnica) — *Noções de fitogeografia brasileira* — Contendo mapas e quadros fitogeográficos — In *Correio da Manhã* — Nov. de 1936 — (Classificação: doc. 1 — Pasta B-2-1-0).

NENÊ MACAGGI — *Alegria da manhã bonita (Belém)* — Contendo flagrantes dos mercados de Belém — *In Revista da Semana — Rio de Janeiro* — 29 de Julho de 1939 — (Classificação: doc. 33 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Cidade Verde* — Pérola do Norte (Belém) — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — Rio de Janeiro — 27 de Maio de 1939 — (Classificação: doc. 32 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Conhecendo um pouco de Marajó...* (diário de uma viagem de Belém a Soure) — Em águas paraenses, a 20 de Junho de 1939 — *In O Dia* — Curitiba — 12 de Janeiro de 1940 — (Classificação: doc. 11 — Pasta E-11-1-4-4) (Ilha de Marajó).

— *Minha viagem subindo o Amazonas — In Jornal de Joinvile* — Joinvile — 27 de Janeiro de 1940 — (Classificação: doc. 20 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

— *Polindo o "brilhante verde" do mar-dulce* (Manaus) — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — Julho de 1939 — (Classificação: doc. 28 — Pasta E-3-5-4-1) (Manaus).

NERI CAMELO — *Pertencem à tribu dos "Tucanos" os índios que atacaram a Comissão de Limites.* — Contendo ilustrações — *In Diário Carioca* — Rio de Janeiro — 19 de Janeiro de 1941 — (Classificação: doc. — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

NETO, Aben-Atlar (da Academia Paraense de Letras) — *O Fundador do Pará* — Glória e miséria de FRANCISCO ROSO CALDEIRA DE CASTELO, o fundador de Feliz Lusitânia, a cidade de N. S. de Belém — *In Jornal do Comércio* — 20-6-1937 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-4-3-1) (Castelo Branco).

NEVES, Berilo — *A entrada da Amazônia* — Contendo fotografias — (Classificação: doc. 27 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

NIEMEIER, Valdir — *O Ressurgimento da Amazônia.* — *In A Manhã* — Rio de Janeiro — 2 de Outubro de 1941 — (Classificação: doc. Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

NORONHA, Célio Soucasaux de — *O maravilhoso país dos Muiraquitãs* — Contendo ilustrações e algumas notas. — *In Correio da Manhã* — Rio — 17-7-938 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

NUNES DOS SANTOS, Bertoldo — *Santa Maria da Bôca do Acre e o seu govêrno de paz e honestidade* — *In O Jornal* — Manaus — 3 de Março de 1940 — (Classificação: doc. 8 — Pasta E-3-8) (Bôca do Acre).

NUNES PEREIRA — *Nos domínios da vitória-régia* — Contendo ilustrações — *In Carioca* — Rio de Janeiro — 30 de Julho de 1938 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-3-2-13).

— *Belém* — Jardim Equatorial — Contendo ilustrações — *In Carioca* — 22-5-1937 — (Classificação: doc. 27 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

— *Os "flutuantes", na vida da gente amazônica* — *In Carioca* — Contendo ilustrações — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *Os motivos da fauna amazônica* — Contendo ilustrações — *In Carioca* — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-2-2-0).

— *Carga Selvagem* — Devastação da fauna amazônica. Com ilustrações — *In Carioca* — (Classificação: doc. — Pasta B-0-1-1).

— *Devastação da fauna amazônica* — O urugú-malandro. Contendo fotografias — *In Carioca* — Rio — 29 de Maio de 1937 — (Classificação: doc. 1 — Pasta B-2-2-0).

— *A Cidade das Orquidáceas* — Como Manaus está aprimorando seu ajardinamento e sua arborização. Contendo ilustrações — *In Vamor Ler* — Rio de Janeiro — 30 de Junho de 1938 — (Classificação: doc. 37 — Pasta E-3-5-4-1) (Manaus).

— *Marajó e seus vaqueiros (Pará)* — Com fotos de KURT SEVERIN — *In Carioca* — (Classificação: doc. 6 — Pasta E-11-1-4-4) (Ilha de Marajó).

— *O "Bombeiro", na devastação da fauna amazônica.* — Contendo ilustrações — *In Carioca* — 1-1-1938 — (Classificação: doc. 3 — Pasta E-3-6-3-3) (Caça e Pesca).

NUNES PEREIRA — *Os "flutuantes", na vida da gente amazônica* — Contendo ilustrações — *In Carioca* — 15-1938 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-3-70-4).

O. A. — *O célebre Jarí (Pará)* — *In Gazeta de Notícias* — Capital Federal — 24-1-1938 — (Classificação: doc. — Pasta E-11-1-4-4) (Jarí).

ORICO, Osvaldo — *Belém do Pará* — Contendo ilustrações — *In O Malho* — Capital Federal — 24-11-1938 — Classificação: doc. 28 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

PADRE DUBOIS — *De Capanema a Ourém e vice-versa* — *In Fôlha do Norte* — Belém — 22 de Julho de 1939 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-8) (Ourém).

PADRE LUIZ PASQUALE (Missionário Salesiano) — *Das nossas Missões* — Uma excursão missionária no alto Rio Negro. — Contendo um mapa geral da Prelazia do Rio Negro. — *In Boletim Salesiano* — 7 de Setembro - Outubro de 1934 — (Classificação: doc. 9 — Pasta E-3-7-1-2).

PALMEIRA, Franklim — *Amapá* — *In Correio do Povo* — Pôrto Alegre — 30-3-939 — (Classificação: doc. 3 — Pasta E-11-8) (Amapá).

PALMEIRA, Major João — *O Amapá, por si só, tem recursos para solucionar o problema econômico brasileiro* — *In Estado de Minas* — Belo Horizonte — 26-5-1939 — (Classificação: doc. 4 — Pasta E-11-8) (Amapá).

— *O Amazonas não nasce no lago Lauricocha* — *In Minas Gerais* — Minas Gerais — 6-4-939 — (Classificação: doc. 12 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

— *O Rio Vilcanota é a verdadeira fonte do Rio Amazonas* — *In Estado de Minas* — Belo Horizonte — 7 de Maio de 1939 — (Classificação: doc. 16 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

— *Os grande problemas do Amapá* — *In Correio da Noite* — Rio — 30-3-939 — (Classificação: doc. 5 — Pasta E-11-8) (Amapá).

— *A Pororoca (Amazonas)* — *In Fôlha da Manhã* — Recife — 23 de Junho de 1940 — (Classificação: doc. 22 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

PAMPLONA, Augusto — *Brasil amazônico* — Com ilustração — *In Correio da Manhã* — Rio — 11-4-937 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

PAULO FILHO, M. — *Fordlândia* (dados gerais sôbre esta zona) — *In Correio da Manhã* — Rio de Janeiro — 5 de Maio de 1939 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-11-5-4-3) (Fordlândia).

— *Na Amazônia* (exposição) — *In Correio da Manhã* — 16-6-939 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

PEDRO MASSA (novo apóstolo dos nossos aborígenes) — Escolas, avenidas e luz elétrica no seio das selvas ! Vinte anos de uma grandiosa obra de fé e civilização entre os índios — *In O Globo* — Rio de Janeiro — 15 de Maio de 1941 — (Classificação: doc. 15 — Pasta E-3-7-1-2).

PEREGRINO JÚNIOR — *Recordações da Amazônia* (de um caderno de apontamentos) — Contendo ilustrações — *In A Carioca* — Rio — (Classificação: — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

PEREIRA DA CUNHA, Maurílio M. — *O vale do Amazonas será obra aluvional ?* — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — 1 de Abril de 1933 — (Classificação: doc. 1 — Pasta B-1-3-7) (Amazonas).

PEREIRA DA SILVA, Raimundo (Eng.) — *O Noroeste* — Como substituir o "Inferno Verde" pelo verdadeiro "Eldorado" — *In Jornal do Brasil* — Rio — (Classificação: doc. — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

PEREIRA, Jaime R. — *Os habitantes do rio Amazonas* — *In Fôlha da Manhã* — São Paulo — 10 de Março de 1940 — (Classificação: doc. 31 — Pasta B-1-4-2) (Amazonas).

PINHEIRO, Nonato — *Amazoneida* — *In O Malho* — 14-9-1933 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-7-1-2) (Parintintins).

— *Os Parintintins da Amazônia e a sua aristocracia na selva* — Contendo ilustrações — *In O Malho* — 5-10-1933 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-3-7-1-2) (Parintintins).

PINHEIRO, Raimundo — *O comércio no inferno verde* — Contendo fotografias fornecidas por ERNEST MOBERG — *In Carioca* — Rio — 30-10-1937 — (Classificação: doc. — Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

— *O ouro do Eldorado* — Contendo ilustrações — *In Carioca* — Rio — 18-12-937 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

POLILO, Raul de — *A masculinidade nascente de Belém* — *In Diário do Norte* — São Luiz — 22 de Maio de 1940 — (Classificação: doc. 34 — Pasta E-11-5-4-1) (Belém).

PREFEITURA DE BRAGANÇA — *Município de Bragança* — Estado do Pará — Exportação em 1937 — Contendo diagramas e legendas — (Classificação: doc. 10 — Pasta E-11-8) (Bragança).

PUGLISI, Cap. Giuseppe — *Navegando pelos arquipélagos da América do Sul* — No país das Amazonas (IV) — *In Jornal do Comércio* — 22 de Outubro de 1933 — (Classificação: doc. 1 — Pasta E-3-4-4-0).

RAIMUNDO DE MORAIS — *Influência humana, climática e animal* (Amazonas) — *In O Estado* — Niterói — Estado do Rio — 24 de Abril de 1940 — (Classificação: doc. 10 — Pasta B-2-2-0).

— *Ornamentação Marajoara* — Contendo ilustração — *In Jornal do Estado* — Pôrto Alegre — 1-7-939 — (Classificação: doc. 10 — Pasta E-11-1-4-4) (Fôlha de Marajó).

— *A festa de Nazaré de Belém do Pará* — Contendo ilustrações — *In Revista da Semana* — Julho de 1939 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-11-4-2-1).

— *Canção da Castanheira (Pará)* — *In Fôlha da Manhã* — Recife — 17 de Maio de 1940 — (Classificação: doc. 3 — Pasta E-11-4-2-1).

— *Decorações Marajoaras* — *In O Estado do Pará* — Belém — 30 de Outubro de 1938 — (Classificação: doc. 17 — Pasta E-11-1-4-4) (Ilha de Marajó).

— *Georges Wambach* — Bibliografia — *In A Gazeta* — Vitória — 20-3-941 — (Classificação: doc. 2 — Pasta E-11-4-3-2).

— *Influência humana climática e animal* (Amazônia) — *In O Estado* — Niterói — 24 de Abril de 1940 — (Classificação: Pasta B-0-1-1) (Amazônia).

(Continua).